O NOVO BEST-SELLER DO AUTOR DE

"O BEBÊ DE ROSEMARY"

IRA LEVIN



EDITORA NOVA FRONTEIRA

Este Mundo Perfeito

Romance de ficção científica no qual a humanidade é controlada por um supercomputador “UniComp” (Uni). A dor e o sofrimento humano foram erradicados e os instintos agressivos são eliminados por tratamentos de quimioterapia aplicados em massa, transformando o mundo em um sistema sufocante de pura bondade. Li (Quem) luta pela liberdade com um pequeno grupo de cidadãos que começam a questionar o sistema estabelecido.

IRA LEVIN

Este Mundo Perfeito

(ROMANCE)

Tradução de

MILTON PERSSON

EDITORA

NOVA

FRONTEIRA

Título do original em inglês

THIS PERFECT DAY

Copyright © 1970 by-Ira Levin

Capa

PAUL BACON (desenho da edição norte-americana cedido pela Rand on House Inc., Nova York)!

Revisão A. TAVARES

Direitos adquiridos para o Brasil somente pela

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Almirante Guillobel, 37 - Lagoa - Tel. 246-8903

Caixa Postal 3812

Endereço Telegráfico - NEOFRONT

Rio de janeiro - GB

Proibida a exportação para Portugal e Províncias Ultramarinas portuguesas.

Digitalização: ***The Flash***

Formatação e correção: **Chuncho (LAVRo)**

Cristo, Marx, Wood e Wei

Criaram este mundo de perfeição.

Marx, Wood, Wei e Cristo:

Todos mártires, Wei a exceção.

Wood, Wei, Cristo e Marx

Deixaram colégios e parques.

Wei, Cristo, Marx e Wood,

Pregando a humildade,

Nos ensinam a ser bons.

VERSOS INFANTIS PARA MARCAR

A CADENCIA COM A BOLA.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

– CRESCENDO

SEGUNDA PARTE

– VIVENDO

TERCEIRA PARTE

– FUGINDO

QUARTA PARTE

– REAGINDO

PRIMEIRA PARTE

CRESCENDO

1

Gigantescos e inexpressivos blocos de concreto branco de uma cidade, circundados por outros menores, davam espaço a uma vasta área de pavimento rosado: praça de recreio onde cerca de duzentas crianças brincavam e faziam ginástica sob a vigilância de uma dúzia de instrutoras de túnica branca. A maioria delas, nuas, morenas e de cabelo escuro, andava de gatinhas por cilindros vermelhos e amarelos, pulando em balanços ou formando grupos de exercícios físicos. À sombra de um recanto destinado a jogos de amarelinha, porém, um círculo fechado de cinco participantes escutava, imóvel, o que um deles falava.

— Eles agarram os bichos, comem e usam a pele deles como roupa — dizia o garoto, que teria mais ou menos oito anos. — E... fazem uma coisa chamada “brigar”. Quer dizer, eles se machucam uns aos outros, de propósito, com as mãos, com pedras, com tudo quanto é coisa. Ninguém se ama nem se ajuda mutuamente.

Os ouvintes estavam de olhos arregalados.

— Mas *não* dá pra tirar a pulseira — lembrou uma menina, pouco menor que o garoto. — É impossível.

E puxou a sua com o dedo, para mostrar como os aros estavam bem presos.

— Dá, sim. É só ter com o que tirar — retrucou o garoto.

— A gente sempre tira no dia-do-aro, não é?

— Só por um instante.

— Mas se tira, não é?

— Onde é que eles vivem? — perguntou outra.

— Em cima das montanhas — explicou o garoto. — No fundo das grutas. Em tudo quanto é lugar onde não se possa encontrá-los.

— Devem ser doentes — opinou a primeira.

— Claro que são — disse rindo o menino. — E por isso que são considerados *incuráveis*, isto é, doentes.

O menor de todos, um garotinho de seis anos mais ou menos, perguntou:

— E eles recebem tratamento?

O mais velho olhou-o com desdém.

— Sem pulseira? Morando em gruta?

— Mas como é que *ficam* doentes? — insistiu o de seis. — Eles recebem tratamento *até* fugir, não recebem?

— Os tratamentos — retrucou o mais velho — nem sempre fazem efeito.

O de seis encarou-o com firmeza.

— Fazem, sim — teimou.

— Não fazem, não.

— Minha nossa! — exclamou a instrutora, aproximando- se do grupo com duas bolas de vôlei debaixo dos braços. — Por que estão sentados assim tão juntos? De que vocês estão brincando? De “Quem escondeu o coelho”?

As crianças no mesmo instante se separaram, abrindo um círculo maior — com exceção do garotinho de seis anos, que continuou parado, sem se mexer. A instrutora fitou-o com curiosidade.

Duas notas de carrilhão repicaram nos alto-falantes.

— Pro chuveiro e depois se vestir — ordenou.

As crianças saltaram em pé e saíram correndo.

— Pro chuveiro e depois se vestir? — gritou ela para um grupo que jogava bola por perto.

O garotinho de seis anos levantou-se, a cara preocupada e triste. A instrutora agachou-se e examinou-lhe a fisionomia, inquieta.

— Que foi que houve? — indagou.

O menino, cujo olho direito era verde em vez de castanho, olhou para ela e pestanejou.

A instrutora largou as bolas no chão, virou-lhe o pulso para ver a pulseira e depois tomou-o delicadamente pelos ombros.

— O que é que há, Li? — perguntou. — Perdeu o jogo? Tanto faz perder como ganhar, você não sabe?

O garoto anuiu com a cabeça.

— O importante é brincar e fazer exercício, *né*?

Ele repetiu o gesto, forçando um sorriso.

— Puxa, até que enfim — exclamou a instrutora. — Melhorou muito. Agora não está mais com aquela cara de macaquinho emburrado.

Ele sorriu.

— Pro chuveiro e depois se vestir — mandou, já aliviada. Obrigou-o a virar de costas e deu-lhe uma palmadinha no traseiro. — E ande de uma vez.

O garoto, às vezes chamado de Quem, mas geralmente de Li — seu número era Li RM35M4419 — não pronunciou praticamente nenhuma palavra durante a refeição. Paz, a irmã, em compensação, tagarelou o tempo todo, de modo que os pais não notaram o silêncio dele. Só quando os quatro sentaram-se nas cadeiras de televisão foi que a mãe olhou bem para ele e perguntou:

— Está sentindo alguma coisa, Quem?

— Não — respondeu.

A mãe virou-se para o pai.

— Ele não abriu a boca a noite inteira — comentou.

— Eu estou bem — afirmou Quem.

— Então por que esse silêncio? — insistiu a mãe.

— Psiu... — pediu o pai.

A tela tinha-se iluminado e ele procurava acertar as cores.

Passada a primeira hora de programa, quando as crianças já se iam deitar, a mãe foi até o banheiro e ficou observando Quem enquanto ele escovava os dentes.

— O que foi? — perguntou. — Alguém falou alguma coisa sobre os seus olhos?

— Não — disse ele ruborizando.

— Passa uma água.

— Já passei.

— Passa de novo.

Ele passou água na escova e, levantando-se na ponta dos pés, pendurou-a na prateleira.

— Foi Jesus quem falou. — disse. — Jesus DV. Na hora do recreio.

— Falou o quê? Sobre o seu olho?

— Sobre o meu olho não. Ninguém nunca diz nada do meu olho.

— Sobre o que, então?

Ele encolheu os ombros.

— Sobre membros que... ficam doentes e... largam a Família. Que fogem e tiram a pulseira.

A mãe olhou-o, apreensiva.

— Incuráveis — adivinhou.

Ele sacudiu a cabeça, cada vez mais constrangido com o jeito da mãe e pelo fato dela conhecer a palavra,

— É verdade? — quis saber.

— Não — respondeu ela. — Não é, não. Vou chamar o Beto. Ele lhe explicará.

Virou as costas e saiu às pressas do banheiro, esquivando-se de Paz, que vinha abotoando o pijama.

— Só mais dois minutos — disse o pai, na sala. — Já estão na cama?

— Um dos meninos falou dos incuráveis pra Quem — disse a mãe.

— Ódio — praguejou o pai.

— Vou chamar o Beto — anunciou a mãe, dirigindo-se ao telefone.

— Já passa das oito.

— Ele virá.

Encostou a pulseira à placa do aparelho e leu em voz alta o número impresso em vermelho no cartão enfiado sob o contorno da tela: “Beto NE20G3018.” Ficou à espera, esfregando com força a palma das mãos.

— Eu sabia que ele estava preocupado com alguma coisa — disse. — Não pronunciou a menor palavra a noite inteira.

O pai levantou-se da cadeira.

— Vou conversar com ele — disse, pondo-se a caminho.

Deixe que Beto se encarrega! — chamou a mãe. — Manda Paz se deitar. Ela ainda está no banheiro!

Vinte minutos depois chegava Beto.

— Está no quarto dele — avisou a mãe.

— Vocês fiquem assistindo ao programa — disse Beto. — Andem de uma vez. Sentem-se.

Sorriu para ambos.

— Não há motivo para preocupações — afirmou. — Sério. Isso é comum.

— É *mesmo*? — estranhou o pai.

— Lógico — disse Beto. — E continuará sendo daqui a cem anos. As crianças não mudam.

Era o conselheiro mais jovem que já haviam tido: vinte e um anos, recém-saído da Academia. Mas sua conduta não tinha nada de hesitante ou insegura. Pelo contrário, mostrava maior calma e confiança que os de cinquenta anos ou mais. Estavam satisfeitos com ele.

Chegou à porta do quarto e olhou para Quem. Ele estava na cama, com a mão no queixo, apoiado ao cotovelo, lendo um livro de histórias.

— Oi, Li.

— Oi, Beto.

Beto entrou e sentou-se à beira da cama. Largou o telecom- putador no chão, entre os pés, apalpou a testa de Quem e escabelou-o.

— Que que você ’tá lendo? — perguntou.

— *A luta de Wood* — respondeu, mostrando-lhe a capa do livro de histórias.

Deixou-o cair fechado sobre as cobertas e pôs-se a traçar com o dedo o grande *W* amarelo de Wood.

— Soube que alguém andou lhe contando bobagens sobre os incuráveis.

— É bobagem, então — retrucou, sem desviar o olhar do dedo que se movia.

— E sim, Li — afirmou Beto. — Já foi verdade, há muito tempo, mas agora não é mais. Agora é pura bobagem.

Quem permaneceu calado, traçando o *W* no sentido inverso.

— A medicina e a química nunca estiveram tão adiantadas como hoje — continuou Beto, observando-o. Há cinquenta anos, mais ou menos, depois da Unificação, alguns membros às vezes adoeciam e pensavam que *não eram* mais membros. Então fugiam pra viver sozinhos em lugares que a Família não utilizava, ilhas estéreis, cume de montanhas e assim por diante.

— E tiravam as pulseiras?

— Acho que sim — disse Beto. —·Elas não tinham muita serventia em lugares daquele tipo, não é mesmo? Não havia controles onde encostá-las.

— Jesus contou que eles faziam uma coisa chamada “brigar”.

Beto virou-se para o outro lado e depois olhou de novo para ele,

— “Agir agressivamente” é uma definição mais simpática — explicou. — Sim, eles faziam isso.

Quem ergueu os olhos.

— Mas já morreram? — perguntou.

— Sim, todos — respondeu Beto. — Não sobrou nenhum. — Alisou-lhe o cabelo. — Faz muito, muito tempo. Hoje ninguém fica mais assim.

— É que hoje a medicina e a química estão mais adiantadas — disse Quem. — Os tratamentos *fazem efeito*.

— Tem razão — concordou Beto. — E não se esqueça de que naquela época havia cinco computadores diferentes. Quando um membro adoecia e abandonava seu continente, perdia todo o contato.

— Meu avô ajudou a montar o UniComp.

— Eu sei, Li. Portanto, a próxima vez que alguém lhe falar nos incuráveis, lembre-se de duas coisas: primeira, hoje os tratamentos são mais eficazes que antigamente e, segunda, nós contamos com o UniComp pra cuidar de nós em todos os recantos da Terra. ‘Tá bom?

— ‘Tá — respondeu Quem, sorrindo.

— Vejamos o que ele diz sobre *você*.

Beto apanhou o telecomputador e abriu-o em cima dos joelhos.

Quem sentou na cama e aproximou-se, arregaçando a manga do pijama para mostrar a pulseira.

— Você acha que vou receber tratamento extra? — perguntou.

— Se for preciso, sim. Quer ligar?

— Eu? — admirou-se Quem. — Posso?

— Evidente.

Quem colocou o polegar e o indicador cautelosamente no botão do telecomputador. Ao ligá-lo, pequenas luzes se acenderam: uma azul, duas amarelas. Sorriu ao vê-las.

Observando-o, Beto também sorriu e disse:

— Encoste.

Quem encostou a pulseira na placa do receptor. A luz azul contígua ficou vermelha.

Beto bateu de leve nas teclas de recepção. Quem seguiu os movimentos ágeis de seus dedos. Beto continuou batendo e finalmente calcou o botão das respostas. Uma linha de símbolos verdes brilhou na tela, acompanhada por outra, inferior. Beto examinou os símbolos. Quem não tirava os olhos de cima dele.

Beto olhou-o de soslaio e sorriu.

— Amanhã às 12h25m — disse.

— Que bom! — exclamou Quem. — Obrigado!

— Agradeça a Uni — corrigiu Beto, desligando o telecomputador e fechando a tampa. — Quem lhe falou nos incuráveis? Jesus do quê?

— DV33-nao-sei-que-mais — respondeu Quem. — Ele mora no vigésimo quarto andar.

Beto prendeu os fechos do telecomputador com um estalo.

— No mínimo ele anda tão preocupado quanto você.

— Não dava pra ele também receber tratamento extra?

— Se for o caso. Vou prevenir o conselheiro dele. Agora pra cama, irmão. Amanhã você tem aula.

Beto apanhou o livro de histórias e largou-o sobre a mesa de cabeceira.

Quem deitou-se, aninhando-se sorridente no travesseiro. Beto levantou-se, apagou a luz, escabelou-o novamente, curvou- se e beijou-lhe a nuca.

— Até sexta — disse Quem.

— Boa noite, Beto.

Os pais levantaram-se apreensivos quando Beto entrou na sala.

— Ele está bem — disse Beto. — Praticamente já adormeceu. Amanhã, à hora do almoço, receberá tratamento extra, provavelmente um pouco de tranquilizante.

— Puxa, que alívio — exclamou a mãe.

— Obrigado, Beto — agradeceu o pai.

— Agradeça a Uni — corrigiu Beto. Dirigiu-se ao telefone. — Vou ver se consigo auxílio pro outro garoto, o que tocou no assunto com ele...

E encostou a pulseira à placa do telefone.

No dia seguinte, à hora do almoço, Quem desceu três andares pela escada rolante, da escola até o centro médico. Ao encostar a pulseira ao controle da entrada do centro, apareceu um; sim verde piscando no mostrador, outro à porta do departamento de terapia e, por fim, um terceiro à entrada da sala de tratamento. Dos quinze aparelhos, quatro estavam

funcionando, de modo que a fila era relativamente longa. Não tardou, porém, a subir os degraus reservados às crianças e a meter o braço, com a manga bem arregaçada, pelo orifício revestido de borracha. Conservou-o imóvel, feito gente grande, enquanto o controle interno localizava e apertava a pulseira, e o disco de infusão, morno e macio, roçava na parte mais sensível do braço. Dentro do aparelho, motores zumbiam, líquidos escoavam. A luz azul lá em cima ficou vermelha e o disco de infusão fez cócega, zumbiu e picou o braço. Depois a luz passou a azul outra vez.

Mais tarde, no mesmo dia, no pátio de recreio, Jesus DV, o garoto que falara nos incuráveis, procurou-o para agradecer- lhe.

— Agradeça a Uni — corrigiu Quem. — Recebi tratamento extra. Você também?

— Sim — disse Jesus. — Tal como os outros garotos e Beto UT. Foi ele quem tinha *me* contado.

— Fiquei meio assustado — disse Quem, — só de pensar nos membros que ficavam doentes e fugiam.

— Eu também — disse Jesus. — Mas isso não acontece mais. Faz muito, muito tempo.

— Hoje os tratamentos são melhores do que naquela época — disse Quem.

— E contamos com UniComp pra cuidar de nós em todos os recantos da Terra.

— Tem razão — disse Quem.

Chegou a instrutora e enxotou-os para um círculo que brincava de passar bola, círculo enorme, de cinquenta ou sessenta meninos e meninas separados a curta distância, ocupando quase a metade do agitado pátio de recreio.

2

Fora o avô que lhe dera o apelido de Quem. Chamava a família inteira por apelidos que nada tinham a ver com os nomes verdadeiros: sua filha, a mãe de Quem, era Suzu em vez de Ana. O pai de Quem era Miguel em vez de Jesus — e não gostou da ideia. Paz era Salgueirinha, que se recusava terminantemente a aceitar.

— Não: Não me chame assim! Meu nome é Paz! Paz KD37T5002!

Papai Jan era bizarro. De *aspecto*, naturalmente. Todo avô tem alguns centímetros a mais ou a menos, orelhas enormes, nariz adunco. Papai Jan era, simultaneamente, mais alto e moreno que o normal, com olhos grandes, salientes, e duas mechas ruivas na cabeleira grisalha. Mas não era diferente só no aspeto — na maneira de falar também. Isso é o que tinha realmente de estranho. Andava sempre dizendo coisas de modo veemente e entusiástico, e no entanto causava em Quem a nítida sensação de pensar exatamente o oposto do que afirmava. Na questão de nomes por exemplo.

Ótimo! Formidável! — Dizia. — Quatro nomes para meninos e quatro para meninas! Assim acabam-se os problemas, fica tudo parecido! De um jeito ou doutro, todo mundo chamaria os filhos de Cristo, Marx, Wood ou Wei, não é mesmo?

— É — concordou Quem.

— Evidente! — continuou Papai Jan. — E se Uni dá quatro nomes para meninos, também tem de dar quatro para meninas, certo? É óbvio! Escute.

Deteve Quem e, agachando-se, encarou-o bem de frente, os olhos salientes e irrequietos, como se fosse soltar uma risada. Era feriado e os

dois iam assistir à parada do Dia da Unificação, do Aniversário de Wei, ou seja lá o que fosse. Quem tinha sete anos.

— Escute, Li RM35M26J449988WXYZ — troçou Papai Jan. — Olhe, vou-lhe contar uma coisa fantástica, incrível. No meu tempo... está ouvindo?... no meu tempo havia *mais de vinte nomes diferentes só para meninos!* Você é capaz de acreditar? Pelo Amor da Família, é a pura verdade. Havia Jan, João Amu e Lev. Niga e Miguel! Tônio! E no tempo de meu pai eram ainda mais numerosos, quarenta ou cinquenta, talvez! Não é ridículo? Pra que tantos nomes diferentes se os próprios membros são exatamente iguais e permutáveis? Já ouviu falar em coisa mais besta?

E Quem, confuso, acenou com a cabeça, sentindo que Papai Jan queria dizer o contrário; que de certo modo não era besta nem ridículo haver quarenta ou cinquenta nomes diferentes só para meninos.

— Espie só! — disse Papai Jan, tomando-o pela mão e seguindo adiante pelo Parque da Unidade até a parada do Aniversário de Wei. — Exatamente iguais! Não é formidável? Cabelos, olhos, pele, corpo, tudo idêntico. Meninos e meninas, uns iguais aos outros. Que nem ervilha em vagem. Que ótimo, hem? Uma positiva maravilha.

Com aquele olho verde, nada igual aos outros, Quem corou.

— Que quer dizer “ervilha-em-vagem”? — perguntou.

— Sei lá — respondeu Papai Jan. — Coisas que os membros comiam antigamente, antes dos bolos integrais. Sharya vivia falando nisso.

Papai Jan era superintendente de construções em EUR55131, a vinte quilômetros de ’55128, onde Quem morava com a família. Vinha de carro visitá-los nos domingos e feriados. Sharya, a esposa, morrera afogada no naufrágio de um navio de turismo em 135, no mesmo ano do nascimento de Quem. E ele não tornara a casar.

Os outros avós de Quem, a mãe e o pai de seu pai, viviam em MEX10405 e a única vez que os via era quando telefonavam nas datas de aniversário. Também eram bizarros. Mas não tanto como Papai Jan.

Gostava da escola, dos jogos. E do Museu da Pré-U, embora certas peças do mostruário fossem um pouco assustadoras — as “espadas” e as “pistolas”, por exemplo, e a “cela de prisão”, com seu “sentenciado” de roupa listrada, sentado imóvel no catre com a cabeça entre as mãos, em eterno desconsolo. Quem sempre olhava para ele — nem que tivesse de escapulir do resto dos colegas para isso — e depois saía correndo.

Gostava também de sorvete, brinquedos e livros de histórias. Uma vez, ao encostar a pulseira e o rótulo de um brinquedo no controle de um centro de fornecimento, o mostrador piscou um não vermelho e ele teve de pôr o brinquedo, um jogo de construção, na caixa de devolução. Não podia compreender o motivo da recusa de Uni. O dia era apropriado e o brinquedo pertencia à categoria certa.

— *Deve* haver uma razão, meu bem — disse-lhe o membro parado atrás dele. — Procura teu conselheiro e pergunta.

Ele foi procurar e descobriu que o brinquedo lhe estava sendo retirado apenas por alguns dias, não tinha sido negado por completo. Andara bulindo com um controle qualquer, encostando a pulseira nele uma porção de vezes, e agora aprendia que isso não se faz. Aquele *não* vermelho intermitente era o primeiro que recebia em sua vida para um pedido que lhe interessava e não apenas por ter entrado na sala de aula errada ou chegado ao centro médico em dia que não estava marcado. Ficou magoado e triste.

Gostava de aniversários, do Nascimento de Cristo, do Nascimento de Marx, do Dia da Unificação e dos Aniversários de Wood e Wei. E ainda mais, por serem esporádicos, dos dias-dos- aros. Cada aro novo brilhava mais que os anteriores e continuava brilhando durante muito tempo, até que um belo dia lembrava-se de olhar e constatava que só tinha aros velhos, todos iguais e indiferenciáveis. Que nem ervilha-em-vagem.

Na primavera de 145, quando tinha dez anos, Quem ganhou, junto com os pais e Paz, uma viagem a EUR00001 para ver o UniComp. O percurso de um carroporto a outro levava mais de uma hora. Era a viagem mais comprida que se lembrava de ter feito, embora, segundo os pais, tivesse

voado de Mex a Eur com um ano e meio, e de EUR20140 a ’55128 poucos meses depois. A excursão ao UniComp foi num domingo de abril, em companhia de um casal já cinquentão (bizarros avós de alguém, ambos mais claros que o normal, ela com o cabelo cortado de modo irregular) e de outra família, cujos filhos eram um ano mais velhos que Quem e Paz. O outro pai guiou o carro desde o desvio de EUR00001 até o carroporto nas proximidades do UniComp. Quem assistiu com interesse ao homem manobrar a alavanca e os botões do carro. Sentiu uma impressão engraçada ao andar novamente devagar sobre rodas depois de deslizar pelos ares.

Tiraram fotografias defronte à cúpula de mármore branco do UniComp — mais branca e bonita do que nos filmes e na televisão, assim como as montanhas cobertas de neve ao fundo eram mais majestosas, o Lago de Fraternidade Universal mais azul e mais vasto — e depois entraram na fila, encostaram as pulseiras no controle de ingresso e chegaram ao curvo saguão azul e branco. Sorridente, um membro de azul claro indicou-lhe a fila do elevador. Entraram nela, e Papai Jan aproximou-se, deliciado com a surpresa da Família.

— O que é que *o senhor* está fazendo aqui? — perguntou o pai de Quem enquanto Papai Jan beijava a mãe.

Tinham-lhe anunciado a viagem concedida e ele não fizera a menor menção de ter feito o mesmo pedido.

Papai Jan beijou o pai de Quem.

— Ah, eu simplesmente resolvi fazer uma surpresa pra vocês, mais nada — explicou. — Queria contar pra este meu amigo aqui — pousou a mão grande no ombro do neto — um pouco mais a respeito de Uni do que os fones contam. Como vai, Quem?

Abaixou-se e beijou o rosto do neto que, assombrado de ser a causa da presença de Papai Jan, retribuiu o beijo.

— Olá, Papai Jan.

— Como vai, Paz KD37T5002? — saudou Papai Jan muito sério, beijando a garota.

Ela deu-lhe um beijo e disse olá.

— Quando foi que o senhor pediu a viagem? — perguntou o pai.

— Poucos dias, antes de vocês — respondeu Papai Jan, sempre com a mão pousada no ombro de Quem.

A fila adiantou-se alguns metros e eles todos seguiram-na.

— Mas o senhor esteve aqui há apenas cinco ou seis anos, não foi? — comentou a mãe.

— Uni sabe quem o montou — disse Papai Jan, sorridente.

— Nós gozamos de regalias especiais.

— Não é verdade — retrucou o pai. — Ninguém goza de regalias especiais.

— Bom, seja como for, cá estou eu — disse Papai Jan, voltando o sorriso para o neto. — Não é?

— É — concordou Quem, sorrindo para o avô.

Papai Jan, quando moço, ajudara na montagem do UniComp. Tinha sido o seu primeiro serviço.

No elevador cabiam cerca de trinta membros e em vez de música havia uma voz masculina — “Bom dia, irmãos e irmãs. Bem-vindos à sede do UniComp” — voz afável, amiga, que Quem conhecia da televisão. — “Como vêem, o elevador já partiu” — disse, — “e agora estamos descendo à velocidade de vinte e dois metros por segundo. Dentro de pouco mais de três minutos e meio atingiremos a profundidade de cinco quilômetros, onde se encontra o Uni.” Depois forneceu estatísticas sobre as dimensões do abrigo do UniComp e a espessura das paredes, declarando-o infenso a

quaisquer distúrbios naturais ou provocados pelo homem. Quem tinha ouvido essa informação anteriormente, no colégio e na televisão, mas agora, ao entrar naquele abrigo, ao atravessar aquelas paredes, prestes a ver o UniComp, transformava-se numa sensação inédita e empolgante. Escutou com a máxima atenção, de olho fixo no orifício por onde saía a voz do locutor, acima da porta do elevador. A mão de Papai Jan continuava apoiada em seu ombro, como se quisesse contê-lo. — "Chegamos" — anunciou a voz. — "Aproveitem a visita, sim?" O elevador pousou delicadamente no fundo do poço. A porta se abriu de par em par.

Noutro saguão, menor que o do andar térreo, havia outro membro sorridente, de túnica azul claro e outra fila, essa dupla, estendendo-se até a frente de uma porta que comunicava com um vestíbulo mal iluminado.

— Estamos aqui! — gritou Quem.

— Não é preciso que todo mundo fique junto — retrucou Papai Jan.

Tinham-se afastado dos pais de Quem e Paz, que se achavam bem mais adiantados na fila e viravam-se para ambos com um olhar interrogativo — isto é, os pais; Paz era pequena demais pra que pudessem vê-la. O membro que precedia Quem voltou-se para ele e ofereceu-se para ceder-lhes o lugar, mas Papai Jan disse:

— Não, tanto faz. Obrigado, irmão.

Acenou com a mão para os pais de Quem e sorriu. O garoto fez o mesmo. Os pais também sorriram, depois viraram-se e seguiram a fila.

Papai Jan olhou ao redor, os olhos salientes brilhando, o sorriso ainda nos lábios. Palpitava as narinas ao respirar.

— Com que então você vai finalmente ver o UniComp. Está vibrando?

— E como! — respondeu Quem.

A fila prosseguiu.

— Não é pra menos — disse Papai Jan. — Que maravilha! Uma experiência única na vida. Ver a máquina que há de te classificar, determinar o que você fará no futuro, decidir o lugar da tua moradia e se você vai casar ou não com a moça de quem gosta. E se casar, se terá filhos ou não, os nomes que eles vão receber, se porventura nascerem... Claro que você tem de estar vibrando. Qualquer um estaria.

Quem olhou apreensivo para o avô.

Sempre sorridente, Papai Jan bateu-lhe nas costas ao chegar a sua vez de entrar no vestíbulo.

— Ande logo — disse. — Vá olhar o mostruário, veja o Uni, olhe tudo! Está tudo aí pra você ver. Olhe bem!

Ele deparou com uma prateleira cheia de fones, como num museu. Tirou um par e colocou nos ouvidos. O estranho procedimento de Papai Jan o intimidava e arrependia-se de não ter seguido os pais e Paz. Papai Jan apanhou outro par.

— Que novidades interessantes será que vou escutar? — comentou, rindo sozinho.

Quem virou-lhe as costas.

O nervosismo e a sensação de desassossego se dissiparam por completo ao enfrentar uma parede que cintilava e ondulava com mil mini lâmpadas faiscantes. A voz do elevador, através dos fones, descrevia com o auxílio das luzes o modo do UniComp receber, por sua cadeia de retransmissão do mundo inteiro, os impulsos de microondas dos inúmeros controles, telecomputadores e dispositivos telecontrolados — como ele computava esses impulsos, suprimindo respostas à cadeia de retransmissão e às fontes de consulta.

Lógico que estava vibrando. Podia haver algo mais rápido, mais inteligente, mais ubíquo do que Uni?

A próxima extensão da parede mostrava o funcionamento das comportas de memória: um raio de luz incidia sobre uma placa metálica entrelaçada, iluminando-lhe certas partes, enquanto outras permaneciam no escuro. A voz mencionou raios eletrônicos e circuitos supercondutores, setores carregados e descarregados, que se tornavam portadores dos sins-ou-nãos dos diferentes componentes de informação. Segundo a voz, o UniComp selecionava os componentes relevantes de cada pergunta que lhe era dirigida...

Ele não compreendia nada, o que só servia para tomar mais maravilhoso o fato de que Uni conhecesse tudo o que era possível conhecer e de modo tão miraculoso, tão *in*-compreensível!

A extensão seguinte da parede era toda de vidro. E lá estava o UniComp: uma carreira dupla de volumes metálicos de diversas cores, semelhantes a aparelhos de tratamento, porém mais baixos e menores, uns cor-de-rosa, outros marrons ou alaranjados. E no meio deles, na ampla sala delicadamente iluminada, dez ou doze membros de túnica azul claro sorriam e conversavam entre si enquanto verificavam medidores e indicadores dos trinta e tantos aparelhos, anotando os resultados em pranchas revestidas de plástico azul claro. Ao fundo, penduradas à parede, viam-se uma cruz e uma foice de ouro, ao lado de um relógio que marcava *11,08 Dom 12 de Abril 145 A.U*. Quem começou a ouvir música, cada vez mais forte: *Para o Alto, para o A*, tocada por enorme orquestra, de modo tão comovente e majestoso, que encheu os olhos de lágrimas de orgulho e felicidade.

Poderia ficar ali horas a fio, observando a atividade daqueles membros alegres e aquelas comportas de memória que brilhavam de maneira tão impressionante, a escutar *Para o Alto, para o Alto* e depois *Uma Forte Família*. Mas a música foi diminuindo de volume (quando *11h10m* passou a *11h11m*) e a voz, decerto cônscia do que ele estava sentindo, lembrou-lhe delicadamente que outros membros também esperavam sua vez, pedindo-lhe que fizesse o favor de se encaminhar ao próximo mostruário, no fundo do corredor. Virou-se relutante da parede envidraçada do UniComp, junto com outros membros que choravam pelo canto dos olhos, sorrindo e sacudindo a cabeça. Sorriu-lhes e eles retribuíram.

Papai Jan tomou-o pelo braço e puxou-o para o lado oposto do vestíbulo, perto de uma porta onde havia um controle.

— Como é, gostou? — perguntou-lhe.

Quem mostrou que sim.

— Aquilo não é o Uni — disse Papai Jan.

Quem olhou para ele.

Papai Jan tirou-lhe os fones dos ouvidos.

— Aquilo não é o Uni! — repetiu, cochichando com veemência. — Essas caixas cor-de-rosa e laranja que estão lá dentro não são verdadeiras! São de *brinquedo*, para a Família vir ver e sentir-se reconfortada!

Aproximou os olhos esbugalhados: partículas de saliva borrifaram o nariz e o rosto de Quem.

— Ele está lá embaixo! — disse. — Há três andares abaixo deste, e é lá que ele está! Você quer ver? Quer ver o *verdadeiro* UniComp?

Quem, sem saber que atitude tomar, ficou olhando para ele.

— Você quer, Quem? — perguntou Papai Jan. — Quer ver? Eu posso mostrar-lhe.

Quem concordou com a cabeça.

Papai Jan soltou-lhe o braço e endireitou o corpo. Olhou ao redor e sorriu.

— Muito bem — disse. — Vamos por aqui.

E pegando o neto pelo ombro, encaminhou-o de volta pelo mesmo percurso por onde tinham vindo, passando pela parede envidraçada, cheia de membros curiosos, pelo raio de luz cintilante das comportas de memória e pelas carreiras ondulantes de mini lâmpadas — “com licença por favor”

— e pela fila de membros recém-chegados, até atingir outra parte inferior do saguão, mais escura e vazia, onde um telecomputador descomunal jazia abandonado, arrancado do mostruário da parede, e duas padiolas azuis se achavam lado a lado, sob uma pilha de travesseiros e cobertores.

Havia uma porta no canto, com controle, mas ao se aproximarem dela Papai Jan fez Quem baixar o braço.

— O controle — explicou Quem.

— Não — disse Papai Jan.

— Não é aqui que a gente tem de...

— É.

Quem olhou para Papai Jan, que se limitou a empurrá-lo para diante, depois de abrir a porta e obrigá-lo a entrar primeiro, passando logo em seguida, enquanto a porta se fechava lentamente com um chiado.

Todo trêmulo, Quem fitou o avô.

— Não precisa ter medo — disse Papai Jan com rispidez. Depois, já afável, pegou a cabeça do neto entre as mãos e repetiu:

— Não precisa ter medo. Não vai lhe acontecer nada. Já fiz isso uma porção de vezes.

— Nós não *pedimos* — protestou Quem, ainda trêmulo.

— Não faz mal — afirmou Papai Jan. — Olhe: a quem pertence o UniComp?

— Pertence?

— De quem ele é? Ele é o computador de quem?

— De... toda a Família.

— E você é membro da Família, não é?

— Sou...

— Pois então. Ele também lhe pertence, não é? Pertence a você, e não vice-versa. Não é você que pertence a ele.

— Não, nós temos que pedir as coisas! — disse Quem.

— Quem, por favor, confie em mim — insistiu Papai Jan. — Nós não vamos tirar nada, nem tocar em alguma coisa. Vamos apenas olhar. Foi por isso que eu vim cá hoje, pra lhe mostrar o verdadeiro UniComp. Você não quer vê-lo, não?

— Quero — admitiu Quem, após leve hesitação.

— Então não fique preocupado. Não precisa ter medo.

Papai Jan olhou-o bem nos olhos para tranquilizá-lo. Depois soltou-lhe a cabeça e tomou-o pela mão.

Estavam num patamar, diante de uma escada. Desceram quatro ou cinco lances de degraus — o frio aumentando cada vez mais — até que Papai Jan parou e deteve Quem.

— Espere aqui — mandou. — Eu já volto. Não vá embora.

Quem ficou olhando Papai Jan subir outra vez ao patamar, abrir a porta, espiar, e depois sair às pressas. A porta voltou a fechar-se.

Quem começou a tremer novamente. Tinha passado por um controle sem tocar a pulseira e agora achava-se sozinho numa escada silenciosa e fria — sem que Uni soubesse onde ele estava!

A porta tornou a se abrir e Papai Jan apareceu com cobertores azuis.

— Faz muito frio — explicou.

Enrolados nos cobertores, caminharam lado a lado por um corredor inclinado que mal permitia a passagem dos dois entre paredes de aço que se estendiam à sua frente, convergindo para uma parede transversal ao longe, e que se erguiam a meio metro de distância do teto de uma alvura cintilante. Não eram propriamente paredes, mas uma série de gigantescos blocos de aço enfileirados, embaciados de frio e numerados à altura dos olhos por algarismos pretos estampados em baixo relevo: *H46*, *H48* de um lado, *H49*, *H51* do outro. O corredor tinha vinte ou mais ramificações: estreitas fendas paralelas abertas entre séries de blocos metálicos de ponta a ponta, interrompidas regularmente pelas fendas entrecruzadas de quatro corredores transversais ligeiramente mais largos.

Caminharam pelo corredor expelindo o bafo de respiração pelas narinas, deixando às suas pegadas manchas efêmeras como sombras. Os ruídos que faziam — o farfalhar das túnicas de paplão, a batida da sola das sandálias — era o único som que se escutava, reproduzido pelo eco.

— É então? — perguntou Papai Jan, fitando Quem.

Quem apertou mais o cobertor em torno do corpo.

— Não é tão bom como lá em cima — respondeu.

— De fato. Aqui embaixo não há membros moços e bonitos, de lápis e prancha na mão. Nem lâmpadas quentes ou amáveis máquinas cor-de-rosa. Aqui embaixo está tudo sempre vazio, ano após ano. Vazio, gélido e triste. Horrível.

Estacaram no cruzamento de dois corredores. Fendas de aço estendiam-se a perder de vista numa e noutra direção, numa terceira e numa quarta. Papai Jan sacudiu a cabeça e fez uma carranca.

— Está tudo errado — disse. — Não me pergunte como nem por que, mas está. Planos mortos, feitos por membros mortos. Ideias mortas, decisões mortas.

— Por que faz tanto frio assim? — indagou Quem, olhando o bafo da respiração do avô.

— Porque está tudo morto — respondeu Papai Jan, sacudindo logo a cabeça. — Não, eu não sei — continuou, — Eles só funcionam com um frio de rachar. Não sei. Tudo o que eu sabia era que tinha de colocar as coisas em seus devidos lugares sem estragar nada.

Percorreram juntos outro corredor: *R20, R22, R24*.

— Quantos são ao todo? — perguntou Quem.

— Mil duzentos e quarenta neste andar, mil duzentos e quarenta no inferior. E isso só *por enquanto*. Há o dobro de espaço reservado, à espera, atrás daquela parede do lado leste, pra quando a Família aumentar. Outros poços de elevador, outro sistema de ventilação já no lugar...

Desceram ao pavimento inferior, quase idêntico ao de cima. A única diferença eram as colunas de aço em dois cruzamentos e os algarismos vermelhos, e não pretos, das comportas de memória. Passaram por *J65, J63, J61*.

— A maior escavação aberta até hoje — anunciou Papai Jan. — A maior obra de todos os tempos: montar um computador que tornasse obsoletos os cinco antigos. Quando eu tinha a sua idade, todas as noites havia noticiário a respeito. Calculei que, ao chegar aos vinte anos não seria tarde demais para ajudar, desde que obtivesse a classificação necessária. Então pedi.

— O senhor pediu?

— Exato — afirmou Papai Jan, sorrindo e acenando afirmativamente com a cabeça. — Na época foi um fato inédito. Pedi à minha conselheira pra que ela consultasse Uni... só que não era Uni, era EuroComp... seja como for, eu pedi a ela. Ela consultou e, por Cristo, Marx, Wood e Wei, consegui... 042C: operário de construção, terceira classe. E me destacaram logo pra cá — olhou em torno, ainda sorrindo, com o olhar iluminado. — Pretendiam trazer estes volumes aqui pra baixo, um a um, pelos elevadores — disse, e riu. — Passei uma noite inteira acordado e calculei que o trabalho poderia ser feito com oito meses a menos que abríssemos um túnel pelo outro lado do Monte Amor — indicou com o polegar por cima do

ombro — e os trouxéssemos em cima de rodas. EuroComp não tinha pensado nessa solução tão simples. Ou talvez não estivesse com muita pressa de arquivar sua memória para sempre!

E deu outra risada. Quando terminou de rir, Quem, que o observava, notou pela primeira vez que já estava com o cabelo inteiramente grisalho. As mechas ruivas de alguns anos atrás haviam desaparecido por completo.

— E cá estão eles — prosseguiu, — todos nos respectivos lugares, graças ao meu túnel, e funcionando há oito meses a mais do que estariam se tivessem preferido a ideia anterior.

À medida que avançavam, contemplava as comportas como se lhe causassem asco.

— O senhor... não gosta do UniComp? — perguntou Quem.

Papai Jan ficou um instante calado.

— Não, não gosto — respondeu, pigarreando. — Não dá pra discutir com ele, não se pode explicar nada pra ele...

— Mas ele sabe tudo — estranhou Quem. — O que é que há pra explicar ou discutir?

Separaram-se para passar por uma coluna quadrada de aço e depois continuaram lado a lado.

— Sei lá — disse Papai Jan. — Não sei.

Prosseguiu andando, de cabeça baixa, testa franzida, enrolado no cobertor.

— Escute — perguntou, — existe alguma qualificação que você queira mais que qualquer outra? Algum serviço para o qual se sinta especialmente talhado?

Vacilante, Quem olhou para Papai Jan e encolheu os ombros.

— Não — respondeu. — Eu quero a que me couber, a que estiver certa pra mim. E os serviços que me indicarem, que a Família precisar que eu faça. De qualquer maneira, só existe um mesmo: ajudar a espalhar...

— Ajudar a espalhar a Família por todo o universo. Eu sei. Por todo o universo unificado pelo UniComp. Venha — disse, — vamos voltar lá pra cima. Não aguento mais este frio filho-da-luta.

Quem encabulou.

— Não tem outro pavimento? — perguntou. — O senhor disse que...

— Não dá — respondeu Papai Jan. — Lá existem controles e membros por tudo quanto é canto. Veriam logo que não encostamos as pulseiras e correriam a nos “ajudar”. Seja como for, não há nada de especial pra ver: o equipamento de recepção e transmissão e as usinas de refrigeração.

Dirigiram-se à escada. Quem sentiu-se decepcionado. Papai Jan se aborrecera com ele por algum motivo e, o que era pior, não procedera direito, querendo discutir com Uni, não encostando a pulseira no controle e falando palavrão.

— O senhor devia consultar seu conselheiro — disse, ao começarem a subir os degraus. — A respeito de querer discutir com Uni.

— Eu não quero discutir com Uni — retrucou Papai Jan.

— Quero apenas estar em posição de discutir com ele se me der vontade.

Quem não conseguia entender de jeito nenhum.

— Em todo caso, o senhor devia falar. Talvez recebesse tratamento extra.

— No mínimo receberia — disse Papai Jan e, depois de uma pausa: — Está bem. Falarei.

— Uni sabe tudo o que há pra saber — afirmou Quem.

Completando o segundo lance de escada, pararam no patamar externo do saguão de mostruário e dobraram os cobertores. Papai Jan ficou pronto antes e observou Quem terminando de dobrar o dele.

— Pronto — disse Quem, batendo de leve na trouxa contra o peito.

— Sabe por que lhe botei o apelido de Quem?

— Não.

— Há um velho ditado: “Quem sai aos seus não degenera”. Significa que o filho sempre sai aos pais ou aos avós.

— Ah.

— Eu não quis dizer que você tivesse saído a seu pai ou mesmo a mim — explicou Papai Jan, — mas que tinha saído ao meu avô. Por causa do seu olho. Ele também tinha um que era verde.

Quem mudou de posição, louco para que Papai Jan parasse de falar e pudessem voltar para onde deviam.

— Sei que você não gosta de tocar nesse assunto — continuou Papai Jan, — mas não tem do que se envergonhar. Ser um pouco diferente dos outros não é tão terrível assim. Você não imagina como antigamente os membros eram diferentes entre si. O seu tataravô foi homem de grande coragem e capacidade. Chamava-se Hanno Rybeck... naquele tempo o nome e os números vinham separados... e ele foi um cosmonauta que ajudou a construir a primeira colônia em Marte. Portanto não se envergonhe de ter herdado o olho dele. Hoje em dia combatem os genes, desculpe a expressão, mas é bem capaz que tenham deixado escapar alguns dos teus. Talvez você tenha herdado mais do que um olho verde. Talvez tenha herdado também um pouco da bravura e da capacidade de meu avô.

Ia abrir a porta mas virou-se para olhar novamente o neto.

— Trate de querer alguma coisa, Quem — aconselhou.

— Experimente um ou dois dias antes do teu próximo tratamento. E quando é mais fácil. Querer coisas, preocupar-se com elas...

Ao sair do elevador para o saguão do andar térreo, encontraram os pais e Paz à sua espera.

— Onde vocês andavam? — perguntou o pai.

— Estamos esperando há horas! — reclamou Paz, empunhando uma miniatura alaranjada de comporta de memória (imitação, naturalmente).

— Fomos olhar o Uni — explicou Papai Jan.

— Esse tempo todo? — estranhou o pai de Quem.

— Exato.

— Mas vocês deviam seguir a fila e deixar lugar para os outros membros.

— *Você* talvez, Miguel — retrucou Papai Jan com um sorriso. — Os *meus* fones me disseram: “Jan, amigo velho, que prazer revê-lo! Você e o seu neto podem ficar olhando o tempo que quiserem!”

Sem sorrir, o pai de Quem virou-lhe as costas.

Dirigiram-se à cantina, onde pediram bolos e refrigerantes — menos Papai Jan, que não tinha fome — e levaram tudo para o recanto de piqueniques, atrás da cúpula. Papai Jan apontou para o Monte Amor, contando mais coisas sobre a abertura do túnel para Quem, que muito surpreenderam o pai do garoto — um túnel para trazer trinta e seis comportas de memória de tamanho regular. Papai Jan então explicou que havia ainda mais comportas num andar inferior, porém não disse quantas nem de que tamanho eram, ou se estavam muito frias e tristes. Quem tampouco. Sentiu uma sensação estranha ao perceber que havia algo que ele e o avô sabiam e não queriam partilhar com ninguém. Tomava-os diferentes dos outros e idênticos entre si — peio menos até certo ponto...

Ao terminar o almoço, rumaram para o carroporto e entraram na fila de pedidos. Papai Jan permaneceu junto até aproximarem-se dos controles. Depois foi embora, explicando que ia esperar para voltar para casa em companhia de dois amigos de Curva-do-Rio que haviam ficado de visitar Uni no fim da tarde. “Curva-do-Rio” era o apelido que pusera em ’55131, onde morava.

Na primeira ocasião em que encontrou Beto NE, seu conselheiro, Quem falou de Papai Jan: que não gostava de Um e queria discutir e explicar coisas a ele.

— Isso às vezes acontece com membros da idade do seu avô — comentou Beto, sorrindo. — Não há motivo pra preocupações, Li.

— Mas não daria pra você falar com Uni? — perguntou Quem. — Talvez ele pudesse receber tratamento extra, ou outro mais forte.

— Li — disse Beto, debruçando-se à escrivaninha, — os diferentes produtos químicos que recebemos em nossos tratamentos são muito preciosos e difíceis de fabricar. Se os membros mais idosos recebessem toda a quantidade que às vezes precisam, não sobraria bastante para os jovens, que são realmente mais importantes pra Família. E para fabricar em quantidade suficiente que atendesse a todos, teríamos talvez que descuidar de serviços mais vitais. Uni sabe o que tem de ser feito, o estoque que existe de tudo e as necessidades de cada um de nós. Seu avô é apenas um pouco excêntrico, como também seremos depois de completar cinquenta anos.

— Ele usa aquele palavrão — disse Quem: — Filho- da-l...a.

— Os membros idosos às vezes também ficam desbocados — explicou Beto. — Mas falam por falar. As palavras, em si, não são feias. As ações que os chamados palavrões representam é que são obscenas. Membros que nem o teu avô usam só as palavras, não as ações. Não fica muito bonito, mas não é caso de doença. E quanto a você? Algum problema? Vamos deixar por enquanto o teu avô pro conselheiro dele.

— Não, nenhum problema — respondeu Quem, lembrando-se que passara por um controle sem encostar a pulseira e que estivera onde Uni não

tinha dado permissão para ir e que agora não queria contar nada a Beto. — De espécie alguma — afirmou. — Vai tudo às mil maravilhas.

— Muito bem — disse Beto. — Encoste a pulseira. Então até sexta, ’tá bom?

Mais -ou menos uma semana depois, Papai Jan foi transferido para USA60607. Quem, junto com os pais e Paz, foi ao aeroporto de EUR55130 despedir-se do avô.

Na sala de espera, enquanto os pais e Paz espiavam pela vidraça o embarque de membros no avião, Papai Jan puxou Quem para o lado e ficou olhando-o com um sorriso afetuoso.

— Quem do olho verde — disse (Quem franziu a testa, mas logo procurou disfarçar) — foi você quem pediu tratamento extra pra mim, não foi?

— Foi. Como é que o senhor soube?

— Ah, eu adivinhei, mais nada — respondeu Papai Jan. — Cuide-se bem, Quem. Lembre a quem você saiu e o que eu falei sobre tratar de querer algo.

— Vou lembrar.

— Os últimos já estão entrando — avisou o pai de Quem.

Papai Jan despediu-se de todos com beijos e reuniu-se aos membros na fila. Quem aproximou-se da vidraça e ficou olhando. Viu Papai Jan caminhar fá fora na escuridão cada vez maior, em direção ao avião: aquela silhueta extraordinariamente alta levando pela mão, na ponta do braço comprido e fino, a sacola de viagem. Ao pé da escada-rolante ele se voltou e acenou — Quem fez o mesmo, esperando que Papai Jan pudesse enxergá-lo — depois virou as costas de novo e encostou no controle o pulso da mão que segurava a sacola. A resposta verde cintilou no crepúsculo, ao longe, ele pisou na escada-rolante e foi levado suavemente para cima.

No carro, durante o regresso, Quem permaneceu calado, imaginando a falta que ia sentir de Papai Jan e de suas visitas aos domingos e feriados. Que estranho. Ele era um membro idoso tão bizarro e diferente. Mas de repente percebeu que era justamente por causa disso que sentiria a sua falta. Por ele ser bizarro e diferente. Porque ninguém podia substituí-lo.

— Que foi que houve, Quem? — perguntou a mãe.

— Vou sentir saudade de Papai Jan — respondeu.

— Eu também — disse ela, — mas de vez em quando poderemos vê-lo pelo Videofone.

— Ainda bem que ele foi-se embora — disse o pai de Quem.

— Eu não queria que ele fosse — retrucou o garoto.

— Eu queria que ele fosse transferido de volta pra cá.

— É pouco provável que ele seja — disse o pai, — e ainda bem. Era uma péssima influência pra você.

— Miguel — censurou a mãe.

— Já vem você com essa bobagem — replicou o pai de Quem. — Meu nome é Jesus, e o dele é Li,

E o meu é Paz — disse Paz.

3

Quem lembrou-se do conselho de Papai Jan e nas semanas seguintes pensou frequentemente em querer algo, querer *fazer* alguma coisa, tal como Papai Jan aos dez anos queria ajudar na montagem de Uni. Ficava deitado na cama sem dormir, mais ou menos uma hora por noite, examinando os vários serviços que existiam, todas as diferentes classificações que conhecia: superintendente de construções como Papai Jan, técnico de laboratório como o pai, plasmafísico como a mãe, fotógrafo como um amigo do pai — médico, conselheiro, dentista, cosmonauta, ator, músico. Tudo parecia equivaler-se. Mas para que pudesse querer de fato, precisava escolher. Sentia-se insignificante e, no entanto, também importante, as duas coisas ao mesmo tempo.

Uma noite achou que talvez fosse interessante projetar grandes edifícios, que nem os pequenos que costumava construir com um jogo que ganhara muitos anos atrás (o não piscando vermelho no Uni). A ideia lhe veio na véspera de um tratamento, ocasião que segundo Papai Jan oferecia ótima oportunidade para querer coisas. Na noite seguinte, ser desenhista de grandes edifícios em nada se diferenciava de qualquer outra ocupação. Para dizer a verdade, a ideia toda de querer uma determinada classificação parecia boba e Pré-U naquela noite, e logo pegou no sono.

Na véspera do próximo tratamento, pensou novamente em projetar grandes edifícios — edifícios de tudo quanto era espécie de formato, não só dos três permitidos — e pôs-se a imaginar por que motivo o interesse pela ideia desaparecera no mês anterior. Os tratamentos se destinavam a prevenir doenças, acalmar membros que andassem tensos, impedir as mulheres de terem filhos em demasia e os homens de crescer barba no rosto. Por que haveriam de fazê-lo perder interesse por uma ideia interessante? Mas foi exatamente o que fizeram, mês após mês, após mês.

Desconfiava de que pensar em ideias desse tipo talvez fosse uma modalidade de egoísmo. Mas se fosse, era uma modalidade tão insignificante — roubando apenas uma ou duas horas de sono e nunca de aula ou televisão — que não se deu ao trabalho de mencioná-la a Beto NE, assim como não mencionaria um nervosismo passageiro ou um sonho ocasional. Todas as semanas, quando Beto perguntava-lhe se tudo ia bem, respondia que sim: às mil maravilhas, sem problemas. Cuidou para não "pensar em querer" com excessiva frequência e por tempo longo demais, a fim de sempre dormir bastante. E de manhã, ao se lavar, examinava o rosto no espelho para verificar se continuava com boa aparência. Continuava — a não ser, naturalmente, em relação ao olho.

Em 146, Quem e sua família, junto com a maioria dos membros que moravam no mesmo prédio, foram transferidos para AFR71680. O edifício onde ficaram alojados era novo em folha, com corredores de tapetes verdes em vez de cinzentos, telas de televisão bem maiores e mobília toda estofada, embora não ajustável.

Tiveram de se habituar a muita coisa em ’71680. O clima era um pouco mais quente, as túnicas mais leves e menos coloridas. O monotrilho aéreo, velho e vagaroso, estragava tudo a toda hora. E os bolos integrais, embrulhados em papel laminado verde, tinham gosto de sal e não abriam o apetite.

A nova conselheira de Quem e sua família era Maria CZ14L8584. Embora um ano mais velha que a mãe de Quem, parecia bem mais moça.

Depois que Quem se acostumou a viver em ’71680 — a escola, ao menos, não era diferente — retomou seu passatempo de "pensar em querer". Agora percebia diferenças consideráveis entre as classificações e começou a imaginar a que Uni lhe daria quando chegasse a ocasião. Uni, com seus dois pavimentos de gélidos blocos de aço, sua aridez vazia e retumbante... Pena que Papai Jan não lhe tivesse mostrado o andar no fundo, onde ficavam os membros. Seria bem mais agradável ser classificado por Uni e por alguns membros, em vez de só por Uni. Se por acaso recebesse uma classificação que lhe desagradasse e os membros houvessem tomado parte nela, talvez fosse possível explicar-lhes...

Papai Jan telefonava duas vezes por ano. Ele dizia que pedia outras, mas que só obtinha aquelas. Parecia mais velho, com um sorriso cansado. Uma parte de USA60607 estava sendo reconstruída e ele era o encarregado. Quem gostaria de dizer-lhe que estava procurando querer alguma coisa, mas não podia, com toda a família parada em frente da tela a seu lado. Uma vez, quando o chamado estava quase no fim, ele disse:

— Estou procurando.

Papai Jan então sorriu como antigamente e respondeu:

— Gostei de ver!

Quando terminou o chamado, o pai de Quem perguntou:

— Você está procurando o quê?

— Nada.

— Você deve ter-se referido a *alguma coisa* — insistiu o pai.

Quem encolheu os ombros.

Ao se encontrar com ele de novo, Maria CZ também quis saber.

— O que é que você quis dizer quando falou pro teu avô que estava procurando? — perguntou ela.

— Nada.

— Li — insistiu Maria, olhando-o com ar de censura. — Você disse que estava procurando. Procurando o quê?

— Procurando não sentir falta dele — explicou. — Quando ele foi transferido pra Usa eu disse que ia sentir saudade e ele me pediu pra procurar não sentir, que todos os membros se pareciam e que de qualquer maneira ele telefonaria sempre que pudesse.

— Ah — fez Maria, continuando a olhá-lo, agora meio insegura. — Por que você não explicou logo?

Quem encolheu os ombros.

— E você *sente* falta dele?

— Só um pouquinho. Estou procurando não sentir.

O sexo começou, e pensar nisso era ainda melhor do que querer alguma coisa. Embora lhe houvessem ensinado que os orgasmos eram extremamente agradáveis, ele não fazia a mínima ideia do prazer quase insuportável das sensações que se iam acumulando, do êxtase da ejaculação e da satisfação esgotada e incorpórea do momento posterior. Ninguém fazia a menor ideia. Seus próprios colegas de aula não tinham outro assunto e de bom grado se entregariam exclusivamente àquilo. Quem mal conseguia pensar em matemática, eletrônica e astronomia, e muito menos nas diferenças entre as classificações.

Depois de alguns meses, no entanto, todo mundo se acalmou e, já acostumados com o novo prazer, encararam a noite de sábado como uma rotina apropriada ao esquema semanal.

Uma noite de sábado, quando Quem contava quatorze anos, foi de bicicleta com um grupo de amigos a uma esplêndida praia branca a poucos quilômetros ao norte de AFR-71680. Lá todos nadaram — pulando, empurrando-se e jogando-se na espuma das ondas rosadas pela luz do sol poente — fizeram fogueira na areia, sentaram ao redor em cima de cobertores, comeram seus bolos, beberam seus refrigerantes e partiram cocos para saborear os pedaços doces e quebradiços. Um rapaz tocou músicas num gravador, não muito bem, e depois, quando o fogo se desfez em cinzas, o grupo separou-se em cinco casais, cada qual com o seu cobertor.

A garota de Quem era Ana VF, e depois do orgasmo mútuo — o melhor que ele já experimentara, ou pelo menos parecia — encheu-se de ternura por ela, e desejou que houvesse algo que pudesse dar-lhe como

expressão desse sentimento, como a linda concha que Karl GG tinha dado a Yin AP, ou o gravador de música de Li OS, arrulhando baixinho agora para a garota com quem decerto estava deitado. Quem não tinha nada para oferecer a Ana; nem concha, nem música. Absolutamente nada, a não ser, talvez, seus pensamentos.

— Você não gostaria de pensar em alguma coisa interessante? — perguntou, deitado de costas, enlaçando-a com o braço.

— Hum, hum — respondeu ela, aninhando-se mais contra ele, a cabeça reclinada em seu ombro e o braço sobre seu peito.

Beijou-lhe a testa.

— Pense nas diversas classificações que existem... — disse.

— Hum, hum?

— E procure resolver a que você escolheria se tivesse de escolher uma.

— Escolher uma? — estranhou ela.

— Exatamente.

— O que é que você quer dizer?

— Escolher uma. *Ter*. *Ser*. Que classificação você prefere? Médica, engenheira, conselheira...

Ela apoiou a cabeça na mão e olhou-o de soslaio.

— O que é que você quer dizer?

Ele soltou um leve suspiro.

— Nós seremos classificados, não é?

— Sim.

— Suponhamos que não fossemos. Suponhamos que nós mesmos tivéssemos de nos classificar.

— Que asneira — disse ela, desenhando com o dedo em cima do peito dele.

— É uma ideia interessante.

— Vamos foder de novo — sugeriu ela.

— Espere aí. Pense só em todas as diversas classificações. Suponhamos que nós é que...

— Eu não quero — disse ela, parando de desenhar. — É asneira. E doentio. Nós somos classificados; não tem nada que pensar. Uni sabe o que a gente...

— Ah, Uni que se lute — retrucou Quem. — Faz de conta, só um minuto, que estivéssemos vivendo em...

Ana desvencilhou-se do abraço, deitando-se de bruços, completamente imóvel, a cabeça virada para o outro lado.

— Sinto muito — desculpou-se ele.

— *Eu* é que sinto — disse ela. — Por sua causa. Você está doente.

— Não estou, não — protestou.

Ela ficou calada.

Ele ergueu o corpo e olhou desesperado para aquelas costas rígidas.

— Falei sem querer — disse. — Desculpe-me.

Ela continuou calada.

— Foi só uma *palavra*, Ana.

— Você está doente.

— Ah, ódio — exclamou.

— Viu? Eu não disse?

— Ana, olhe. Esqueça isso. Esqueça tudo, ’tá bom? Simplesmente esqueça.

Tentou bolinar-lhe as coxas, mas ela apertou as pernas, impedindo a passagem da mão.

— Ah, Ana. Deixe disso, puxa. Eu pedi desculpa, não pedi? Venha cá, vamos foder de novo. Se você quiser, eu te chupo antes.

Depois de certo tempo, ela afrouxou as coxas e deixou-se bolinar.

Por fim virou-se de frente, soergueu-se e olhou-o nos olhos.

— Você *está* doente, Li? — perguntou.

— Não — respondeu, com riso forçado. — Claro que não estou.

— Jamais ouvi falar em coisa semelhante. “Nós mesmos nos classificarmos.” De que jeito? Como seria possível saber tanto assim?

— É apenas uma ideia que de vez em quando me ocorre — explicou. — Muito raro. Pra ser franco, praticamente nunca.

— Que ideia mais... engraçada. Parece... sei lá... Pré-U.

— Não vou pensar mais nisso — prometeu, de mão direita erguida. A pulseira deslizou pelo braço. — Pelo Amor da Família — jurou. — Agora vem. Deite aqui, que eu te chupo.

Ela deitou de costas no cobertor, com cara apreensiva.

No outro dia de manhã, às dez e cinco, Maria CZ telefonou-lhe pedindo que fosse falar com ela.

— Quando? — perguntou Quem.

— Agora.

— Está bem. Desço em seguida.

— Por que ela quer falar com você num domingo? — quis saber a mãe.

— Sei lá — respondeu Quem.

Mas sabia, sim. Ana VF tinha telefonado à conselheira dela.

Desceu as escadas-rolantes, sucessivamente, tentando adivinhar o que Ana teria contado e o que ele diria. De repente sentiu vontade de chorar e confessar a Maria que ele era doente, egoísta e mentiroso. Os membros que subiam as escadas-rolantes pareciam calmos, sorridentes, satisfeitos, em harmonia com a música alegre dos alto-falantes. Só ele sentia-se culpado e infeliz.

Os escritórios de conselho estavam estranhamente quietos. Os membros e os conselheiros confabulavam em alguns cubículos. Mas na maioria estavam vazios, com as escrivaninhas em ordem, as poltronas desocupadas. Num cubículo, um membro de túnica verde consertava o telefone com uma chave de fenda.

Trepada em cima da cadeira, Maria estendia uma tira de enfeite de Natal sobre a parte superior da moldura de Wei Discursando aos *Quimioterapeutas*. Havia mais enfeites sobre a escrivaninha, um rolo vermelho e outro verde. O telecomputador de Maria estava aberto, com um recipiente de chá ao lado.

— Li? — perguntou, de costas. — Você veio depressa. Sente-se.

Quem sentou-se. Fileiras de símbolos verdes cintilavam na tela do telecomputador. O botão de respostas estava preso por um pesa-papéis,

lembrança de RUS81655.

— Fique aí — disse Maria para a tira de enfeite.

Desceu para olhar. Tinha ficado.

Virou a cadeira de frente e sorriu para Quem, enquanto puxava-a para o seu lado e sentava-se. Olhou para a tela do telecomputador ao mesmo tempo que apanhava o recipiente de chá e bebia. Largou-o em cima da mesa, encarou Quem e sorriu.

— Um membro me disse que você precisa de auxílio. A moça que você fodeu ontem à noite. Ana — olhou a tela de relance — VF35H6143.

Quem sacudiu a cabeça.

— Eu falei uma palavra feia.

— Duas — corrigiu Maria. — Mas isso não tem maior importância. Pelo menos relativamente. O que importa são outras coisas que você disse. Por exemplo, resolver a classificação que você escolheria se não dispuséssemos do UniComp pra executar esse trabalho.

Quem desviou o olhar para os rolos vermelho e verde de tiras de Natal.

— Você pensa nisso muito seguido, Li? — perguntou Maria.

— Só de vez em quando — respondeu. — Na hora de folga ou de noite. Nunca na escola ou durante a televisão.

— De noite também conta — disse Maria. — Você devia estar dormindo.

— Quando foi que começou? — perguntou ela.

— Não sei. Há alguns anos. Em Eur.

— O seu avô... — insinuou.

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela fitou a tela e depois Quem, pesarosa.

— Nunca lhe ocorreu que “resolver” e “escolher” são manifestações egoístas? *Atos* de egoísmo?

— Achei que talvez — disse Quem, contemplando a beira da escrivaninha, esfregando a ponta do dedo nela.

— Ah, Li — fez Maria. — Pra que que eu estou aqui? Pra que servem os conselheiros? Pra nos ajudar, não é mesmo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Por que você não me falou? Ou pro seu conselheiro em Eur? Por que esperou tanto tempo, perdendo sono e preocupando essa Ana?

Quem encolheu os ombros, observando a ponta do dedo a esfregar a beira da escrivaninha, a unha suja.

— Era... interessante, por assim dizer.

— “Interessante, por assim dizer” — arremedou Maria.

— Talvez também fosse interessante, por assim dizer, pensar na espécie de confusão Pré-U que teríamos se realmente escolhêssemos as nossas classificações. Já pensou?

— Não.

— Pois então pense. Pense em cem milhões de membros resolvendo ser artistas de televisão, sem que nem um deles se resolvesse a trabalhar num crematório.

Quem ergueu os olhos para ela.

— Eu estou muito doente? — perguntou.

— Não — respondeu Maria, — mas talvez terminasse desse jeito se não fosse o auxílio de Ana. — Tirou o pesa-papéis de cima do botão de respostas do telecomputador e os símbolos verdes desapareceram da tela. — Encoste a pulseira.

Quem encostou a pulseira na placa do controle e Maria começou a bater nas teclas de recepção,

— Você recebeu centenas de testes desde o primeiro dia que foi para o colégio — disse ela, — e o UniComp sempre forneceu o resultado de cada um deles.

Seus dedos corriam pelas doze teclas pretas.

— Você teve centenas de entrevistas com conselheiros — continuou, — e o UniComp está a par de todas. Ele sabe quais são os serviços que devem ser feitos e quem está encarregado de fazê-los. Ele sabe de tudo. Ora, quem fará a melhor classificação, a mais eficiente: você ou o UniComp?

— O UniComp, Maria. Isso eu sei... Eu não queria mesmo fazer isso sozinho. Apenas... apenas fiquei pensando *como seria se*, mais nada.

Maria acabou de bater e apertou o botão de respostas. Os símbolos verdes apareceram na tela.

— Vá pra sala de tratamento — disse Maria.

Quem saltou em pé.

— Obrigado.

— Agradeça a Uni — corrigiu Maria, desligando o telecomputador.

Fechou a tampa e os ferrolhos com um estalido.

Quem hesitou.

— Eu vou ficar bom? — perguntou,

— Perfeito — prometeu Maria com um sorriso tranquilizador.

— Desculpe obrigá-la a vir num domingo — disse Quem.

— Não precisa se desculpar. Ao menos uma vez na vida vou aprontar minha decoração de Natal antes do dia vinte e quatro de dezembro.

Quem saiu dos escritórios de conselho e dirigiu-se à sala de tratamento. Só havia um aparelho funcionando, mas apenas três membros na fila. Quando chegou a sua vez, enfiou o braço bem no fundo da abertura revestida de borracha. Sentiu com alívio o contato do controle e a agradável tepidez do disco de infusão. Queria que aquela cócega-zumbido-ferroada durasse o máximo possível, curando-o por completo e para sempre, mas foi ainda mais curta que de costume. Ficou preocupado que pudesse ter ocorrido uma quebra de comunicação entre o controle e Uni ou alguma deficiência de produtos químicos dentro do próprio aparelho. Numa calma manhã de domingo sabe lá se o serviço não era feito de maneira negligente?

Parou de se preocupar, entretanto, e subindo as escadas- rolantes sentiu-se muito melhor em relação a tudo — a si mesmo, a Uni, à Família, ao mundo, ao universo.

A primeira coisa que fez ao chegar ao apartamento foi telefonar para agradecer a Ana.

Aos quinze anos foi classificado como 663D — taxonomista genético de quarta classe — e transferido para RUS41500, na Academia de Ciências Genéticas. Aprendeu genética elementar, técnicas de laboratório e teoria de modulação e transplante. Patinou no gelo, jogou futebol, visitou o Museu Pré-U e o Museu dos Progressos da Família. Teve uma namorada Ana, de Jap, e depois outra chamada Paz, de Aus. No dia 15 de outubro de 151, quinta-feira, junto com todo o pessoal da Academia, ficou sentado até as quatro da manhã assistindo ao lançamento do *Altaira*, depois dormiu e vadiou metade do dia que era feriado.

Uma noite, inesperadamente, os pais telefonaram.

— Temos más notícias — disse a mãe. — Papai Jan morreu hoje de manhã.

A tristeza que o invadiu com certeza se refletiu em sua fisionomia.

— Ele tinha sessenta e dois anos, Quem — disse a mãe.

— Chegara ao fim da vida.

— Ninguém vive eternamente — sentenciou o pai.

— Sim — concordou Quem. — Nem me lembrava de que ele já era tão velho. Como vão vocês? Paz ainda não foi classificada?

Quando acabaram de falar, saiu para dar um passeio, embora estivesse chovendo e fossem quase dez horas da noite. Entrou no parque. Todo mundo vinha voltando.

— Seis minutos — preveniu um membro, sorrindo-lhe.

Pouco estava ligando. Queria molhar-se na chuva, ficar encharcado. Não sabia por que, mas queria.

Sentou-se num banco e esperou. O parque estava deserto, não havia mais ninguém. Pensou em Papai Jan a falar coisas que significavam o contrário do que ele dizia e, depois, a explicar o que realmente queria dizer, lá embaixo no interior do Uni, enrolado no cobertor azul.

Nas costas do banco no lado oposto do passeio alguém tinha escrito a giz vermelho um ABAIXO UNI em letra irregular. Um outro — ou talvez o mesmo membro doente, de vergonha — riscara tudo com giz branco. Começou a chover e as letras foram-se apagando: giz branco, giz vermelho, manchando de cor-de-rosa o encosto do banco.

Quem levantou o rosto para o céu e manteve-o firme sob a chuva, procurando sentir uma tristeza tão grande que acabou chorando.

4

No inicio de seu terceiro e último ano na Academia, Quem tomou parte numa complicada troca de cubículos de dormitório que se destinava a deixar todos os interessados mais perto de seu namorado ou namorada. Mediante o novo arranjo de coisas, ele ficou a dois cubículos de distância de uma tal de Yin DW. Do outro lado do corredor havia um membro mais baixo que o normal, chamado Karl WL, que geralmente andava com um bloco de desenho de capa verde e que, apesar de sempre pronto a responder comentários, raramente puxava conversa por conta própria.

Esse Karl WL tinha um olhar extraordinariamente concentrado, como se estivesse na pista de soluções para perguntas difíceis. Certa vez Quem percebeu que ele escapulia da sala logo no começo da primeira hora de televisão, só voltando no fim da segunda. E uma noite no dormitório, depois de se apagarem as luzes, viu um leve clarão filtrando-se por baixo do cobertor da cama de Karl.

Outra noite — era sábado, praticamente domingo de madrugada — quando Quem saía discretamente do cubículo de Yin DW para entrar no seu, viu Karl sentado no dele. Estava na beirada cama, de pijama, empunhando o bloco de lado, na direção de uma lanterna no canto da escrivaninha e trabalhando nele com movimentos bruscos e enérgicos da mão. A lente da lanterna achava-se dissimulada de um jeito que só permitia a passagem de um pequeno raio de luz.

Quem aproximou-se e perguntou:

— Sem garota esta semana?

Karl, sobressaltado, fechou o bloco. Tinha um pedaço de carvão entre os dedos.

— Desculpe se o assustei — disse Quem.

— Não tem importância — retrucou Karl, a tênue claridade revelando apenas uma fração do queixo e das faces. — Acabei cedo. Paz KG. Você não quis passar a noite toda com Yin?

— Ela está roncando — explicou.

Karl fez um ruído de quem acha graça.

— Eu já ia dormir — disse.

— Que que você estava fazendo?

— Uns diagramas de genes, mais nada — respondeu Karl.

Abriu a capa do bloco e mostrou a primeira página. Quem chegou perto, curvou-se e olhou: perfis transversais de genes no local B3, cuidadosamente desenhados e sombreados, feitos a lápis.

— Estava experimentando fazer com carvão — disse Karl, — mas não dá certo.

Fechou o bloco, largou o carvão em cima da escrivaninha e apagou a lanterna.

— Durma bem.

— Obrigado — agradeceu Quem. — Você também.

Dirigiu-se a seu cubículo, tateando às cegas até a cama e perguntando-se se Karl estivera de fato desenhando diagramas de genes. Não lhe parecia que carvão fosse apropriado para aquilo. Provavelmente devia consultar seu conselheiro, Li YB, sobre a reserva de Karl e seu ocasional comportamento, pouco condizente a um membro. Mas resolveu esperar até certificar-se de que Karl precisava de auxílio e assim não perder o tempo de Li YB, o de Karl e o seu. Não havia necessidade de ser alarmista.

Algumas semanas mais tarde comemorou-se o Aniversário de Wei e depois da parada Quem, junto com cerca de uma dúzia de estudantes, foi passar a tarde no Parque de Diversões. Remaram durante algum tempo e por fim ficaram perambulando pelo jardim zoológico. Enquanto se aglomeravam ao redor de um chafariz, Quem avistou Karl WL sentado na amurada defronte ao cercado de cavalos, com o bloco no colo e desenhando. Pediu licença aos companheiros e dirigiu-se a ele.

Karl, ao notar a sua aproximação, sorriu-lhe e fechou o bloco.

— Que grande parada, hem? — disse.

— Realmente, uma verdadeira maravilha — concordou Quem. — Você está desenhando cavalos?

— Um pouco.

— Posso ver?

Karl olhou-o nos olhos por um momento e depois respondeu:

— Claro, por que não?

Folheou o lado inferior do bloco e, abrindo-o parcialmente, virou a parte de cima e deixou Quem admirar um garanhão visto pela retaguarda. Os traços de carvão, pretos e vigorosos, enchiam a página. Músculos saltavam das ancas lustrosas. O olho era selvagem e vivo. As patas dianteiras fremiam. A vitalidade, a força do desenho surpreenderam Quem. Jamais tinha visto um retrato de cavalo que fosse comparável. Procurou palavras, mas só pôde exclamar:

— Isto é... sensacional, Karl! Uma verdadeira maravilha!

— Não está fiel — disse Karl.

— Está, sim!

— Não está, não. Se estivesse, eu teria entrado pra Academia de Arte.

Quem olhou os cavalos de verdade no cercado e comparou de novo com o desenho de Karl. Então notou a maior grossura das patas, a menor largura do peito.

— Tem razão — disse, contemplando outra vez o desenho.

— Não está fiel. Mas... de certo modo, está melhor do que se estivesse.

— Obrigado — agradeceu Karl. — Era isso mesmo que eu queria. Ainda não aprontei.

Quem olhou para ele.

— Não tem mais?

Karl virou a página precedente e mostrou-lhe um leão sentado, orgulhoso e atento. No canto inferior, do lado direito da página, havia um *A* no meio de um círculo.

— Formidável! — exclamou Quem.

Karl virou outras páginas: dois veados, um macaco, uma águia em pleno vôo, dois cachorros se cheirando, um leopardo pronto a dar o bote.

Quem soltou uma risada.

— Porra, você fez o zoológico completo!

— Não fiz, não — protestou Karl.

Todos os desenhos tinham no canto o *A* no meio do círculo.

— Pra que isso? — quis saber Quem.

— Os pintores antigamente assinavam os quadros. Pra mostrar de quem era a obra.

— Eu sei — disse Quem, — mas por que um *A*?

— Ah — fez Karl, e virou as páginas uma por uma. — E a inicial de Ashi — explicou. — A minha irmã me chama assim.

Chegou no cavalo, acrescentou um traço de carvão à barriga e olhou os cavalos no cercado com aquele seu olhar de concentração, que agora tinha uma finalidade e um motivo.

— Eu também tenho apelido — disse Quem. — Quem. Foi meu avô quem botou em mim.

— Quem?

— Quer dizer, “Quem sai aos seus não degenera”. Parece que saí ao avô do meu avô.

Quem observou Karl aperfeiçoar os traços das patas traseiras do cavalo e depois abandonou seu lugar.

— Acho melhor voltar pro meu grupo — disse. — Isso aí está uma maravilha. E uma pena que não te tenham classificado como pintor.

Karl olhou para ele.

— Mas não me classificaram. Portanto só desenho nos domingos e feriados e durante a hora de folga. Nunca deixo que atrapalhe meu trabalho ou qualquer outra coisa que eu deva fazer.

— O.K. Até logo mais no dormitório.

Naquela noite, depois da televisão, Quem voltou para o seu cubículo e encontrou o desenho do cavalo em cima da escrivaninha.

— Quer pra você? — perguntou Karl do cubículo dele.

— Quero, sim. Obrigado. É sensacional!

O desenho tinha ainda mais vitalidade e força do que antes. No canto estava o *A*-no-meio-do-círculo.

Quem pregou-o ao quadro de boletins atrás da escrivaninha e, quando terminou, Yin DW entrou no cubículo, trazendo um exemplar de Universo que havia levado emprestado.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou ela.

— Foi Karl WL quem fez.

— Está muito bonito, Karl — disse Yin. — Você desenha bem.

Karl estava vestindo o pijama.

— Obrigado. Que bom que você gostou.

— A proporção está toda errada — cochichou Yin para Quem. — Em todo caso, deixe aí. Você foi amável em pendurá-lo.

De vez em quando, durante a hora de folga, Quem e Karl visitavam juntos o Pré-U. Karl fez esboços do mastodonte e do bisão, dos homens das cavernas vestidos com peles de animais, dos soldados e marinheiros em seus inúmeros uniformes diferentes. Quem perambulava entre primitivos automóveis, máquinas de ditar, cofres, abotoaduras e “aparelhos” de televisão. Examinava as maquetes e retratos de prédios antigos; as torres e contrafortes das igrejas, os torreões dos castelos, as casas grandes e pequenas, com janelas e portas providas de fechadura. Achou que as janelas deviam ter certas vantagens. Seria agradável, a gente devia sentir-se mais importante, vendo o mundo do próprio quarto ou do local de trabalho. E à noite, do lado de fora, uma casa com uma série de janelas iluminadas certamente seria atraente, até mesmo bonita.

Uma tarde Karl entrou no cubículo de Quem e ficou parado junto da escrivaninha com as mãos crispadas à altura das coxas. Levantando os olhos, Quem julgou que ele estivesse atacado de febre ou coisa pior: tinha o rosto congestionado e os olhos espremidos numa expressão estranha. Mas não, estava tomado de raiva, de uma raiva como Quem jamais vira igual, tão intensa que, procurando falar, parecia torná-lo incapaz de mover os lábios.

— O que foi? — perguntou Quem, ansioso.

— Li — disse Karl. — Escute. Você pode fazer-me um favor?

— Lógico! Que dúvida!

Karl curvou-se para ele e cochichou:

— Peça um bloco pra mim, sim? Acabei de pedir um e me negaram. Quinhentos blocos de merda, uma pilha desta altura, e tive que devolver!

Quem olhou para ele.

— Peça um, sim? — insistiu Karl. — Todo mundo pode tentar um pouco de desenho nas horas vagas, não pode? Vai lá embaixo, O.K.?

— Karl... —começou Quem, penosamente.

Karl olhou para ele, arrefecendo a raiva, e endireitou o corpo.

— Não — disse. — Não, eu... eu só perdi a calma, mais nada. Desculpe. Desculpe, irmão. Esqueça.

Bateu no ombro de Quem.

— Agora já passou. Daqui a uma semana, mais ou menos, eu peço de novo. De qualquer maneira, acho que ando desenhando demais. Uni sabe o que faz.

E saiu pelo corredor, rumo ao banheiro.

Quem virou-se para a escrivaninha e apoiando-se aos cotovelos segurou a cabeça, todo trêmulo.

Isso foi na terça-feira. As entrevistas semanais de Quem com o conselheiro eram no dia-de-Wood, às 10h40m da manhã. Dessa vez resolveu falar sobre a doença de Karl para Li YB. Já não se tratava mais de ser alarmista. Havia sido, de fato, irresponsável esperando tanto tempo assim. Devia ter dito logo alguma coisa ao se manifestar o primeiro

sintoma, quando Karl escapuliu da sala de televisão (para desenhar, naturalmente) ou mesmo quando reparou na expressão extraordinária do seu olhar. Por que ódio tinha esperado? Podia já ouvir a voz suave de Li YB a repreendê-lo: “Você não tem sido um guarda muito zeloso do seu irmão, Li.”

No dia-de-Wood, de manhã cedo, todavia, resolveu apanhar algumas Túnicas e o novo Geneticista. Dirigiu-se ao centro" de abastecimento e percorreu os corredores. Pegou um Geneticista e um pacote de túnicas, caminhou mais um pouco e chegou à seção de suprimentos de pintura. Viu a pilha de blocos de desenho de capa verde. Quinhentos era exagero, mas havia uns setenta ou oitenta e ninguém parecia ter pressa em pedi-los.

Afastou-se, pensando que na certa estava perdendo o juízo. Entretanto, se Karl precisava prometer que não ia desenhar quando não devia...

Voltou de novo — “*Todo mundo pode tentar- um pouco de desenho nas horas vagas, não pode?*" — tirou um bloco e um pacote de carvão. Foi para a fila de saída mais curta, o coração batendo no peito, as mãos trêmulas. Respirou o mais fundo possível — uma, duas, três vezes.

Encostou a pulseira no controle e o rótulo das túnicas, do Geneticista, do bloco e do carvão. Recebeu sim para tudo. Cedeu lugar ao membro seguinte.

Regressou ao dormitório, lá em cima. O cubículo de Karl estava vazio, a cama desfeita. Dirigiu-se ao seu, pondo as túnicas na prateleira e o Geneticista em cima da escrivaninha. Com a mão ainda trêmula, escreveu na primeira página do bloco: *Só na hora de folga. Você tem de me prometer*. Depois colocou o bloco e o carvão sobre a cama, sentou-se à escrivaninha e concentrou-se no Geneticista.

Karl veio, foi para o seu cubículo e começou a arrumar a cama.

— Isso aí é seu? — perguntou Quem.

Karl olhou para o bloco e o carvão em cima da Cama de Quem.

— Meus não são — disse Quem.

— Ah, é. Obrigado — agradeceu Karl, entrando no cubículo de Quem para apanhá-los. — Muito obrigado.

— Você deve botar o seu número na primeira página — aconselhou Quem, — se pretende deixá-lo aí pelos cantos desse jeito.

Karl foi para o seu cubículo, abriu o bloco e olhou a primeira página. Virou-se para Quem, sacudiu a cabeça levantou a mão direita e fez com a boca:

— Pelo Amor da Família.

Desceram juntos para a aula.

— Pra que você teve que desperdiçar uma página? — perguntou Karl.

Quem sorriu.

— Fora de brincadeira — insistiu Karl. — Não sabe que pra escrever bilhete a gente usa um pedaço de papel qualquer?

— Por Cristo, Marx, Wood e Wei — exclamou Quem.

Em dezembro daquele ano de 152 chegaram as aterradoras notícias da Morte Cinzenta, assolando todas as colônias marcianas, salvo uma única exceção, e arrasando-as por completo no curto espaço de nove dias. Na Academia de Ciências Genéticas, bem como em todas as instituições da Família, fez-se impotente silêncio, seguido de luto e, por fim, de uma resolução em massa para auxiliar a Família a superar o tremendo revés sofrido. Todos se entregaram com mais afinco e denodo ao trabalho. A hora de folga ficou reduzida à metade. Havia aula aos domingos e apenas meio turno feriado no Natal. Somente a Genética poderia criar novas forças nas gerações vindouras. Cada qual se apressava para concluir o período de treinamento e receber seu primeiro serviço verdadeiro. Em todas as paredes viam-se cartazes em preto e branco: MARTE OUTRA VEZ.

A nova disposição durou vários meses. Antes da data do Nascimento de Marx não houve nenhum feriado de dia inteiro e mesmo assim ninguém soube o que fazer com ele. Quem, Karl e suas namoradas remaram até uma das ilhas do lago do Parque de Diversões e tomaram banho de sol numa grande rocha achatada. Karl desenhou o retrato da namorada. Era a primeira vez, pelo menos que Quem soubesse, que ele desenhava uma pessoa viva.

Em junho Quem pediu outro bloco para Karl.

Terminado o treinamento de ambos, com antecedência de cinco semanas, receberam suas missões: Quem iria para um laboratório de pesquisas genéticas de vírus em USA90058, Karl para o Instituto de Enzimologia em JAP50319.

Na véspera da partida da Academia, arrumaram suas sacolas de viagem. Karl retirou blocos de capa verde das gavetas da escrivaninha — uma dúzia de uma, meia dúzia de outra, mais blocos das restantes. Atirou-os numa pilha em cima da cama.

— Você não vai conseguir meter tudo isso dentro da sacola — avisou Quem.

— Nem pretendo — disse Karl. — Já estão cheios. Não preciso deles.

Sentou-se na cama e folheou um dos blocos, rasgando um que outro desenho.

— Posso ficar com alguns? — perguntou Quem.

— Lógico — respondeu Karl, atirando-lhe o bloco.

Era quase tudo esboços feitos no Museu Pré-U. Quem tirou um que mostrava um homem em cota de malha carregando uma besta no ombro, e outro de um macaco se coçando.

Karl juntou a maioria dos blocos e saiu pelo corredor, rumo à lixeira. Quem largou o bloco em cima da cama de Karl e pegou outro.

Neste, um homem e uma mulher nus estavam parados em pé no meio de um parque defronte aos edifícios brancos de uma cidade. Eram mais altos que o normal, belos e estranhamente dignos. A mulher era bastante diferente do homem, não só genitalmente como também pelo cabelo mais comprido, os seios protuberantes e a sinuosidade mais suave do conjunto. O desenho era sensacional, mas tinha qualquer coisa de perturbador que Quem não conseguiu definir bem.

Examinou outras páginas, outros homens e mulheres. Os quadros ficavam cada vez mais seguros e vigorosos, feitos com economia e ousadia de traços. Karl jamais fizera melhores desenhos, mas todos apresentavam aquele algo inquietante, uma falta de qualquer coisa, um desequilíbrio que desconcertava Quem.

De repente sentiu um calafrio.

Eles não usavam pulseiras.

Passou todos de novo em revista, com um aperto no estômago. Nada de pulseiras. Nenhum deles usava. E não havia possibilidade de que os desenhos estivessem inacabados: no canto de cada um deles via-se o A no meio-de-um-círculo.

Largou o bloco e foi sentar-se na cama. Ficou observando Kart voltar, recolher os blocos restantes e, com um sorriso, levá-los embora.

Houve baile no salão, mas durou pouco e foi discreto por causa de Marte. Mais tarde Quem retirou-se com a namorada para o seu cubículo.

— O que é que você tem? — perguntou ela.

— Nada.

Karl também lhe fez a mesma pergunta no outro dia de manha, enquanto dobravam os cobertores.

— O que é que você tem, Li?

— Nada.

— Está com pena de ir embora?

— Um pouco.

— Eu também. Olhe, me dê aqui os seus lençóis pra eu ir jogar lá na lixeira.

— Qual é o número dele? — perguntou Li YB.

— Karl WL35S7497 — disse Quem.

Li YB anotou.

— E qual é propriamente o problema?

Quem esfregou as mãos nas coxas.

— Ele desenhou uns retratos dos membros — respondeu.

— Agindo agressivamente?

— Não, não — disse Quem. — Apenas parados em pé, sentados, fodendo, brincando com crianças.

— E daí?

Quem fitou a tampa da escrivaninha.

— Eles não usam pulseiras.

Li YB ficou calado. Quem olhou-o: estava com os olhos fixos nele.

— São muitos? — perguntou Li YB depois de uma pausa.

— Blocos inteiros.

— E nenhuma pulseira?

— Nenhuma.

Li YB prendeu a respiração e depois soltou-a entre os dentes, numa série de rápidos assobios. Contemplou seu bloco de notas.

— KWL35S7497—disse.

Quem confirmou com a cabeça.

Rasgou o desenho do homem com a besta: era agressivo. E fez o mesmo com o do macaco. Levou os pedaços até a lixeira e jogou tudo lá dentro.

Guardou na sacola de viagem as poucas coisas restantes — a tesoura, a escova de dentes e a moldura com a fotografia de seus pais e Papai Jan — e fechou o trinco.

A namorada de Karl passou pelo cubículo com a sacola de viagem a tiracolo.

— Onde está o Karl? — perguntou ela.

No centro médico.

— Ah — fez ela. — Diz pra ele que eu vim me despedir, 'tá bom?

— ‘Tá.

Beijaram-se no rosto.

— Adeus — disse ela.

— Adeus.

Ela foi-se embora pelo corredor. Alguns outros estudantes, que não eram mais estudantes, passaram pelo cubículo. Sorriram e despediram-se de Quem.

Relanceou os olhos pelo cubículo vazio. O retrato do cavalo continuava pendurado no quadro de boletins. Aproximou- se e contemplou-

o. Lá estava o garanhão visto pela retaguarda, tão vivo e selvagem. Por que Karl não se contentara com os animais do zoológico? Pra que inventara de desenhar figuras humanas?

Quem aos poucos foi tendo uma sensação cada vez mais forte: a sensação de que havia cometido um erro ao contar a Li YB a respeito dos desenhos de Karl, embora soubesse naturalmente que tinha agido certo. Como poderia estar errado em ajudar um irmão doente? Não contar é que seria cometer erro, permanecer calado como havia feito antes, deixando que Karl continuasse desenhando membros sem pulseiras e ficando cada vez mais doente. Com o correr do tempo, talvez chegasse até a desenhar membros agindo agressivamente. Lutando.

Claro que tinha feito bem.

No entanto a sensação de que cometera um erro continuava, aumentando sem parar, transformando-se irracionalmente em sentimento de culpa.

Alguém aproximou-se e ele girou nos calcanhares, pensando que fosse Karl que viesse agradecer-lhe. Não era; era apenas alguém que passava pelo cubículo, indo embora.

Mas eis o que ia acontecer: Karl voltaria do centro médico e diria: — “Obrigado por me ajudar, Li. Eu estava doente mesmo, mas agora já estou muito melhor”, e ele responderia:

— “Não agradeça a mim, irmão; agradeça a Uni”, ao que Karl retrucaria: — “Não, não”, insistindo em apertar-lhe a mão.

De repente não quis mais ficar ali, para não receber os agradecimentos de Karl por tê-lo ajudado: pegou a sacola e correu porta afora estacando repentinamente, inseguro, e voltando às pressas. Tirou o retrato do cavalo do quadro, abriu a sacola em cima da escrivaninha, enfiou o desenho entre as páginas de um caderno, fechou a sacola e saiu.

Precipitou-se escadas-rolantes abaixo, desculpando-se ao passar adiante de outros membros, com medo de que Karl viesse em seu encalço.

Desceu correndo até o último pavimento, onde ficava a estação do monotrilho aéreo, e entrou na longa fila do aeroporto. Manteve-se de cabeça imóvel, sem virar-se para trás. .

Finalmente chegou ao controle. Enfrentou-o por um momento e depois encostou a pulseira. Sim, piscou a luz verde.

Cruzou o portão às pressas.

SEGUNDA PARTE

VIVENDO

1

Entre julho de 153 e marx de 162, Quem teve quatro serviços: dois nos laboratórios de pesquisa em Usa, um rápido no Instituto de Engenharia Genética em Ind — onde assistiu a uma série de conferências sobre progressos recentes em indução de mutações — e outro de cinco anos numa fábrica de produtos sintéticos químicos em Chi. Recebeu duas promoções em sua classificação e em 162 já era taxonomista genético de segunda classe.

Durante esses anos aparentava ser um membro normal e contente da Família. Executava bem seu trabalho, participava de programas atléticos e recreativos da comunidade, tinha atividade sexual semanalmente, fazia telefonemas mensais e visitas semestrais aos pais, comparecia pontualmente à hora da televisão, aos tratamentos e às entrevistas com os conselheiros. Não possuía nenhum mal-estar, físico ou mental, a comunicar.

Intimamente, porém, estava longe de sentir-se normal. A sensação de culpa com que saíra da Academia o tinha levado a retrair-se do próximo conselheiro, pois queria conservar aquela sensação, que, embora desagradável, era a mais forte que já havia experimentado e uma ampliação, estranha, de sua sensação de existir. E retraindo-se do conselheiro — não comunicando nenhum mal-estar, interpretando o papel de um membro calmo e contente — o levou, com o correr dos anos, a retrair-se de todos os que o rodeavam, numa atitude geral de atenção precavida. Tudo parecia-lhe discutível: bolos integrais, túnicas, a padronização dos quartos e pensamentos dos membros e, especialmente, o trabalho a que se dedicava, cujo objetivo, agora percebia, seria unicamente solidificar a padronização universal. Não havia alternativas, evidentemente, nenhuma alternativa imaginável para coisa alguma, mas mesmo assim retraía-se e levantava

dúvidas consigo mesmo. Só nos primeiros dias que se seguiam aos tratamentos era realmente o membro que fingia ser.

No mundo existia apenas uma coisa indiscutivelmente certa: o desenho que Karl fizera do cavalo. Emoldurou-o — não numa moldura de centro de abastecimento, mas noutra, feita por ele mesmo com as ripas de madeira arrancadas do fundo de uma gaveta e raspadas a lixa — e pendurou-o nos quartos que ocupou em Usa, Ind e Chi. Dava muito mais gosto olhar aquilo do que *Wei Discursando aos Quimioterapeutas*, *Marx Escrevendo ou Cristo Expulsando os Vendilhões do Templo.*

Em Chi pensou em casar-se, mas disseram-lhe que não poderia ter filhos e assim o casamento perdeu toda a graça para ele.

Em meados de marx de 162, pouco antes de completar vinte e sete anos, foi transferido de volta ao Instituto de Engenharia Genética em IND26110 e designado para o Centro de Subclassificação genética recentemente inaugurado. Novos microscópios tinham encontrado diferenças entre genes até então aparentemente idênticos. Ele era um dos quarenta 663B e C encarregados de definir as subclassificações. Seu quarto distava quatro prédios do Centro, o que lhe proporcionava um curto passeio duas vezes por dia, e logo achou uma namorada cujo quarto localizava-se no pavimento imediatamente inferior. Seu conselheiro, Beto RO, era um ano mais moço do que ele. A vida, pelo visto, ia continuar como sempre.

Uma noite em abril, entretanto, ao preparar-se para escovar os dentes antes de dormir, deu com um troço branco minúsculo enfiado na escova. Perplexo, puxou-o para fora. Num rolinho apertado, havia uma tira de papel dobrada três vezes. Pôs a escova de lado e desenrolou um retângulo fino todo datilografado. *Você parece ser um membro bastante fora do comum — dizia. Querendo saber qual a classificação que escolheria, por exemplo. Gostaria de encontrar-se com outros membros semelhantes? Pense no assunto. Você está vivo apenas parcialmente. Nós podemos ajudá-lo mais do que você imagina.*

A nota o espantou com o conhecimento que revelava sobre seu passado, perturbando-o com o que tinha de clandestina e aquele “Você está

vivo apenas parcialmente". O que queria dizer — essa estranha afirmativa e todo o estranho bilhete? E quem o teria posto em sua escova, logo onde? Mas ai percebeu que melhor lugar não havia, por causa da certeza de que ele e apenas ele poderia encontrá-lo. Quem então, nem tão estupidamente, o tinha posto ali? Qualquer pessoa podia ter entrado no quarto no começo da noite ou durante o dia. Pelo menos dois outros membros haviam estado ali: em cima da escrivaninha havia recados de Paz SK, sua namorada, e da secretária do clube de fotografias existente no prédio.

Escovou os dentes, deitou-se e releu o bilhete. Seu autor ou um dos outros "membros semelhantes" certamente havia tido acesso à memória do UniComp sobre os pensamentos de autoclassificação que tivera na infância, o que parecia bastar para que o grupo julgasse que ele estivesse solidário com eles. Estaria? Eles eram anormais — quanto a isso não restava dúvida. Mas e ele, o que seria? Também anormal? Nós podemos ajudá-lo mais do que você imagina. O que significava isso? Ajudá-lo como? A fazer o quê? E suponhamos que quisesse mesmo encontrar-se com eles: o que deveria fazer? Esperar, aparentemente, por outro bilhete, por alguma espécie de contato. Pense no assunto, estava escrito ali.

Soou o último toque. Tornou a enrolar o pedaço de papel e enfiou-o na lombada de *A Sabedoria Viva de Wei* em sua mesa de cabeceira. Apagou a luz e ficou deitado, pensando. Era inquietante, mas diferente também, e interessante. *Gostaria de encontrar-se com outros membros semelhantes?*

Não tocou naquele assunto com Beto RO. Toda vez que voltava ao quarto, procurava outro bilhete na escova de dentes, mas nunca achava. Indo e vindo do trabalho, tomando assento no salão para assistir à televisão, parado na fila do refeitório ou do centro de abastecimento, fitava os olhos dos membros que o rodeavam, atento a qualquer comentário significativo ou mesmo a um mero olhar e movimento de cabeça que o convidassem a ir atrás. Não viu nenhum.

Passaram-se quatro dias e começou a pensar que o bilhete havia sido brincadeira de algum membro doente, ou pior, uma espécie de teste. Quem sabe não fora o próprio Beto RO que escrevera aquilo, para ver sua reação? Não, era ridículo — ele estava *realmente* ficando doente.

Sentira-se interessado — até empolgado, e esperançoso, embora já não soubesse bem do quê — mas agora, à medida que os dias se sucediam sem novo bilhete, sem nenhum contato, ficou decepcionado e irritadiço.

Aí então, uma semana depois do primeiro, lá estava: o mesmo rolinho de papel dobrado três vezes na escova de dentes. Puxou-o para fora, recobrando imediatamente o entusiasmo e a esperança. Desdobrou-o e leu: *Se quiser encontrar-se conosco e saber como podemos ajudá-lo, esteja entre os prédios J16 e J18 na parte inferior da Praça Cristo amanhã de noite às 11h15m. Não toque em nenhum controle no caminho. Se houver membros à vista por perto de algum, mude de rumo. Esperarei até às 11h30m*. Embaixo, à máquina, a assinatura: *Floco de Neve*.

Os raros membros que andavam pelas ruas corriam para suas camas sem desviar os olhos para os lados. Só teve que mudar de rumo uma vez; apressou o passo e chegou à parte inferior da Praça Cristo às 11h15m em ponto. Cruzou o espaço embranquecido pelo luar, onde o chafariz desligado refletia a lua, e achou J16 e o canal escuro que o separava de J18.

Não havia ninguém ali — mas depois, a poucos metros de distância na sombra, viu uma túnica branca marcada com o que parecia a cruz vermelha do centro médico. Mergulhou nas trevas, aproximando-se do membro que, parado junto à parede do J16, ficou em silêncio.

— Floco de Neve? — perguntou.

— Sim — a voz era de mulher. — Você tocou em algum controle?

— Não.

— Sensação esquisita, não é?

Ela usava uma espécie de máscara clara, fina e bem justa.

— Já fiz isso antes — explicou.

— Muito bem.

— Foi só uma vez, e alguém me empurrou.

Parecia mais velha que ele, mas não sabia até que ponto.

— Nós vamos pra um lugar que fica a cinco minutos a pé daqui — ela disse. — É onde a gente se reúne regularmente em seis, quatro mulheres e dois homens... proporção péssima que eu conto com você pra melhorar. Nós vamos propor-lhe uma coisa. Se você resolver aceitá-la, com o correr do tempo poderá entrar para o grupo. Caso contrário, nada feito, e esta noite será o nosso último contato. Mas desse jeito não podemos deixar que você saiba como é o nosso aspeto, nem o lugar onde se realizam as reuniões.

Tirou a mão do bolso, com qualquer coisa branca.

— Tenho de vendar os seus olhos — disse ela. — Por isso estou usando esta túnica do centro médico, pra que pareça normal que esteja levando você.

— A esta hora?

— Já fizemos assim antes e não houve problema. Tem alguma objeção?

Deu de ombros.

— Creio que não.

— Segure isso sobre os olhos — pediu-lhe.

Entregou-lhe dois chumaços de algodão. Ele fechou os olhos e colocou os chumaços no lugar, segurando com o dedo. Ela começou a enrolar a atadura na cabeça, por cima dos chumaços. E continuou enrolando, enrolando, até em cima da testa e abaixo do rosto.

— Tem certeza de que você não é mesmo do centro médico? — perguntou.

Ela deu uma risadinha abafada.

— Absoluta.

Calcou a ponta da atadura, prendendo-a com força. Apalpou-a toda, inclusive nos olhos, depois tomou-o pelo braço. Virou-o — em direção à praça, sentiu — e fez com que começasse a caminhar.

— Não se esqueça da máscara — lembrou-lhe.

Ela estacou de repente.

— Obrigada pela lembrança — disse.

A mão largou o seu braço, e após um instante, voltou. Prosseguiram.

O ruído dos passos mudou, abafado pelo espaço aberto, e uma brisa refrescou-lhe o rosto abaixo da atadura — estavam em plena praça. A mão de Floco de Neve puxou-o em sentido diagonal para a esquerda, afastando-se da direção do Instituto.

— Quando chegarmos lá — avisou ela, — eu cobrirei a sua pulseira com um pedaço de esparadrapo. A minha também. Nós procuramos ignorar ao máximo os números do pessoal do grupo. O seu eu sei qual é... fui eu quem o descobriu... mas os outros não sabem. A única coisa que eles sabem é que estou trazendo um possível candidato. Mais tarde, um ou dois deles talvez precisem saber.

— Você verifica a ficha de cada membro designado pra cá?

— Não. Por quê?

— Não foi assim que você me “descobriu”, apurando que antigamente eu queria classificar-me sozinho?

— Tem três degraus pra descer — preveniu. — Não, aquilo foi só a confirmação. Dois, três. O que eu notei foi o seu olhar, um olhar de membro que não pertence cem por cento ao seio da Família... Você também aprenderá a identificá-lo, se aliar-se a nós. Eu descobri quem você era, depois fui ao seu quarto e vi aquele quadro na parede.

— O cavalo?

— Não, *Marx Escrevendo* — ironizou. — O cavalo, evidente. Você desenha de um jeito que nenhum membro normal se lembraria de desenhar. Aí então é que verifiquei a sua ficha, depois que vi o quadro.

Tinham deixado a praça e estavam numa das ruas do lado oeste — K ou L, não sabia com exatidão.

— Você cometeu um engano — disse ele. — Foi outra pessoa que fez aquele desenho.

— Foi você. Você pediu carvão e blocos de desenho.

— Pro membro que o desenhou. Um amigo meu da academia.

— Pois é mais interessante ainda — retrucou. — Tapear nos pedidos é o melhor sinal que existe. Seja como for, você gostou tanto do desenho que o guardou e emoldurou. Ou será que o seu amigo também fez a moldura?

Ele sorriu.

— Não, fui eu. Você não deixa escapar nada, hem?

— Vamos dobrar à direita, aqui.

— Você é conselheira?

— Eu? Que esperança.

— Mas tem acesso às fichas?

— Às vezes.

— Trabalha no Instituto?

— Não faça tantas perguntas. Escute aqui, como é que você quer que nós o chamemos? Em vez de Li RM.

— Ah — fez ele, — Quem.

— Quem? Não — retrucou ela, — não comece a dizer a primeira coisa que lhe vem à cabeça. Você devia ser qualquer coisa como Pirata ou Tigre. Os outros são Rei, Lilás, Leopardo, Cochicho e Pardal.

— Quando eu era pequeno me chamavam de Quem — disse ele. — Estou acostumado.

— Tá bom, mas não é o que eu escolheria. Sabe onde nós estamos?

— Não.

— Ótimo. Pra esquerda agora.

Cruzaram uma porta, subiram uma escada, cruzaram outra porta e entraram numa espécie de corredor com eco, onde caminharam e desviaram-se, caminharam e desviaram- se, como se estivessem passando por uma série de objetos dispostos de modo irregular. Subiram por uma escada rolante parada e desceram um corredor que dobrava à direita.

Ela o fez parar, pedindo-lhe a pulseira. Levantou o pulso e sentiu que a pulseira estava sendo apertada com força e esfregada. Apalpou-a: o lugar do número ficara liso. Isso, somado à falta de visão, deixou-o de repente com uma sensação incorpórea: como se estivesse prestes a pairar acima do solo, atravessando todas as paredes vizinhas, e a ganhar altura, dissolvendo-se no ar e transformando-se em nada,

Ela o tomou pelo braço de novo. Caminharam ainda um pouco e estacaram. Escutou uma batida, duas, uma porta que se abria e vozes que logo emudeceram.

— Oi — disse ela, levando-o por diante. — Este é Quem. Ele insiste no nome.

Arrastaram-se cadeiras no soalho, ouviu boas-vindas. Alguém apertou-lhe a mão.

— Eu sou Rei — disse um membro. — Que bom que você resolveu vir.

— Obrigado.

Outra mão deu-lhe um aperto mais forte.

— Floco de Neve disse que você é um pintor de mão cheia — falou uma voz de homem mais velho que Rei. — Eu sou Leopardo.

Outras mãos vieram, rápidas, de mulheres:

— Olá, Quem. Meu nome é Lilás.

— E o meu é Pardal. Espero que você entre pro nosso grupo.

— Eu sou Cochicho, mulher de Leopardo. Como vai, vai bem?

A mão e a voz da última eram idosas. As outras duas eram jovens.

Foi conduzido a uma cadeira, onde o sentaram. Suas mãos tatearam uma tampa de mesa lisa e vazia, a beirada ligeiramente curva — uma mesa grande, oval ou redonda. O grupo todo sentou. Floco de Neve à direita, conversando; outra pessoa à esquerda. Sentiu cheiro de queimado. Aspirou pelo nariz para se certificar. Ninguém parecia ter notado.

— Tem alguma coisa queimando — disse.

— Fumo — explicou a velha, Cochicho, à esquerda.

— Fumo?

— Nós fumamos — respondeu Floco de Neve. — Não quer provar?

— Não.

Houve risos.

— Não mata, sabe? — disse Rei, mais à esquerda. — Desconfio até que tem efeitos benéficos.

— E muito agradável — disse uma das moças, do lado oposto da mesa.

— Não, obrigado.

Riram de novo, trocando comentários, e aos poucos fez- se silêncio. Sua mão direita, apoiada à mesa, foi coberta pela de Floco de Neve. Quis retirá-la, mas conteve-se. Tinha sido bobo em vir. Que estava fazendo ali, sentado sem enxergar, entre aqueles membros, doentes e com nomes falsos? Sua própria anormalidade não era nada comparada à deles. Fumo! Aquilo fora abolido há cem anos. Onde ódio o teriam conseguido?

— Desculpe a atadura, Quem — disse Rei. — Suponho que Floco de Neve tenha explicado por que é necessária.

— Ela me explicou.

— Expliquei, sim — confirmou Floco de Neve, afastando a mão.

Ele tirou a sua de cima da mesa e aproximou-a da que se conservava no colo.

— Nós somos membros anormais, o que é bastante óbvio — continuou Rei. — Fazemos uma porção de coisas geralmente consideradas doentias. Mas não no nosso entender. Nós *sabemos* que não são.

Falava com voz forte, grave e autoritária; Quem imaginou-o grande e corpulento, com cerca de quarenta anos.

— Não vou entrar em pormenores porque na sua situação atual você se escandalizaria e ficaria preocupado, tal como é evidente que já está escandalizado e preocupado com o fato de que nós fumamos. Você descobrirá os detalhes por conta própria no futuro, se é que há algum futuro no que diz respeito a você e a nós.

— O que é que você quer dizer — perguntou Quem, — na minha situação atual?

Fez-se um momento de silêncio. Uma mulher tossiu.

— Enquanto você estiver entorpecido e normalizado pelo tratamento mais recente — explicou Rei.

Quem permaneceu imóvel, voltado para Rei, estarrecido com a despropósito do que ele tinha dito. Recapitulou as palavras e respondeu-as:

— Não estou entorpecido e normalizado.

— Está, sim.

— Toda a Família está — disse Floco de Neve.

E por trás dela:

— Todo mundo está, não é só você.

Era a voz de velho de Leopardo.

— Em que você acha que consiste um tratamento? — perguntou Rei.

— Em vacinas, enzimas, preventivos contra a gravidez, às vezes um tranquilizante... — respondeu Quem.

— *Sempre* um tranquilizante — frisou Rei. — E LPK, que atenua a agressividade, além de diminuir a alegria, a percepção e tudo quanto é coisa de que o cérebro é capaz.

— E que é um sedativo sexual — acrescentou Floco de Neve.

— Também — disse Rei. — Dez minutos de sexo automático, uma vez por semana, constitui apenas uma fração do que é possível.

— Eu não acredito — retrucou Quem. — Em nada disso.

Afirmaram-lhe que era verdade.

— É mesmo, Quem.

— Realmente, é um fato.

— E a pura verdade!

— Você trabalha em genética — disse Rei. — Não é pra isso que trabalha a engenharia genética?... Pra exterminar a agressividade, controlar o impulso sexual, estabelecendo a solicitude, a docilidade e a gratidão? Nesse meio tempo, os tratamentos encarregam-se de conseguir isso, até que a engenharia genética domine o tamanho e a cor da pele. '

— Os tratamentos ajudam — protestou Quem.

— Ajudam Uni — disse a mulher do lado oposto da mesa.

— E os adoradores de Wei que programaram Uni — acrescentou Rei. — Mas não ajudam a nós, pelo menos não tanto quanto nos prejudicam. Transformam-nos em máquinas.

Quem sacudiu a cabeça uma, duas vezes.

— Floco de Neve nos contou — era Cochicho, falando numa voz baixa e seca, que justificava o apelido — que você tem tendências anormais. Nunca reparou como ficam mais fortes pouco antes de um tratamento e mais fracas logo depois?

— Aposto como você fez aquela moldura um ou dois dias antes de um tratamento — disse Floco de Neve, — e não um ou dois dias depois.

Refletiu um pouco.

— Não me lembro — respondeu, — mas quando eu era pequeno e pensei em me classificar sozinho, depois dos tratamentos parecia uma ideia tola, Pré-U, e antes dos tratamentos era... empolgante.

— Está vendo? — disse Rei.

— Mas era um entusiasmo *doentio*!

— Era sadio — corrigiu Rei.

E a mulher do lado oposto da mesa:

— Você estava vivo, sentindo alguma coisa. **Qualquer** sensação é mais sadia do que não sentir nenhuma.

Lembrou-se do sentimento de culpa que escondera de seus conselheiros a partir de Karl e da Academia. Acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim — disse, — sim, é possível.

Virou o rosto na direção de Rei, da mulher, de Leopardo e Floco de Neve, lamentando não poder abrir os olhos para vê-los.

— Mas não compreendo o seguinte: vocês recebem tratamentos não é? Então como é que não...

— Eles são reduzidos — disse Floco de Neve.

— É, nós recebemos tratamentos — explicou Rei, — mas conseguimos reduzi-los. fazendo com que certos componentes sejam atenuados, de modo que somos um pouco mais do que as máquinas que Uni pensa que somos.

— E é isso que estamos oferecendo a você — disse Floco de Neve. — Uma maneira de enxergar, sentir, fazer e aproveitar mais.

— E ser mais infeliz. Expliquem também isso pra ele.

Era uma voz nova, delicada mas nítida, da outra moça. Estava do lado oposto da mesa e à esquerda de Quem, perto de Rei.

— Não é verdade — retrucou Floco de Neve.

— É, sim — afirmou a voz nítida, quase de garota; não podia ter mais que vinte anos, deduziu Quem. — Haverá dias em que você *odiará* Cristo, Marx, Wood e Wei, e terá vontade de botar fogo em Uni. Haverá dias em que sentirá impulso de arrancar a pulseira e fugir pro alto de uma montanha, que nem os antigos incuráveis, só pra poder fazer o que você quer, escolher o que bem entender, e viver sem dar satisfações a ninguém.

— Lilás — censurou Floco de Neve.

— Haverá dias em que você nos odiará, por o termos acordado e ensinado a não ser máquina. As máquinas sentem-se bem no universo; as pessoas não.

— Lilás — repetiu Floco de Neve, — nós queremos obter a adesão de Quem. Ninguém pretende assustá-lo.

E virando-se para ele:

— Lilás é *realmente* anormal.

— Mas o que ela diz tem fundamento — interveio Rei.

— Acho que todos nós já tivemos momentos em que gostaríamos que houvesse um lugar aonde se pudesse ir, algum povoado ou colônia em que pudéssemos ser donos de nossos próprios narizes...

— Eu não —disse Floco de Neve.

— E como esse lugar não existe — continuou Rei, — a gente, às vezes, se sente infeliz. Você não, Floco de Neve. Eu sei. Salvo raras exceções como Floco de Neve, ser capaz de sentir alegria parece que quer dizer também ser capaz de sentir tristeza. Mas, como Pardal disse, qualquer sensação é melhor e mais sadia que não sentir nenhuma. E os momentos de tristeza não são, realmente, tão comuns assim.

— São, sim — teimou Lilás.

— Ah, besteira — retrucou Floco de Neve. — Vamos parar com esse negócio de tristeza.

— Não se preocupe, Floco de Neve — disse Pardal, do lado oposto da mesa. — Se ele se levantar pra sair correndo, você pode passar-lhe uma rasteira.

— Ah, ah, qual é a graça, sua chata? — perguntou Floco de Neve.

— Floco de Neve, Pardal — repreendeu Rei. — Então, Quem, qual é a sua resposta? Quer conseguir uma redução nos seus tratamentos? E feita por etapas. A primeira é simples, e se você não gostar da maneira que se sentir daqui a um mês, pode procurar seu conselheiro e dizer que foi contaminado por um grupo de membros muito doentes que você infelizmente não é capaz de identificar.

Quem hesitou um pouco.

— Está certo. Que devo fazer?

Floco de Neve apertou-lhe o braço.

— Ótimo — sussurrou Cochicho.

— Espere um pouco, estou acendendo o meu cachimbo — disse Rei.

— Vocês estão todos fumando ? — perguntou Quem.

O cheiro de coisa queimada era intenso, ressecando e ferindo-lhe as narinas.

— De momento não — respondeu Cochicho. — Só Rei, Lilás e Leopardo.

— Mas todos *estávamos* — disse Floco de Neve. — Não é uma coisa contínua. A gente fuma um pouco e depois pára.

— Onde é que vocês conseguem o fumo?

— Nós plantamos — explicou Leopardo, aparentemente lisonjeado. — Cochicho e eu. No terreno do parque.

— No *terreno do parque?*

— Exatamente — confirmou Leopardo.

— Temos dois canteiros — disse Cochicho, — e domingo passado achamos lugar pra um terceiro.

— Quem? — chamou Rei.

Quem virou-se para ele e escutou.

— Em princípio, a primeira etapa consiste apenas em agir como se você estivesse obtendo excesso de tratamento: diminuindo o ritmo de trabalho, dos jogos, de tudo... diminuindo aos poucos, sem chamar a atenção. Cometa um pequeno erro no serviço, e outro alguns dias mais tarde. E não se saia bem em matéria de sexo. O que você deve fazer é se masturbar antes de se encontrar com a namorada. Assim será capaz de fracassar convincentemente.

— Me masturbar?

— Ah, esses membros que recebem tratamento integral, completamente satisfeitos — exclamou Floco de Neve.

— Provocar orgasmo com a própria mão — esclareceu Rei. — E depois não ficar muito preocupado quando não conseguir outro depois. Deixe que a sua namorada fale pro conselheiro dela. Não conte nada pro seu. Não fique preocupado com coisa alguma, com os erros que cometer, impontualidade nas entrevistas, seja lá o que for. Deixe que os outros notem e comuniquem.

— Finja cochilar durante a televisão — sugeriu Pardal.

— Daqui a dez dias você terá o próximo tratamento — disse Rei. — Na entrevista que tiver com o seu conselheiro na semana que vem, caso tiver seguido as minhas instruções, ele o sondará sobre o seu torpor geral. Mais uma vez, não demonstre preocupação. Apatia. Se você fizer bem o negócio todo, os sedativos do tratamento serão levemente reduzidos, o

suficiente pra que dentro de um mês você esteja ansioso pra saber como é a segunda etapa.

— Parece bastante simples — disse Quem.

— E é — afirmou Floco de Neve.

— Todos nós fizemos o mesmo — disse Leopardo. — Você também pode.

— Existe um perigo — lembrou Rei. — Ainda que o tratamento possa ser ligeiramente mais fraco que o de costume, os efeitos durante os primeiros dias continuarão sendo fortes. Você sentirá uma reação contra o que você fez e uma ânsia de confessar tudo ao conselheiro pra obter tratamentos mais fortes do que nunca. Não há maneira de saber se você conseguirá resistir a essa ânsia ou não. Nós resistimos, mas outros não. No ano passado nós descrevemos o truque pra dois membros. Eles diminuíram o ritmo, porém mais tarde confessaram, um ou dois dias depois do tratamento.

— Mas o meu conselheiro não ficará desconfiado, se eu diminuir o ritmo? Ele decerto ouviu falar nesses dois.

— Sim — concordou Rei, — mas há diminuições autênticas, quando decresce a necessidade do membro tomar sedativos. De modo que, se você fizer o negócio convincentemente, ninguém suspeitará. O que você tem de se preocupar é com a ânsia de confessar.

— Repita sempre a você mesmo — era Lilás falando — que é um produto químico que o está fazendo pensar que está doente e necessitando de ajuda, um produto químico que foi instilado em você sem o seu consentimento.

— Meu consentimento? — estranhou Quem.

— Sim — disse ela. — O seu corpo é seu, não de Uni.

— Quer você confesse ou resista — disse Rei, — depende da força da resistência do cérebro à alteração química, e de um jeito ou de outro não há muito que você possa fazer. Tomando por base o que sabemos a seu respeito, eu diria que as chances são boas.

Deram-lhe mais algumas indicações sobre a técnica de diminuição de ritmo — deixar de lado uma vez que outra o bolo do meio-dia, ir pra cama antes do último carrilhão — e finalmente Rei sugeriu que Floco de Neve o levasse de volta ao local do primeiro encontro.

— Espero que a gente se reveja, Quem — disse ele. — Sem a atadura.

— Eu também — respondeu.

Levantou-se e empurrou a cadeira para trás.

— Felicidades — disse Cochicho.

Pardal e Leopardo também lhe desejaram boa sorte.

Por fim Lilás disse:

— Felicidades, Quem.

— O que é que acontece — perguntou, — se eu resistir à vontade de confessar?

— Nós ficaremos sabendo — respondeu Rei, — e um de nós entrará em contato com você mais ou menos dez dias depois do tratamento.

— Como ficarão sabendo?

— Não se preocupe.

A mão de Floco de Neve tomou-o pelo braço.

— Está bem — disse ele. — Obrigado. A todos.

— Não tem de quê — responderam.

— Às ordens, Quem.

— Foi um prazer.

Qualquer coisa soou-lhe estranho. Depois — quando Floco de Neve levou-o para fora daquela sala — descobriu o que era: ninguém dissera “Agradeça a Uni”.

Andaram devagar, Floco de Neve segurando-lhe o braço não como enfermeira mas como uma garota passeando com o primeiro namorado.

— Parece mentira — disse ele, — que o que eu sinto e vejo agora... não seja tudo o que existe.

— Não é — retrucou ela. — Nem sequer a metade. Você verá.

— Tomara que sim.

— Você verá. Tenho certeza.

Ele sorriu.

— Você não tinha certeza sobre aqueles dois que tentaram e não conseguiram?

— Não. — E após uma pausa: — Sim, de um eu tinha, mas do outro não.

Qual é a segunda etapa? — perguntou.

— Antes tem de passar pela primeira.

— Há mais de duas?

— Não. Com duas, se der certo, você obtém uma boa redução. E quando você fica *realmente* vivo. E por falar nisso, cuidado com os três degraus à nossa frente.

Subiram os degraus e continuaram adiante. Estavam de novo na praça. O silêncio era total. Nem brisa havia.

— A foda é a melhor parte — disse Floco de Neve. — Fica muito melhor, muito mais intensa, excitante, e a gente pode fazer quase todas as noites.

— Incrível.

— E faça o favor de lembrar-se — disse ela, — que fui eu quem o descobriu. É só eu o pegar olhando pra Pardal que eu o mato.

Quem fez um movimento brusco e quase se chamou de idiota.

— Desculpe-me — disse ela, — mas eu vou agir agressivamente com você. Ao máximo.

— Não faz mal — retrucou. — Não estou escandalizado.

— Pois sim.

— E pra Lilás? — perguntou. — Pra ela eu posso olhar?

— Quanto quiser. Ela é apaixonada pelo Rei.

— Ah é?

— Com uma paixão Pré-U. Foi ele quem formou o grupo. Primeiro ela, depois Leopardo e Cochicho, depois eu, e por fim Pardal.

Os passos ficaram mais fortes e ressonantes. Ela o deteve.

— Chegamos.

Sentiu seus dedos puxando a ponta da atadura: abaixou a cabeça. Ela começou a desenrolar, libertando trechos da pele que logo esfriavam. Continuou desenrolando e finalmente tirou os chumaços de algodão. Ele piscou e arregalou bem os olhos.

Estava perto dele, enluarada, contemplando-o de um modo que parecia provocante, enquanto guardava a atadura no bolso da túnica do centro médico. Descobrira um jeito de repor a máscara — só que não era máscara. Percebeu com um choque: era seu próprio rosto. Ela era clara. Mais clara do que qualquer membro que conhecia, com exceção de alguns de mais de sessenta anos. Era quase branca. Quase tão branca como a neve.

— Botei a máscara de novo — troçou.

— Desculpe.

— Não faz mal — sorriu. — De um jeito ou doutro, todos nós somos esquisitos. Repare só o seu olho.

Teria uns trinta e cinco anos, traços marcantes, fisionomia inteligente, cabelo recém-cortado.

— Desculpe — repetiu.

— Já disse que não faz mal.

— Você não se está arriscando, me deixando ver como você é?

— Vou dizer-lhe uma coisa. Se não der certo com você, estou-me lutando se o grupo todo ficar normalizado. Pra ser franca, acho até que prefiro.

Tomou-lhe a cabeça com as mãos e beijou-o, forçando os lábios dele com a língua. Conseguiu abri-lhe a boca e ficou palpitando lá dentro. Segurou bem firme a cabeça, encostou a virilha contra a sua e começou a esfregar-se em sentido giratório. Ele sentiu-se logo em ereção e colocou as mãos nas costas dela. Só para experimentar, retribuiu com a língua o que ela fazia com a sua.

Ela afastou a boca.

— Considerando-se que estamos no meio da semana — disse, — fico até tentada.

— Cristo, Marx, Wood e Wei — exclamou. — É assim que vocês todas beijam?

— Só eu, irmão. Só eu.

Repetiram tudo de novo.

— Agora vá pra casa — ordenou ela. — Não toque nos controles.

Ele recuou.

— Então até o mês que vem — disse.

— E ai de você se não aparecer — retrucou ela. — Felicidades.

Entrou na praça e dirigiu-se ao Instituto. Virou-se apenas uma vez. A passagem entre os prédios embranquecidos pelo luar estava deserta.

2

Sentado à escrivaninha, Beto RO levantou a cabeça e sorriu.

— Atrasado, hem?

— Desculpe — disse Quem, ocupando a cadeira.

Beto fechou uma pasta branca de arquivo com etiqueta vermelha.

— Como vai você? — perguntou.

— Bem.

— A semana foi boa?

— Hum-hum.

Beto olhou-o um instante, o cotovelo escorado ao braço da poltrona, os dedos esfregando o canto do nariz.

— Tem alguma coisa especial sobre a qual você queira falar?

Quem ficou calado. Depois sacudiu a cabeça.

— Não.

— Soube que você ontem passou metade da tarde fazendo o serviço de outra pessoa.

— Quem confirmou.

Tirei uma amostra da seção errada da caixa AE — explicou.

— Ah é?

Beto sorriu e resmungou.

Quem fitou-o sem entender.

— Piada — disse Beto. — AE, ah é?

Beto apoiou o queixo na mão, comprimindo a ponta de um dedo contra os lábios.

— Que aconteceu na sexta-feira? — perguntou.

— Sexta-feira?

— Parece que andou usando o microscópio errado.

Quem ficou perplexo um momento.

— Ah — fez ele. — Sim. Não cheguei propriamente a usar. Só entrei na sala. Não troquei nada de lugar.

— Pelo jeito a semana não foi tão boa assim.

— É, acho que não — concordou.

— Paz SK diz que você teve problema sábado à noite.

— Problema?

— Sexual.

Quem sacudiu a cabeça.

— Não tive problema nenhum. Apenas estava sem vontade, mais nada.

— Ela diz que você tentou e não conseguiu levantar.

— Bem, eu achei que *devia*, por causa *dela*, mas simplesmente não sentia a mínima vontade.

Beto continuou observando-o, sem dizer nada.

— Eu estava cansado.

— Parece que você anda muito cansado ultimamente. Foi por isso que deixou de comparecer à reunião do clube de fotografia na sexta-feira à noite?

— Foi. Deitei-me cedo.

— E como se sente agora? Cansado?

— Não. Sinto-me ótimo.

Beto olhou para ele. Depois endireitou-se na poltrona e sorriu.

— Está bem, irmão. Por hoje é só.

Quem encostou a pulseira no controle do telecomputador de Beto e pôs-se em pé.

— Até a semana que vem — despediu-se Beto,

— Até.

Na hora.

Já de costas, Quem virou-se.

— Como é?

— A semana que vem, na hora — repetiu Beto.

— Ah, sim.

Tornou a virar-se e saiu do cubículo.

Achava que tinha feito tudo direito, mas não havia meios de saber, e à proporção que o tratamento se aproximava crescia o seu nervosismo. A ideia de um aumento perceptível de sensações ficava mais intrigante a cada hora que corria, e Floco de Neve, Rei, Lilás e os outros tornavam-se mais atraentes e admiráveis. Que importância tinha que fumassem? Eram membros felizes e sadios — membros, não, gente! — que haviam encontrado uma solução para a esterilidade, a padronização e a mecânica universal. Queria vê-los, estar perto deles. Queria beijar e abraçar a insólita brancura de Floco de Neve. Conversar com Rei de igual para igual, como dois amigos. Ouvir outras ideias estrambóticas, porém estimulantes, de Lilás. “O seu corpo é seu, não de Uni” — que coisa mais perturbadora, mais Pré-U, para dizer! Se houvesse qualquer fundamento naquilo, traria consequências capazes de levá-lo a... era-lhe impossível imaginar a quê. A uma espécie de mudança radical em sua atitude em relação a tudo!

Isso foi na véspera do tratamento. Deixou-se ficar horas acordado, depois subiu ao cume nevado de uma montanha com as mãos envoltas em ataduras, fumou com prazer sob a orientação cordial e sorridente de Rei, abriu a túnica de Floco de Neve e contemplou-a branca-como-a-neve com uma cruz vermelha que ia do pescoço à virilha, guiou um carro antigo que andava sobre rodas nos corredores de um gigantesco Centro de Asfixia Genética, ganhou pulseira nova com a inscrição *Quem* e uma janela em seu quarto, de onde avistava uma linda garota nua regando um canteiro de lilases. Ela acenou, impaciente, chamando-o e ele correu em sua direção — despertando com uma sensação revigorante, enérgica e alegre, apesar daqueles sonhos, mais nítidos e convincentes do que qualquer um dos cinco ou seis que tivera no passado.

Nessa manhã — era sexta-feira — recebeu tratamento. A cócega-zumbido-ferroada pareceu durar uma fração de segundo a menos que de costume e quando retirou o braço do interior do aparelho, puxando a manga para baixo, continuava sentindo-se bem e senhor de si, sonhador de sonhos nítidos, parceiro de um grupo de criaturas extraordinárias, ludibriador da Família e de Uni. Dirigiu-se com pretensa lentidão para o Centro. Lembrou-se de que, por incrível que parecesse, chegara a ocasião em que devia prosseguir com o decréscimo de ritmo para justificar a redução ainda maior

que a segunda etapa, seja lá qual fosse e quando soasse a hora, se destinava a obter. Ficou no auge do contentamento por ter-se dado conta disso e pôs-se a imaginar por que motivo Rei e os outros não lhe tinham sugerido essa ideia. Talvez pensassem que não conseguiria fazer nada depois do tratamento. Pelo visto, os outros dois membros haviam fracassado por completo, pobres irmãos.

De tarde cometeu um pequeno engano excelente: começou a gravar um relatório segurando o microfone virado no sentido contrário enquanto um colega 663B estava olhando. Sentiu um pouco de remorso ao fazer aquilo, mas em todo caso fez.

Na mesma noite, para sua surpresa, realmente cochilou durante o programa de televisão, embora fosse bastante interessante: a inspeção de um novo telescópio radiofônico em Isr. E mais tarde, durante a reunião do clube de fotografia do prédio, mal podia abrir os olhos. Desculpou-se cedo e foi para o quarto. Despiu-se sem se dar ao trabalho de jogar a túnica usada na lixeira, metendo-se na cama sem vestir o pijama, e apagou a luz. Ficou imaginando que sonhos teria.

Acordou assustado, desconfiando que estava doente e precisando de ajuda. Que havia de errado? Tinha feito alguma coisa que não devia?

Então lembrou-se e sacudiu a cabeça, mal podendo acreditar. Era verdade? Seria possível? Tinha ficado tão — tão contaminado por aquele grupo de membros lamentavelmente doentes a ponto de cometer erros propositais, procurando enganar Beto RO (e talvez conseguindo!), alimentando ideias hostis a toda a amada Família? Ah, Cristo, Marx, Wood e Wei!

Pensou no que a moça, Lilás, lhe aconselhara: para repetir sempre que era um produto químico que o estava fazendo imaginar que estava doente, um produto químico que lhe fora instilado sem seu consentimento. Seu consentimento! Como se o consentimento tivesse alguma coisa que ver com o tratamento dado para conservar a saúde e o bem-estar da gente, uma parte essencial da saúde e do bem-estar da Família inteira! Mesmo antes da Unificação, mesmo no caos e loucura do século vinte, ninguém solicitava o consentimento de um membro para que ele fosse tratado contra a febre

tifóide ou tifo ou seja lá o nome que tinha. Consentimento! E se limitara a ouvi-la sem discussão!

Tocou o primeiro carrilhão. Pulou fora da cama, ansioso para corrigir esses erros inconcebíveis. Jogou na lixeira a túnica da véspera, urinou, lavou-se, escovou os dentes, endireitou o cabelo, vestiu túnica limpa, arrumou a cama. Dirigiu-se à sala de refeições e pediu chá com bolo, sentando-se entre outros membros, querendo ajudá-los, dar-lhes alguma coisa, demonstrar que era leal e afetuoso, não o infrator doente que havia sido na véspera. O membro à sua esquerda comeu o último pedaço do bolo.

— Quer um pouco do meu? — perguntou Quem.

O membro ficou meio constrangido.

— Não, claro que não — disse. — Em todo caso obrigado, Você é muito amável.

— Não sou, não — protestou Quem, mas contente com a opinião do membro.

Apressou-se a ir ao Centro, chegando lá com oito minutos de antecedência. Retirou uma amostra da caixa AE correspondente à devida seção, não a de outra pessoa, e levou-a ao seu próprio microscópio. Colocou as lentes de maneira correta e seguiu o OMP ao pé da letra. Retirou respeitosamente dados de Uni (Perdoa as minhas ofensas, ó Uni onisciente) e supriu-lhe novos dados humildemente (Eis aqui a informação exata e verdadeira sobre a amostra de genes NF5049).

O chefe da seção veio ver o que ele estava fazendo.

— Como vai indo? — perguntou.

— Muito bem, Beto.

— Ótimo.

Ao meio-dia sentiu-se pior, contudo. E eles, aqueles doentes? Devia abandoná-los à doença, ao fumo, aos tratamentos reduzidos, às ideias Pré-

U? Não havia alternativa. Tinham-lhe vendado os olhos. Não existia meio de encontrá-los.

Mas não era verdade: *existia*, sim. Floco de Neve mostrara-lhe o rosto. Quantos membros quase brancos, mulheres da mesma idade, poderia haver na cidade? Três? Quatro? Cinco? Se Beto RO perguntasse, Uni forneceria seus números num instante. E quando ela fosse encontrada e adequadamente tratada, informaria os números de alguns outros, que, por sua vez, revelariam os restantes. O grupo todo podia ser localizado e ajudado no prazo de um ou dois dias.

Tal como ele ajudara Karl.

A lembrança o paralisou. Ele ajudara Karl e se arrependera — um arrependimento que não o abandonara anos a fio, e até agora persistia, como parte integral dele. Ah, Jesus Cristo e Wei Li Chun, estava doente além de toda imaginação!

— Não se está sentindo bem, irmão?

Era o membro do outro lado da mesa, uma mulher idosa.

— Não — respondeu, — estou ótimo.

Sorriu e aproximou o bolo dos lábios.

— Por um segundo você parecia tão *preocupado* — disse ela.

— Estou bem — insistiu. — É que me lembrei de uma coisa que me esqueci de fazer.

— Ah.

Ajudá-los ou não? Qual era o certo, qual o errado? Ele sabia qual era o errado: não os ajudar, abandonando-os como se ele não fosse, de maneira alguma, o guarda de seu irmão.

Mas não tinha certeza se ajudá-los também não estaria errado. Mas de que modo as duas coisas podiam ser erradas?

Trabalhou com menos afinco à tarde, mas corretamente e sem cometer enganos, fazendo tudo como devia ser feito. No fim do dia voltou ao quarto e deitou-se de costas na cama, apertando o dorso das mãos contra as pálpebras caídas e provocando vibrantes auroras no interior dos olhos. Escutou a voz dos doentes, viu-se tirando a amostra da seção errada da caixa e ludibriando a Família em tempo, energia e equipamento. O carrilhão anunciou o jantar mas ele permaneceu imóvel, emaranhado demais em si mesmo para se lembrar de comer.

Mais tarde Paz SK telefonou.

— Estou no salão — disse ela. — São oito e dez. Faz vinte minutos que estou esperando.

— Desculpe. Já vou descer.

Assistiram a um concerto e depois foram ao quarto dela.

— O que é que há? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu. — Eu ando... inquieto nestes últimos dias.

Ela sacudiu a cabeça e empenhou-se com mais energia em endurecer-lhe o pênis mole.

— Isto não tem cabimento — disse. — Você não falou pro seu conselheiro? Eu contei ao meu.

— Falei, sim. Olha — afastou-lhe a mão, — um grupo inteiro de membros novos de dezesseis anos chegou no outro dia. Por que você não vai até o salão e procura um deles?

Ela parecia descontente.

— Acho que devia ir mesmo — disse.

— Eu também — concordou ele. — Vai de uma vez.

— Só que não tem o menor cabimento — insistiu, levantando-se da cama.

Ele se vestiu, voltou para seu quarto e se despiu de novo. Pensou que teria problema para adormecer, mas não teve.

No domingo sentiu-se pior ainda. Começou a torcer para que Beto telefonasse e, notando que ele não estava bom, lhe arrancasse a confissão. Desse modo não haveria arrependimento nem responsabilidade, apenas alívio. Permaneceu no quarto, olhando a tela do telefone. Alguém do time de futebol ligou para ele; desculpou-se, dizendo que não estava se sentindo bem.

Ao meio-dia foi para o refeitório, comeu um bolo às pressas e voltou ao quarto. Alguém do Centro telefonou, para ver se ele sabia o número de um outro membro.

Será que a essa altura Beto ainda não fora informado de que ele não andava agindo de maneira normal? Paz não teria dito nada? Nem quem lhe telefonara do time de futebol? E aquele membro do outro lado da mesa, ontem, será que não fora suficientemente esperta para compreender o significado de sua desculpa e obter seu número? (Vejam só, esperando auxílio alheio — e quem é que ele estava ajudando na Família?) Onde *andaria* Beto? Que espécie de conselheiro era?

Não houve mais telefonemas, nem de tarde, nem de noite. A música parou uma vez para um boletim interespacial.

Na segunda-feira de manhã, depois do café, desceu ao centro médico. O controle disse não, mas ele avisou ao funcionário que precisava falar com seu conselheiro. O funcionário ligou o telecomputador e aí então as luzes dos controles repetiram *sim*, *sim*, *sim*, durante todo o percurso até os escritórios de conselho, que estavam semidesertos. Eram apenas 7h50m.

Dirigiu-se ao cubículo vazio de Beto, sentou-se e esperou por ele, de mãos no colo. Recapitulou de memória a ordem dos assuntos que abordaria: primeiro, sobre o decréscimo proposital de ritmo; depois, sobre o grupo, o que tinham dito e feito, e a forma como todos podiam ser encontrados por

intermédio da brancura de Floco de Neve; e, finalmente, sobre o sentimento de culpa doentio e irracional que dissimulara anos a fio, desde que ajudara Karl. Um, dois, três. Receberia tratamento extra para compensar tudo o que talvez não houvesse recebido na sexta-feira, e sairia do centro médico curado de corpo e alma, um membro sadio e contente.

O seu corpo é seu, não de Uni.

Doente, Pré-U. Uni era a vontade e a sabedoria da Família inteira. Tinha-o criado. Fornecera-lhe comida, roupa, casa, instrução. Concedera até a permissão para a sua própria concepção. Sim, tinha-o criado, e de agora em diante ele seria...

Beto entrou sacudindo o telecomputador e logo estacou.

— Li — exclamou. — Olá. Aconteceu alguma coisa?

Ele olhou para Beto. Sim, acontecera: o nome estava errado. Ele se chamava Quem e não Li. Baixou os olhos para a pulseira: *Li RM35M4419*, Esperava encontrar Quem. Quando é que havia tido uma que dizia Quem? Num sonho, num estranho sonho feliz, uma garota chamando...

— Li? — disse Beto, largando o telecomputador no chão.

Uni o tornara *Li*. Por causa de Wei. Mas ele se chamava Quem. “Quem sai aos seus não degenera”. Qual dos dois era ele? Li? Quem? Li?

— Que é que há, irmão? — perguntou Beto, curvando-se perto, pegando-o pelo braço.

— Eu queria falar com você — respondeu.

— Sobre o quê?

Não sabia o que dizer.

— Você pediu pra eu não me atrasar — olhou nervoso para Beto: — Cheguei na hora?

— Na hora? — Beto recuou um passo e franziu os olhos. — Irmão, você chegou com um dia de antecedência. Você tem hora marcada na terça, não na segunda.

Quem se levantou.

— Desculpe — disse. — E melhor eu voltar pro Centro.

E fez menção de sair.

Beto pegou-o pelo braço.

— Espere aí — disse, derrubando o telecomputador de lado, batendo com força no chão.

— Vai tudo bem comigo — explicou Quem. — Fiz confusão. Amanhã eu volto.

Desvencilhou-se da mão de Beto e saiu do cubículo.

— Li — chamou Beto.

Ele, porém, não se virou.

Assistiu atentamente à televisão naquela noite — uma junção de trilhos em Arg, uma retransmissão de Vênus, o noticioso, um programa de danças e *A Sabedoria Viva de Wei*. Depois foi para seu quarto. Tateou o interruptor, mas havia qualquer coisa por cima e a luz não acendeu. A porta bateu com força, fechada por alguém que estava perto dele no escuro, respirando.

— Quem é? — perguntou.

— Rei e Lilás — disse Rei.

— Que aconteceu hoje de manhã? — perguntou Lilás, de um canto próximo à escrivaninha. — Por que você procurou o conselheiro?

— Pra contar — respondeu.

— Mas você não contou.

— Devia ter contado. Saiam daqui, por favor.

— Está vendo? — disse Rei.

— Temos de tentar — insistiu Lilás.

— Vão embora, por favor — pediu Quem. — Não quero meter-me de novo com vocês, com nenhum de vocês. Já não sei mais o que está certo ou errado. Nem sequer sei quem eu sou.

— Você tem cerca de dez horas pra descobrir — disse Rei — O seu conselheiro vai vir amanhã de manhã aqui pra levá-lo ao Centro Médico Matriz. Lá eles examinarão você. Isso só era pra ser dentro de três semanas, aproximadamente, depois de um pouco mais de decréscimo no rendimento do trabalho. Teria sido a segunda etapa. Mas será amanhã e você, provavelmente, voltará à estaca zero.

— Mas não é preciso que seja assim — interveio Lilás. — Você ainda pode tentar a segunda etapa se fizer o que nós mandarmos.

— Não quero saber. Vão embora, por favor.

Os dois ficaram calados. Ele ouviu Rei fazer um movimento.

— Não compreende? — perguntou Lilás. — Se você fizer o que nós mandarmos, seus tratamentos ficarão tão reduzidos quanto os nossos. Caso contrário, voltarão a ser como antes. De fato, no mínimo até aumentarão, não é, Rei?

— É — concordou.

— Pra protegê-lo — continuou Lilás. — Pra que você nunca mais tente sequer escapar do jugo. Não percebe, Quem?

A voz dela aproximou-se.

— É a única oportunidade que você jamais terá. Ficará sendo uma máquina pro resto da vida.

— Não, uma máquina não, um membro — protestou. — Um membro sadio cumprindo sua missão: ajudando a Família em vez de enganá-la.

— Não perca seu tempo, Lilás — disse Rei. — Se tivessem passado alguns dias, talvez conseguisse algum resultado, mas agora é cedo demais.

— Por que você não contou hoje de manhã? — perguntou-lhe Lilás. — Foi procurar o conselheiro. Por que não lhe contou? Isso já aconteceu.

— Eu pretendia contar.

— Então por que não o fez?

Virou as costas à voz dela.

— Ele me chamou de Li. E eu achei que era Quem. Ficou tudo... fora dos eixos.

— Mas você ê Quem — disse ela, aproximando-se ainda mais. — Alguém com um nome diferente do número que Uni lhe deu. Alguém que pensou em escolher sua própria classificação em vez de deixá-la ao encargo de Uni.

Perturbado, afastou-se. Depois virou-se e enfrentou aquelas vagas silhuetas de túnica: Lilás, pequena, diante dele a poucos metros de distância — Rei à direita, emoldurado pela claridade da porta.

— *Como é que você pode falar contra Uni?* — exclamou. — Ele nos dá tudo!

— Apenas o que lhe demos pra dar — retrucou Lilás. — O que ele nos nega é cem vezes mais!

— Foi ele quem nos deixou nascer!

— E quantos não deixará? Que nem seus filhos. Ou os meus.

— O que é que você quer dizer? Que todo mundo que quisesse ter filhos... deveria tê-los?

— Sim. E exatamente o que eu quero dizer.

Sacudindo a cabeça, ele recuou até a cama e sentou-se. Ela se aproximou dele, agachou-se e segurou-lhe os joelhos.

— Quem, por favor. Eu não devia dizer essas coisas enquanto você ainda está deste jeito, mas por favor, por favor, acredite em mim. Acredite em nós. Nós não estamos doentes, nós somos sadios. É o mundo que está doente... de química, eficiência, humildade e solicitude. Faça o que nós lhe disséramos. Fique sadio. Por favor, Quem.

O ardor dela o prendeu. Procurou enxergar-lhe o rosto.

— Por que você se interessa tanto? — perguntou ele.

As mãos segurando os joelhos eram pequenas e quentes. Sentiu um impulso de tocar nelas, cobri-las com as suas. Divisou vagamente os olhos, grandes e menos oblíquos que o normal, insólitos e belos.

— Nós somos tão poucos — respondeu ela, — e eu penso que talvez, se fossemos em maior número, poderíamos fazer alguma coisa: dar um jeito de fugir e formar um lugar para nós.

— Como os incuráveis.

— Foi assim que nos ensinaram a chamá-los. Talvez eles fossem os invencíveis, os infensos às drogas.

Olhou-a, tentando divisar melhor o rosto.

— Nós temos algumas cápsulas — continuou ela, — que atrasarão os seus reflexos e baixarão a pressão arterial, infiltrando coisas no seu sangue. Darão a impressão que os seus tratamentos estão fortes demais. Se você tomá-las amanhã de manhã, antes que chegue o conselheiro, e comportar-se no centro médico de acordo com as nossas instruções, respondendo a

certas perguntas da maneira que lhe ensinarmos... então amanhã será a segunda etapa, e você conseguirá completá-la e ficará sadio.

— E infeliz — disse ele.

— Sim — concordou, com um sorriso na voz, — infeliz também, embora não tanto quanto eu falei. Às vezes eu me deixo levar pelo entusiasmo.

— De cinco em cinco minutos, mais ou menos — ironizou Rei.

Ela retirou as mãos dos joelhos e levantou-se.

— Você topa? — perguntou.

Ele queria dizer-lhe que sim, mas também sentia vontade de dizer não.

— Deixe-me ver as cápsulas — pediu.

Rei aproximou-se.

— Você poderá vê-las depois que formos embora. Estão aqui dentro.

Entregou uma caixinha lisa a Quem.

— A vermelha é pra ser tomada agora de noite e as outras duas assim que você acordar.

— Onde foi que vocês conseguiram?

— Um do grupo trabalha no centro médico.

— Resolva — disse Lilás. — Quer escutar o que você tem que dizer e fazer?

Sacudiu a caixinha mas não obteve nenhum ruído. Fitou as duas vagas silhuetas esperando diante dele. Acenou afirmativamente.

— Está bem — disse.

Os dois sentaram e falaram-lhe. Lilás na cama a seu lado, Rei na cadeira da escrivaninha que tinha puxado para perto. Explicaram-lhe um truque para retesar os músculos antes do exame de metabolismo e outro para olhar para cima do objetivo durante o teste de percepção de profundidade. Explicaram-lhe o que devia dizer ao médico que o examinasse e ao conselheiro veterano que o entrevistasse. Explicaram-lhe os truques que talvez lhe aplicassem: ruídos súbitos pelas costas, ficar completamente sozinho, mas não de fato, com o formulário de relatório do médico convenientemente à mão. Lilás foi quem falou mais. Tocou-o duas vezes, a primeira vez com a perna, a segunda com o braço. E num determinado momento, quando estava com a mão bem perto dele, ele roçou a sua. Mas a dela se afastou com um movimento que talvez até se antecipasse ao contato.

— Isso é tremendamente importante — advertiu Rei.

— Desculpe, o que é mesmo?

— Não o ignore por completo — disse Rei. — O formulário do relatório.

— Repare nele — disse Lilás. — Olhe-o de relance e depois aja como se realmente não valesse a pena pegá-lo pra ler. Como se você, de qualquer maneira, não lhe atribuísse muita importância.

Já era tarde quando terminaram: o último carrilhão tinha tocado meia hora antes.

— E melhor sairmos separados — sugeriu Rei. — Você vai na frente. Espere ao lado do prédio.

Lilás levantou-se e Quem fez o mesmo.

As mãos de ambos se encontraram.

— Eu sei que você há de conseguir, Quem.

— Vou tentar. Obrigado por ter vindo.

— Não tem de quê.

Ela dirigiu-se à porta. Ele pensou que a veria à luz do corredor quando saísse, mas Rei também se levantou, interpondo-se na claridade e a porta fechou-se.

Ficaram em pé calados por um instante, ele e Rei, frente a frente.

— Não se esqueça — disse Rei. — A cápsula vermelha agora e as outras duas quando você levantar.

— O.K. — respondeu, apalpando a caixinha no bolso.

— Você não terá nenhum problema.

— Sei lá. Preciso lembrar-me de tanta coisa.

Ficaram calados novamente.

— Muito obrigado, Rei — agradeceu, estendendo-lhe a mão no escuro.

— Você é um homem de sorte — disse Rei. — Floco de Neve é uma mulher muito apaixonada. Você e ela vão se divertir à beça.

Quem não compreendeu por que ele havia dito isso.

— Tomara — replicou. — Parece mentira que seja possível ter mais de um orgasmo por semana.

— O que precisamos agora é encontrar um homem pra Pardal. Aí então todos terão seu par. Assim fica melhor. Quatro casais. Nenhum atrito.

Quem baixou a mão. De repente achou que Rei estava-lhe avisando para não se meter com Lilás, definindo a situação mandando-lhe obedecer à definição. Teria Rei visto, de algum modo, ele tocar na mão de Lilás?

— Já vou indo — disse Rei. — Vire de costas, por favor.

Quem virou-se e ouviu Rei afastando-se. O quarto clareou ligeiramente quando a porta se abriu, uma sombra deslizou para o corredor e desapareceu assim que a porta se fechou.

Quem girou nos calcanhares. Que coisa estranha pensar que alguém gostava tanto de um determinado membro que nem queria que outro a tocasse! Será que ele também ficaria assim se seus tratamentos fossem reduzidos? Parecia — como tantas outras coisas — difícil de acreditar.

Dirigiu-se ao interruptor e apalpou o que havia por cima: um pedaço de esparadrapo, com algo quadrado e liso por baixo. Puxou a fita, retirou-a e acendeu a luz. Fechou os olhos à claridade do teto.

Quando pôde enxergar, examinou o esparadrapo: era da cor da pele e estava colado a um quadrado de papelão azul. Jogou-o na lixeira e tirou a caixinha do bolso. Era de plástico branco com tampa de dobradiça. Abriu-a. Continha uma cápsula vermelha, outra branca e uma terceira cuja metade era branca e metade amarela, colocadas sobre um forro de algodão.

Levou a caixinha ao banheiro e acendeu a luz. Pondo a caixinha aberta na beira da pia, abriu a torneira, tirou um copo pela fenda do tubo e encheu-o de água. Em seguida fechou a torneira.

Parou para pensar, mas antes que pudesse se arrepender pegou a cápsula vermelha, colocou-a na polpa da língua e tomou água em cima.

Em vez de um, dois médicos o examinaram. Levaram-no de avental azul claro de uma sala de exame a outra, confabulando com vários médicos, confabulando entre si, verificando e fazendo anotações em um formulário de relatório, preso a uma prancha, que a cada instante trocava de mãos. Um era uma quarentona, o outro devia andar pelos trinta. A mulher, de vez em quando, caminhava com o braço em torno dos ombros de Quem, sorrindo e chamando-o de “irmãozinho”. O homem fitava-o impassível, com olhos menores e mais juntos que o normal. Tinha uma cicatriz recente na face, que ia da têmpora ao canto da boca, e equimoses escuras no rosto e na testa. Nunca desviara o olhar de cima de Quem, a não ser para examinar o formulário. Mesmo quando confabulava com outros médicos ficava de olho

nele. Quando os três precisavam passar à saia de exame seguinte, geralmente mantinha-se atrás de Quem e da sorridente doutora. Quem sempre esperava que ele fizesse algum ruído súbito, mas ele não fazia.

A entrevista com o conselheiro veterano, uma moça, transcorreu bem, segundo Quem, mas também foi só. Teve medo de retesar os músculos antes do exame de metabolismo porque o médico estava observando e esqueceu de olhar para cima do objetivo no teste de percepção de profundidade, lembrando-se unicamente quando já era tarde demais.

— É uma pena que você esteja perdendo um dia de trabalho — comentou o vigilante médico.

— Depois eu compenso — disse.

Então percebeu que cometera um erro. Devia ter dito: Mas vale a pena, ou *Terei de ficar aqui o dia inteiro*? ou, simplesmente, o *Sim* apático de quem recebe excesso de tratamento.

Ao meio-dia, em vez do bolo integral, deram-lhe um copo com um líquido branco e amargo para beber. Depois fez novos testes e exames. A doutora ausentou-se durante meia hora mas o homem não.

Por volta das três da tarde, estavam aparentemente prontos e dirigiram-se a um pequeno gabinete. O homem sentou-se à escrivaninha e Quem ocupou a cadeira em frente.

— Com licença — disse a mulher, — eu já volto.

Sorriu para Quem e retirou-se.

O homem analisou o formulário durante uns dois minutos, correndo a ponta do dedo ao longo da cicatriz, para cima e para baixo. Por fim olhou o relógio da parede e largou a prancha,

— Eu vou buscá-la — disse, levantando-se e saindo, e deixou a porta entreaberta,

Quem não se mexeu. Fungou e olhou para a prancha. Curvou-se, torceu a cabeça, leu no formulário as palavras *fator de absorção de colinestérase: sem aumento*, e recostou-se de novo no assento. Teria demorado muito para olhar? — não tinha certeza. Esfregou o polegar e examinou-o; depois contemplou os quadros da sala: *Marx Escrevendo e Wood Apresentando o Tratado de Unificação.*

Os dois voltaram. A doutora sentou-se à escrivaninha e o homem ocupou a cadeira contígua. Ela fitou Quem. Não estava sorridente. Parecia inquieta.

— Irmãozinho — disse, — estou preocupada com você. Acho que você andou tentando enganar-nos.

Quem olhou para ela.

— Enganar? — perguntou.

— Há membros doentes nesta cidade — continuou ela, — você sabia disso?

Ele sacudiu a cabeça.

— Há sim. Doentes a mais não poder. Vendam os olhos dos membros, levando-os para um lugar qualquer e aconselhando- os a diminuir o rendimento do serviço, a cometer enganos e fingir que perderam interesse por sexo. Procuram tornar os outros membros tão doentes quanto eles. Você não conhece nenhum membro assim?

— Não.

— Ana — disse o homem. — Eu observei o rapaz. Não há motivo pra pensar que haja qualquer coisa errada, além do que os testes revelaram.

Virou-se para Quem:

— Facílimo de curar. Não precisa inquietar-se.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Não — disse ela. — Não, não me parece. Por favor, irmãozinho, você quer que nós o ajudemos, não quer?

— Ninguém me mandou cometer enganos — protestou Quem. — Por quê? A troco de quê?

O homem bateu no formulário de relatório.

— Veja o sumário enzimológico — disse à mulher.

— Já vi, já vi.

— Ele teve um péssimo OT ali, ali, ali e ali. Vamos entregar os dados a Uni e deixá-lo em forma de novo.

— Eu quero que Jesus HL fale com ele.

— Por quê?

— Porque estou *preocupada*.

— Não conheço nenhum membro doente — repetiu Quem. — Se eu conhecesse, avisaria meu conselheiro.

— Sim — retrucou a mulher, — e por que você queria falar com ele ontem de manhã?

— Ontem? Achei que era o meu dia. Confundi a data.

— Vamos, por favor — disse a mulher, levantando-se com a prancha na mão.

Saíram do gabinete e atravessaram o corredor. A mulher passou o braço pelos ombros de Quem, sem sorrir. O homem se manteve atrás.

Chegaram ao fim do corredor, onde uma porta marcada *600A* tinha uma placa marrom e os seguintes dizeres em branco: *Chefe, Divisão de Quimioterapia*. Entraram numa sala de espera onde um membro ocupava uma escrivaninha. A doutora disse a ela que eles queriam consultar Jesus

HL sobre um problema de diagnóstico. O membro levantou-se e saiu por outra porta.

— Uma completa perda de tempo — disse o médico.

— É o que eu espero, pode crer — retrucou a mulher.

Havia duas poltronas na sala, uma mesa baixa e vazia e *Wei Discursando aos Quimioterapeutas.* Quem resolveu que, mesmo que o obrigassem a confessar, não mencionaria a pele clara de Floco de Neve, nem os olhos menos-oblíquos-que-o-normal de Lilás.

O membro voltou e segurou a porta aberta.

Passaram a um amplo gabinete. Um membro grisalho e magro que devia andar pelos cinquenta — Jesus HL — estava sentado a uma grande escrivaninha desarrumada. Acenou com a cabeça para os dois médicos que se aproximavam e olhou distraidamente para Quem. Indicou-lhe com a mão uma cadeira diante da escrivaninha. Quem sentou-se nela.

A doutora entregou a prancha a Jesus HL.

— Isso não me cheira bem — disse ela. — Acho que ele está simulando.

— O que não condiz com a prova enzimológica — frisou o outro doutor.

Jesus HL recostou-se na cadeira e estudou o formulário. Os dois médicos, parados junto da escrivaninha, acompanhavam-lhe as reações. Quem tentou aparentar curiosidade, mas sem nervosismo. Olhou um instante para Jesus HL e depois concentrou-se na escrivaninha, coberta por pilhas de papéis de toda a espécie, espalhados ou amontados em cima de um modelo antigo de telecomputador, cujo estojo estava bem arranhado. Ao lado de um recipiente de bebida, cheio de canetas e réguas, uma fotografia emoldurada de Jesus HL mostrava-o mais jovem, sorridente, defronte à cúpula de Uni. Havia dois pesa-papéis de lembrança, um quadrado, insólito, de CHI61332 e o outro redondo de ARG20400, ambos desocupados.

Jesus HL virou a prancha no sentido longitudinal, despregou o formulário e leu o que havia escrito no verso.

— O que eu gostaria de fazer, Jesus — disse a médica, — seria manter o rapaz aqui hoje à noite pra amanhã de manhã repassar parte dos testes.

— Pura perda... — começou o homem.

— Ou melhor ainda — atalhou a mulher, mais alto, — interrogá-lo agora sob efeito de TP.

— Pura perda de tempo e provisões — insistiu o homem.

— O que é que nós somos? — retrucou-lhe a mulher com brusquidão. — Médicos ou analisadores de eficiência?

Jesus HL largou a prancha e fitou Quem. Levantou-se da cadeira e contornou a escrivaninha, os outros dois recuando rapidamente para deixar-lhe passagem. Ele veio e parou bem defronte à poltrona de Quem. Alto e magro, a túnica com a cruz vermelha toda suja de manchas amarelas.

Retirou as mãos de Quem dos braços da poltrona, virou-as para cima e examinou as palmas, brilhantes de suor.

Soltou uma e reteve a outra, segurando o pulso com os dedos. Quem forçou-se a erguer os olhos, sem demonstrar nervosismo. Jesus HL encarou-o com uma expressão interrogativa durante algum tempo, depois desconfiou — não, *viu* — e sorriu com desdém ante a descoberta. Quem sentiu-se oco, arrasado.

Jesus HL agarrou-lhe o queixo e inclinou-se para ele.

— Abra bem os olhos — disse.

Era a voz de Rei. Quem arregalou os olhos.

— Isso mesmo — disse ele. — Olhe pra mim como se eu tivesse dito uma coisa chocante.

Não havia dúvida: era a *voz de Rei*. Quem ficou boquiaberto.

— Não fale, por favor — disse Rei, Jesus HL, espremendo- lhe dolorosamente o queixo. Encarou-o nos olhos, virou-lhe a cabeça primeiro para um lado, depois para outro, por fim soltou-a e recuou. Contornou a escrivaninha e tornou a sentar-se. Pegou a prancha, deu uma olhada e devolveu-a à doutora com um sorriso. — Você está enganada, Ana. Não canse mais a cabeça. Já vi muitos membros que estavam dissimulando. Não é o caso deste. Felicito-a pelo zelo, entretanto.

E para o homem:

Ela tem razão, sabe, Jesus? Nós não devemos ser analisadores de eficiência. A Família pode arcar com um pouco de desperdício quando se trata da saúde de um membro. Afinal de contas, o que é a Família senão a soma de seus membros?

— Obrigada, Jesus — disse a mulher, sorrindo. — Ainda bem que me enganei.

— Entreguem esses dados a Uni — disse Rei, virando-se e olhando para Quem, — pra que o nosso irmão aqui possa ser tratado como deve de hoje em diante.

— Sim, em seguida.

A mulher fez sinal para Quem. Ele se levantou da poltrona.

Saíram do gabinete. Na soleira da porta Quem se virou.

— Obrigado — disse.

Detrás da desordem da escrivaninha, Rei olhou para ele — um mero olhar, sem sorriso, sem nenhum lampejo de amizade.

— Agradeça a Uni — corrigiu.

Menos de um minuto depois de voltar ao quarto, Beto telefonou.

— Acabo de receber um relatório do Centro Médico Matriz — disse. — Os seus tratamentos têm sido ligeiramente deficientes mas de agora em diante vão ser exatamente como devem.

— Ótimo — respondeu Quem.

— Essa confusão e cansaço que você andou sentindo desaparecerão gradativamente durante a próxima semana, mais ou menos, e depois você voltará a ser como antes.

— Tomara.

— É, sim. Ouça, não quer que eu dê um jeito de incluí-lo amanhã, Li? Ou quem sabe a gente deixa pra terça-feira que vem?

— Terça-feira que vem fica bom.

— Ótimo — Beto sorriu. — Sabe de uma coisa? Você já está com bom aspecto.

— É que me estou sentindo um pouco melhor.

3

Cada dia ele se sentia um pouco melhor, um pouco mais acordado e alerta, um pouco mais seguro de que doença era o que ele tinha tido e saúde aquilo para o qual se encaminhava. Na sexta-feira — três dias depois do exame — sentiu-se da maneira que geralmente se sentia na véspera de um tratamento, Mas fazia apenas uma semana que fizera o último: faltavam mais de três semanas, extensas e inexploradas, para o próximo. A diminuição de rendimento no serviço surtira efeito: Beto fora ludibriado e o tratamento reduzido. E o próximo, a julgar pelo exame, seria reduzido ainda mais. Que maravilhas de sensação não estaria experimentando dentro de cinco, de seis semanas?

Naquela sexta-feira à noite, poucos minutos antes do último carrilhão, Floco de Neve entrou no quarto.

— Não repare — disse ela, despindo a túnica. — Vim só deixar um bilhete na sua escova.

Enfiou-se na cama com ele e ajudou-o a tirar o pijama. Em suas mãos e lábios, o corpo dela era mais macio, maleável e excitante que o de Paz SK ou qualquer outra. E mesmo o seu, enquanto ela o apalpava, beijava e lambia, respondia mais vibrante do que nunca, com mais tensa sofreguidão. Introduziu-se nela com facilidade — profunda, comodamente — e se dependesse dele, ambos teriam atingido logo o orgasmo, mas ela o fez retardar, parar, retirar e introduzir novamente, colocando-se numa posição estranha, porém eficaz, e depois mudando para outra. Durante vinte minutos, ou mais, empenharam-se em inventar coisas, fazendo o menor ruído possível por causa dos vizinhos de parede e do andar embaixo.

Quando acabaram e se separaram, ela perguntou:

— Então?

— Bem, foi uma maravilha, claro — respondeu, — mas francamente, pelo que você tinha dito, eu esperava até mais.

— Paciência, irmão. Você ainda é um inválido. Dia virá em que você há de se lembrar desta noite como o nosso primeiro aperto de mãos.

Ele riu.

— Psst.

Abraçou-a e beijou-a.

— O que é que ele diz? — perguntou. — O bilhete na minha escova.

— Domingo de noite às onze, no mesmo lugar da última vez.

— Mas sem venda nos olhos.

— Sem venda nos olhos — prometeu.

Veria todos eles: Lilás, os outros.

— Já andava imaginando quando seria a próxima reunião — disse.

— Soube que você passou zunindo que nem foguete pela segunda etapa.

— Tropeçando, você quer dizer. Eu não teria conseguido passar de maneira alguma se não fosse...

Saberia ela a verdadeira identidade de Rei? Conviria falar naquilo?

— Se não fosse o quê?

— Se não fosse Rei e Lilás. Eles vieram aqui na véspera e me prepararam.

— Mas natural — retrucou. — *Nem um* de nós teria passado se não fossem as cápsulas e tudo mais.

— Gostaria de saber onde as conseguem.

— Tenho a impressão de que um deles trabalha em centro médico.

— Hum, assim se explica.

Ela não sabia. Ou sabia, mas não sabia que ele sabia. De repente se aborreceu com a necessidade de cautela que surgira entre ambos.

Ela sentou na cama.

— Escute — disse, — me dói dizer isto, mas não se esqueça de continuar como sempre com a sua namorada. Amanhã de noite, digo.

— Ela já tem outro. A minha namorada é você.

— Não sou, não. Em todo caso, não nas noites de sábado. Os nossos conselheiros desconfiariam se andássemos com alguém de um prédio diferente. Eu tenho um Beto normal e bonzinho lá no meu corredor e você trate de encontrar uma Yin ou Maria normal e boazinha também. Mas se você der mais do que uma bem rápida com ela, eu lhe torço o pescoço.

— Amanha de noite eu não vou nem conseguir dar uma.

— Isso não tem importância. Praticamente você ainda está convalescendo — olhou-o, bem séria. — Fora de brincadeira, você tem de se lembrar pra não se apaixonar demais, a não ser por mim. E manter sempre um sorriso de contentamento, do primeiro ao último carrilhão. E dar duro no serviço, mas sem exageros. E tão difícil permanecer sob um mínimo de tratamento como ficar daquele jeito.

Tornou a deitar-se de costas a seu lado e o fez abraçá-la.

— Que ódio. O que eu não daria pra fumar um cigarro agora!

— É de fato tão bom assim?

— Hum-hum. Especialmente em ocasiões como esta.

— Vou ter que experimentar.

Ficaram conversando e acariciando-se durante certo tempo e depois Floco de Neve tentou excitá-lo outra vez — “Quem não arrisca, não petisca”, — disse — mas tudo o que fazia não adiantou nada. Foi-se embora mais ou menos à meia-noite.

— Domingo as onze — despediu-se à porta. — Parabéns.

Sábado à noite, no salão, Quem conheceu um membro chamado Maria KK, cujo namorado tinha sido transferido para Can no começo da semana. A parte da data do nascimento do seu número era 38, o que indicava que ela estava com vinte e quatro anos de idade.

Foram participar de um concerto orfeônico, preparatório do Natal de Marx, no Parque da Igualdade. Enquanto esperavam sentados que o anfiteatro lotasse, Quem examinou Maria minuciosamente. O queixo era pontudo, mas quanto ao resto tudo normal: pele morena, olhos castanhos amendoados, cabelos preto curto, túnica amarela sobre a magra e frágil constituição. Uma das unhas do pé, semi-encoberta pela alça da sandália, estava manchada de roxo azulado. Mantinha-se sorridente, olhando para o lado oposto do anfiteatro.

— De onde você é? — perguntou ele.

— De Rus — respondeu.

— Qual é a tua classificação?

— 140 B.

— O que vem a ser isso?

— Especialista em oftalmologia.

— O que é que você faz?

Ela se virou para ele.

— Eu coloco lentes. Na seção infantil.

— E você gosta?

— Lógico — fitou-o, hesitante. — Por que você me está fazendo tantas perguntas? E por que está olhando pra mim desse jeito... como se nunca tivesse visto um membro antes?

— Porque nunca vi você antes. Quero conhecê-la.

— Sou igual a todo mundo. Não tenho nada de extraordinário.

— Q seu queixo é um pouco mais pontudo que o normal.

Ela recuou, magoada e confusa.

— Não falei isso pra ofendê-la — disse ele. — Quis apenas ressaltar que você tem algo de extraordinário, mesmo que não seja uma coisa importante.

Ela lhe lançou um olhar penetrante, depois virou-se, outra vez, para o lado oposto. Sacudiu a cabeça.

— Eu não o entendo — disse.

— Desculpe-me. Eu andei doente até terça-feira passada. Mas o meu conselheiro me levou ao Centro Médico Matriz e lá eles me curaram por completo. Agora estou melhorando. Não se preocupe.

— Puxa, ainda bem. — Fez uma pausa, depois voltou-se e sorriu-lhe, toda alegre. — Está desculpado.

— Obrigado — replicou, de repente com pena dela.

Ela virou a cabeça novamente.

— Tomara que a gente cante *A Libertação das Massas* — disse.

— Nós vamos cantar, sim.

— Eu adoro aquilo — disse e, sorridente, começou a cantarolar o hino.

Ele não tirava os olhos de cima dela, esforçando-se para fazer isso de um jeito aparentemente normal. O que, ela tinha dito era verdade: ela não era diferente de nenhum outro membro. O que significava um queixo pontudo ou uma unha de pé manchada? Era exatamente igual a qualquer Maria, Ana, Paz e Yin que já havia sido sua namorada: humilde e boa, prestativa e trabalhadora. E no entanto causava-lhe pena. Por quê? E teriam todas as outras despertado nele o mesmo sentimento, se as tivesse analisado tão minuciosamente como estava fazendo com ela, se tivesse escutado com tanta atenção o que elas diziam?

Olhou os membros do seu lado, que ocupavam as filas embaixo e em cima. Todos se pareciam com Maria KK, sorridentes e prontos a cantar as canções prediletas do Natal de Marx, e todos confrangedores: todo mundo que estava no anfiteatro, as centenas, os milhares, as dezenas de milhares. Seus rostos enchiam a monumental concha acústica como contas de bronze enfiadas em incomensuráveis elipses justapostas.

Os holofotes iluminaram a cruz dourada e a foice vermelha no centro da concha acústica. Soaram as quatro notas familiares dos clarins e todos cantaram:

Uma forte Família,

Raça única, pura perfeição,

Imune a todo egoísmo,

Agressividade e ambição;

Cada membro dando o que tem para dar,

Em troca do que necessita para se sustentar!

Ele, porém, achou que a Família não era forte, mas fraca, confrangedora e deplorável, entorpecida por produtos químicos e desumanizada por pulseiras. Uni é que era forte.

Uma forte Família,

Raça única, pura nobreza,

Cujos filhos, sem medo,

Riscam dos ares a incerteza...

Cantou os versos mecanicamente, achando que Lilás tinha razão: os tratamentos atenuados provocavam uma infelicidade inédita.

No domingo de noite, às onze, encontrou-se com Floco de Neve entre os edifícios da parte inferior da Praça Cristo. Abraçaram-se e beijou-a com gratidão, contente com a sexualidade, humor, pele clara e gosto amargo de fumo que trazia — tudo coisas que só ela e mais ninguém possuía.

— Por Cristo e Wei — exclamou, — que prazer ver você.

Ela abraçou-o mais forte ainda e sorriu de alegria.

— Esse negócio de conviver com normais dá pra encher, não dá? perguntou.

— E como. Hoje de manhã, no futebol, em vez de chutar a bola, me deu vontade de chutar o time.

Ela riu.

Ele andava deprimido desde o canto orfeônico. Agora sentia-se aliviado, feliz, cheio de coragem.

— Arrumei uma namorada — anunciou, — e adivinha só: fodi com ela sem o menor problema.

— Que ódio.

— Não foi tão demorado nem tão satisfatório como conosco, mas não houve o mínimo problema. Não tive de esperar uma eternidade.

— Poupe-me os detalhes.

Ele sorriu, apalpando-lhe as ancas e detendo-se nos quadris.

— Creio que logo mais sou capaz de repetir a dose — disse, atiçando-a com os polegares.

— Teu ego está crescendo a olhos vistos.

— Não é só o meu ego.

— Vem, irmão — disse ela, livrando-se de suas mãos e segurando uma, — é melhor irmos andando antes que você se ponha a cantar.

Dirigiram-se à praça, atravessando-a em sentido diagonal. Bandeiras e grinaldas murchas do Natal de Marx pendiam das árvores, quase imperceptíveis à claridade das ruas distantes.

— Aonde é que nós vamos mesmo? — perguntou, caminhando feliz. — Onde fica o lugar secreto de reunião dos mórbidos corruptores de jovens membros sadios?

— No Pré-U.

— No *Museu*?

— Exatamente. Cite melhor recanto pra um grupo de anormais que enganam Uni? Não há. Tinha que ser lá mesmo. Calma — disse, puxando-o pela mão, — não ande tão depressa.

Um membro, procedente da rua para onde se encaminhavam, vinha entrando na praça. Trazia na mão uma maleta ou telecomputador.

Quem seguiu com passo mais normal ao lado de Floco de Neve. O membro, aproximando-se — era um telecomputador que ele tinha — sorriu e acenou com a cabeça. Os dois também sorriram e acenaram ao cruzar por ele.

Desceram os degraus e saíram da praça.

— Ademais — continuou Floco de Neve, — aquilo lá fica deserto das oito da noite às oito da manhã e é uma fonte inacabável de cachimbos, roupas engraçadas e camas fora do comum.

— Vocês tiram alguma coisa?

— Nós deixamos as camas. Mas de vez em quanto a gente faz uso delas. Foi só por sua causa que encenamos aquela reunião solene na sala de conferências da diretoria.

— Que mais vocês fazem?

— Ah, a gente senta pelos cantos e se queixa um pouco. Nesse setor, Lilás e Leopardo sempre levam vantagem. Eu me contento com sexo e fumo. Rei faz paródia de alguns programas de televisão. Espere só pra ver como é engraçado.

— O uso que vocês fazem das camas — perguntou Quem, é feito em base de grupo?

— Só a dois, meu bem. Não somos tão Pré-U quanto você pensa.

— Com quem você já as usou?

— Com Pardal, ora. A necessidade é a mãe dos etcéteras. Coitada, agora fico com pena dela.

— Está-se vendo.

— Fico, sim! Bom, paciência. Tem um pênis artificial nos Artefatos do Século Dezenove. Ela não vai morrer só por causa disso.

— Rei acha que devíamos arrumar um homem pra ela.

— Devíamos mesmo. Seria uma situação bem preferível, ter quatro casais.

— Foi o que Rei disse.

Enquanto percorriam o andar térreo do museu — iluminando o caminho escuro, repleto de estranhas silhuetas, com a lanterna fornecida por Floco de Neve — foram surpreendidos por outra luz lateral.

— Ei, pessoal! — chamou uma voz bem perto.

Levaram um susto.

— Desculpem. Sou eu, Leopardo.

Floco de Neve virou a lanterna para o carro do século vinte e a luz que vinha do seu interior se apagou. Aproximaram-se do lustroso veículo de metal. Leopardo, sentado ao volante, era membro idoso de cara redonda com chapéu de plumas cor de laranja. Tinha uma porção de manchas escuras no nariz e no rosto. Estendeu a mão, também manchada, pela janela do carro.

— Parabéns, Quem — disse. — Que bom que você passou no teste.

Quem apertou-lhe a mão e agradeceu.

— Vai dar um passeio? — perguntou Floco de Neve.

— Já dei — respondeu ele. — Fui até o Japão e voltei. Volvo não tem mais combustível. E pensando bem, está todo molhado.

Sorriram para ele e entre si.

— Fantástico, não é? — comentou ele, girando o volante e mexendo uma alavanca que saía do eixo. — O motorista exercia completo controle, do princípio ao fim, usando as duas mãos e os dois pés.

— Devia dar solavanco que não era brinquedo — opinou Quem.

— Sem falar no perigo. — acrescentou Floco de Neve.

— Mas também devia ser divertido, prever as estradas pra seguir até o destino, calcular os movimentos em relação aos outros carros...

— Errar o cálculo e morrer. — completou Floco de Neve.

— Acho que isso realmente não acontecia com tanta frequência como dizem — retrucou Leopardo. — Do contrário eles teriam feito a parte fronteira dos carros bem mais resistente.

— Mas assim eles ficariam muito pesados e teriam de andar ainda mais devagar — lembrou Quem.

— Onde está Cochicho? — perguntou Floco de Neve.

— Lá em cima, com Pardal — respondeu Leopardo.

Abriu a porta do carro e saiu de lanterna em punho.

— Elas estão arrumando as coisas. Botaram outros troços na sala.

Levantou o vidro da janela até a metade e fechou bem a porta. Um grosso cinto marrom, enfeitado com tachões de metal, apertava-lhe a túnica.

— E Rei e Lilás? — indagou Floco de Neve.

— Andam nalgum canto, por aí.

Fazendo uso das camas, pensou Quem — enquanto os três percorriam o museu.

Tinha pensado bastante em Rei e Lilás depois de ter conhecido Rei e ver como era velho — com cinquenta e dois, ou três, quem sabe até mais. Tinha pensado na diferença de idade entre ambos — trinta anos, com toda a certeza, no mínimo — e no modo como Rei lhe dissera para não se meter com Lilás. E nos olhos menos-oblíquos-que-o-normal de Lilás e em suas

mãos, que haviam pousado, pequenas e quentes, sobre os joelhos dele quando ela se agachara a seus pés, incitando-o à vida e percepção mais amplas.

Subiram os degraus da imóvel escada rolante central e percorreram o segundo andar do museu. As duas lanternas, de Floco de Neve e Leopardo, bailavam sobre armas de fogo e punhais, lâmpadas e fios elétricos, pugilistas sangrando, reis e rainhas cobertos de jóias e roupas guarnecidas de pele, e os três mendigos, imundos e aleijados, exibindo suas deformidades e pedindo esmola. Por trás do trio de mendigos, o tabique fora corrido para o lado, abrindo uma passagem estreita que se estendia até o fundo do prédio, os primeiros metros iluminados pela luz de uma porta na parede à esquerda. Uma voz feminina falava baixinho. Leopardo tomou a dianteira e entrou pela porta, enquanto Floco de Neve, parada junto dos mendigos, tirava pedaços de esparadrapo de um estojo de emergência.

— Floco de Neve está aí com Quem — anunciou Leopardo no interior da sala.

Quem cobriu a placa da pulseira com um pedaço de esparadrapo e alisou-a com firmeza.

Dirigiram-se à porta e entraram num recinto abafado, cheirando a fumo, onde havia uma velha e uma moça, sentadas lado a lado em poltronas Pré-U, com duas facas e um monte de folhas marrons em cima da mesa à sua frente: Cochicho e Pardal. Apertaram a mão de Quem e o felicitaram. Cochicho tinha olhos enrugados e era sorridente. Pardal, toda angulosa e encabulada, estava com a mão quente e úmida. Leopardo colocou-se ao lado de Cochicho, segurando uma espiral térmica no fornilho de um cachimbo preto retorcido e soprando fumaça em torno do cabo.

A sala, bastante ampla, servia de depósito, atulhado até o teto de relíquias Pré-U, recentes e primitivas: máquinas, móveis, quadros e trouxas de roupas; espadas e petrechos de madeira; uma estátua de um membro com asas, um “anjo”; meia dúzia de caixotes, abertos, fechados, marcados IND26110 a estêncil, com rótulos quadrados amarelos colados nos cantos. Olhando ao redor, Quem comentou:

— Aqui tem o suficiente pra fundar outro museu.

— E é tudo autêntico — disse Leopardo. — Certas peças do mostruário não são, você sabia?

— Não.

Uma variedade de poltronas e bancos espalhava-se pela parte dianteira da sala. Quadros encostavam-se às paredes e viam- se caixas de papelão contendo relíquias menores e pilhas de livros estragados. O quadro de uma imensa represa chamou a atenção de Quem. Afastou uma poltrona para admirá-lo melhor. A represa, quase uma montanha, flutuava acima da terra sob um céu azul, pintada com minúcias e chocante para os sentidos.

— Que quadro esquisito — comentou.

— Os de Cristo — disse Cochicho, — o mostram com uma luz em torno da cabeça e ele não parece nada humano.

— Eu já vi — disse Quem, admirando a represa, — mas nunca tinha visto nada semelhante a isso. É fascinante: real e irreal ao mesmo tempo.

— Você não pode levá-lo — preveniu Floco de Neve. — Não podemos levar nada que possam dar falta.

— De qualquer maneira eu não tenho lugar pra botar — disse Quem.

— Que tal você está achando o tratamento atenuado? — perguntou Pardal.

Quem virou-se para ela. Pardal desviou os olhos, concentrando-se nas próprias mãos, que seguravam um rolo de folhas e uma faca. Cochicho estava fazendo o mesmo, tosquiando rapidamente um rolo de folhas, cortando-o em tiras finas que se empilhavam diante da faca. Floco de Neve ficara sentada, de cachimbo na boca. Leopardo segurava a espiral térmica no fornilho.

— Formidável — respondeu Quem. — Literalmente. Repleto de surpresas. E cada dia novas. Sinto-me grato a todos vocês.

— Fizemos apenas o que nos mandam fazer — disse Leopardo, sorrindo — Ajudamos um irmão.

— Não propriamente da maneira aprovada — frisou Quem.

Floco de Neve ofereceu-lhe a cachimbo.

Ele aproximou-se e aceitou. O fornilho estava quente e o fumo era cinzento, fumegante. Hesitou um momento, sorriu para os outros que o observavam, e pôs o cabo entre os lábios. Chupou- o um pouco e soprou a fumaça. Tinha um gosto forte, mas surpreendentemente agradável.

— Nada mau — comentou.

Fez tudo de novo, com mais segurança. Parte da fumaça entrou-lhe pela garganta e ele tossiu.

Leopardo, dirigindo-se sorridente à porta, avisou:

— Vou buscar um pra você.

E saiu.

Quem devolveu o cachimbo a Floco de Neve e sentou-se, pigarreando, num banco escuro de madeira gasta. Contemplou Cochicho e Pardal a cortar o fumo. Cochicho sorriu.

— Onde vocês conseguem as sementes? — perguntou-lhe.

— Nas próprias plantas.

— E de onde vieram as primeiras?

— Rei tinha.

— O que é que eu tinha? — perguntou Rei, entrando, alto, magro, de olhos brilhantes, um medalhão de ouro pendurado a uma corrente sobre o peito da túnica. Lilás surgiu logo atrás, de mãos dadas com ele. Quem levantou-se. Ela olhou para ele, extraordinária, morena, bonita, moça.

— As sementes de fumo — explicou Cochicho.

Rei estendeu a mão para Quem, sorrindo cordialmente.

— Que bom ver você por aqui — disse.

Quem apertou-lhe a mão: era firme e calorosa.

— É realmente um prazer ver uma cara nova no grupo — continuou Rei. — Especialmente uma masculina, pra me ajudar a manter essas mulheres Pré-U em seus devidos lugares!

— Hã — fez Floco de Neve.

— Gostei muito do ambiente — respondeu Quem, encantado com a cordialidade de Rei. Sua frieza, quando saíra de seu gabinete, decerto tinha sido puro fingimento, sem dúvida por causa dos médicos presentes. — Obrigado — continuou, — por tudo. A vocês dois.

— Estou contentíssima, Quem — disse Lilás, sempre de mãos dadas com Rei.

Era mais morena que o normal, de um mate adorável, levemente rosado. Tinha olhos grandes e quase horizontais, lábios nacarados que pareciam macios. Virou-se e disse:

— Olá, Floco de Neve.

Largou a mão de Rei, aproximou-se de Floco de Neve e beijou-a no rosto.

Não podia ter mais que vinte ou vinte e um anos. Os bolsos superiores da túnica continham qualquer coisa, dando-lhe o aspecto das mulheres de seios que Karl desenhara. Tinha uma aparência estranha, misteriosamente sedutora.

— Já está começando a se sentir diferente, Quem? — perguntou Rei.

Achava-se junto à mesa, debruçado, colocando fumo no fornilho de um cachimbo.

— Sim, muitíssimo — respondeu. — Exatamente como você disse que ia ser.

Leopardo aproximou-se.

— Pronto, Quem.

Entregou-lhe um cachimbo amarelo de fornilho grosso, com cabo de âmbar. Quem agradeceu e apalpou-o: tinha peso agradável e acomodava-se bem aos lábios. Levou-o à mesa, e Rei, balanceando o medalhão de ouro, mostrou-lhe a maneira certa de enchê-lo.

Leopardo conduziu-o através do departamento da diretoria do museu, mostrando-lhe outros quartos de depósitos, a sala de conferências, diversos escritórios e oficinas.

É aconselhável — explicou, — que alguém tenha uma ideia aproximada de onde os outros andam durante estas nossas reuniões, pra depois passar uma vistoria e certificar-se de que nada ficou conspicuamente fora do lugar. As mulheres podiam ser bem mais cuidadosas do que são. Em geral, quem faz isso sou eu, mas depois que eu for embora você talvez me substitua. Os normais não são tão maus observadores quanto gostaríamos que fossem.

— Você espera ser transferido?

— Oh, não. Eu morrerei dentro de pouco tempo. Já completei sessenta e dois anos há quase três meses. Cochicho está na mesma situação.

— Sinto muito — disse Quem.

— Nós também — retrucou Leopardo, — mas ninguém vive eternamente. As cinzas do fumo constituem um risco, lógico, mas todo mundo sabe tomar cuidado. Não precisa preocupar-se com o cheiro: o ar condicionado começa a funcionar às sete e quarenta e elimina logo tudo.

Uma manhã eu fiquei e tirei a prova. Pardal se encarregará da plantação do fumo. Nós secamos as folhas aqui mesmo, atrás do reservatório de água quente. Vou mostrar-lhe.

Quando voltaram à sala de depósito, encontraram Rei e Floco de Neve sentados a cavalo, frente a frente em cima de um banco, concentrados numa espécie de jogo mecânico. Cochicho dormia numa poltrona e Lilás, agachada ao pé do monte de relíquias, retirava livros, um a um, de uma caixa de papelão, examinando- os e depois empilhando-os no chão. Pardal não estava presente.

— O que é isso? — perguntou Leopardo.

— Um novo jogo que receberam — respondeu Floco, sem levantar a cabeça.

Havia alavancas que eles calcavam e soltavam, uma para cada mão, fazendo com que pazinhas batessem numa bola enferrujada para trás e para frente numa taboa de beiras metálicas. As pás, algumas quebradas, rangiam a cada pressão. A bola saltava pra cá e pra lá, indo parar numa depressão da taboa no lado de Rei,

— Cinco! — exclamou Floco. — Ganhei, irmão!

Cochicho abriu os olhos, mirou os dois, e tomou a fechá-los.

— Perder ou ganhar, dá tudo no mesmo — disse Rei, acendendo o cachimbo com um isqueiro de metal.

— Dá no mesmo uma ova — retrucou Floco. — Quem? Vem, agora é sua vez.

— Não, prefiro assistir — recusou com um sorriso.

Leopardo também não quis jogar, e Rei e Floco de Neve começaram outra partida. Num intervalo do jogo, quando Rei tinha marcado um ponto contra Floco, Quem perguntou:

— Quer mostrar-me o isqueiro?

Rei entregou-lhe. Um dos lados tinha uma ave pintada com as asas abertas. Parecia um pato. Quem já vira isqueiros em museus, mas nunca acendera um. Abriu a tampa móvel e apertou o polegar contra a roda dentada. Na segunda tentativa a pedra pegou fogo. Fechou o isqueiro, examinou-o meticulosamente e esperou a pausa seguinte para devolvê-lo a Rei.

Acompanhou o jogo por mais alguns instantes e depois afastou-se. Dirigiu-se ao monte de relíquias, olhou-o, e por fim aproximou-se de Lilás. Ela levantou a cabeça, sorriu-lhe, e colocou um livro sobre uma das várias pilhas a seu lado.

— Não perco a esperança de achar um na nossa língua — explicou, — mas são sempre escritos nas antigas.

Agachou-se e pegou o volume que ela acabara de colocar na pilha. Na lombada, em letras minúsculas, lia-se: *Bädda för död*.

— Hum — fez, sacudindo a cabeça.

Folheou as velhas páginas amareladas, só encontrando palavras e frases esquisitas: *allvarlig, lögnerska, dök ner pa brickorna*. Os dois pontinhos e os pequenos círculos pairavam sobre várias letras.

— Alguns são bastante parecidos com a nossa língua, de modo que dá pra se entender uma palavra ou duas — disse ela, — mas tem outros que... tira só uma linha deste aqui.

Mostrou-lhe um livro que *N*s invertidos e; caracteres retangulares, abertos embaixo, estavam misturados com *P*s, *E*s e *O*s ordinários.

— Ora, o que isso significa? — perguntou ela, largando o volume no chão.

— Seria interessante achar um que se pudesse ler — disse, fitando a suavidade morena-rosa do rosto dela.

— Sim, seria — concordou, — mas tenho a impressão de que eles foram separados antes de virem pra cá e por isso não se encontra nenhum.

— Você acha que foram separados?

— Devia haver uma porção no nosso idioma. Como é que podia tornar-se o nosso idioma se não fosse o mais usado?

— Sim, claro. Tem razão.

— Mas não perco a esperança de que tivesse havido um lapso na separação.

Os bolsos cheios agitavam-se com os movimentos que ela fazia e de repente Quem teve a impressão de que estavam vazios, colados a seios redondos, como os que Karl desenhara: os seios, por assim dizer, de uma mulher Pré-U. Era bem possível, considerando-se a pele escura anormal e as várias anomalias físicas de quase todo o grupo. Olhou-a de novo no rosto, para não embaraçá-la se de fato possuísse seios.

— Pensei que estivesse examinando esta caixa de papelão pela segunda vez — disse ela, — mas tenho a sensação engraçada de que é pela terceira.

— Mas *por que*, haveriam de separar os livros? — perguntou-lhe.

Ela fez uma pausa, apoiando os cotovelos aos joelhos, as mãos morenas caídas, vazias, fitando-o solenemente com aqueles olhos grandes horizontais.

— Acho que nos ensinaram coisas erradas — respondeu. — Como era a vida antes da Unificação, por exemplo. No fim da Pré-U, não no começo.

— Que coisas?

— A violência, a agressividade, a ambição, a hostilidade. Suponho que houvesse um pouco disso, mas não posso crer que fosse unicamente o que havia, que é, de fato, o que nos ensinam. E os “patrões” castigando os

“operários”, e todas as doenças, alcoolismo, fome e autodestruição. Você acredita nisso?

Ele a olhou.

— Não sei — respondeu. — Não pensei muito no assunto.

— Vou dizer-lhe o que é que *eu* não acredito. — interveio Floco de Neve, levantando-se do banco, a partida com Rei evidentemente acabada. — *Eu* não acredito que eles cortassem o prepúcio dos menininhos. No começo da Pré-U, pode ser... mas no começo, bem no começo... não no fim. É simplesmente incrível. Quero dizer, eles tinham alguma espécie de inteligência, não tinham?

— E incrível, sim — concordou Rei, batendo o cachimbo na palma da mão, — mas eu vi fotografias. Pelo menos diziam que eram fotografias.

Quem virou as costas e sentou-se no chão.

— O que é que você quer dizer? — perguntou. — as fotografias podem... não ser autênticas?

— Evidentemente — disse Lilás. — Examine bem a parte interna de algumas. Tem detalhes que foram acrescentados. E outros suprimidos.

E começou a guardar os livros na caixa.

— Nunca imaginei que fosse possível — disse Quem.

— Com as unidimensionais é — disse Rei.

— O que nós provavelmente recebemos — disse Leopardo (estava sentado numa cadeira dourada, brincando com a pluma cor de laranja do chapéu) — é uma mistura de verdade e mentira. Sabe-se lá onde começa uma e termina a outra, e qual a proporção de cada uma delas.

— Não daria pra gente estudar estes livros e aprender as línguas? — perguntou Quem. — Uma só já chegava.

— Pra quê? — estranhou Floco de Neve.

— Pra descobrir. O que é verdade e o que não é.

— Já tentei — disse Lilás.

— De fato, ela tentou — disse Rei, sorrindo para Quem. — Há pouco tempo atrás, nem quero me lembrar, passava noites inteiras perdendo tempo em decifrar estas mixórdias sem nexo. Não caia nessa, Quem, por favor.

— Por que não? — perguntou Quem. — Talvez eu tenha mais sorte.

— E suponhamos que tenha? — retrucou Rei. — Suponhamos que você decifre uma língua e leia um punhado de livros, descobrindo que nos ensinaram coisas erradas. Pode ser até que tudo seja mentira. Talvez a vida no ano 2.000 depois de Cristo fosse um interminável orgasmo, cada um escolhendo a classificação que bem entendesse, ajudando seus irmãos e completamente cheio de amor, de saúde e necessidades de vida. E daí? Você continuaria exatamente no mesmo lugar, no ano 162, depois da Unificação, com pulseira, conselheiro e tratamento mensal. Ficaria apenas mais triste. *Todos* nós ficaríamos.

Quem franziu a cara e olhou para Lilás. Ela estava enchendo a caixa de livros, virada para outro lado. Ele olhou para Rei, pensando na resposta que ia dar.

— Mesmo assim valeria a pena — afirmou. Estar contente ou triste... será que isso é o que realmente importa? Saber a verdade seria uma espécie de felicidade diferente... mais satisfatória, a meu ver, mesmo que resultasse em tristeza.

— Uma espécie de felicidade triste? — retrucou Rei, sorrindo. — Não vejo nada disso.

Leopardo parecia pensativo.

Floco de Neve pediu, com um gesto, para Quem se levantar.

— Vem — convidou, — tem uma coisa que eu lhe quero mostrar.

Ele se pôs em pé.

— Mas provavelmente descobriríamos apenas uma série de exageros — disse. — Que, por exemplo, havia fome, mas não tanta assim, e que a agressividade não chegava a nenhum excesso. Talvez alguns detalhes tenham sido inventados, como a circuncisão e a veneração pelas bandeiras.

— Se você pensa assim, então nem há dúvida de que não vale a pena — disse Rei. — Já pensou no trabalhão que teria? Seria tremendo.

Quem encolheu os ombros.

— Seria bom *saber*, mais nada — disse.

Olhou para Lilás: estava guardando os últimos livros dentro da caixa de papelão.

— Vem — disse Floco de Neve, puxando-o pelo braço. — Deixem um pouco de fumo pra nós, hem membros?

Os dois saíram para a escuridão do corredor de mostruários. A lanterna de Floco de Neve iluminava o caminho.

— O que é? — perguntou Quem. — O que que você me quer mostrar?·

— O que é que você acha? Uma cama. Livros certamente é que não havia de ser.

Em geral reuniam-se duas noites por semana, aos domingos e quartas — dia consagrado a Wood — ou quintas. Fumavam, conversavam e se divertiam com relíquias e objetos de mostruário. Pardal às vezes cantava canções que ela mesma compunha, acompanhando-se num instrumento que segurava no colo e cujas cordas, vibradas pelos dedos, produziam agradável música antiga. As canções, curtas e tristonhas, versavam sobre crianças que viviam e morriam em naves espaciais, amantes que eram transferidos, o eterno mar. Rei às vezes reencenava o programa de televisão da véspera, imitando comicamente um conferencista de controle climatológico ou um coro de cinquenta figuras cantando *Minha Pulseira*. Quem e Floco de Neve

faziam uso da cama do século dezessete e do sofá do século dezenove, da carroça de granja do início da Pré-U e do tapete plástico do fim da Pré-U. Nas noites em que não havia reunião, às vezes iam ao quarto de um ou de outro. O número na porta de Floco era Ana PY24A9155: o 24, que Quem não resistiu calcular, dava-lhe trinta e oito anos, sendo portanto mais velha do que imaginara.

Dia a dia, seus sentidos se aguçavam e a inteligência ficava mais alerta, impaciente. O tratamento o continha e entorpecia de novo, mas só por uma semana, no máximo. Depois tornava a despertar, a viver. Dedicou-se a aprender a língua que Lilás tentara decifrar. Ela lhe mostrou os livros que estudara e as listas de vocabulário que organizara. Momento significava a mesma coisa; silenzio era silêncio. Tinha feito várias páginas de traduções facilmente reconhecíveis. Mas havia palavras em cada frase dos livros que só dava para adivinhar e comparar as adivinhações em outro lugar. *Allora* seria "então" ou "já"? O que queria dizer *quale?* E *sporse e rimanesse?* Trabalhou em cima dos livros uma hora, mais ou menos, durante cada reunião. As vezes ela se curvava sobre seu ombro, para ver o que estava fazendo. Dizia: "Ah, claro!" ou "Isso aí não podia ser um dos dias da semana?" — mas passava a maior parte do tempo perto de Rei, enchendo-lhe o cachimbo e escutando o que ele dizia. Rei observava Quem estudando e, refletido pelos vidros dos móveis Pré-U, sorria para os outros e arqueava as sobrancelhas.

Quem encontrava-se com Maria KK nas noites de sábado e nas tardes de domingo. Comportava-se normalmente com ela: passeavam sorridente pelo Jardim de Diversões e fodiam simplesmente, sem paixão. No serviço procedia como um normal, seguindo lentamente os métodos prescritos. Proceder como um normal começou a irritá-lo, cada vez mais, à medida que as semanas se sucediam.

Em julho, Cochicho morreu. Pardal escreveu uma canção em sua memória, e quando Quem voltou para seu quarto depois da reunião em que ela a cantara, ela e Karl (por que não se lembrara dele antes?) subitamente surgiram juntos em seu pensamento. Pardal era grande e desajeitada, mas ficava linda quando cantava: tinha cerca de vinte e cinco anos e vivia muito sozinha. Karl ficara presumivelmente curado depois que Quem o "ajudara",

porém quem sabe não teria tido a força, ou a capacidade genética, ou seja lá o que fosse para resistir à cura, pelo menos até certo ponto? Tal como Quem, ele era um 663: havia a possibilidade de que estivesse mesmo, nalguma parte do Instituto, o candidato ideal para ser incluído no grupo: o par ideal de Pardal. Certamente valia a pena tentar. Que prazer, *realmente* ajudar Karl! Com tratamento atenuado, desenharia — puxa, as coisas que desenharia! — quadros que ninguém jamais teria imaginado! Na manhã seguinte, assim que acordou, tirou da sacola de viagem a sua agencia de números mais recente, encostou a pulseira ao telefone e leu em voz alta o de Karl. A tela, porém, continuou vazia e a voz da telefonista pediu-lhe desculpas: o membro que ele tinha chamado não fora localizado.

Beto RO tocou no assunto alguns dias depois, no momento exato em que já se levantava da cadeira para ir embora.

— Ah, me diga uma coisa — disse Beto: — por que é que você se lembrou de telefonar pra aquele tal de Karl WL?

— Oh — retrucou Quem, parado em pé ao lado da cadeira.

— Queria saber como é que ele ia. Agora que já *estou* bem, acho que fiquei com vontade de me certificar se todo mundo também estava.

— Evidente que ele está bem — disse Beto. — Que estranho se lembrar de fazer isso depois de tantos anos.

— Acontece apenas que me lembrei — explicou Quem.

Procedia como um normal desde o primeiro carrilhão até o último e encontrava-se com o grupo duas vezes por semana. Continuava estudando a língua — chamava-se Italiano — embora suspeitasse de que Rei tinha razão e não servisse para nada. Em todo o caso, sempre era uma ocupação e parecia-lhe mais útil do que brincar com jogos mecânicos. E de vez em quando provocava a aproximação de Lilás, curvada para olhar, com uma mão sobre o forro de couro da mesa que ele ocupava e a outra no encosto da cadeira. Sentia-lhe o cheiro — não era imaginação: ela de fato recendia a flores — e podia contemplar o seu rosto moreno, o pescoço, e o peito da

túnica, esticado por duas protuberâncias redondas e móveis. Eram seios. Não havia a menor dúvida que eram.

4

Uma noite, em fins de agosto, enquanto procurava mais livros em Italiano, encontrou um numa língua diferente, cujo título, *Vers 1'avenir*, era semelhante às palavras italianas *verso e avvenire* e pelo jeito significava *Rumo ao Futuro*. Abriu o volume, folheou as páginas e *Wei Li Chun* chamou-lhe a atenção, impresso na parte de cima de vinte ou trinta delas. Outros nomes ocupavam o cabeçalho de várias páginas: *Mario Sofik, A. F. Liebman*. Compreendeu que o livro era uma coletânea de ensaios de diversos escritores, sendo que dois eram realmente de autoria de Wei. O título de um deles, *Le pas prochain en avant,* ele reconheceu (*pas* seria *passo; avant, avanti*) como "O próximo passo em frente", que constava da Primeira Parte de "*A Sabedoria Viva de Wei*".

O valor daquela descoberta, como logo se deu conta, deixou-o estarrecido. Ali, nesse pequeno livro de capa marrom, quase solta, preza por tênues fios, havia doze ou quinze páginas em idioma Pré-U, das quais ele possuía uma tradução exata à sua espera na gaveta da mesa de cabeceira. Milhares de vocábulos, de verbos em suas formas desconcertantemente mutantes: em vez de adivinhar e andar às cegas, como tinha feito com os fragmentos quase inúteis de Italiano, poderia ganhar base sólida nessa segunda língua em questão de horas!

Não disse nada aos outros: meteu o livro no bolso e juntou-se ao grupo. Encheu o cachimbo como se não tivesse acontecido nenhuma coisa de extraordinário. *Le pas*-não-sei-o-quê-*avant*, afinal de contas, talvez não fosse "O próximo passo em frente". Mas *era*, tinha de ser.

Era: percebeu logo ao comparar as primeiras frases. Passou a noite inteira sentado no quarto, lendo e comparando cuidadosamente, com um dedo nas linhas em idioma pré-U e outro nas da tradução. Repassou duas

vezes o ensaio de quatorze páginas e depois começou a fazer listas de vocábulos por ordem alfabética.

Na noite do dia seguinte sentiu cansaço e dormiu, mas na próxima, depois de uma visita de Floco de Neve, ficou acordado e trabalhou de novo.

Começou a ir ao museu nas noites em que não havia reunião. Lá dava para fumar enquanto trabalhava, podia procurar outros livros em *Français* — *Français* era o nome da língua: o gancho por baixo do C era um mistério — e perambular pelos corredores com a lanterna. No terceiro andar encontrou um mapa de 1951, habilidosamente remendado em vários lugares, onde Eur era “Europa”, com a divisão chamada “França”, onde tinham utilizado o Français, e todas aquelas cidades de nomes estranhos e sonoros: “Paris”, “Nantes”, “Lyon” e “Marselha”.

Mesmo assim, não falou nada para os outros. Queria confundir Rei com uma língua que dominasse por completo, e deslumbrar Lilás. Não estudava mais Italiano durante as reuniões. Uma noite Lilás perguntou-lhe por quê, e ele respondeu, sinceramente, que desistira de tentar decifrá-la. Ela virou-lhe as costas, com ar de decepção, e ele ficou contente, sabendo a surpresa que lhe estava preparando.

As noites de sábado eram um desperdício, deitado na cama com Maria KK, e as das reuniões também. Apesar de que, agora, depois da morte de Cochicho, Leopardo às vezes não aparecia e nessas ocasiões Quem permanecia no museu para deixar tudo em ordem e aproveitava para ficar até bem tarde, estudando.

Em três semanas já lia *Français* rapidamente, com apenas uma palavra aqui e outra ali indecifráveis. Encontrou vários livros em Français. Leu um, cujo título, traduzido, era *Os Crimes da Foice Vermelha*. E outro: *Os Pigmeus da Selva Equatorial*. E outro: *O Pai Goriot.*

Esperou por uma noite em que Leopardo não apareceu, e afinal contou-lhes. Rei fez uma cara de quem parecia ter recebido más notícias. Mediu Quem de alto a baixo, o rosto tenso e controlado de repente- mais

velho e mais magro. Lilás dava impressão de ter ganho um presente há muito cobiçado.

— Você leu livros nessa língua? — perguntou.

E arregalou os olhos brilhantes, os lábios entreabertos.

Mas nenhuma reação podia dar a Quem o prazer que imaginara. Sentia-se grave com o peso do que agora sabia.

— Li três — respondeu a Lilás. — E já estou na metade do terceiro.

— Que beleza, Quem! — exclamou Floco de Neve.

— Pra que você fez tanto segredo?

E Pardal:

— Nunca pensei que fosse possível.

— Parabéns, Quem — disse Rei, tirando o cachimbo da boca. — E uma proeza, mesmo com o auxílio do ensaio. Você realmente me botou no meu lugar.

Contemplou o cachimbo, mexendo no tubo para deixar na posição correta.

— Que foi que você descobriu até agora? Algo interessante?

Quem olhou para ele.

— Sim — respondeu. — Uma porção de coisas que nos ensinaram é verdade. Havia crime, violência, imbecilidade e fome. Todas as portas tinham fechadura. As bandeiras e os limites dos territórios eram importantes. Os filhos esperavam que os pais morressem pra poder herdar o dinheiro deles. O desperdício de trabalho e material era fantástico.

Virou-se para Lilás com um sorriso de consolo: o presente há tanto cobiçado estava se partindo em pedaços.

— Mas apesar disso tudo — continuou, — os membros pareciam ter sentimentos mais fortes e felizes que os nossos. Iam aonde queriam, faziam o que bem entendiam, “ganhavam" coisas, “possuíam” coisas, escolhendo, sempre escolhendo... tomando-se de certo modo mais vivos que os membros de hoje.

Rei estendeu a mão para pegar fumo.

— Bem, é bastante parecido com o que você esperava encontrar, não é? — perguntou.

— Sim, bastante — disse Quem. — E tem outra coisa ainda.

— O quê? — indagou Floco de Neve.

Quem fitou Rei e respondeu:

— Cochicho não precisava ter morrido.

Rei olhou para ele. Os outros fizeram o mesmo.

— O que é que você está falando aí? — disse Rei, os dedos imóveis sobre o cachimbo que enchia.

— Não sabe?

— Não. Não compreendo.

— A que é que você se refere? — perguntou Lilás.

— Você não sabe, Rei?

— *Não* — respondeu Rei. — O que é que... eu não tenho a mínima ideia do que você está querendo insinuar. Como poderiam esses livros Pré-U informar-lhe algo a respeito de Cochicho? E por que é que eu devia *saber* o que é, caso pudessem?

— Viver até à idade de sessenta e dois anos — respondeu Quem, — não é nenhuma maravilha proporcionada pela química, educação e bolos

integrais. Os pigmeus da selva equatorial, cuja vida era difícil mesmo pelos padrões Pré-U, chegavam aos cinquenta e cinco, sessenta. Um membro chamado Goriot viveu até os setenta e três e ninguém viu nisso nada de extraordinário, e olhem que foi no início do século dezenove. Os membros ultrapassavam os oitenta, os noventa inclusive!

— Não pode ser — retrucou Rei. — O corpo não duraria tanto: o coração, os pulmões...

— O livro que eu estou lendo agora — prosseguiu Quem, — é sobre alguns membros que viveram em 1991. Um deles tem um coração artificial. Ele deu dinheiro aos médicos e eles colocaram o coração nele, no lugar do que ele tinha.

— Ora, pelo... — começou Rei. — Você tem certeza que de fato entende o tal Frandês?

— *Français* — corrigiu Quem. ·— Sim, tenho. Absoluta. Sessenta e dois anos não é vida longa, é até relativamente curta.

— Mas é quando nós *morremos* — frisou Pardal. — Então *por que* morreríamos se não fosse... quando temos de morrer?

— Nós *não* morremos... — disse Lilás, olhando para Quem e depois para Rei.

— Exatamente — concordou Quem. — Somos *obrigados* a morrer. Por Uni. Tudo em nome da eficiência, em primeiro e último lugar, sempre em nome dela. Ele esquadrinhou todos os dados em suas comportas de memória... que não são os bonitos brinquedos cor-de-rosa que vocês viram se já estiveram lá, são feios monstros de aço... e decidiu que sessenta e dois é a idade ideal para morrer, melhor do que sessenta e um ou sessenta e três ou do que se amolar com corações artificiais. Se sessenta e dois não for um novo recorde de longevidade que tivemos a sorte de alcançar... e não é, eu sei que *não é*... então não há outra explicação. Os nossos substitutos são treinados, à espera, e lá nos vamos nós, com alguns meses de antecedência ou atraso, pra que tudo não desperte a suspeita de estar bem preparado

demais. Por via das dúvidas, caso alguém se ache bastante doente pra *ficar* desconfiado.

— Cristo, Marx, Wood e Wei — exclamou Floco de Neve.

— Sim — disse Quem, — Sobretudo Wood e Wei.

— Rei? — perguntou Lilás.

— Estou espantado — respondeu Rei. — Agora entendo, Quem, porque você pensou que eu soubesse.

E virando-se para Floco e Pardal:

— Ele descobriu que eu trabalho com quimioterapia.

— Você não sabia? — insistiu Quem.

— Não.

— É ou não é fato que existe um veneno nos aparelhos de tratamento? — perguntou Quem. — *Isso você deve* saber.

— Devagar, irmão, eu sou um membro velho — disse Rei. — Não existe veneno propriamente dito, não. Mas quase todos os componentes da instalação podem causar a morte se instilados em excesso.

— E você não sabe qual é a quantidade instilada quando o membro chega aos sessenta e dois anos?

— Não — respondeu Rei. — Os tratamentos são formulados por impulsos que passam diretamente do Uni aos aparelhos, e não há maneira de controlá-los. Eu posso perguntar a Uni, naturalmente, em que consiste, ou vai consistir, um determinado tratamento, mas se isso que você está dizendo é verdade — sorriu — ele me responderá com uma mentira, não é?

Quem respirou fundo.

— Sim — admitiu.

— E quando um membro morre — perguntou Lilás,

— os sintomas são de velhice?

— Eles são os que me *ensinaram* como sendo de velhice — frisou Rei. — Podem muito bem ser sintomas de algo completamente diferente.

Olhou para Quem.

— Você não encontrou nenhum livro de medicina nessa língua?

— Não.

Rei tirou o isqueiro do bolso e abriu-o com o polegar.

— É possível — disse. — Perfeitamente possível. Nunca me passou pela ideia. Os membros vivem até os sessenta e dois. Costumava ser menos, algum dia será mais. Temos dois olhos, duas orelhas, um nariz. Fatos estabelecidos.

Acendeu o isqueiro e aproximou a chama do cachimbo.

— Tem que ser verdade — afirmou Lilás. — É a consequência lógica final do pensamento de Wood e de Wei. Controle a vida de todo mundo e com o correr do tempo estará controlando a morte de todo mundo.

— É medonho — exclamou Pardal. — Ainda bem que Leopardo não está aqui. Já imaginaram como ele se sentiria? Não somente Cochicho, como ele mesmo qualquer dia destes. Não lhe podemos dizer nada: deixem que pense que vai acontecer naturalmente.

Floco de Neve lançou um olhar lúgubre sobre Quem.

— Pra que você teve de *nos* contar? — perguntou ela.

— Pra que pudéssemos experimentar um tipo de tristeza alegre — respondeu Rei. — Ou era um tipo de alegria triste, Quem?

— Julguei que vocês gostariam de saber — disse Quem.

— Por quê? — retrucou Floco de Neve. — Que podemos fazer? Reclamar aos nossos conselheiros?

— Vou explicar uma coisa que a gente pode fazer — disse Quem: — Começar a recrutar mais membros pra este grupo.

— Sim!—aplaudiu Lilás.

— E onde encontrá-los? — perguntou Rei. — Nós não podemos simplesmente pegar qualquer Karl ou Maria na rua, você sabe.

— Vai querer convencer-me de que no seu trabalho não há meio de obter uma cópia da lista de membros locais que possuem tendências anormais? — retrucou Quem.

— Sem dar um bom pretexto a Uni, não há — afirmou Rei. — Um passo em falso, irmão, e os médicos estarão me examinando. O que também significa, já que estamos falando nisso, que reexaminariam você.

— Há outros anormais por aí — disse Pardal. — *Alguém* anda escrevendo “Abaixo Uni” nos fundos dos prédios.

— Precisamos achar um meio pra que eles nos descubram — sugeriu Quem. — Uma espécie de sinal.

— E aí? — perguntou Rei. — Que faremos quando formos vinte ou trinta? Pedir uma visita em grupo e explodir Uni em pedaços?

— Já tive essa ideia — disse Quem.

— Quem! — exclamou Floco de Neve.

Lilás ficou olhando para ele.

— Antes de mais nada — objetou Rei com um sorriso, — ele é inexpugnável. E em segundo lugar, quase todos nós já estivemos lá, de maneira que não nos concederiam outra visita. Ou será que iríamos a pé, daqui até Eur? E o que faríamos com o mundo, depois que tudo ficasse

descontrolado... as fábricas paradas, os carros espatifados e os carrilhões sem funcionar... imitar o pessoal da Pré-U e rezar uma oração?

— Se pudéssemos encontrar membros que conhecessem a teoria dos computadores e microondas — disse Quem, — membros que conhecessem *Uni*, talvez desse pra descobrir um jeito de mudar o funcionamento dele.

— Se pudéssemos descobrir esses membros — replicou Rei. — *Se* pudéssemos recrutá-los. Se pudéssemos chegar a Eur num abrir e fechar de olhos. Não vê o que você está pedindo? O impossível, simplesmente. Foi por isso que o aconselhei a não perder tempo com esses livros. Nós não podemos fazer nada sobre *coisa alguma*. Isto aqui é o *mundo de Uni*, quando será que você há de meter isso na cabeça? Foi-lhe entregue há cinquenta anos, e ele executará o serviço de que foi incumbido... disseminando a maldita Família por todo esse universo filho da luta... e nós faremos o nosso serviço, inclusive morrendo aos sessenta e dois anos, sem nunca deixar de assistir à televisão. O negócio está aqui mesmo, irmão: toda a liberdade que podemos almejar... um cachimbo, algumas piadas, um pouco de foda a mais. Não percamos o que conseguimos, ‘tá bom?

— Mas se nós recrutássemos outros...

— Canta uma canção, Pardal — disse Rei.

— Não estou com vontade.

— Canta uma canção!

— ‘Tá bem, eu canto.

Quem olhou furioso para Rei, levantou-se e saiu acintosamente da sala. Caminhou a passos largos pelo corredor escuro, bateu o quadril contra qualquer coisa dura, e seguiu adiante, praguejando. Afastou-se bem distante da passagem e da sala de depósito; ficou parado, esfregando a testa e sacudindo-se nos calcanhares diante daqueles reis e rainhas cintilantes de jóias, vigias mudos mais escuros que a treva.

— Rei — murmurou. — É o que ele acha que realmente é, o filho da luta...

Ouviu indistintamente o canto de Pardal e o tilintar da corda do instrumento Pré-U. E o ruído de passos, cada vez mais próximos.

— Quem?

Era Floco de Neve. Ele não se virou. Sentiu um puxão no braço.

— Vem, vamos voltar — disse ela.

— Me deixa em paz, sim? — pediu. — Preciso ficar um pouco sozinho.

— Anda — insistiu. — Não seja criança.

— Olha — respondeu, virando-se para ela. — Vai escutar Pardal, viu? Vai fumar o seu cachimbo.

Ela ficou em silêncio e depois disse:

— Está bem.

E foi embora.

Respirando fundo, tomou a se virar para os reis e rainhas. O quadril doía. Esfregou-o. Era enfurecedora a maneira como Rei repudiava cada ideia que tinha, obrigando todo mundo a fazer exatamente o que ele...

Ela vinha voltando. Preparou-se para mandá-la para o ódio, porém conteve-se. Tomou fôlego de dentes cerrados e virou-se.

Era Rei que se aproximava, o cabelo grisalho e a túnica iluminados pela fraca claridade da passagem. Chegou perto e parou. Olharam-se.

— Fui brusco sem querer — disse Rei.

— Como é que você ainda não pegou uma destas coroas? — interpelou Quem. — E um manto. Só aquele medalhão... ódio, isso não basta pra um verdadeiro rei Pré-U.

Rei conservou-se calado um momento.

— Desculpe — disse finalmente.

Quem respirou fundo e depois bufou.

— Cada membro que se conseguisse pro grupo — disse — significaria novas ideias, nova informação que a gente podia obter, possibilidades talvez nem imaginadas.

— E novos riscos também. Procure encarar do meu ponto de vista.

— Não posso. Prefiro voltar aos tratamentos completos do que me conformar só com isso.

— "Só com isso" parece muito bom pra um membro da minha idade.

— Você está vinte ou trinta anos mais perto dos sessenta e dois do que eu. Você é que devia querer mudar a situação.

— Se fosse possível mudar, talvez eu quisesse — retrucou Rei. — Mas quimioterapia mais computarização é igual a zero em matéria de mudança.

— Nem tanto — disse Quem.

— É, sim — afirmou Rei, — e eu não quero ver "só isso" ir por águas abaixo. O próprio fato de você vir aqui fora das noites de reunião constitui um risco desnecessário. Mas não se ofenda — ergueu a mão, — eu não estou pedindo pra que deixe de vir.

— Eu não deixaria mesmo. Não se preocupe, tomarei cuidado.

— Ótimo. E continuaremos a procurar anormais com a máxima prudência. Sem sinais.

Estendeu a mão. Depois de leve hesitação, Quem apertou-a.

— Agora volte comigo — pediu Rei. — As mulheres estão preocupadas.

Quem acompanhou-o em direção à passagem.

— Que foi aquilo que você falou antes, sobre as comportas da memória serem “monstros de aço”? — perguntou Rei.

— É o que elas são. Enormes blocos gelados, aos milhares. Meu avô me mostrou quando eu era menino. Ele ajudou a montar o Uni.

— O filho da luta...

— Não, ele estava arrependido. Preferia não ter ajudado. Por Cristo e Wei, se ele estivesse vivo, seria um membro maravilhoso que teríamos conosco.

Na noite do dia seguinte Quem estava sentado na sala de depósito, fumando e lendo, quando ouviu:

— Olá.

Era Lilás, parada na porta de lanterna na mão.

Levantou-se, olhando para ela.

— Não leva a mal a interrupção? — perguntou-lhe.

— Claro que não, estou contente por ver você. Rei também veio?

— Não.

— Entre — disse.

Ela permaneceu na porta.

— Eu quero que você me ensine aquela língua.

— Com todo o prazer. Ia mesmo perguntar se você não queria as listas. Mas entre.

Esperou que ela entrasse, depois reparou que continuava de cachimbo na mão, soltou-o e foi até ao monte de relíquias. Pegando pelas pernas uma das cadeiras que usavam, virou-a no sentido contrário e trouxe-a para junto da mesa. Ela já guardara a lanterna no bolso e estava olhando as páginas do livro que ele deixara aberto. Pôs a cadeira no chão, puxou a sua para o lado e colocou a segunda cadeira perto dela.

Ela virou a parte da frente do livro e contemplou a capa.

— Significa *Um Motivo de Paixão* — explicou-lhe. — O que é bastante óbvio. Mas de modo geral ele não é.

Ela examinou novamente as páginas abertas.

— Tem trechos que parecem Italiano — disse.

— Foi por isso que me interessei.

Segurava o encosto da cadeira que lhe trouxera.

— Passei o dia inteiro sentada. Sente-se você. Não faça cerimônia,

Ele sentou e tirou as listas dobradas de baixo da pilha de livros em *Français*.

— Pode ficar com elas o tempo que quiser — disse, abrindo-as e espalhando-as em cima da mesa. — Já sei praticamente tudo de cor.

Mostrou-lhe como os verbos se dividiam em conjugações, segundo modos diferentes de expressão, que mudavam para exprimir tempo e pessoa, e a maneira como os adjetivos assumiam uma ou outra forma, dependendo dos substantivos a que se referissem.

— É complicado — avisou, — mas depois que a gente encontra o fio da meada a tradução fica bastante fácil.

Traduziu-lhe uma pagina de *Um Motivo de Paixão*. Vítor, corretor de ações de várias firmas industriais — o membro que tinha recebido o coração artificial — censurava a esposa, Carolina, por ter tratado mal um legislador influente.

— Que fascinante — comentou Lilás.

— O que me surpreende é a quantidade de membros improdutivos que existia. Esses corretores e legisladores, soldados e polícias, banqueiros, coletores de impostos...

— Eles não eram improdutivos. Não produziam coisas, porém forneciam os meios pros membros viverem como viviam. Produziam a *liberdade*, ou pelo menos a mantinham.

— Sim — concordou, — creio que você tem razão.

— Eu sei que eu tenho — retrucou, afastando-se nervosa da mesa.

Ele refletiu um pouco.

— Os membros da Pré-U — disse. — sacrificavam a eficiência... em prol da liberdade. E nós fazemos o oposto.

— Não somos *nós* que fazemos. Foi feito *pra* nós — virou-se e encarou-o: — Você acha possível que os incuráveis ainda estejam vivos?

Ele olhou para ela.

— Que os seus descendentes tenham encontrado uma maneira de sobreviver? — confirmou Lilás, — e formado uma... sociedade num lugar qualquer? Em uma ilha ou região que a Família não esteja usando?

— Puxa! — exclamou, esfregando a testa. — Lógico que é possível. Os membros sobreviveram em ilhas antes da Unificação; por que não depois?

— É isso que eu acho — disse ela, voltando para junto dele. — Já houve cinco gerações desde as últimas...

— Destruídas por doenças e privações...

— Mas procriando à vontade!

— Quanto a uma *sociedade*, não sei. Porém é capaz que exista alguma colônia...

— Uma cidade — alvitrou ela. — Eram espertos, fortes.

— Que ideia.

— É possível, não é?

Estava debruçada sobre ele, mãos apoiadas à mesa, interrogando com aqueles olhos enormes, as faces afogueadas numa morenice ainda mais rosada.

Fitou-a.

— O que é que Rei acha? — perguntou-lhe. Ela recuou um pouco. — Como se eu não soubesse.

De repente ela ficou braba, com fúria nos olhos.

— Ontem à noite você foi *horrível* com ele!

— Horrível? Eu? Com ele?

— Foi, sim! — afastou-se bruscamente da mesa. — Você o interrogou como se você fosse... Como é que você pôde sequer *pensar* que ele soubesse que Uni nos matava e nunca nos tivesse dito?

— Eu ainda acho que ele sabia.

Ela o enfrentou, indignada.

— Não sabia, não! — protestou. — Comigo ele não tem segredos!

— Por quê? Você é conselheira dele?

— Sou! É exatamente o que eu sou, caso lhe interesse saber.

— Não é, não.

— Sou.

— Por Cristo e Wei — exclamou. — É mesmo? Você, conselheira? Seria a última classificação que me ocorreria. Que idade você tem?

— Vinte e quatro.

— E é conselheira *dele*?

Ela confirmou com a cabeça.

Ele soltou uma risada.

— Pensei que você trabalhasse nos jardins — disse. — Você recende a flor, sabia? É fato.

— Eu uso perfume — explicou.

— Você usa?

— O perfume de flores, em líquido. Rei fez pra mim.

Olhou-a espantado.

— *Parfum*! — exclamou, batendo no livro aberto à sua frente. — Eu julguei que fosse uma espécie de germicida. Ela põe na banheira. Evidente!

Apalpou as listas, pegou a caneta, riscou e escreveu.

— Que burrice a minha. *Parfum* é igual a perfume. Flores em líquido. Como foi que ele *fez*?

— Pare de acusá-lo de nos tapear.

— ’Tá bem, eu paro.

Largou a caneta.

— Tudo o que temos — disse ela — nós devemos a ele.

— E o que é que nós temos, afinal? Nada... a não ser que nos esforçássemos pra conseguir mais. E parece que isso ele não quer.

— Porque é mais sensato do que nós.

Olhou-a, parada em pé a poucos metros de distância, diante de um monte de relíquias.

— O que é que você faria, — perguntou-lhe, — em todo caso, se descobríssemos que *existe* uma cidade de incuráveis?

Ela não desviou os olhos de cima dele.

— Iria pra lá — respondeu.

— Pra viver de plantas e animais?

— Se necessário — olhou para o livro e moveu a cabeça naquela direção. — Parece que Vítor e Carolina gostavam do que comiam.

Ele sorriu.

— Você é mesmo uma mulher da Pré-U, hem?

Ela não respondeu.

— Quer mostrar-me os seios?

— Pra quê?

— Curiosidade, apenas.

Ela abriu a parte superior da túnica e segurou os dois lados. Os seios eram cones de pele morena rosada e aspeto macio que se agitavam quando ela respirava, tesos em cima e redondos em baixo. Os bicos, rombudos e cor-de-rosa, pareciam contrair-se e escurecer sob o seu olhar. Sentiu uma estranha excitação, como se estivesse sendo acariciado.

— São bonitos — disse.

— Eu sei que são — retrucou, fechando a túnica e apertando a pressão. — E outra coisa que devo a Rei. Antigamente eu pensava que era o membro mais feio de toda a Família.

— Você?

— Até que ele me convenceu do contrário.

— Está bem, você deve uma porção de coisas a Rei. Todos nós devemos. Por que que você veio procurar-me?

— Já lhe disse. Pra aprender essa língua.

— Mentira — disse, pondo-se em pé. Você quer que eu comece a procurar lugares que a Família não esteja usando, em busca de indícios que a sua “cidade” existe. Porque eu vou procurar e ele não. Porque eu *não sou* “sensato”, nem velho, nem me contento em debochar da televisão.

Ela se virou em direção da porta, mas ele pegou-a pelo ombro e obrigou-a a dar meia volta.

— Fique aqui! — ordenou.

Ela olhou-o, assustada. Segurou-a pelo queixo e beijou- lhe a boca: agarrou-a pela cabeça com as duas mãos e enfiou a língua entre os dentes fechados. Empurrando-lhe o peito, ela desviou a cabeça. Pensou que ela fosse parar, cedendo e aceitando o beijo, mas ela não parou: continuou resistindo com força cada vez maior. Finalmente soltou-a. Ela se afastou para longe.

— Que coisa... que coisa horrível! — gritou. — Me forçando! Isso é uma... nunca ninguém me *agarrou* desse jeito!

— Eu te amo.

— Veja só como estou trêmula. Por Wei Li Chun, é assim que você ama, comportando-se feito um bicho? Que *horror*!

— Sou humano — disse. — Como você.

— Não — exclamou. — Eu não machucaria ninguém, não seguraria ninguém desse jeito!

De mão no queixo, deslocou-o de um lado para outro.

— Como é que você pensa que os incuráveis beijam? — perguntou-lhe.

— Como gente, não como bicho.

— Me perdoa. Eu te amo.

— Ótimo. Eu também te amo... da maneira que amo Leopardo, Floco de Neve e Pardal.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Mas eu sim.

Olhou para ele. Afastou-se de lado até a porta.

— Não faça isso de novo. É horrível!

— Você não quer as listas? — perguntou.

Parecia que ela ia dizer não, porém hesitou.

— Quero. Foi pra isso que eu vim.

Ele se virou, juntou as listas em cima da mesa, dobrou- as juntas e tirou *Père Goriot* da pilha de livros. Ela se aproximou para apanhar tudo.

— Se machuquei você, não foi de propósito.

— Está bem. Só quero que isso não se repita.

— Eu vou procurar os lugares que a Família não está usando — prometeu-lhe. — Examinarei os mapas no MPF pra ver se...

— Eu já fiz isso.

— Minuciosamente?

— Bastante.

— Eu examinarei de novo. É a única forma de começar. Milímetro por milímetro.

— Está bem.

— Espere um instante, eu também já vou embora.

Ela esperou enquanto ele guardava suas coisas de fumar, deixando a sala exatamente como devia ficar. Depois saíram juntos pelo corredor do mostruário e desceram a escada rolante.

— Uma cidade de incuráveis — disse ele.

— É possível.

— De qualquer maneira, vale a pena tentar.

Estavam na rua.

— Pra que lado você vai? — perguntou ele.

— Eu a acompanho um pedaço.

— Não — protestou. — Francamente, quanto mais você se afasta, maiores são as possibilidades de que alguém veja que você não está tocando os controles.

— Eu encosto na beira e cubro com meu corpo. E complicado à beça.

— Não — insistiu. — Por favor, vá pra casa.

— Está bem. Boa noite.

— Boa noite.

Pôs a mão no ombro dela e beijou-lhe o rosto.

Ela não se moveu: estava tensa, esperando, sob o contato da mão.

Beijou-lhe os lábios. Eram quentes e macios, entreabertos.

Ela se virou e afastou-se rapidamente.

— Lilás — chamou, correndo atrás dela.

Ela estacou.

— Não. Por favor, Quem, vá-se embora.

E virando de novo as costas, seguiu adiante.

Ele ficou parado, hesitante. Outro membro, ao longe, vinha vindo em sua direção.

Observou-a afastar-se, odiando-a, amando-a.

5

Noite após noite, ele comia às pressas (mas não *demais*), depois tomava o monotrilho até o Museu do Progresso da Família e estudava seu labirinto de mapas iluminados, da altura do teto, só saindo quando fechavam as portas, às dez — hora da televisão. Uma noite, foi lá depois do último carrilhão — uma caminhada de hora e meia — mas descobriu que os mapas eram ilegíveis à luz da lanterna: as marcações se perdiam nos reflexos. E hesitou em acender as lâmpadas internas que, ligadas como pareciam estar à iluminação do saguão inteiro, poderiam causar um excesso de corrente elétrica na força capaz de alertar Uni. Um domingo ele levou Maria KK ao Museu, mandou-a olhar o mostruário do Universo do Futuro, e examinou os mapas durante três horas a fio.

Não descobriu nada: nenhuma ilha sem sua cidade ou instalação industrial, nenhum cimo de montanha que não servisse de observatório espacial ou centro de climatonomia, nenhum quilômetro quadrado de terra — ou de área oceânica, para ser mais exato — que não estivesse minerado, ceifado ou usado para fábricas, casas, aeroportos ou parques de estacionamento pelos oito bilhões de membros da Família. O dístico dourado, suspenso à entrada do setor de mapas — *A Terra é o Nosso Patrimônio: Usemo-la Sabiamente, Sem Desperdício* — parecia exprimir a verdade, a tal ponto que não restava espaço nem mesmo para a menor comunidade que não fizesse parte da Família.

Leopardo morreu e Pardal cantou. Rei permaneceu sentado em silêncio, mexendo no mecanismo de um aparelho da Pré-U. E Floco de Neve queria mais sexo.

— Nada — comunicou Quem a Lilás. — Absolutamente nada.

— No começo deve ter havido centenas de colônias pequenas. Uma delas deve ter sobrevivido.

— Então há meia dúzia de membros em alguma caverna por aí — disse ele.

— Por favor, continue procurando. Não pode ser que você tenha verificado *todas* as ilhas.

Pensou naquilo no escuro, dentro do carro do século vinte, sentado com a mão no volante, acionando os vários botões e alavancas. E quanto mais pensava, menos lhe parecia provável que houvesse alguma cidade ou mesmo colônia de incuráveis. Supondo-se que uma área abandonada tivesse passado despercebida ao examinar os mapas, como poderia existir uma comunidade desse tipo sem que Uni soubesse? As pessoas imprimem sua marca no meio-ambiente: mil pessoas, até cem, provocariam a elevação de temperatura de uma região, sujando os cursos d'água com seus detritos e talvez o ar com fogueiras primitivas. Tanto a terra como o mar, num raio de quilômetros de distância, ficariam afetados pela sua presença numa série de maneiras perceptíveis.

Portanto, há muito tempo que Uni teria tomado conhecimento da existência da hipotética cidade, e então teria... feito o quê? Despachado médicos, conselheiros e aparelhos portáteis de tratamento, “curando” os incuráveis e transformando-os em membros “sadios”.

A menos, naturalmente, que se defendessem... Seus antepassados tinham fugido da Família logo após a Unificação, quando os tratamentos eram facultativos, ou mais tarde, quando ficaram compulsórios, muito embora sem ter ainda a eficácia atual. Sem dúvida, alguns daqueles incuráveis deviam ter defendido seus refúgios à força, com armas letais. Será que não haviam transmitido a prática, e também as armas, às gerações posteriores? O que faria Uni hoje, em 162, enfrentando uma comunidade armada, defensiva, com a Família desarmada, não agressiva? Que providências tomaria há cinco ou vinte e cinco anos, ao descobrir seus indícios? Nada? Deixaria seus habitantes entregues à “doença” e aos poucos quilômetros quadrados que ocupavam no mundo? Pulverizaria a cidade com

LPK? Mas e se as armas que possuíssem fossem capazes de derrubar aviões? Será que Uni decidiria em seus gélidos blocos de aço que o custo da "cura" valia mais que a sua utilidade?

Faltavam-lhe dois dias para um tratamento e estava com o espírito mais ativo do que nunca. Gostaria que ficasse mais ainda. Tinha a sensação de que havia algo que não lhe passara pela ideia, pouco além do limite de sua compreensão.

Se Uni tivesse deixado a cidade em paz, em vez de sacrificar membros, tempo e tecnologia em "ajudá-la" — então *o quê*? Havia *outra coisa qualquer*, uma noção por enquanto indecifrável, à espera do seu raciocínio e dedução.

Telefonou ao centro médico na quinta-feira, véspera do tratamento, e queixou-se de dor de dente. Propuseram-lhe uma hora marcada na sexta-feira de manhã, mas ele disse que já tinha de ir sábado de manhã para o tratamento, será que não daria para matar dois coelhos de uma vez só? O dente não estava doendo muito, apenas latejava um pouco.

Marcaram-lhe então às 8h15m, sábado de manhã.

Depois ligou para Beto RO e avisou-lhe que tinha hora marcada com o dentista sábado às 8h15m. Que tal lhe parecia se o tratamento pudesse ser feito na mesma ocasião? Matar dois coelhos de uma vez só.

— Creio que dá — disse Beto. — Espera aí — ligou o telecomputador. — Você é Li RM.„

— Trinta-e-cinco-M4419.

— Exato — confirmou Beto, batendo as teclas.

Quem sentou-se e ficou olhando, impassível.

— Sábado de manhã às 8h5m — disse Beto.

— Ótimo — respondeu Quem. — Obrigado.

— Agradeça a Uni — corrigiu Beto.

Assim obteve mais um dia de intervalo entre tratamentos do que antes.

Naquela noite — quinta-feira — choveu e ele ficou em seu quarto. Sentou-se à escrivaninha, a cabeça entre as mãos, pensando, lamentando não estar no museu, onde podia fumar.

Se existisse uma cidade de incuráveis e Uni soubesse de sua existência, deixando-a entregue a seus defensores armados... então... então...

Então Uni não queria que a Família soubesse... para que não ficasse inquieta ou, em certos casos, tentada... e *estava fornecendo dados falsos ao equipamento manufator de mapas*.

Claro! Como era possível mostrar regiões supostamente abandonadas em belos mapas da Família? “Veja só aquele lugar ali, Papai!” — exclamaria uma criança, visitando o MPF. — “Por que não estamos Usando o Nosso Patrimônio Sabiamente, Sem Desperdício?” E Papai responderia: — “É mesmo, que *esquisito*... ” De modo que a cidade seria indicada como IND99999 ou Enorme Fábrica de Lâmpadas de Escrivaninha e ninguém jamais passaria a menos de cinco quilômetros de distância. Se fosse uma ilha, então nem seria indicada: ficaria substituída pelo oceano azul.

Olhar os mapas, portanto, era inútil. Podia haver cidades de incuráveis aqui, ali, em toda parte. Ou... talvez não houvesse em lugar nenhum. Os mapas não provavam nem refutavam nada.

Era essa a grande revelação que tinha quebrado a cabeça para... chegar à conclusão que o exame dos mapas fora uma tolice desde o início? Que não havia absolutamente meio algum de se localizar a cidade, a não ser possivelmente percorrendo a Terra inteira a pé?

Lilás que se lutasse, com suas ideias malucas!

Não, que absurdo.

Uni que se lutasse.

Atormentou meia hora a cabeça com aquele problema — como encontrar uma cidade hipotética num mundo que não permitia ser explorado? — até que afinal desistiu e foi dormir.

Então lembrou-se de Lilás, do beijo a que ela resistira, do outro que consentira, e da estranha excitação que havia sentido quando ela lhe mostrara os seios cônicos que pareciam tão macios...

Na sexta-feira passou o dia todo tenso e impaciente. Bancar o normal era insuportável. No Centro, durante o jantar, a televisão, no Clube de Fotografia, nem respirava direito. Ao último toque do carrilhão, dirigiu-se ao prédio de Floco de Neve — "Ai", queixou-se ela, "amanhã não vou poder nem *caminhar*!" — e depois ao Pré-U, Circulou com a lanterna pelos corredores, sem conseguir se libertar da ideia fixa. Talvez a cidade existisse, talvez até bem perto dali. Olhou o mostruário de dinheiro, o prisioneiro da cela (*Nós dois, irmão*), as fechaduras e as câmaras que tiravam fotografias unidimensionais.

A seu ver, havia uma solução, mas implicava em obter a adesão de dezenas de membros ao grupo. Cada um poderia então esquadrinhar os mapas segundo o seu próprio âmbito de conhecimento. Ele mesmo, por exemplo, verificaria os laboratórios genéticos, os centros de pesquisa e as cidades que conhecia pessoalmente ou de que ouvira falar por intermédio de terceiros. Lilás inspecionaria os estabelecimentos de conselho e outras cidades... Mas isso ia levar uma eternidade e precisariam de um exército de cúmplices em tratamento atenuado. Já previa a fúria de Rei.

Olhou o mapa de 19S1 e, como sempre, admirou-se dos nomes estranhos e das intrincadas redes de fronteiras. Naquela época, entretanto, os membros podiam, por assim dizer, ir aonde quisessem! Sombras esparsas assinalavam, à passagem da lanterna, os contornos bem feitos dos remendos do mapa, recortados para coincidir perfeitamente com as linhas cruzadas do quadriculado. Se não fosse pelo movimento da lanterna, os retângulos azuis ficariam com...

Retângulos azuis...

Se fosse uma ilha, então nem seria indicada: ficaria substituída pelo oceano azul.

E o mesmo teria de suceder nos mapas da Pré-U.

Não se deixou empolgar pela ideia. Passou a luz da lanterna lentamente, de um lado para outro, sobre o mapa coberto de vidro e contou os remendos assinalados pelas sombras. Havia oito, todos azuis. E todos nos oceanos, distribuídos em partes iguais. Cinco abrangiam retângulos isolados no quadriculado e três ocupavam retângulos duplos. Um dos remendos em retângulo isolado era situado bem ao largo de lnd, na “Baía de Bengala” — a Baía da Estabilidade.

Pousou a lanterna em cima de uma caixa de mostruário e agarrou o largo mapa pelos dois lados da moldura. Desprendeu-o do gancho, baixou-o até o chão, apoiou a tampa de vidro no joelho e pegou outra vez a lanterna.

A moldura era velha, mas o papel cinza do revestimento parecia relativamente novo. As letras EV estavam gravadas na parte inferior.

Saiu pelo corredor afora carregando o mapa pela alça, desceu a escada rolante, atravessou o corredor do segundo andar e entrou na sala de depósito. Acendendo a luz, levou-o até a mesa, soltando-o cuidadosamente no sentido contrário.

Com o canto da unha, rasgou o revestimento de papel esticado ao longo das partes inferior e laterais da moldura, retirando-o por baixo da alça e prensando-o de novo para que ficasse no lugar. Dentro da moldura havia papelão branco, preso por fileiras de pregos curtos.

Revistou as caixas de relíquias menores até encontrar um alicate enferrujado para arrancar os pregos da moldura, depois tirou fora o papelão e outro pedaço idêntico que estava por baixo.

O verso do mapa tinha nódoas escuras, mas nenhum furo que justificasse os remendos. Uma linha, escrita a tinta marrom, era apenas

legível: *Wyndham, MU 7-2161* — decerto alguma espécie de número antigo.

Pegou o mapa pelas pontas e retirou-o do vidro, virando-o pelo outro lado, e suspendeu-o acima da cabeça contra a luz clara do teto. Apareceram ilhas em todos os remendos: aqui uma grande, “Madagascar”; aqui um grupo de pequenas, “Açores”. O remendo da Baía da Estabilidade mostrava uma fila de quatro pequenas, “Ilhas Andamão". Não se lembrava de ter visto nenhuma delas nos mapas do MPF.

Tornou a colocar o mapa na moldura, voltado para cima, e pousou as mãos na mesa para examiná-lo. Sorriu ante aquela curiosidade da Pré-U, com seus oito retângulos azuis quase invisíveis. “*Lilás*!"; — pensou. “*Espera até eu te contar esta*!"

Com a parte superior da moldura encostada a pilhas de livros e a lanterna em posição vertical ao pé do vidro, copiou numa folha de papel as quatro minúsculas “Ilhas Andamão”, o traçado da costa da “Baía de Bengala”, os nomes e posições das demais ilhas e a escala do mapa, que era em “milhas” em vez de quilômetros.

Outro par de ilhas de tamanho médio, as “Falkland”, estava situada ao largo da costa de Arg (“Argentina”), defronte a “Santa Cruz”, que parecia ser ARG20400. Aquilo lhe lembrava qualquer coisa, mas não soube precisar o quê.

Mediu as Ilhas Andamão: as três mais próximas tinham ao todo cerca de cento e vinte “milhas” de extensão — uns duzentos quilômetros aproximadamente, salvo engano: suficientemente grandes para conter várias cidades! O caminho mais curto para alcançá-las seria pelo lado oposto da Baía da Estabilidade, SEA77122, se ele e Lilás (e Rei? Floco de Neve? Pardal?) resolvessem ir até lá. Se resolvessem ir até lá? Lógico que iriam, agora que ele descobrira as ilhas. Encontrariam um meio qualquer. *Precisavam* encontrar.

Virando-o no sentido contrário, colocou o mapa na moldura, repôs os pedaços de papelão e, com a ponta do alicate, enfiou os pregos de novo em

seus buracos — enquanto pensava por que motivo ARG20400 e as “Ilhas Falkland” não lhe saíam da lembrança.

Meteu o revestimento posterior da moldura por baixo da alça — domingo à noite traria esparadrapo para fazer um serviço em condições — e levou o mapa de volta ao terceiro andar. Pendurou-o no gancho, certificando-se se a parte solta por trás não aparecia dos lados.

ARG20400... Assistira recentemente pela televisão à abertura de uma nova mina de zinco na sua camada inferior. Seria por isso que lhe parecera significativa? Tinha certeza de que nunca estivera lá...

Desceu ao porão e apanhou três folhas de fumo atrás do reservatório de água quente. Trouxe-as para a sala de depósito, tirou suas coisas de fumar da caixa de papelão onde as guardava, sentou-se à mesa e começou a picar as folhas.

Que outra razão plausível haveria para as ilhas estarem encobertas, sem constar do mapa? E quem fizera os remendos?

Chega. Estava cansado de pensar. Deixou-se perder em divagações: a lâmina cintilante da faca, Cochicho e Pardal picando fumo na primeira noite que as tinha encontrado. Ele perguntara a Cochicho de onde vinham as sementes e ela respondera que fora por intermédio de Rei.

E então lembrou-se onde havia visto ARG20400 — o número, não a cidade.

Ladeada por membros de cruz vermelha na túnica, uma mulher com as vestes rasgadas e aos gritos estava sendo conduzida ao Centro Médico Matriz Eles a seguravam pelos braços, aparentemente empenhados em acalmá-la, mas ela continuava gritando — curtos gritos estridentes, idênticos, que repercutiam nas paredes dos edifícios e ecoavam ao longe na calada da noite. A mulher gritava sem parar e as paredes e a noite faziam coro.

Esperou que a mulher e os membros que a conduziam entrassem no prédio, esperou mais um pouco enquanto os ecos distantes reduziam-se a silêncio e depois atravessou a rua devagar e também entrou. Cambaleou de encontro ao controle de entrada, fingindo perder o equilíbrio, batendo a pulseira por baixo da placa de metal e dirigiu-se lenta e normalmente a uma brilhante escada rolante. Pisou no primeiro degrau e subiu apoiado ao corrimão. Ainda ouviam-se os gritos da mulher no interior do prédio.

As luzes do segundo andar estavam acesas. Um membro, passando pelo corredor com uma bandeja de copos, cumprimentou-o com a cabeça. Ele retribuiu o aceno.

O terceiro e o quarto andares também estavam iluminados, mas a escada que levava ao quinto tinha sido desligada e lá em cima só havia trevas. Galgou os degraus, primeiro até o quinto andar, depois até o sexto.

Percorreu de lanterna em punho o corredor do sexto andar — agora rapidamente, não devagar — passando pelas portas onde entrara em companhia dos dois médicos, a mulher que o chamara de “irmãozinho” e o homem com cicatriz no rosto que não despregava os olhos de cima dele. Foi até o fim do corredor, projetando luz sobre a porta marcada *600A: Chefe, Divisão de Quimioterapia.*

Atravessou a ante-sala e entrou no gabinete de Rei. A grande escrivaninha estava mais bem arrumada do que antes: o telecomputador arranhado, uma pilha de pastas de arquivo, o recipiente de canetas — e os dois pesa-papéis, o quadrado insólito e o redondo comum. Pegou exte último — ARG20400 dizia a inscrição — e segurou aquele peso frio de metal laminado um instante na palma da mão. Depois largou-o ao lado da fotografia sorridente de Rei quando moço defronte à cúpula de Uni.

Contornou a escrivaninha, abriu a gaveta do meio e procurou até encontrar uma lista com capa plástica que dava os nomes dos habitantes das redondezas. Esquadrinhou a meia coluna de Jesuses e achou: Jesus HL096260. A sua classificação era 080A, sua residência, G35, quarto 1744.

Hesitou diante da porta, lembrando-se de repente que Lilás podia estar ali, dormindo ao lado de Rei sob o seu possessivo braço estendido. *Ótimo!* — pensou. *Assim ela fica sabendo em primeira mão!* Abriu a porta, entrou, e fechou-a sem ruído. Apontou a lanterna para a cama e acendeu-a.

Rei estava sozinho, a cabeça grisalha rodeada pelos braços.

Ficou contente e decepcionado. Mais contente, porém. Contaria para ela depois, surgindo em triunfo e descrevendo-lhe tudo o que tinha descoberto.

Acendeu a luz do teto, apagou a lanterna e guardou-a no bolso.

— Rei — chamou.

A cabeça e os braços encobertos pelo pijama continuaram imóveis.

— Rei — repetiu, aproximando-se e parando ao lado da cama. — Acorde, Jesus HL — disse.

Rei virou-se de frente e cobriu os olhos com a mão. Entreabriu os dedos e espiou.

— Preciso falar com você — disse Quem.

— Que é que você está fazendo aqui? — interpelou Rei.

— Que horas são?

Quem olhou o relógio na parede.

— Dez prás cinco.

Rei sentou na cama, a mão em pala sobre os olhos.

— Que ódio de história é esta? — perguntou. — Que é que você está fazendo aqui?

Quem pegou a cadeira da escrivaninha, colocou-a perto dos pés da cama e sentou-se. O quarto estava desarrumado, a túnica presa na lixeira, manchas de chá pelo chão.

Rei tossiu no pulso fechado, uma, duas vezes. Manteve a mão na boca, fitando Quem com os olhos vermelhos, o cabelo ralo e revolto mostrando falhas no crânio.

— Eu quero saber como é que é nas Ilhas Falkland — disse Quem.

Rei abaixou a mão.

— Ilhas quê?

— Falkland — repetiu Quem. — Onde você conseguiu as sementes de fumo. E o perfume que deu pra Lilás.

— O perfume fui eu que fiz.

— E as sementes de fumo? Também?

— Me deram — respondeu Rei.

— Em ARG 20400?

Rei vacilou e depois confirmou com a cabeça.

— Como foi que trouxeram?

— Não sei.

— Você não perguntou?

— Não, não perguntei. Por que você não volta pra onde você devia estar? A gente pode conversar sobre isso amanhã de noite.

— Eu não saio daqui enquanto você não me disser a verdade. Tenho de ir fazer tratamento às 8h5m. Se eu não fizer na hora marcada, vai acabar tudo... eu, você, o grupo. Você não será rei de coisa alguma.

— Seu filho da luta... — exclamou Rei, — dê o fora daqui!

— Daqui eu não saio — repetiu Quem.

— Eu já *disse* a verdade.

— Não acredito.

— Então vá se lutar.

E tornou a deitar-se, virando de bruços.

Quem continuou onde estava. Ficou sentado, olhando para Rei e esperando.

Passados alguns minutos, Rei voltou-se de frente e sentou na cama. Jogou longe as cobertas, tirou as pernas para fora e sentou na beirada, com os pés descalços no chão. Coçou as coxas, tapadas pelo pijama.

— Americanueva — disse, — não “Falkland”. Eles vêm à praia e negociam. Criaturas de cara peluda, vestidos com roupas de pano e couro.

Olhou para Quem.

— Selvagens doentes, repulsivos — acrescentou, — que falam de um jeito que mal se entende.

— Foi só o que souberam fazer. As mãos deles parecem de pedra de tanto trabalhar. Roubam uns dos outros e passam fome.

— Mas não voltaram à Família.

— Lucrariam mais se voltassem — retrucou Rei. — Ainda acreditam em religião. E tomam bebidas alcoólicas.

— Quanto tempo eles vivem? — perguntou Quem.

Rei não disse nada.

— Mais que sessenta e dois anos? — insistiu.

Rei apertou friamente os olhos.

— Que tem a vida de tão formidável assim pra ser prolongada indefinidamente? Que é que ela tem de tão fabulosamente belo, tanto aqui como lá, pra que sessenta e dois anos não bastem, quando já são até demais? Sim, eles vivem mais do que isso. Um pretendia mesmo ter oitenta e, olhando-se pra ele, dava pra acreditar. Mas também morrem mais moços, com trinta e até com vinte e poucos... de tanto trabalhar, de imundície, de amor ao “dinheiro” deles.

— Sim, nesse grupo de ilhas. Mas há outras sete.

— Dá tudo no mesmo — afirmou Rei. — É tudo a mesma coisa.

— Como é que você sabe?

— Por acaso podia *não* ser? Por Cristo e Wei, se eu pensasse que fosse possível viver dessa maneira subumana, eu teria dito alguma coisa!

— Você devia ter dito de qualquer jeito. Existem ilhas aqui perto, na Baía da Estabilidade. Leopardo e Cochicho podiam ter ido pra lá e continuar vivos.

— Já estariam mortos.

— Então devia ter deixado que escolhessem um lugar pra morrer. Você não é Uni.

Levantou-se e repôs a cadeira na posição anterior. Olhou a tela do telefone, estendeu o braço por cima da escrivaninha e tirou debaixo da beira o cartão com o número do conselheiro: *Ana SG38P2823*.

— Não vá dizer-me que ignora o número dela — ironizou Rei. — Como é que vocês fazem, se encontram no escuro? Ou será que você ainda não a conhece bem?

Quem guardou o cartão no bolso.

— Nós nunca nos encontramos — disse.

— Ora, deixa disso. Eu sei o que está acontecendo. Pensa que sou cego?

— Não está acontecendo nada. Ela apenas foi uma vez ao museu e eu lhe dei as listas de vocabulário em *Français*, mais nada.

— Faço ideia — retrucou Rei. — Dê o fora, sim? Preciso dormir.

Deitou-se de costas na cama, pôs as pernas debaixo das cobertas e puxou-as sobre o peito.

— Não está acontecendo nada — repetiu Quem. — Ela acha que deve uma infinidade de coisas a você.

— Mas em breve isso não será nenhum obstáculo, não é? — disse Rei, de olhos fechados.

Quem permaneceu um instante calado. Por fim rompeu o silêncio.

— Você devia ter falado pra gente. Sobre a Americanova.

— Americanueva — corrigiu Rei.

E não disse mais nada. Ficou de olhos fechados, o peito arfando rapidamente debaixo das cobertas.

Quem dirigiu-se à porta e apagou a luz.

— Até amanhã à noite — despediu-se.

— Faço votos de boa viagem — retrucou Rei. — Aos dois. Pra Americanueva. Vocês merecem.

Quem abriu a porta e saiu.

O ressentimento de Rei o deixou deprimido, mas depois de caminhar mais ou menos quinze minutos começou a sentir-se animado e otimista, eufórico com os resultados dessa noite de extra-lucidez. O bolso da mão direita estava recheado com o mapa da Baía da Estabilidade e das Ilhas Andamão, os nomes e as posições dos outros baluartes de incuráveis, e o cartão de número de Lilás, impresso em letras vermelhas. Por Cristo, Marx, Wood e Wei, do que ele não seria capaz se não recebesse tratamento de espécie alguma?

Tirou do bolso o cartão e leu-o enquanto caminhava. *Ana SG38P2823*. Ia telefonar-lhe depois do primeiro carrilhão a fim de combinar um encontro — durante a hora de folga da noite seguinte. Ana SG. Não ela, não uma Ana qualquer: Lilás era o que ela era, perfumada, delicada, bonita. (Quem teria escolhido o apelido, ela ou Rei? Incrível. Aquele ódio supunha que eles andavam-se encontrando e fodendo. Quem dera!) *Trinta* e oito P, vinte e *oito* vinte e *três*. Caminhou ao ritmo do número durante certo tempo, depois percebeu que estava andando depressa demais e diminuiu o passo, guardando o cartão de novo no bolso.

Estaria de volta a seu prédio antes do primeiro carrilhão, tomaria uma ducha, trocaria de roupa, telefonaria a Lilás, comeria (morria de fome), depois faria o tratamento às 8h5m, iria à hora marcada (8h15m) ao dentista (“Hoje já está muito melhor, irmã. Parou quase por completo de latejar”). O tratamento o entorpecia, que ódio, mas não ao ponto de não poder contar a Lilás tudo sobre as Ilhas Andamão e começarem a fazer planos juntos — e com Floco de Neve e Pardal, caso lhes interessasse sobre a maneira de ir para lá. Floco, provável mente, preferiria ficar. Tomara que sim: simplificaria enormemente as coisas. Sim, Floco ficaria com Rei, rindo, fumando e fodendo com ele, e jogando aquele jogo de pazinhas com bola mecânica. E ele partiria com Lilás.

Ana SG, *trinta* e oito P, vinte e *oito* vinte e *três*...

Chegou ao prédio às 6h22m. Dois membros madrugadores vinham vindo pelo corredor, uma nua, a outra vestida.

— Bom dia, irmãs — cumprimentou sorrindo.

— Bom dia — responderam, também sorrindo.

Entrou no quarto, acendeu a luz e deparou com Beto na cama, apoiado aos cotovelos e pestanejando. O telecomputador estava aberto no chão, com as luzes azul e âmbar acesas.

6

Ele fechou a porta. a porta.

Beto tirou as pernas de cima da cama e sentou-se, olhando-o nervoso. Tinha a túnica entreaberta.

— Onde você andou, Li? — perguntou.

— No salão — respondeu Quem. — Fui pra lá depois do Clube de Fotografia... esqueci a caneta lá... e de repente me senti muito cansado. Decerto por estar atrasado com o tratamento. Sentei pra descansar e... — sorriu — quando vi já era dia.

Beto olhou para ele, ainda nervoso, e por fim sacudiu a cabeça.

— Eu estive no salão — disse. — E no quarto de Maria KK, no ginásio. Olhei até no fundo da piscina.

— Você com certeza não me viu. Eu estava no canto atrás...

— Eu *estive no salão*, Li — atalhou Beto.

Apertou os botões da túnica e sacudiu a cabeça, desesperado.

Quem afastou-se da porta, fazendo uma lenta curva distante de Beto para ir ao banheiro.

— Tenho de urinar — disse.

Entrou no banheiro, abriu a túnica e urinou, procurando recuperar a extraordinária lucidez que há pouco sentia, em busca de uma explicação que satisfizesse Beto ou que, no mínimo, parecesse apenas uma

extravagância passageira. Afinal de contas, por que Beto viera até ali? Há quanto tempo estaria esperando?

— Eu telefonei às onze e meia — explicou Beto, — e ninguém atendeu. Onde é que você andou desde aqueia hora?

Fechou a túnica.

— Caminhando por aí — respondeu, em voz alta, para que Beto ouvisse lá do quarto.

— Sem tocar nos controles?

Cristo e Wei.

— Acho que me esqueci — disse, abrindo a torneira e lavando os dedos. — E esta dor de dente. Agora piorou. Estou com todo o lado da cabeça dolorido.

Enxugou os dedos, olhando Beto pelo espelho, sentado na cama de costas para ele.

— Não conseguia dormir, por isso saí e fui dar uma volta. Eu inventei essa história do salão porque sei que eu devia ter descido logo para o...

— Eu também não consegui dormir — interrompeu Beto, por causa dessa sua “dor de dente”. Eu o vi durante a televisão e você me pareceu tenso e anormal. Então finalmente chamei o número do funcionário que marca horas pro dentista. Ele lhe sugeriu uma na sexta, mas você disse que o seu tratamento era no sábado.

Quem largou a toalha, virou-se e ficou encarando Beto na soleira da porta.

Soou o primeiro camihão e começou a tocar *Uma Forte Família*.

— Foi tudo fingimento, não é Li? — perguntou Beto. — o seu pouco rendimento no trabalho na primavera passada, o torpor e o excesso de tratamento.

Quem hesitou um pouco mas logo acenou com a cabeça.

— Ah, irmão — exclamou Beto. — O que é que você anda fazendo?

Quem não respondeu.

— Ah, irmão — repetiu Beto, curvando-se e desligando o telecomputador. Fechou-o com a tampa e passou os ferrolhos. — Você me perdoa? — Pôs o telecomputador de pé, firmando a alça entre os dedos das duas mãos, tentando mantê-lo naquela posição. — Vou-lhe contar uma coisa engraçada. Tenho resquícios de vaidade. Palavra. Perdão, tinha. Eu pensava que eu era um dos dois ou três melhores conselheiros do prédio. Do prédio, um ódio: da *cidade*. Alerta, observador, *sensível*... "E eis a cruel realidade".

Baixou a alça e sorriu friamente para Quem.

— Portando você não é o único doente — acrescentou, — se isso lhe serve de consolo.

— Eu não estou doente, Beto — negou Quem. — Nunca estive mais sadio em toda a minha vida.

Sempre sorrindo, Beto retrucou:

— Pois a julgar pelas aparências, ninguém diria, não é?

Pegou o telecomputador e levantou-se.

— Você não pode ver as aparências — disse Quem. — Os tratamentos o deixaram apático.

Beto chamou-o com um movimento de cabeça e encaminhou-se à porta.

— Vem — disse — Vamos dar um jeito nisso.

Quem não se mexeu. Beto abriu a porta e parou, olhando para trás.

— Estou perfeitamente bem de saúde — afirmou Quem.

Beto estendeu a mão, compreensivo.

— Vem, Li — repetiu.

Após um instante, Quem aproximou-se. Beto tomou-lhe o braço e os dois saíram pelo corredor. As portas estavam abertas e havia membros por todos os cantos, conversando em voz baixa, caminhando. Um grupo de quatro ou cinco, aglomerado diante do quadro de boletins, lia os avisos do dia.

— Beto — disse Quem, — quero que você ouça o que eu lhe vou dizer.

— Não ouço sempre?

— Quero que procure entender-me. Porque você não é um membro burro, você é inteligente, tem bom coração e quer ajudar-me.

Maria KK vinha descendo a escada rolante, em direção a eles, segurando uma trouxa de túnicas com um sabonete em cima. Sorriu e cumprimentou.

— Oi. — E para Quem: — Onde você esteve?

— No salão — respondeu Beto.

— Em plena noite? — estranhou Maria.

Quem confirmou com a cabeça e Beto disse que sim. Seguiram adiante, rumo à escada rolante, Beto com a mão pousada de leve no braço de Quem.

Desceram.

— Eu sei que você pensa que já tem o espírito aberto — disse Quem, — mas por que não tenta abri-lo mais um pouco, ouvindo e raciocinando durante alguns minutos como se eu estivesse tão sadio como digo que estou?

— Está bem, Li vou tentar.

— Beto — continuou Quem, — nós não somos livres. Nenhum de nós é. Nenhum membro da Família.

— Como é que posso ouvir como se você estivesse sadio quando me diz uma coisa dessas? Lógico que somos livres. Livres da guerra, da necessidade, da fome. Livres do crime, da violência, da agressividade, do ego...

— Sim, sim, somos livres de coisas, mas não somos livres pra *fazer* coisas. Então você não percebe, Beto? Ser "livre de" realmente não tem nada que ver com ser completamente livre.

Beto franziu a testa.

— Ser livre pra fazer o quê? — perguntou.

Saíram da escada rolante e deram volta para tomar a seguinte.

— Pra escolher nossa própria classificação — respondeu Quem. — Ter filhos quando a gente quer. Ir aonde bem se ente- der. E fazer o que dá vontade, recusar tratamentos que não fazem falta...

Beto ficou calado.

Pisaram nos próximos degraus.

— Os tratamentos realmente nos deixam apáticos, Beto — continuou Quem. — Sei disso por experiência própria. Eles têm coisas que "nos ensinam a ser bons"... que nem naquela ciranda, não é? Já faz meio ano que venho recebendo doses menores — soou o segundo carrilhão — e estou mais acordado e vivo do que *nunca*. Penso com mais clareza e sinto mais profundamente. Fodo quatro ou cinco vezes por semana, você acredita?

— Não — respondeu Beto, olhando para o telecomputador apoiado no corrimão.

— Pois é verdade. Agora você está absolutamente certo de que eu estou doente, não é? Pelo amor da Família, não estou, não. Há outros como eu, milhares, milhões talvez. Há ilhas espalhadas pelo mundo afora, talvez haja também cidades nos continentes — estavam dando a volta para tomar a escada seguinte — onde as pessoas vivam em autêntica liberdade. Eu tenho uma lista aqui no bolso. Elas não figuram nos mapas porque Uni não quer que ninguém saiba que elas existem, porque eles estão *defendidos* contra a Família e o pessoal lá não se *sujeitará* a nenhum tratamento. Então, você não quer ajudar-me não? Mas ajudar *mesmo*?

Pisaram nos próximos degraus. Beto olhou aflito para ele.

— Por Cristo e Wei — exclamou, — você ainda duvida, irmão?

— Muito bem. O que eu quero que você faça pra mim é o seguinte: quando nós chegarmos à sala de tratamento, diga a Uni que está tudo bem comigo, que eu peguei no sono exatamente como lhe contei. Não faça nenhuma referência ao fato de que não toquei nos controles ou à maneira com que inventei a dor de dente. Deixa apenas eu receber o tratamento que teria recebido ontem, ‘tá bom?

— E isso seria ajudá-lo? — perguntou Beto.

— Sim, seria. Eu sei que você não concorda, mas eu lhe peço como irmão e amigo... respeite o que eu penso e sinto. Hei de encontrar um meio qualquer de fugir pra uma dessas ilhas, sem prejudicar a Família de jeito nenhum. O que a Família me proporcionou eu retribuí com o trabalho que fiz. Em primeiro lugar, eu não tinha pedido nada, e não houve alternativa senão aceitar.

Deram a volta até a escada seguinte.

— Está bem — disse Beto, quando já subiam, — eu ouvi você, Li. Agora *você me* ouça.

A mão que segurava o braço de Quem crispou-se ligeiramente.

— Você está muito, muito doente, e a culpa é exclusivamente minha; sinto-me desprezível por causa disso. Não existem ilhas que não figurem nos mapas. Os tratamentos não deixam ninguém apático. E se tivéssemos o tipo de “liberdade” a que você se refere, haveria desordens, superpopulação, carestia, crimes e guerra. Sim, eu vou ajudá-lo, irmão. Contarei tudo a Uni, você ficará curado e me agradecerá.

Deram a volta até a escada seguinte e pisaram no degrau. *Terceiro andar — Centro Médico*, dizia o cartaz lá embaixo. Um membro de cruz vermelha na .túnica vinha subindo pela outra escada.

— Bom dia, Beto — cumprimentou sorrindo.

Beto acenou-lhe com a cabeça.

— Eu não *quero* ficar curado — disse Quem.

— O que prova que precisa ficar — retrucou Beto. — Acalme-se, Confie em mim, Li. Não, que ódio. Confie em Uni, então. Você promete? Confie nos membros que programaram o Uni.

Quem hesitou um momento.

— Está bem, eu confio.

— Estou-me sentindo um horror — confessou Beto.

Quem virou-se e afastou o braço com um gesto brusco. Beto, espantado, olhou para ele. Encostando as duas mãos às costas dele, Quem empurrou-o por diante, enquanto se voltava, apoiado ao corrimão — ouviu Beto tropeçar, e o estrondo da queda do telecomputador no chão — e, de um salto, ganhava o declive central de movimento ascendente. No mesmo instante o movimento parou. Quem arrastou-se lateralmente, segurando-se com os dedos e os joelhos às saliências metálicas, até alcançar o corrimão da escada oposta. Pegou-o, pulou por cima e caiu sobre os afiados degraus sussurrantes. Levantou-se rapidamente.

— Parem-no! gritou Beto lá de baixo e subiu correndo, de dois em dois.

O membro da cruz vermelha, já fora da escada, virou-se,

— O que é que você...”

Mas Quem tomou-o pelos ombros — era idoso, de olhos arregalados — e, empurrando-o com a mão, jogou-o longe.

Saiu disparando pelo corredor afora.

E outros membros:

— Peguem esse membro!

— Ele está doente. Parem-no!

Chegou ao refeitório e os membros que estavam na fila se viraram para ver o que havia.

— Parem esse membro! — gritou, correndo em direção a eles e apontando em frente. — Parem-no!

Passou correndo pela fila.

— Tem um membro doente aí dentro! — disse, empurrando os que se encontravam na porta, e ludibriando o controle.

— Ele precisa de ajuda lá dentro! Depressa!

No refeitório ele olhou, e correu para o lado, atravessando uma porta giratória que comunicava com a parte atrás das despensas. Diminuiu o passo, caminhou rápido, procurando normalizar a respiração, cruzando por membros que carregavam pilhas de bolos entre trilhos verticais, membros que olhavam para ele enquanto despejavam chá em pó em recipientes de aço. Viu um carrinho cheio de caixas com a marca: *Guardanapos* — pegou-o pelo cabo, virou-o na direção oposta e empurrou-o por diante, na frente de

dois membros que comiam em pé, outros dois que juntavam bolos caídos de uma caixa de papelão rasgada.

Deparou com uma porta onde estava escrito *Saída*: comunicava com uma das escadas laterais. Empurrou o carrinho naquela direção, escutando vozes alteradas em seu encalço. Tomou impulso contra a porta, abriu-a com força e saiu com o carrinho no patamar. Fechou a porta, encostando nela o cabo do carrinho. Retrocedeu dois passos e puxou-o de lado em sua direção, calçando-o firmemente entre a porta e o pilar do corrimão dos degraus, com uma roda preta girando no ar.

Desceu a escada correndo.

Precisava dar o fora, sair do prédio e sumir pelas ruas e praças. Iria a pé até o museu — ainda não estaria aberto — para esconder-se na sala de depósito ou atrás do reservatório de água quente, até a noite do dia seguinte, quando Lilás e os outros esta- riam lá. Devia ter agarrado alguns bolos há pouco. Por que não tinha pensado nisso? Que ódio!

Chegou ao andar térreo e atravessou rapidamente o corredor, cumprimentando um membro que se aproximava. Ela olhou as pernas dele e mordeu os lábios, preocupada. Ele abaixou a vista e parou. A túnica estava rasgada nos joelhos, sendo que o lado direito estava machucado, com pequenas gotas de sangue por cima.

— Posso ser-lhe útil? — perguntou ela.

— Já estou indo para o centro médico — explicou. — Obrigada, irmã.

Seguiu adiante. Não havia nada que pudesse fazer. Teria de correr o risco. Quando estivesse na rua, longe do prédio, amarraria um pano no joelho e arrumaria a túnica da melhor forma possível. O joelho começou a arder, agora que ele sabia. Apressou o passo.

Entrou na parte traseira do saguão e estacou, fitando as escadas rolantes nivelando-se de ambos os lados e, mais adiante, as quatro portas de vidro, providas de controles, com a rua ensolarada lá fora. Membros

conversavam e saíam; alguns entravam. Tudo parecia normal. O burburinho das vozes era baixo, sem nenhum pânico.

Dirigiu-se às portas, caminhando normalmente, olhando sempre para frente. Aplicaria o golpe de costume no controle — o joelho seria um pretexto para tropeçar, caso alguém notasse — e depois que se encontrasse lá fora... A música parou.

— Desculpem — disse uma voz feminina pelo alto-falante, — mas queiram, por um momento, permanecer exatamente onde estão. Façam o obséquio de não sair de seus lugares.

Ele se deteve, no meio do saguão.

Todo mundo parou, olhando em torno com ar interrogativo, e aguardou. Somente os membros que ocupavam as escadas rolantes continuaram a se mexer, mas logo também pararam, olhando para os pés. Um membro desceu os degraus caminhando.

— Não se mova! — gritaram-lhe várias vozes.

Ela parou, ruborizada.

Ele permaneceu imóvel, contemplando as gigantescas fisionomias dos vitrais que dominavam as portas: os barbudos Cristo e Marx, o calvo Wood, os sorridentes olhos amendoados de Wei. Sentiu qualquer coisa escorrendo canela abaixo: uma gota de sangue.

— Irmãos, irmãs — prosseguiu a mulher pelo alto-falante, — surgiu uma emergência. Há um membro no prédio que está doente, muito doente. Comportou-se agressivamente e fugiu do seu conselheiro — todos prenderam a respiração — e ele precisa que todos nós o ajudemos a ser encontrado, para levá-lo à sala de tratamento o mais rápido possível.

— Que devemos fazer? — perguntou outro.

— Supõe-se que ele esteja em algum canto abaixo do quarto andar — respondeu a mulher — Tem vinte e sete anos...

Uma segunda voz falou com ela, uma voz de homem, rápida e ininteligível. Um membro, prestes a pisar na escada mais próxima, olhava os joelhos de Quem. Quem fitou o retrato de Wood.

— Ele decerto tentará sair do prédio — continuou a mulher, — de maneira que os dois membros que estiverem mais perto de cada porta de saída queiram, por favor, adiantar-se e bloqueá-las. Ninguém mais deve mexer-se. Só os dois membros que estiverem mais perto de cada porta de saída.

Os membros mais próximos às portas entreolharam-se. Dois tomaram logo a iniciativa, postando-se, contrafeitos, lado a lado, paralelos aos controles.

— Que horror! — exclamou alguém.

O membro que estivera olhando os joelhos de Quem agora estava encarando-o. Quem sustentou o olhar. Era um homem de quarenta anos, mais ou menos: desviou os olhos para outro lado.

— O membro que estamos procurando — disse uma voz no alto-falante — é do sexo masculino, tem vinte e sete anos, e seu número é Li RM35M4419. Repito: Li, RM, 35M, 4419. Vamos, em primeiro lugar, verificar entre nós mesmos e depois revistaremos andar por andar. Um momento, por favor, um momento. UniComp avisa que o membro é o único Li RM no prédio, portanto podemos deixar de lado o resto do número. Precisamos apenas procurar por Li RM. Li RM. Examinem as pulseiras dos membros que os rodeiam. Estamos procurando por Li RM. Certifiquem-se de que cada membro à vista seja verificado por, no mínimo, outro membro. Os membros que se encontrarem em seus quartos queiram ter a gentileza de sair para os corredores. Li RM. Estamos procurando por Li RM.

Quem virou-se para o membro mais próximo, tomou-lhe a mão e olhou a sua pulseira.

— Deixe-me ver a sua — disse o outro.

Quem ergueu o pulso e afastou-se, dirigindo-se a um segundo membro.

— Não deu pra ver — queixou-se o primeiro.

Quem pegou a mão do segundo. Sentiu que alguém o agarrava delicadamente pelo braço.

— Não deu pra ver, irmão — repetiu o primeiro.

Correu em direção às portas. Foi pego e obrigado a virar-se de frente — pelo membro que estivera olhando para ele. Cerrou os punhos, aplicou-lhe um soco na cara e ele caiu longe.

Os membros gritavam.

— É ele!

— Lá está ele!

— Ajudem-no!

— Parem-no!

Correu até a porta e esmurrou um dos membros de guarda. Mas o outro prendeu-o pelo braço, dizendo-lhe ao ouvido:

— Irmão, irmão!

O braço livre foi preso por outros membros: sujeitaram-lhe o peito pelas costas.

— Estamos procurando por Li RM — repetiu o homem no alto-falante. — Ele talvez se comporte agressivamente quando o encontrarmos, mas não devemos ter medo. Ele depende de nós, da nossa ajuda e da nossa compreensão.

— Larguem-me! — gritou, tentando desvencilhar-se dos braços que o seguravam com força.

— Ajudem-no! — clamavam. — Levem-no para a sala de tratamento!

— Ajudem-no!

— Deixem-me em paz! — berrou. — Eu não *quero* ajuda nenhuma! Deixem-me em *paz*, seus filhos da luta...

Foi arrastado escada rolante acima por membros ofegantes e vacilantes. Um deles tinha lágrimas nos olhos.

— Calma, calma — diziam-lhe, — estamos ajudando-o. Você vai ficar bem, estamos ajudando-o.

Esperneou, mas pegaram-lhe as pernas e as imobilizaram.

— Eu não *quero* ajuda nenhuma! — repetiu aos berros.

— Quero que me deixem em paz! Eu sou sadio! Sou sadio! Não estou doente!

Foi arrastado diante de membros que paravam com as mãos nos ouvidos, boquiabertos, de olhos arregalados.

— *Você é que está* doente — disse ao membro que esmurrara no rosto. Ele tinha sangue pingando das narinas e o nariz e a face inchados. O braço de Quem estava preso pelo dele.

— Você está apático e drogado. Está morto. Você é um homem morto. Você está *morto*!

— Psiu, nós todos te amamos, estamos te ajudando — disse o membro.

— *Por Cristo e Wei, me LARGUEM!*

Foi arrastado mais alguns degraus acima.

— Ele foi encontrado — disse o homem no alto-falante. — Li RM foi encontrado, membros. Está sendo conduzido ao centro médico. Permitam que eu repita: Li RM foi encontrado, e está sendo conduzido ao centro médico. Terminou a emergência, irmãos e irmãs. Agora podem prosseguir

com seus afazeres. Obrigado. Obrigado a todos pela ajuda e cooperação. Obrigado em nome da Família, obrigado a todos em nome de Li RM.

Foi arrastado pelo corredor do centro médico.

A música recomeçou no meio da melodia.

— Vocês estão todos mortos — disse ele. — A Família inteira está morta. Uni está vivo, só Uni. Mas há ilhas onde há *gente* vivendo! Olhem no mapa! Olhem no mapa no Museu da Pré-U!

Foi arrastado para dentro da sala de tratamento. Beto estava ali, pálido e suado, com um corte sangrento em cima da sobrancelha: dedilhava as teclas de seu telecomputador, que uma moça de avental azul segurava para ele.

— Beto — disse Quem, — Beto, me faz um favor, sim? Olha no mapa do Museu da Pré-U. Olha no mapa de 1951.

Arrastado até um aparelho de luzes azuis, agarrou-se à beira da abertura, mas ergueram-lhe o polegar e o forçaram a enfiar a mão: a manga foi rasgada para trás e meteram o braço todo até ao ombro.

Acariciaram-lhe o rosto — era Beto, trêmulo.

— Você vai ficar bom, Li — disse. — Confie em Uni.

Três listras de sangue do corte escorriam entre os pêlos das sobrancelhas.

Sua pulseira foi surpreendida pelo controle, o braço tocado pelo disco de infusão. Fechou bem os olhos. *Não hei de ficar como morto!* pensou. *Não hei de ficar como morto! Lembrarei das ilhas, lembrarei de Lilás! Não hei de ficar como morto! Não hei de ficar como morto!* Abriu os olhos. Beto sorria-lhe. Estava com uma tira de esparadrapo da cor da pele em cima da sobrancelha.

— Eles *disseram* três horas e não se enganaram — disse ele.

— A que é que você se refere?

Estava deitado numa cama e Beto sentado a seu lado.

— Foi a hora que os médicos disseram que você ia acordar — respondeu Beto. — Às três. E é o que agora são. Nem um minuto a mais, nem a menos. Três em ponto. Esses membros são tão inteligentes que até fico assustado.

— Onde estou? — perguntou.

— No Centro Médico Matriz.

Então lembrou-se das coisas que tinha pensado e dito e, o pior de tudo, feito.

— Ah, Cristo — exclamou. — Ah, Marx. Ah, Cristo e Wei.

— Fique calmo Li — recomendou Beto, tocando-lhe a mão.

— Beto — disse, — ah, Cristo e Wei, Beto, eu... eu te empurrei pra baixo na...

— Na escada rolante — completou Beto. — E empurrou mesmo, irmão. Aquele foi o momento mais surpreendente da minha vida. Mas estou ótimo. — bateu de leve no esparadrapo acima da sobrancelha. — Já cicatrizou bem. Está como novo. Ou estará, daqui a um ou dois dias.

— *Agredi* um membro! Com minha mão!

Ele também não sofreu nada — assegurou Beto. — Duas daquelas ali são dele.

Acenou para o outro lado da cama: havia um vaso de rosas vermelhas em cima da mesa.

— E duas de Maria KK, e duas dos membros de tua seção.

Olhou as rosas, enviadas pelos membros que agredira, iludira e traíra. Vieram-lhe lágrimas aos olhos e começou a tremer.

— Ei, o que é isso? Calma, vamos — disse Beto.

Mas, por Cristo e Wei, ele estava pensando exclusivamente em si mesmo!

— Beto, ouça — pediu, voltando-se para o conselheiro soerguendo-se apoiado ao cotovelo e protegendo os olhos com a mão virada ao contrário.

— Vai com calma — disse Beto.

— Beto, há *outros* — disse, — outros que estão tão doentes como eu estava! Temos de encontrá-los e ajudá-los!

— Nós sabemos.

— Existe um membro chamado Lilás, Ana SG38P2823, e um outro...

— Nós sabemos, nós sabemos — repetiu Beto. — Elas já foram socorridas. Todas foram.

— É fato?

Beto confirmou com a cabeça.

— Você foi interrogado enquanto esteve desacordado — explicou. — Hoje é segunda-feira. Segunda-feira de manhã. Já as localizamos e ajudamos... Ana SG, a que você chamou de Floco de Neve, Ana PY. E Yin GU, Pardal.

— E Rei... Jesus HL. Ele trabalha aqui neste prédio. Ele é...

— Não — interrompeu Beto, sacudindo a cabeça. — Não, nós chegamos tarde demais. Esse... esse está morto.

— Morto?

— Ele se enforcou — disse.

Quem ficou olhando para ele.

— No chuveiro, com uma tira de cobertor.

— Ah, Cristo e Wei — exclamou Quem, recostando-se ao travesseiro.

Doença, doença, doença: e ele participara daquilo.

— Mas todos os outros ficaram bons — tranquilizou Beto, batendo-lhe de leve na mão. — E você também ficará. Você vai pra um centro de recuperação, irmão. Terá uma semana de férias. Até mais, talvez.

— Sinto-me tão envergonhado, Beto, tão tremendamente envergonhado de mim mesmo...

— Deixe disso — retrucou Beto. — Você acaso sentiria vergonha se escorregasse e quebrasse o tornozelo? É a mesma coisa. Se há alguém aqui que devia sentir-se envergonhado, sou eu.

— Eu menti pra você!

— Porque eu deixei. Olhe, ninguém é realmente responsável por coisa alguma. Em breve você compreenderá.

Abaixou-se, pegou uma sacola de viagem que estava no chão, e abriu-a no colo.

— Isto aqui é seu. Diga-me se eu esqueci alguma coisa. Escova, chinelos, retratos, agendas de números, o desenho de um cavalo, a sua...

— Isso é mórbido. Não quero. Joga na lixeira.

— O quadro?

— É.

Beto tirou-o da sacola e ficou olhando.

— Está muito bem feito. Não é fiel, mas é... de certo modo, bem feito.

— E mórbido. Foi feito por um membro doente. Bote fora.

— Você é quem manda.

Pousou a sacola em cima da cama, levantou-se e atravessou o quarto. Abriu a lixeira e jogou o quadro lá dentro.

— Há ilhas cheias de membros doentes — disse Quem. — No mundo inteiro.

— Eu sei. Você nos contou.

— Por que não podemos ajudá-los?

— Isso eu *não* sei. Mas Uni sabe. Já lhe disse, Li: confie em Uni.

— Eu confio — respondeu ele. — Eu confio.

E tornou a encher os olhos de lágrimas.

Um membro de cruz vermelha na túnica entrou no quarto.

— Como é que vamos? — indagou.

Quem olhou para ele.

— Ele está muito abatido — explicou Beto.

— Era de se esperar — disse o membro. — Não se preocupe. Nós o deixaremos em forma.

Aproximou-se e tomou o pulso de Quem.

— Li, eu agora tenho que ir — avisou Beto.

— Está bem — respondeu Quem.

Beto chegou perto e beijou-lhe o rosto.

— Caso você não seja mandado de volta pra cá, adeus, irmão — disse.

— Adeus, Beto. Obrigado. Por tudo.

— Agradeça a Uni.

Beto estreitou-lhe a mão e sorriu. Despediu-se do membro da cruz vermelha na túnica e saiu.

O membro tirou do bolso uma seringa de infusão e destampou-a.

— Você vai-se sentir perfeitamente normal num instante — prometeu-lhe.

Quem permaneceu imóvel de olhos fechados, secando as lágrimas com a mão, enquanto o membro arregaçava a outra manga.

— Eu estive tão doente — murmurou. — Tão doente.

Psiu, não pense mais nisso — pediu o membro, aplicando delicadamente a infusão. — Não foi nada. Você já vai ficar bom.

TERCEIRA PARTE

FUGINDO

1

Velhas cidades foram demolidas, novas construídas. As novas tinham edifícios mais altos, praças mais amplas, parques mais vastos, monotrilhos cujos carros desenvolviam maior velocidade, embora com menos frequência.

Outras duas espaçonaves foram lançadas, em direção a Sírio B e Cisnes 61. As colônias marcianas, agora repovoadas e protegidas da devastação de 152, expandiam-se diariamente. O mesmo acontecendo com as colônias em Vênus e na Lua, os postos avançados em Titã e Mercúrio.

A hora de folga teve uma prolongação de cinco minutos. A ligação de telecomputadores pela voz começou a substituir as teclas e os bolos integrais ganharam um agradável segundo sabor. O limite de longevidade aumentou para 62.4.

Os membros trabalhavam e comiam, assistiam à televisão e dormiam. Cantavam, visitavam museus e passeavam pelos jardins de diversão.

No segundo centenário do nascimento de Wei, durante a parada numa cidade nova, um imenso estandarte com o retrato de Wei sorrindo teve um de seus mastros carregado por um membro de mais ou menos trinta anos, cujo aspeto era normal em todos os sentidos, a não ser pelo olho direito, que era verde em vez de castanho. Certa ocasião, há muito tempo, esse membro tinha adoecido, mas agora estava curado. Possuía trabalho, quarto, namorada e conselheiro. Sentia-se calmo e contente.

Um fato estranho lhe aconteceu durante a parada. Enquanto marchava, sorridente, segurando o mastro do estandarte, começou a ouvir um número que se repetia incessantemente no cérebro: Ana SG, *trinta* e oito P, vinte e *oito*, vinte e *três*. Ana SG, *trinta* e oito P, vinte e *oito*, vinte e *três*. Aquilo

continuou martelando, em compasso com a marcha. Ficou imaginando a quem pertencia esse número e por que estaria repetindo-se daquela maneira em seu cérebro.

De repente lembrou-se: era do tempo de sua doença! Era o número de um dos outros doentes, o que se chamava Linda — não, Lilás. Por que, depois de tantos anos, voltava-lhe o seu número? Bateu os pés no chão com mais força, procurando não ouvir, e alegrou-se quando foi dado o sinal para cantar.

Contou ao conselheiro.

— Não tem a menor importância — disse ela. — Você provavelmente viu alguma coisa que fez lembrá-la. Talvez até ela mesma. Não há motivo pra temer recordações... a não ser, naturalmente, que se tornem incomodas. Se acontecer outra vez, me avise.

Mas não aconteceu. Ele estava curado, graças a Uni.

Um dia de Natal de Cristo, quando já tinha novo trabalho e morava noutra cidade, foi de bicicleta com a namorada e quatro outros membros a um parque distante. Levaram bolos e refrigerantes, e almoçaram no chão, perto de um arvoredo.

Ele tinha posto seu recipiente de refrigerante em cima de uma pedra quase lisa e, estendendo o braço para apanhá-lo enquanto conversava, derrubou-o. Os outros membros encheram-no de novo com o conteúdo dos seus.

Poucos minutos depois, ao dobrar o invólucro de seu bolo, reparou numa folha caída em cima da pedra úmida, com gotas de refrigerante brilhando na parte posterior, a haste enroscada para cima feito uma alça. Ele pegou a haste e levantou a folha: a pedra, embaixo, estava seca no formato oval da folha. O resto da pedra escurecera com o líquido, mas no lugar da folha continuava cinza e seca. Qualquer coisa naquele momento lhe pareceu significativa. Ficou sentado em silêncio, contemplando a folha que tinha na mão, o invólucro do bolo dobrado na outra e o contorno seco da folha em

cima da pedra. Sua namorada falou-lhe algo e ele não pensou mais naquilo, juntando a folha e o invólucro e entregando-os ao membro encarregado do saco de detritos.

A imagem do contorno seco da folha em cima da pedra voltou-lhe à lembrança várias vezes naquele dia. E no dia seguinte também. Depois teve o seu tratamento e esqueceu o assunto. Em questão de semanas, porém, tomou a lembrar-se. Ficou imaginando por quê. Teria já levantado antes uma folha de cima de uma pedra úmida daquele mesmo jeito? Se tinha, não se recordava...

De vez em quando, ao caminhar por um parque ou, por estranho que pareça, ao aguardar na fila para fazer tratamento, a imagem do contorno seco da folha voltava-lhe à lembrança e o fazia franzir a testa.

Houve um terremoto. (Foi jogado longe da cadeira; a lente do microscópio quebrou e das profundezas do laboratório ele ouviu o som mais ensurdecedor de toda a sua vida.) Uma válvula- sismógrafo a meio continente de distância tinha emperrado sem que ninguém percebesse, explicou a televisão poucas noites depois. Aquilo jamais acontecera e não se repetiria mais. Constituía motivo de pesar, naturalmente, mas não era nada que causasse preocupações para o futuro.

Dezenas de prédios ruíram, centenas de membros morreram. Todos os centros médicos da cidade viram-se superlotados de feridos e mais da metade dos aparelhos de tratamento ficaram danificados, ocasionando um atraso de dez dias em cada um.

Alguns dias depois da data em que devia ter tido o seu, pensou em Lilás e em como a tinha amado de uma maneira diferente e mais — mais *excitantemente* — do que amara todas as outras. Ele havia querido contar uma coisa a ela. O que era? Ah sim, a propósito das ilhas. As ilhas que descobrira escondidas no mapa do Pré-U. As ilhas dos incuráveis...

O conselheiro telefonou-lhe.

— Você está bem? — perguntou.

— Acho que não, Karl — respondeu. — Preciso do meu tratamento.

— Espere um instante — disse o conselheiro, afastando- se e falando baixinho ao telecomputador. Não demorou muito, voltou. — Você pode fazê-lo hoje de noite às sete e meia — anunciou, — mas terá de ir ao centro médico em T24.

Às sete e meia ele estava esperando numa longa fila, pensando em Lilás, procurando recordar exatamente como ela era. Quando chegou perto dos aparelhos de tratamento, voltou-lhe à memória a imagem do contorno seco da folha em cima da pedra.

Lilás telefonou-lhe (ela morava ali mesmo, no próprio edifício) e ele foi para o quarto dela, que era a sala de depósito no Pré-U. Jóias verdes pendiam-lhe das orelhas e cintilavam em torno do pescoço moreno-rosa: estava com um vestido de fazenda verde fulgurante que expunha os seios cônicos macios de bicos nacarados.

— *Bon soir*, Quem — disse, sorrindo. — *Comment vas-tu? Je m'ertnuyais tellement de toi.*

Ele se aproximou, tomou-a nos braços e beijou-a — os lábios eram quentes e macios, a boca entreaberta — e acordou no escuro, desapontado: fora um sonho, apenas um sonho.

Mas estranhamente, assustadoramente, tudo persistia: o cheiro do seu perfume (*parfum*), o gosto do fumo, o som das canções de Pardal, o desejo por Lilás, a raiva contra Rei, o ressentimento contra Uni, a tristeza pela Família e a felicidade de sentir, de estar vivo e lúcido.

E de manhã faria o tratamento e aquilo terminaria. Às oito horas. Acendeu a luz, olhou o relógio: 4h54m. Em pouco mais de três horas...

Apagou a luz de novo e ficou deitado no escuro, de olhos abertos. Não queria perder aquilo. Doente ou não, queria guardar suas recordações, a capacidade de explorá-las e saboreá-las. Não queria pensar nas *ilhas* — não, nunca: isso era doença *mesmo* — porém queria pensar em Lilás, nas

reuniões do grupo na sala de depósito cheia de relíquias e, de vez em quando, talvez, sonhar outra vez.

Mas o tratamento viria dentro de três horas e tudo terminaria. Não havia nada que pudesse fazer — a não ser esperar novo terremoto, & quais eram as possibilidades de que isso acontecesse? As válvulas-sismógrafos funcionavam perfeitamente desde então e continuariam funcionando perfeitamente no futuro. E o que, além de um terremoto, podia adiar o tratamento? Nada. Absolutamente nada. Não com Uni sabendo que ele já tinha mentido antes para conseguir um adiamento.

O contorno da folha seca sobre a pedra voltou-lhe à lembrança, mas enxotou-o para pensar em Lilás, para vê-la como a havia visto no sonho, para não desperdiçar suas três breves horas de lucidez. Tinha esquecido como eram grandes os olhos dela, como era lindo o seu sorriso, a sua pele morena-rosa, como era comovente a sua sinceridade. Tinha esquecido tanta coisa mais: o prazer de fumar, o entusiasmo em decifrar *Français*...

O contorno seco da folha voltou, e pensou nele, irritado tentando descobrir por que se gravara na lembrança, tentando livrar-se dele de uma vez por todas. Recapitulou o momento ridiculamente inexplicável: visualizou a folha de novo, coberta de gotas brilhantes de bebida, seus dedos levantando-a pela haste, enquanto a outra mão segurava o invólucro dobrado do bolo, e o oval seco e cinzento sobre a pedra molhada de refrigerante escuro. Tinha derramado a bebida, ia folha ficara ali, e por baixo a pedra continuava...

Soergueu-se na cama e pegou com força o braço esquerdo coberto pelo pijama.

— Cristo e Wei — exclamou, assustado.

Levantou-se antes do primeiro carrilhão, vestiu-se e arrumou a cama.

Foi o primeiro a chegar ao refeitório. Comeu e bebeu, e voltou para o quarto com o invólucro do bolo dobrado displicentemente no bolso.

Desdobrou-o, colocou-o em cima da escrivaninha e alisou- o com a mão. Dobrou o invólucro laminado bem ao meio, e a metade em três. Apertou o maço quanto pôde e apalpou-o: era fino, apesar das seis dobras. Fino demais? Largou-o de novo.

Dirigiu-se ao banheiro, tirou algodão e o rolo de esparadrapo do estojo de medicamentos que guardava no armário. Trouxe-os de volta à escrivaninha.

Pôs uma camada de algodão sobre o maço do invólucro — uma camada menor que o próprio maço — e começou a cobrir o algodão e o maço com longas tiras superpostas de esparadrapo da cor da pele. Prendeu de leve as pontas do esparadrapo em cima da escrivaninha.

A porta se abriu e ele se virou, escondendo o que estava fazendo e guardando o rolo de esparadrapo no bolso. Era Karl TK, vizinho de quarto.

— Pronto pro café? — perguntou.

— Eu já tomei — respondeu.

— Ah. Até já, então.

— O.K. — disse, e sorriu.

Karl fechou a porta.

Terminou de passar o esparadrapo e depois desprendeu as pontas de cima da escrivaninha, levando para o banheiro a atadura que tinha feito. Colocou-a com o lado do invólucro laminado para cima na beira da pia e arregaçou a manga.

Pegou a atadura e encostou o invólucro cuidadosamente à parte interna do seu braço, onde o disco da infusão tocaria. Agarrou a atadura com força e colou as pontas do esparadrapo contra a pele.

Uma folha. Um escudo. Daria certo?

Se desse, pensaria unicamente em Lilás, não nas ilhas. Se se surpreendesse pensando nelas, contaria ao conselheiro.

Abaixou a manga.

Às oito horas, entrou na fila na sala de tratamento. Ficou de braços cruzados, com a mão por cima da atadura encoberta pela manga — para esquentá-la, caso o disco de infusão fosse sensível à temperatura.

Estou doente, pensou. Vou pegar tudo quanto é doença: câncer, varíola, cólera, tudo. Crescerão pêlos no meu rosto!

Faria aquilo só desta vez. Ao primeiro sintoma de anormalidade, correria ao conselheiro.

Talvez não desse certo.

Chegou a sua vez. Arregaçou a manga até o cotovelo, enfiou o braço bem no fundo do orifício revestido de borracha, depois puxou a manga até o ombro e no mesmo instante deslizou o braço todo no interior do aparelho.

Sentiu o controle localizando-lhe a pulseira e a leve pressão do disco de infusão sobre a atadura de algodão... Não aconteceu nada.

— Você já está pronto — advertiu o membro seguinte.

A luz azul do aparelho estava acesa.

— Ah — exclamou, abaixando a manga enquanto retirava o braço.

Tinha de rumar direto para o trabalho.

Terminado o almoço, voltou ao quarto e, no banheiro, arregaçou a manga e tirou a atadura. O invólucro laminado estava intato, mas a pele sempre ficava assim após o tratamento. Arrancou do esparadrapo o invólucro dobrado.

O algodão tinha ficado cinzento e fosco. Espremeu a atadura em cima da pia e um líquido aquoso escorreu de dentro dela.

Recuperou a lucidez, cada dia mais forte. Recuperou a memória, em pormenores nítidos, torturantes.

Recuperou o sentimento. O rancor contra Uni converteu-se em ódio; o desejo por Lilás transformou-se em fome insaciável.

Recorreu novamente às velhas simulações: era normal no trabalho, normal com o conselheiro, normal com a namorada. Mas dia a dia aquele fingimento ficava mais irritante, mais insuportável de manter.

No tratamento subsequente, fez outra atadura com invólucro de bolo, algodão e esparadrapo; e dela espremeu outro fio de líquido aquoso.

Apareceram-lhe pontinhos pretos no queixo, no rosto e acima do lábio superior — pêlos incipientes. Desmontou a tesoura, prendeu com arame uma das lâminas ao cabo e de manhã, antes do primeiro carrilhão, esfregava sabonete no rosto e raspava fora os pontinhos.

Sonhava todas as noites. As vezes os sonhos traziam-lhe orgasmos.

Simular calma e contentamento, humildade e bondade, tornava-se cada vez mais exasperante. No dia de Natal de Marx, numa praia, pôs-se a caminhar pela areia e de repente desandou a correr, a correr na frente dos membros que caminhavam a seu lado, a correr para longe da Família que tomava banho de sol, que comia bolos. Correu até que a praia se estreitou em pedras caídas e continuou correndo no meio da arrebentação e por cima de antigos contrafortes escorregadios. Então parou e sozinho e nu entre o oceano e os elevados penhascos cerrou os punhos e esmurrou os rochedos, gritando obscenidades para o claro céu azul, torcendo e tentando arrancar a corrente inquebrável de sua pulseira.

Era 169, dia 6 de maio. Tinha perdido seis anos e meio. *Seis anos e meio!* Estava com trinta e quatro. Morava em USA- 90058.

E onde estaria ela? Ainda em Ind, ou noutro lugar qualquer? Na Terra ou numa espaçonave?

E estaria viva, como ele, ou morta, como todos os membros da Família?

2

Agora era mais fácil, agora que tinha machucado as mãos e gritado. Mais fácil de caminhar com um sorriso de contentamento, de assistir à televisão e olhar pelo microscópio, de sentar com a namorada nos concertos de anfiteatro.

Pensando o tempo todo no que fazer...

— Alguma preocupação? — perguntou-lhe o conselheiro.

— Bem, um pouco — respondeu.

— Achei que você não estava com bom aspeto. O que é?

— Olha, sabe, eu andei muito doente alguns anos atrás...

— Sei.

— E agora um dos membros que esteve doente junto comigo, o que me *deixou* doente, pra ser mais preciso, está morando aqui no prédio. Será que não daria pra eu me mudar pra outro lugar?

O conselheiro olhou-o com ar de dúvida.

Estou meio surpreso — disse ele, — que o UniComp tenha deixado vocês dois juntos de novo.— Eu também — disse Quem. — Mas ela está morando aqui. Encontrei-a ontem à noite no refeitório e hoje de manhã outra vez.

— Você falou com ela?

— Não.

— Vou informar-me. Se ela *estiver* aqui e isso o incomoda, evidente que nós o mudaremos pra outro lugar. Ou então ela. Qual é o número dela?

— Não me lembro por completo — respondeu Quem. — Ana ST38P.

O conselheiro telefonou-lhe no dia seguinte de manhã cedo.

— Você se enganou, Li — disse. — Não foi aquele membro que você viu. E por falar nisso, ela é Ana SG, não ST.

— Tem certeza de que ela não mora aqui?

— Absoluta. Ela está em Afr.

— Que alívio.

— E Li, em vez de você fazer tratamento na quinta, você vai fazer hoje,

— É mesmo?

— É. A uma e meia.

— ‘Tá certo — disse. — Obrigado, Jesus.

— Agradeça a Uni.

Tinha três invólucros de bolo dobrados e escondidos no fundo da gaveta da escrivaninha. Tirou um, foi ao banheiro, e começou a preparar a atadura.

Ela estava em Afr. Era mais perto do que Ind, mas sempre a um oceano de distância. E da largura de Usa, aliás.

Os pais dele moravam lá, em ’71334. Esperaria algumas semanas e depois pediria uma visita. Fazia pouco menos de dois anos que não os via: havia bastante possibilidade de que o pedido fosse atendido. Chegando em Afr, telefonaria a ela — sob o pretexto de ter ferido o braço, conseguiria que uma criança tocasse a placa de um telefone de rua para ele — terminando por descobrir onde ela se encontrava exatamente. *Alô, Ana SG. Espero que você esteja tão bem quanto eu. Qual é a cidade em que você mora?*

E depois, como faria? Iria a pé até lá? Pediria uma passagem de carro para algum lugar vizinho, onde houvesse uma instalação relacionada de certa forma com genética? Uni não perceberia o que ele andava tramando?

Mas mesmo que tudo-isso acontecesse, mesmo que conseguisse chegar até ela, o que faria *depois*? Era esperar demais que ela também houvesse levantado uma folha de uma pedra molhada algum dia. Não, ódio, na certa estaria normal, tão normal como ele próprio estivera até há bem poucos meses. E à primeira palavra anormal que proferisse, o recolheria a um centro médico. Cristo, Marx, Wood e Wei, que podia ele *fazer*?

Esquecê-la: era uma solução. Partir por sua conta, agora, para a ilha livre mais próxima. AH haveria mulheres, provavelmente aos montes, e algumas decerto teriam a pele rosa-morena, olhos grandes menos-oblíquos-que-o-normal e seios cônicos de aspeto macio. Valeria a pena arriscar a lucidez conquistada em troca da remota possibilidade de despertar a dela?

Embora *ela* tivesse despertado a sua, agachando-se à sua frente com as mãos pousadas em seus joelhos...

Não ao risco da própria, contudo. Ou, pelo menos, não com um risco tão *grande*.

Foi ao Museu da Pré-U: da mesma maneira antiga, à noite, sem tocar nos controles. Era igual ao de IND26110. Algumas peças do mostruário variavam um pouco, expostas em lugares diferentes.

Encontrou outro mapa da Pré-U, este feito em 1937, com os mesmos oito retângulos azuis colados. A parte traseira havia sido cortada e presa

toscamente com esparadrapo: alguém passara por ali antes dele. A ideia era empolgante: alguém tinha descoberto as ilhas, talvez estivesse a caminho de uma naquele mesmo momento.

Noutra sala de depósito — esta com apenas uma mesa, algumas caixas de papelão e uma máquina semelhante a uma cabina, com uma série de minúsculas alavancas — ele novamente segurou o mapa contra a luz, novamente viu as ilhas escondidas. Copiou no papel a mais próxima, “Cuba”, ao largo da ponta sudeste de Usa. E caso decidisse arriscar-se a encontrar Lilás, copiou o contorno de Afr e as duas ilhas que ficavam perto, “Madagascar” ao leste e a pequena “Majorca” ao norte.

Uma das caixas de papelão continha livros. Encontrou um em *Français*:. *Spinoza et ses Contemporains*. Spinoza e seus Contemporâneos. Deu uma olhada nas páginas e tirou-o.

Pôs o mapa remoldurado no lugar e foi passar o museu em revista. Tirou uma bússola de pulso que parecia ainda estar funcionando, uma “navalha” com cabo de marfim e a pedra para afiá-la.

— Não demora muito seremos transferidos — avisou o chefe de seção um dia à hora do almoço. GL4 vai substitui-nos.

— Tomara que eu vá pra Afr — disse. — Meus pais estão lá.

Era o tipo do comentário arriscado, ligeiramente impróprio para um membro, mas talvez o chefe de seção exercesse influência indireta na escalação de trabalho.

Sua namorada foi transferida e ele acompanhou-a ao aeroporto para despedir-se — e verificar se era possível entrar a bordo de um avião sem a permissão de Uni. Pelo jeito, não: a compacta fila única de passageiros não permitiria o toque falso do controle e quando chegasse a hora em que o último membro da fila estivesse tocando-o, um membro de túnica cor de laranja achava-se a seu lado, pronto para fazer parar a escada rolante e devolvê-la ao respetivo poço. Sair de um avião apresentava a mesma dificuldade: o passageiro que ficava por último tocava no controle enquanto dois membros de túnica cor de laranja observavam. Depois invertiam a

escada rolante, tocavam no controle, e entravam a bordo com recipientes de aço para recolher os restos de bolo e bebida. Talvez conseguisse entrar num avião que estivesse aguardando no espaço dos hangares — e esconder-se dentro, embora não se lembrasse de nenhum esconderijo em aviões — mas como prever o destino eventual do vôo?

Via aérea, portanto, era impossível, até que Uni dissesse que ele podia viajar.

Pediu licença para visitar os pais. Não foi atendido.

Anunciaram novas transferências para a sua seção. Dois 663 foram enviados a Afr, mas ele não: tinha de ir para USA-36104. Estudou o avião durante o vôo. Não havia esconderijo: apenas a longa cabina cheia de poltronas, o banheiro na parte da frente, o compartimento de bolos e bebidas na retaguarda, e as telas de televisão, com um ator interpretando o papel de Marx em todas elas.

USA36104 ficava a sudeste, perto da ponta de Usa, com Cuba logo após. Podia sair de bicicleta um domingo, passar de cidade em cidade, dormindo nos parques intermediários e indo buscar bolos e bebida depois que anoitecesse. Eram mil e duzentos quilômetros, segundo o mapa do MPF. Em ’33037 ele podia encontrar um barco, ou negociantes vindo à costa, como os de ARG20400 de que Rei lhe falara.

Lilás, pensou, que mais posso fazer?

Pediu de novo permissão para visitar Afr e de novo não foi atendido.

Começou a andar de bicicleta aos domingos e durante a hora de folga, para exercitar as pernas. Foi ao Pré-U de ’36104 e descobriu uma bússola melhor e uma faca de fio dentado que servia para cortar galhos nos parques. Verificou o mapa que havia: a parte traseira estava intata, fechada. Escreveu por cima: *Sim, existem ilhas onde os membros são livres. Abaixo Uni!*

Um domingo, de manhã cedo, rumou para Cuba, com a bússola e um mapa copiado em um de seus bolsos. Na cesta da bicicleta, levava *A Sabedoria Viva de Wei* em cima de um cobertor dobrado, um recipiente com

bebida e um bolo. Dentro do cobertor estava a sua sacola de viagem, que continha a navalha, a pedra de afiar, um sabonete, a tesoura, dois bolos, a faca, uma lanterna, algodão, um rolo de esparadrapo, uma fotografia de seus pais e Papai Jan, e uma muda extra de túnica. Debaixo da manga direita uma atadura cobria-lhe o braço, embora se fosse levado para tratamento seria quase certo que a descobririam. Usava óculos escuros e sorria, pedalando rumo a sudeste entre outros ciclistas pela estrada que conduzia a ’36081. Passavam carros chispando em sequência uniforme sobre a autopista paralela à estrada. De vez em quando zuniam pedregulhos, chutados pelos jatos aéreos dos carros contra a linha divisória de metal.

De hora em hora, mais ou menos, ele parava e descansava um pouco. Comia metade de um bolo e bebia certa quantidade do refrigerante. Pensava em Cuba e no que tiraria em ’33037 para negociar lá. Pensava nas mulheres em Cuba. Provavelmente se sentiriam atraídas por um recém-chegado. E nenhuma estaria sob tratamento, apaixonadas como nem era possível imaginar, tão bonitas como Lilás ou até mais...

Viajou cinco horas; de repente deu meia volta e refez o mesmo percurso.

Forçou-se a se concentrar no trabalho. Era o funcionário 663 da seção de pediatria de um centro médico. O tipo do serviço tedioso, com intermináveis exames de genes e mínimas variações, o tipo do serviço do qual nunca seria transferido. Ficaria ali para o resto da vida.

De mês em mês pedia permissão para visitar os pais em

Afr.

Em fevereiro de 170 o pedido foi atendido.

Saiu do avião às quatro da madrugada, hora local, e foi para a sala de espera, segurando o cotovelo direito com ar constrangido, a sacola a tiracolo no ombro esquerdo. O membro que descera do avião atrás dele, e que o ajudara a levantar-se quando caíra, colocou-lhe a pulseira diante de um telefone.

— Tem certeza de que não se machucou muito? — perguntou ela.

— Tenho, sim — garantiu, sorrindo. — Obrigado, e aproveite a visita, — E ao telefone: —AnaSG38P2823.

A mulher foi-se embora.

Houve um clarão antes da tela se definir e a ligação ser completada. De repente escureceu e não se iluminou mais. Ela foi transferida, pensou. *Não está mais no continente*. Esperou para ouvir a confirmação. Mas em vez disso:

— Um momento, não consigo...

E lá estava ela, ainda indefinida, sentada na beira da cama, de pijama, esfregando os olhos.

— Quem é? — perguntou.

Atrás dela um membro se virou. Era sábado de noite. Ou teria casado?

— Li RM — respondeu.

— Quem?

Ela olhou-o, inclinando-se um pouco, piscando os olhos. Era mais bonita do que ele se lembrava: estava mais velha, linda. E, depois, que olhos!

— Li RM — repetiu, forçando-se a um tom apenas cortês, típico de membro. — Não se lembra? De IND26110, lá por 162.

Ela contraiu a testa, nervosa, um instante.

— Ah, sim, lógico — sorriu. — Claro que me lembro. Como vai, Li?

— Muito bem. E você?

— Otimamente.

E parou de sorrir.

— Casou?

— Não. Que bom que você telefonou, Li. Eu quero agradecer-lhe, sabe? Por me ter ajudado.

— Agradeça a Uni.

— Não, não. A você. Um pouco atrasado.

Sorriu de novo.

— Desculpe ligar a esta hora. Estou de passagem por Afr, fui transferido.

— Não tem importância. Gostei muito.

— Onde você está? — perguntou.

— Em ’14509.

— É onde mora a minha irmã.

— Não diga.

— E, sim. Qual é o seu edifício?

— P51.

— O dela é A-não-sei-quanto.

O membro atrás dela sentou na cama e ela se voltou, dizendo-lhe qualquer coisa. Ele sorriu para Quem. Ela se virou de novo.

— Este é Li XE.

— Olá — saudou Quem, decorando *'14509, P51; '14509, P51*.

— Olá, irmão — fizeram os lábios de Li XE: sua voz não alcançava o aparelho.

— Que foi que houve com o seu braço? — perguntou Lilás.

Ele continuava segurando-o. Soltou-o.

— Nada — respondeu. — Eu caí ao descer do avião.

— Oh, que pena — ela olhou por cima do ombro dele. — Tem um membro aí esperando — preveniu. — Acho melhor a gente se despedir.

— Sim. Adeus. Gostei muito de revê-la. Você não mudou nada.

— Você também não. Adeus, Li.

Ela se levantou, estendeu a mão para o aparelho e a imagem desapareceu.

Ele desligou e cedeu lugar ao membro que esperava atrás.

Estava morta: um membro normal, sadio, deitada agora ao lado do seu namorado, em ’14509, P51. Como podia arriscar-se a lhe falar sobre alguma coisa que não fosse tão normal e sadia como ela? Passaria o dia com os pais e voltaria de avião para Usa.

No próximo domingo partiria de bicicleta e desta vez não daria meia volta.

Perambulou um pouco pela sala de espera. Havia um mapa geral de Afr na parede, com luzes nas principais cidades, ligadas por tênues linhas alaranjadas. Ao norte ficava ’14510, perto do lugar onde ela morava. A meio continente de distância de ’71330, que era onde ele se encontrava. Uma linha alaranjada ligava as duas luzes.

Olhou o quadro de horário dos vôos, acendendo e apagando, revisando os escalados para *Domingo 18 fev*. Tinha um que partia às 8h20m da noite para ’14510, quarenta minutos antes do avião que tomaria para USA33100.

Aproximou-se da vidraça que dava para o campo e ficou olhando os passageiros dirigindo-se em fila única para a escada rolante do avião que ele deixara. Um membro de túnica cor de laranja apareceu e aguardou ao lado do controle.

Virou-se de frente para a sala de espera. Estava quase vazia. Dois membros que tinham viajado no avião junto com ele, uma mulher segurando uma criança adormecida e um homem carregando duas sacolas, colocaram seus pulsos e o da criança no controle da porta que conduzia ao carroporto — *sim*, piscou três vezes — e saíram. Um membro de túnica cor de laranja, ajoelhado ao lado do chafariz, desatarraxava uma placa na parte inferior; outra empurrou uma enceradeira para um canto da sala de espera, tocou num controle — *sim* — e empurrou-a através de uma porta giratória.

Refletiu um instante, olhando o membro trabalhando no chafariz, e depois atravessou a sala, tocando no controle da porta que levava ao carroporto — *sim* — e saiu. Havia um carro para ’71334 à espera, já com três membros. Tocou no controle — *sim* — e entrou no carro, desculpando-se com os outros por tê-los feito esperar. A porta fechou-se e o carro partiu. Ele se sentou com a sacola no colo, pensativo.

Ao chegar ao apartamento dos pais, entrou sem fazer ruído, barbeou-se e depois acordou-os. Ficaram contentes, até mesmo felizes, em vê-lo.

Os três conversaram, tomaram café e voltaram a conversar. Pediram um telefonema para Paz, em Eur, que foi atendido. Falaram com ela, com o marido, e com os filhos, Beto, que tinha dez anos, e Yin, de oito. Depois, por sugestão dele, foram ao Museu dos Progressos da Família.

Terminado o almoço, ele dormiu três horas e por fim tomaram o monotrilho para os Jardins de Diversões. O pai entrou num jogo de vôlei e ele e a mãe sentaram num banco para assistir.

— Você está doente de novo? — perguntou-lhe ela.

Olhou-a.

— Não — respondeu. — Claro que não. Estou muito bem.

Ela olhou bem para ele. Tinha agora cinquenta e sete anos, o cabelo estava grisalho e a pele morena toda enrugada.

— Você esteve pensando em alguma coisa — disse. O dia todo.

— Eu estou bem. Por favor. A senhora é minha mãe, acredite em mim.

Olhou-o nos olhos, preocupada.

— Estou bem — repetiu.

Após uma pausa, ela retrucou:

— O.K., Quem.

Sentiu-se subitamente cheio de amor por ela. De amor e gratidão, com uma sensação de unidade filial. Pegou-a pelo ombro e beijou-lhe o rosto.

— Eu te amo, Suzu — disse.

Ela riu.

— Cristo e Wei — exclamou. — Que memória você tem!

— É porque sou sadio. Lembre-se disso, sim? Sou sadio e feliz. Quero que a senhora não se esqueça disso.

— Porquê?

— Porque sim.

Contou-lhes que o avião partia às oito.

— Despedir-nos-emos no carroporto — disse. O aeroporto vai estar atulhado de gente.

Mesmo assim, o pai queria ir. Mas a mãe disse que não, que ficariam em '334. Sentia-se cansada.

Às sete e meia, deu-lhes um beijo de despedida — primeiro no pai, depois na mãe, segredando-lhe ao ouvido: “Não se esqueça” — e entrou na fila de carros para o aeroporto de ’71330. O controle, quando tocou nele, piscou *sim*.

A sala de espera estava ainda mais repleta do que esperava que estivesse. Membros de túnicas brancas, amarelas e azul claro caminhavam, ficavam de pé, sentavam e esperavam na fila, alguns com sacola, outros sem. Uns poucos de túnica cor de laranja moviam-se no meio da multidão.

Olhou o quadro: o vôo das 8h20m para ’14510 apanharia os passageiros na pista dois. Os membros já estavam lá na fila, e além da vidraça, um avião fazia manobra para colocar-se junto de uma escada rolante. Sua porta abriu-se, deixando passar um membro, logo seguido por outro.

Quem abriu caminho entre a multidão até chegar à porta giratória no canto da sala, fingindo que tocava no controle e empurrando-a para sair: encontrou-se numa parte de depósito, onde havia engradados e caixas de papelão enfileirados sob uma luz ofuscante, semelhantes às comportas de memória de Uni. Tirou a sacola do ombro e escondeu-a entre uma caixa de papelão e a parede.

Seguiu adiante normalmente. Um carrinho com recipientes de aço passou por ele, empurrado por um membro de túnica cor de laranja que o olhou de relance, cumprimentando com a cabeça.

Retribuiu o aceno, continuou andando, e viu o membro empurrar o carrinho por um grande portão aberto e sair para o campo profusamente iluminado.

Tomou a direção de onde o membro tinha vindo, chegando a uma área em que membros de túnica cor de laranja colocavam recipientes de aço sobre a esteira de transporte de uma máquina de lavar, enchendo outros com refrigerantes e chá fumegante provenientes das torneiras de gigantescos cilindros. Seguiu adiante.

Fingiu tocar num controle e entrou numa sala cheia de túnicas comuns penduradas em ganchos. Dois membros despiam túnicas cor de laranja.

— Olá — saudou.

— Olá — responderam.

Dirigiu-se à porta de um armário e entreabriu-a: continha uma enceradeira e frascos de líquido verde.

— Onde estão as túnicas? — perguntou.

— Ali dentro — informou um deles, acenando com a cabeça para outro armário.

Foi até lá e abriu-o. Havia túnicas cor de laranja nas prateleiras. Biqueiras de calçado e pares de luvas grossas, tudo da mesma cor.

— De onde você é? — perguntou o mesmo.

— RUS50937 — mentiu, tirando uma túnica e um par de biqueiras. — Lá nós guardamos as túnicas ali.

— Elas devem ficar aí — teimou o membro, fechando a túnica branca.

— Já estive em Rus — disse o outro, que era uma mulher. — Tive dois trabalhos lá. O primeiro levou quatro anos e o segundo três.

Não se apressou em colocar as biqueiras, só terminando quando os dois jogaram as túnicas cor de laranja na lixeira e saíram.

Enfiou a túnica cor de laranja por cima da branca e fechou-a até o pescoço. Era mais grossa que a comum e possuía bolsos extras.

Examinou os outros armários, encontrou uma chave inglesa e um pedaço de paplão amarelo de bom tamanho.

Voltou ao lugar onde deixara a sacola, tirou-a e embrulhou-a no paplão. A porta giratória deu um encontrão nele.

— Desculpe — disse um membro, entrando. — Machucou-se?

— Não — respondeu, segurando a sacola embrulhada.

O membro de túnica cor de laranja seguiu adiante.

Esperou um pouco, observando-o, depois meteu a sacola debaixo do braço esquerdo e tirou a chave inglesa do bolso. Agarrou-a com a mão direita, de um jeito que esperava que parecesse natural.

Foi atrás do membro, depois dobrou e dirigiu-se ao portão que comunicava com o campo.

A escada rolante apoiada ao flanco do avião na pista dois estava vazia. Um carrinho, provavelmente o que tinha visto ser empurrado, achava-se parado ao pé dos degraus, junto do controle.

Havia outra escada rolante, sendo recolhida ao poço, e o avião que ela atendera já rodava, pronto para a decolagem. Devia ser o vôo das 8hl0 para Chi, provavelmente.

Agachou-se sobre um joelho, largando a sacola e a chave inglesa em cima do cimento, e simulou ter problema com a biqueira. Todo mundo na sala de espera estaria assistindo à decolagem do avião para Chi: era o momento em que ele subiria a escada rolante. Pernas cor de laranja passaram farfalhando a seu lado: um membro voltava aos hangares. Tirou a biqueira e tomou a enfiá-la, olhando o avião girar...

A decolagem começou. Juntou a sacola e a chave inglesa, levantou-se e caminhou normalmente. O clarão dos holofotes o enervava, mas disse consigo mesmo que ninguém o estava olhando, todo mundo prestando atenção ao avião. Dirigiu-se à escada rolante, fingiu tocar no controle — o carrinho ao lado o favorecia, justificando-lhe a falta de jeito — e pisou nos degraus ascendentes. Agarrou-se com força à sacola enrolada em paplão e ao cabo úmido da chave inglesa enquanto subia rapidamente até a porta aberta do avião. Saltou fora da escada rolante e entrou a bordo.

Dois membros com túnica cor de laranja estavam ocupados na despensa. Olharam na sua direção e ele acenou com a cabeça. Retribuíram-lhe o cumprimento. Desceu o corredor, rumo ao banheiro.

Entrou, deixando a porta aberta, e pousou a sacola no chão. Virou-se para a pia, experimentou as torneiras e bateu-as com a chave inglesa. Ajoelhou-se e fez o mesmo no cano de esgoto. Abriu as tenazes da chave inglesa e colocou-as em torno do cano.

Escutou a escada parar, e depois recomeçar. Inclinou-se para o lado de fora e espiou. Os membros tinham ido embora.

Largou a chave no chão, levantou-se, fechou a porta e abriu a túnica cor de laranja. Despiu-a, dobrou-a pelo comprido e enrolou-a numa trouxa tão compacta quanto pôde. Tornou a ajoelhar-se, desembrulhou a sacola e abriu-a. Guardou a túnica, dobrou o paplão amarelo e também meteu junto na sacola. Tirou as biqueiras das sandálias, apertou-as bem e enfiou num dos cantos da sacola. Incluiu a chave inglesa, esticou a tampa com força e comprimiu-a para fechar.

De sacola no ombro, lavou as mãos e o rosto com água fria. Seu coração batia depressa, mas sentia-se bem, entusiasmado, vivo. Olhou no espelho aquela sua cara com um olho verde e o outro castanho. *Abaixo Uni!*

Ouviu vozes de membros subindo a bordo do avião. Ficou junto da pia, enxugando as mãos que já estavam secas.

A porta se abriu, dando passagem a um menino de mais ou menos dez anos.

— Oi — disse Quem, secando as mãos. — O dia foi bom pra você?

— Foi, sim — respondeu o garoto.

Quem jogou a toalha na lixeira.

— É a primeira vez que você anda de avião?

— *Não* — disse o garoto, abrindo a túnica. — Já andei uma porção de vezes.

E sentou-se numa das toaletes.

— Até já — disse Quem, e saiu.

A terça parte do avião já estava cheia, e novos membros entravam. Ocupou a poltrona vazia mais próxima que havia no corredor, verificou se a sacola ficara bem fechada e acomodou-a embaixo do assento.

Na chegada faria a mesma coisa. Quando todo mundo estivesse descendo do avião, iria para o banheiro e vestiria a túnica cor de laranja. Quando os membros viessem a bordo com os recipientes de reabastecimento, o encontrariam trabalhando na pia e ele sairia depois deles. Na área de depósito, atrás de um engradado ou dentro de um armário, ele se livraria da túnica, das biqueiras e da chave inglesa. E depois fingiria tocar o controle para dar o fora do aeroporto e caminhar a pé até ’14509. Ficava a oito quilômetros a leste de ’510. Verificara de manhã num mapa do MPF, Tendo sorte, chegaria lá por volta da meia-noite.

— Que coisa estranha — exclamou o membro a seu lado.

Virou-se.

Ela estava olhando para o fundo do avião.

— Não há lugar vago pra aquele membro — disse.

O homem percorria lentamente o corredor, olhando para todos os lados. O avião estava lotado. Membros olhavam em torno, procurando dar-lhe ajuda.

— *Tem* que ter — disse Quem, levantando-se da poltrona e olhando ao redor. — Uni não pode ter cometido um engano.

— Não tem — disse a vizinha de assento. — Todos os lugares estão ocupados.

Formou-se um burburinho a bordo. De fato não havia lugar para o membro. Uma mulher pegou uma criança no colo e chamou-o.

O avião começou a se mover e as telas de televisão se iluminaram, com um programa sobre a geografia e os recursos de Afr.

Tentou prestar atenção ao programa, pensando que talvez lhe trouxesse alguma informação útil, mas não conseguiu. Se fosse descoberto e tratado agora, nunca mais ficaria lúcido. Desta vez Uni tomaria todas as precauções para que não entendesse nem o significado de mil folhas sobre mil pedras úmidas.

Chegou a ’14509 à meia-noite e vinte. Estava bem acordado, ainda segundo a hora de Usa, com o vigor da tarde.

Primeiro foi ao Pré-U, e depois ao ponto de bicicletas na praça mais próxima ao prédio P51. Fez duas viagens até o ponto de bicicletas e uma até o refeitório do P51 e seu centro de abastecimento.

Às três horas, entrou no quarto de Lilás. Olhou-a à luz da lanterna enquanto dormia — o rosto, o pescoço, mão morena pousada no travesseiro — e depois aproximou-se da escrivaninha e acendeu a lâmpada.

— Ana — chamou, parado ao pé da cama. — Ana, você tem que levantar agora.

Ela resmungou qualquer coisa.

— Você tem que levantar agora, Ana — repetiu. — Anda, levanta.

Ela se ergueu, cobrindo os olhos com a mão, queixando-se baixinho. Sentando-se, tirou a mão e fitou-o, reconhecendo-o e franzindo intrigada a testa.

— Eu quero que você venha dar uma volta comigo — disse.

— De bicicleta. Você não deve falar alto, nem pedir socorro.

Enfiou a mão no bolso e tirou um revólver. Empunhou-o do modo que lhe parecia adequado, com o indicador no gatilho, o resto da mão segurando o cabo, e a ponta fazendo mira no rosto dela.

— Eu a mato se você não fizer o que eu mando — acrescentou. — Não grite, Ana.

3

Ela olhou para o revólver e para Quem.

— O gerador está fraco — disse ele, — mas fez um buraco de um centímetro de profundidade na parede do museu e fará outro ainda mais fundo em você. Portanto é melhor obedecer. Desculpe o susto. Mais tarde você verá por que estou procedendo assim.

— Que horror! — exclamou. — Você ainda está doente!

— Sim, e piorei. Portanto faça o que eu digo ou a Família perderá dois membros preciosos: primeiro você e depois eu.

— Como é que você pode *fazer* isso, Li? Então não compreende... de *arma* na mão, me *ameaçando*?

— Levante-se e vista-se — ordenou.

— Por favor, me deixe telefonar...

— Vista-se — repetiu. — Depressa!

— Está bem — concordou ela, retirando as cobertas.

— Está bem, vou fazer exatamente o que você disser.

Levantou-se da cama e abriu o pijama.

Quem recuou, sem tirar os olhos de cima dela, mantendo o revólver apontado.

Ela despiu o pijama, deixou-o cair no chão e virou-se para a prateleira para apanhar um par de túnicas. Ele olhou os seios e o resto do seu corpo, que de maneira sutil — a opulência de nádegas, a redondeza das coxas — era também diferente do normal. Como era bonita!

Ela puxou a túnica para cima e enfiou os braços nas mangas.

— Li, eu imploro — disse, olhando para ele, — vamos até lá embaixo no centro médico e...

— Não fale.

Ela fechou a túnica e calçou as sandálias.

— Por que você quer andar de bicicleta? — perguntou.

— No meio da noite!

— Prepare a sacola — mandou.

— A de viagem?

— É. Ponha outro par de túnicas, o estojo de medicamentos e a tesoura. E tudo o que for importante que você queira guardar. Tem lanterna?

— O que é que você está pretendendo *fazer*? — perguntou.

— Arrume a sacola — repetiu.

Ela arrumou e depois que a fechou ele pegou-a e a pôs a tiracolo.

— Vamos passar pelos fundos do prédio — disse. — Deixei duas bicicletas lá. Caminharemos lado a lado e ficarei de revólver no bolso. Se a gente encontrar algum membro e você fizer qualquer sinal, indicando que está acontecendo algo de anormal, eu mato você e o membro, compreendeu?

— Sim — respondeu.

— Faça tudo o que eu disser. Se eu mandar parar pra você arrumar a sandália, você pára e arruma. Vamos passar pelos controles sem tocar neles. Você já fez isso antes. Agora fará de novo.

— Não voltaremos pra cá?

— Não. Vamos pra muito longe.

— Então tem uma fotografia que eu gostaria de levar.

— Busque-a. Eu falei pra você incluir tudo o que você quisesse guardar.

Ela foi à escrivaninha, abriu a gaveta e remexeu dentro. *Uma fotografia de Rei?* imaginou ele. Não, Rei fazia parte da doença. Provavelmente um retrato de família.

— Estava aqui — disse ela, num tom nervoso, suspeito.

Correu até ela e empurrou-a para o lado. *Li RM revólver 2 bicicletas* estava escrito no fundo da gaveta. Ela segurava uma caneta na mão.

— Estou procurando ajudá-lo — explicou.

Sentiu vontade de esmurrá-la mas controlou-se. Controlar-se, porém, era um erro: perceberia que não pretendia feri-la. Esbofeteou-a com a mão aberta, para doer mesmo.

— Não tente enganar-me! — disse. — Você ainda não viu como eu estou doente? Se fizer qualquer coisa igual a essa de novo, você *morre*, junto com uma dúzia de outros *membros*, talvez!

Fitou-o de olhos arregalados, trêmula, com a mão no rosto.

Ele também tremia, sabendo que a machucara. Arrancou- lhe a caneta da mão, traçou ziguezagues por cima do que ela escrevera e cobriu com papéis e uma agenda de números. Jogou a caneta dentro da gaveta e fechou-a, pegando Lilás pelo cotovelo e empurrando-a porta afora.

Saíram do quarto e desceram o corredor, andando lado a lado. Ele mantinha a mão no bolso, segurando o revólver.

— Pare de tremer — ordenou. — eu não farei nada se você fizer o que eu digo.

Desceram as escadas rolantes. Dois membros subiam na direção contrária.

— Você e eles — lembrou. — E todos os que aparecerem.

Ficou calada.

Ele sorriu para os membros. Eles retribuíram. Ela acenou com a cabeça.

— Esta é a minha segunda transferência este ano — comentou com ela.

Desceram mais escadas e pisaram numa que conduzia ao zia ao saguão. Três membros, dois com telecomputadores, estavam parados, conversando ao lado do controle numa das portas.

— Nada de bobagens agora — disse ele.

Desceram, refletidos ao longe pelas vidraças na escuridão do lado de fora. Os membros continuaram conversando. Um deles largou o telecomputador no chão.

Saíram da escada.

— Espere um pouco, Ana — disse ele.

Ela parou, de frente para ele. — Entrou-me uma pestana no olho. Tem um lenço?

Ela meteu a mão no bolso e sacudiu a cabeça.

Ele encontrou um por baixo do revólver, tirou-o e entregou-lhe. Ficou de frente para os membros, abrindo bem o olho, a outra mão novamente no bolso. Ela segurou o lenço contra o olho. Ainda estava trêmula.

— É só uma pestana — disse ele. — Não há motivo pra nervosismo.

Atrás dela, o membro tinha apanhado o telecomputador e os três apertavam-se as mãos e trocavam beijos. Os dois de telecomputador tocaram no controle. *Sim*, piscou, *sim*. Saíram. O terceiro membro aproximou-se: um rapaz de vinte e poucos anos.

Quem afastou a mão de Lilás.

— Pronto — disse, pestanejando. — Obrigado, irmã.

— Precisam de ajuda? — perguntou o membro. — Sou um 101.

— Não, obrigado, era só uma pestana — agradeceu Quem.

Lilás fez um movimento. Quem olhou-a. Ela guardava o lenço no bolso.

O membro, reparando na sacola, disse:

— Boa viagem.

— Obrigado — respondeu Quem. — Boa noite.

— Boa noite — despediu-se o membro, sorrindo.

— Boa noite — disse Lilás.

Dirigiram-se às portas e viram nelas o reflexo do membro pisando os degraus da escada ascendente.

— Eu vou encostar-me perto do controle — preveniu Quem. — Toque no lado dele, não na placa.

Saíram à rua.

— Por favor, Li — disse Lilás, — pelo amor da Família, vamos voltar lá pra dentro pra ir ao centro médico.

— Cale-se.

Dobraram na esquina, entre o prédio e o vizinho. A escuridão ficou mais densa. Ele acendeu a lanterna.

— O que é que você vai fazer comigo? — perguntou ela.

— Nada. A não ser que tente enganar-me de novo.

— Então pra que é que você quer que eu vá junto?

Ele não respondeu.

Havia um controle no cruzamento atrás dos prédios. Lilás ergueu a mão.

— Não! — disse Quem.

Passaram sem tocá-lo. Lilás soltou um suspiro angustiado e gemeu baixinho:

— Que horror!

As bicicletas continuavam encostadas à mesma parede. A sacola enrolada no cobertor, contendo bolos e recipientes de bebida, achava-se numa das cestas. Um cobertor encobria a outra. Ele pôs a sacola de Lilás dentro dessa e enrolou-a com o cobertor, prendendo bem as pontas.

— Monte — disse, segurando-lhe a bicicleta com firmeza.

Ela montou, segurando o guidom.

— Iremos em linha reta, entre os edifícios, até a Rua Leste — disse ele. — Não se vire, não pare, nem aumente a velocidade a menos que eu mande.

Montou a outra bicicleta. Abaixou a lanterna para o lado da cesta, a luz brilhando entre as grades sobre o pavimento em frente.

— Muito bem, já podemos ir — disse.

Pedalaram lado a lado, descendo a passagem reta completamente escura, interrompida por frestas de trevas menos densas entre os prédios, uma faixa estreita de estréias lá no alto, e ao longe o pálido clarão azulado de um único lampião de rua.

— Aumente um pouco a velocidade — pediu.

Pedalaram mais ligeiro.

— Quando é que você ia ter o próximo tratamento? — perguntou ele.

Ela ficou em silêncio, e depois respondeu.

— No dia oito de marx.

Duas semanas, pensou ele. Cristo e Wei, por que não era logo no dia seguinte ou depois de amanhã? Bem, podia ter sido pior; podia ter sido *quatro* semanas.

— Vou poder fazê-lo? — perguntou ela.

Não havia vantagem em perturbá-la ainda mais.

— Talvez — respondeu. — Veremos.

Ele pretendia percorrer curtas distâncias por dia, durante a hora de folga em que os ciclistas não chamariam atenção. Andariam de parque em parque, passando por uma cidade ou talvez duas, completando o percurso, aos poucos, até ’12082, na costa setentrional de Afr, a cidade mais próxima de Majorca.

Mas nesse primeiro dia, no parque ao norte de ’14509, mudou de ideia. Achar esconderijo era mais difícil do que esperava. Só muito depois do sol

nascer — lá pelas oito horas, calculou — conseguiram instalar-se sob o abrigo da saliência de uma rocha fronteira a uma moita de arbustos, cujos claros Quem tinha enchido de galhos cortados. Logo depois ouviram o zumbido de um helicóptero: passou e repassou nos ares enquanto ele apontava o revólver para Lilás e ela ficava sentada, imóvel, olhando para ele, com o bolo comido pela metade nas mãos. Ao meio-dia, ouviram rumor de galhos partidos, folhas vergastadas e uma, voz a menos de vinte metros de distância. Falava de modo ininteligível, no tom monocórdio e vagaroso de quem se dirige a um telefone ou microfone de telecomputador.

Ou o recado na gaveta da escrivaninha de Lilás havia sido encontrado, ou, o que era mais provável, Uni ligara o desaparecimento de ambos às duas bicicletas faltantes. Por isso mudou de ideia e decidiu que, estando sendo procurados e desaparecidos, ficariam ali a semana toda, viajando só no domingo. Fariam uma travessia de sessenta ou setenta quilômetros — não diretamente ao norte, mas a nordeste — parando depois e escondendo-se durante outra semana. Quatro ou cinco domingos os levariam, por um trajeto sinuoso, a ’12082, e cada domingo Lilás seria mais ela mesma e menos Ana SG, mais prestimosa ou, pelo menos, menos ansiosa em vê-lo ajudado.

Por enquanto, porém, era Ana SG. Amarrou-a e amordaçou-a com tiras de cobertor, dormindo de arma em punho até que o sol sumisse no horizonte. No meio da noite, tornou a amarrá-la e amordaçá-la, indo embora de bicicleta. Voltou horas depois com bolos, bebidas, mais dois cobertores, toalhas, papel higiênico, um “relógio de pulso” — cujo tique-taque já tinha parado — e dois livros em *Français*. Encontrou-a acordada onde a deixara, com os olhos aflitos e pesarosos. Mantida em cativeiro por um membro doente, suportava-lhe os abusos com clemência. Sentia pena dele.

Mas de dia olhava-o com repulsa. Apalpou o rosto e sentiu a barba espetada de dois dias. Sorrindo, levemente encabulado, comentou:

— Há quase um ano que não faço tratamento.

Ela abaixou a cabeça e cobriu os olhos com a mão.

— Você virou bicho — disse.

— É o que nós somos mesmo — replicou. — Cristo, Marx, e Wei nos transformaram numa coisa morta, anormal.

Ela lhe virou as costas quando ele começou a barbear-se, mas olhou por cima do ombro, uma, duas vezes, e depois voltou-se, fitando-o com desgosto.

— Você não corta a pele? — perguntou.

— No princípio eu cortava — respondeu, comprimindo o rosto e passando a navalha com facilidade, olhando-a à luz da lanterna apoiada a uma pedra. — Tinha de ficar com a mão no rosto dias a fio.

— Você sempre usa chá?

Ele riu.

— Não — disse. — É que não tenho água. Hoje à noite vou sair à procura de um açude ou riacho.

— Com que frequência você... faz isso?

— Todos os dias — respondeu. — Ontem eu não fiz. É uma amolação, mas é só por mais algumas semanas. Pelo menos espero.

— O que você quer dizer?

Ficou calado, continuando a barbear-se.

Ela virou as costas.

Ele leu um dos livros em Français, sobre as causas de uma guerra que durava trinta anos. Lilás dormiu e depois sentou-se sobre o cobertor, olhando para ele, para as árvores e para o céu.

— Quer que eu lhe ensine esta língua?

— Pra quê? — retrucou.

— Você já quis aprendê-la. Lembra-se? Eu lhe dei listas de vocabulário.

— Sim, eu me lembro. Eu decorei tudo, mas esqueci. Agora estou curada. Pra que haveria de querer aprendê-la de novo?

Fez ginástica e também obrigou-a a fazer, para ficarem em forma para o longo percurso de domingo. Ela seguiu as instruções sem protesto.

Naquela noite ele encontrou, não um riacho, mas um canal de irrigação com cerca de dois metros de largura e margens de concreto. Banhou-se nas águas de curso lento, depois regressou ao esconderijo com os recipientes cheios. Acordou Lilás e desamarrou-a. Levou-a pelo meio das árvores e ficou vigiando enquanto ela tomava banho. Seu corpo úmido brilhava à pálida luz da lua.

Ajudou-a a subir à margem, entregou-lhe a toalha e permaneceu perto enquanto ela se secava.

— Sabe por que estou fazendo isso? — perguntou-lhe.

Ela olhou para ele.

— Porque te amo.

— Então me deixa ir embora.

Ele sacudiu a cabeça.

— Então como é que você diz que me ama?

— Porque é verdade.

Ela se curvou e secou as pernas.

— Você quer que eu fique doente de novo?

— Quero.

— Então você me *odeia* — retrucou, — você não me ama.

E endireitou o corpo.

Tomou-a pelo braço, frio e úmido, macio.

— Lilás.

— Ana.

Tentou beijar-lhe os lábios, mas ela desviou a cabeça para o outro lado. Beijou-a no rosto.

— Agora aponte o revólver pra mim e me estupre — disse ela.

— Isso eu não faço.

Soltou-lhe o braço.

— Não sei por quê — retrucou, vestindo a túnica e atrapalhando-se toda para fechá-la — Por favor, Li, vamos voltar pra cidade. Tenho certeza de que você pode ser curado, porque se estivesse mesmo doente, incuravelmente doente, você me estupraria. Seria muito menos bonzinho do que você é.

— Venha, vamos voltar pro esconderijo.

— Por favor, Li...

— Quem. *Meu nome é Quem*. Anda.

Ele sacudiu a cabeça e saíram caminhando entre as árvores.

Perto do fim da semana, ela pegou a caneta dele e o livro que ele não estava lendo, e desenhou figuras na parte interna da capa do livro — retratos aproximados de Cristo e Wei, grupos de edifícios, a sua mão esquerda e uma série de cruzes e foices sombreadas. Ele olhou para se certificar de que ela não estava escrevendo bilhetes que tentaria entregar a alguém no domingo.

Mais tarde ele desenhou um edifício e mostrou-lhe.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Um edifício.

— Não é, não.

— É, sim. Eles não precisam ser todos brancos e retangulares.

— Que ovais são esses?

— Janelas.

— Nunca vi um edifício igual a este. Nem mesmo na Pré-U. Onde é que ele fica?

— Em nenhuma parte. Eu inventei.

— Ah. Então *não é* um edifício de verdade. Como é que você pode desenhar coisas que não existem?

— Eu estou doente, lembre-se.

Ela devolveu-lhe o livro, sem olhá-lo nos olhos.

— Não brinque com coisas sérias.

Ele esperava — bem, *esperava* propriamente não, mas julgava possível — que no sábado à noite, seja por hábito, desejo ou até mesmo simples generosidade de membro, ela demonstrasse vontade de dormir junto com ele. Mas não demonstrou. Portou-se como se fosse uma noite qualquer, permanecendo sentada em silêncio ao crepúsculo, os joelhos entre os braços, contemplando a nesga de céu violeta entre a copa escura cambiante das árvores e a saliência de rocha negra que os cobria.

— Hoje é sábado — lembrou ele.

— Eu sei.

Ficaram calados durante alguns momentos. Por fim ela perguntou:

— Eu não vou poder fazer o tratamento, não é?

— Não.

— Então corro o risco de ficar grávida. E eu não devo ter filhos, nem você tampouco.

Sentiu vontade de dizer-lhe que iam para um lugar onde as decisões de Uni não tinham nexo, mas era cedo demais. Ela talvez se assustasse e se tornasse impossível.

— Sim, acho que você tem razão.

Depois de amarrá-la e cobri-la, beijou-lhe o rosto. Ela permaneceu no escuro, sem dizer nada, e ele se levantou e foi deitar-se nas suas próprias cobertas.

O percurso de domingo transcorreu bem. De manhã cedo um grupo de membros jovens pediu que eles parassem, mas só para que ajudassem a consertar uma corrente de direção partida. Lilás sentou-se na relva, longe do grupo, enquanto Quem fazia o serviço. Na hora do pôr do sol já estavam no parque ao norte de ’14266. Tinham completado cerca de setenta e cinco quilômetros.

Foi novamente difícil encontrar um esconderijo, mas o que Quem finalmente encontrou — as paredes caídas de um prédio da Pré-U, ou do começo da U, cobertas por uma massa abaulada de vinhas e trepadeiras — era maior e mais confortável do que o que tinham usado na semana anterior. Nessa mesma noite, apesar do percurso diurno, ele foi até ’266 e voltou com um suprimento de bolos e bebida para três dias.

Lilás ficou impaciente naquela semana.

— Quero escovar os *dentes* — reclamou. — E quero tomar uma ducha. Por quanto tempo vamos continuar deste jeito? Eternamente? *Você*

talvez goste de viver feito bicho, mas eu não: sou um ser humano. E não posso dormir de mãos e pés amarrados.

— Você dormiu muito bem na semana passada.

— Pois agora não posso!

— Então fique quieta e *me* deixe dormir.

Quando ela o olhava era com aborrecimento, não com piedade. Fazia ruídos de desaprovação quando se barbeava e quando lia. Respondia abruptamente, ou nem sequer se dignava a responder, quando ele falava. Recusava-se a praticar ginástica: ele precisava puxar o revólver e ameaçá-la.

Estava aproximando-se o dia oito de marx, data do tratamento dela, lembrou-se, e essa irritabilidade, o ressentimento natural contra o cativeiro e o desconforto, era sinal da Lilás sadia que Ana SG encobria. A ideia devia causar-lhe alegria, e quando pensava nisso, de fato causava. Mas era muito mais difícil para o convívio do que a comiseração e a docilidade típica de membro da semana precedente.

Ela queixava-se dos insetos e de tédio. Uma noite choveu e ela se queixou da chuva.

Outra noite Quem acordou e ouviu-a mexendo-se. Acendeu a lanterna. Tinha desamarrado os pulsos e estava desamarrando os tornozelos. Amarrou-a de novo e deu nela.

No sábado à noite não trocaram uma só palavra.

No domingo viajaram outra vez. Quem conservava-se perto e cuidava para ver o que ela fazia quando membros se aproximavam pela estrada. Pedia-lhe que sorrisse, que acenasse com a cabeça, retribuindo as saudações, agindo com a maior naturalidade. Ela pedalava num silêncio lúgubre e ele temia que apesar da ameaça do revólver ela pudesse gritar por socorro a qualquer momento ou se recusar a seguir adiante.

— Não só você — dizia, — todos que estiverem por perto. Eu mato vocês todos, juro que mato.

Ela continuava a pedalar. Sorria e cumprimentava com ressentimento os passantes! O câmbio de velocidade de Quem emperrou e os dois percorreram apenas quarenta quilômetros.

No fim da terceira semana a irritação de Lilás diminuiu. Sentava-se de testa franzida, arrancando folhas da relva, olhando as pontas dos dedos, virando a pulseira sem parar no pulso. Fitava Quem com curiosidade, como se fosse um estranho que nunca tivesse visto antes. Seguia-lhe as instruções devagar, mecanicamente.

Ele consertava a bicicleta, deixando-a acordada nas horas correspondentes.

Uma noite, na quarta semana, ela perguntou:

— Aonde é que nós vamos?

Olhou-a um momento — estavam comendo o último bolo do dia — e respondeu:

— Pra uma ilha chamada Majorca. No Mar da Paz Eterna.

— Majorca?

— É uma ilha de incuráveis — explicou. — Existem outras sete no mundo inteiro. Mais do que sete, realmente, porque algumas são arquipélagos. Encontrei-as num mapa no Pré-U, lá em Ind. Estavam encobertas e não figuram nos mapas do MPF. Eu ia-lhe contar tudo no dia em que fui... “curado”.

Ficou calada. Depois perguntou:

— Você contou pra Rei?

Era a primeira vez que mencionava o nome dele. Deveria dizer-lhe que Rei não precisava que lhe contassem, que soubera o tempo todo, negando-

lhes a informação? Para quê? Rei estava morto: por que macular a lembrança que ela guardava dele?

— Contei, sim — respondeu. — Ele ficou assombrado, e todo entusiasmado. Não compreendo por que ele... fez o que fez. Você ouviu falar, não foi?

— Ouvi, sim.

Pegou um pequeno pedaço de bolo e comeu, sem olhar para ele.

— Como é que vivem nessa ilha? — perguntou.

— Não tenho a mínima ideia. Talvez seja uma vida muito dura, muito primitiva. Mas melhor do que esta — sorriu. — Seja como for, é uma vida livre. Talvez até extremamente civilizada. Os primeiros incuráveis devem ter sido os membros mais independentes e habilidosos.

— Não tenho certeza se quero ir pra lá.

— Fique só pensando nela. Dentro de poucos dias você terá certeza. Foi você quem teve a ideia de que talvez houvesse colônias de incuráveis, lembra-se? Você me pediu pra procurá-las.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu me lembro.

No fim daquela semana, ela pegou um novo livro em *Français* que Quem encontrara e tentou lê-lo. Ele se sentou a seu lado e traduziu-o.

No domingo, enquanto pedalavam, um membro aproximou-se de bicicleta à esquerda de Quem e conservou-se junto deles.

— Olá—saudou.

— Olá —respondeu Quem.

— Eu pensava que todas as bicicletas antigas tivessem sido retiradas de circulação.

— Eu também, mas eram só estas que havia lá.

A bicicleta do membro tinha a armação mais leve e um botão para controle de velocidade.

— Lá em ’935? — perguntou ele.

— Não,’939 — respondeu Quem.

— Ah — fez o membro.

Olhou as duas cestas, com as sacolas enroladas nos cobertores,

— É melhor a gente se apressar — sugeriu Lilás. — Os outros já sumiram de vista.

— Eles esperarão por nós — retrucou Quem. — Têm que esperar: nós estamos com os bolos e os cobertores.

O membro sorriu.

— Não, anda, vamos mais depressa — insistiu Lilás.

— Não é justo fazê-los esperar.

— Está bem — concordou Quem, e para o membro:

— Bom dia pro senhor.

— Pra vocês também.

Pedalaram mais rápido e se distanciaram.

— Bravo — disse Quem. — Ele ia mesmo perguntar por que estávamos tão carregados.

Lilás não teceu comentários.

Completaram cerca de oitenta quilômetros aquele dia, chegando ao parque a noroeste de '12471, que distava apenas um dia de bicicleta de ’082. Encontraram um esconderijo bastante bom, uma cova triangular entre altos esporões rochosos, encimada por árvores. Quem cortou galhos para fechar a parte da frente.

— Não precisa mais me amarrar — disse Lilás. — Não vou fugir, nem vou tentar chamar ninguém. Pode guardar o revólver na sacola.

— Você quer ir? Pra Majorca?

— Claro que quero. Estou ansiosa pra chegar. É o que eu sempre quis... quando era eu mesma, quero dizer.

— Está bem.

Guardou o revólver na sacola e naquela noite não a amarrou.

O ar displicente e prosaico que Lilás adotara não lhe parecia direito. Não deveria ter demonstrado mais entusiasmo? Sim, e gratidão também. Admitiu consigo mesmo que era isso o que esperava: gratidão, expressões de amor. Ficou acordado, prestando atenção à sua suave, lenta respiração. Estaria realmente dormindo ou apenas fingia? Quem sabe não o estaria enganando de algum modo inimaginável? Acendeu a lanterna. Mantinha os olhos fechados, os lábios entreabertos, os braços unidos debaixo do cobertor como se continuasse amarrada.

Era apenas vinte de marx, disse consigo mesmo. Dentro de uma semana ou duas ela mostraria mais sentimento. Fechou os olhos. Quando acordou, ela estava juntando pedras e gravetos do chão.

— Bom dia — disse, toda amável.

Descobriram um estreito córrego nas proximidades e um pé de frutas verdes que ele achou que era uma “oliveira”. O fruto era amargo e tinha gosto estranho. Ambos preferiram os bolos.

Ela lhe perguntou como evitara os tratamentos. Então contou-lhe sobre a folha e a pedra úmida e as ataduras que tinha feito. Ficou impressionada. Como era esperto, disse-lhe.

Uma noite foram a ’12471 buscar bolos, bebidas, toalhas, papel higiênico, túnicas, sandálias novas. E estudar, da melhor maneira propiciada pela lanterna, o mapa da região no MPF.

— Que faremos quando chegarmos a ’082? — perguntou ela no outro dia de manhã.

— Esconder-nos-emos na praia e ficaremos cuidando todas as noites até que apareçam os comerciantes.

— Eles fariam isso? Arriscar-se-iam a vir até a praia?

— Sim. Acho que fariam, longe da cidade.

— Mas não é mais provável que fossem a Eur? Fica mais perto.

— Só nos resta esperar que eles também venham a Afr. E eu quero conseguir algumas coisas da cidade pra nós negociarmos quando chegarmos lá, coisas que eles sejam capazes de prezar. Temos de pensar nisso.

— Há alguma possibilidade de a gente encontrar uma lancha? — perguntou ela.

— Creio que não — respondeu. — Não existe nenhuma ilha perto da costa, portanto é pouco provável que haja lanchas nos arredores. Naturalmente, sempre há canoas nos parques de diversões, mas não posso nos imaginar remando duzentos e oitenta quilômetros. Você pode?

— Impossível não é.

— Não, na pior das hipóteses, não. Mas estou contando com os negociantes, ou talvez até com algum tipo de operação organizada de salvamento. Majorca tem de e defender, compreende, porque Uni sabe de sua existência. Ele está a par de todas as ilhas. Por isso os membros lá são

capazes de estar à espera de recém-chegados, pra aumentar a população, a força deles.

— É bem possível — concordou ela.

Houve outra noite de chuva, e os dois sentaram-se juntos, enrolados num cobertor no cantinho mais recôndito do esconderijo, apertados entre os altos esporões rochosos. Beijou-a e procurou abrir-lhe a parte superior da túnica, mas ela segurou-lhe a mão.

— Eu sei que é ilógico — disse, — mas continuo ainda um pouco com aquela sensação de só-nas-noites-de-sábado. Por favor. Não dá pra esperar pra mais tarde?

— De fato *é* ilógico.

— Eu sei, mas por favor. Não dá pra esperar?

Após uma pausa, concordou.

— Claro, já que você quer.

— Eu quero, sim, Quem.

Leram um pouco e combinaram as melhores coisas que podiam apanhar em ’082 para negociar. Ele passou vistoria nas bicicletas e ela fez ginástica, durante muito mais tempo e com mais empenho do que ele.

No sábado à noite voltou do riacho e encontrou-a de revólver em punho, apontado para ele, os olhos espremidos de ódio.

— Ele me telefonou antes de se matar — disse.

Ele exclamou:

— O que é que você está...

— Rei! — gritou ela. — Ele me telefonou! Seu mentiroso, seu odioso...

Apertou o gatilho. De novo, com mais força. Olhou para o revólver e depois para ele.

— Está sem o gerador — explicou-lhe.

Ela olhou para o revólver, olhou para ele e respirou fundo pelas narinas dilatadas de raiva.

— Por que ódio você... começou a dizer, mas ela virou a coronha do revólver e arremessou-o contra ele.

Levantou as mãos e a arma foi atingi-lo no peito, causando-lhe dor e deixando-o com falta de ar.

— *Ir* com você? — retrucou ela. — Foder com você? Depois que você o matou? Está... está *fou*, seu *cochon* de olho verde, *chien, bâtard*!

Segurou o peito, recuperou o fôlego.

— Eu não o matei! — disse. — Ele se matou a si mesmo, Lilás! Cristo e...

— Porque você mentiu pra ele! Mentiu sobre nós dois! Disse-lhe que nós andávamos...

— Isso foi o que ele *pensou*: eu disse pra ele que não era verdade! Eu disse pra ele e ele não quis acreditar!

— Você *admitiu*. Ele disse que pouco estava ligando, que nós dois éramos dignos um do outro, e então ele apagou a luz e...

— Lilás, juro pelo amor da Família: *eu disse pra ele que não era verdade!*

— *Então por que ele se matou?*

— Porque ele sabia!

— Porque você contou pra ele! — disse ela, e virou-se agarrou a sua bicicleta — a cesta estava cheia — e arremessou- se contra os galhos empilhados à entrada do esconderijo.

Ele correu, pegou a bicicleta por trás e segurou-a com ambas as mãos.

— Daqui você não sai! — gritou.

— Solte esta bicicleta! — retrucou, virando-se.

Ele tomou a bicicleta pelo meio, arrancou-a das mãos de Lilás e atirou-a para o lado. Agarrou-a pelo braço. Ela quis agredi-lo, mas ele reteve-lhe o braço.

— Ele sabia sobre as *ilhas*! As *ilhas!* Tinha *estado* perto de uma, negociado com os membros! Foi assim que eu descobri que eles vêm até a praia!

Ela arregalou os olhos.

— Do que é que você está falando? — perguntou.

— Ele havia trabalhado perto de uma das ilhas — disse. — As Falklands, ao largo de Arg. E tinha encontrado os incuráveis e negociado com eles. Não contou nada porque sabia que nós íamos querer ir, e ele não queria que fossemos! Foi por isso que ele se matou! Ele sabia que você ia descobrir, por meu intermédio, e sentiu vergonha, cansaço, não podia mais ser o Rei.

— Você está me mentindo exatamente como mentiu pra ele — retrucou desvencilhando o braço, rasgando a túnica no ombro.

— Foi assim que ele conseguiu o perfume e as sementes de fumo.

— Não quero ouvir mais nada. Nem mais ver você. Vou-me embora sozinha.

Dirigiu-se à bicicleta, apanhou a sacola e o cobertor que haviam caído no chão.

— Não seja idiota — disse ele.

Ela endireitou a bicicleta atirou a sacola dentro da cesta e socou o cobertor por cima. Ele se aproximou e segurou o assento e o guidom.

— Você não vai voltar sozinha.

— Pois sim que não vou.

Sua voz tremia. Seguraram a bicicleta entre ambos. Mal distinguia o rosto dela na escuridão cada vez mais densa.

— Eu não deixo — disse.

— Prefiro fazer o que ele fez do que ir com você.

— Escute uma coisa, sua... — retrucou. — Eu podia estar numa das ilhas há meio ano! Já estava a caminho e dei meia volta, porque não queria deixá-la morta e embrutecida! — encostou-lhe a mão no peito e empurrou-a com força, obrigando-a a apoiar-se à rocha e jogando a bicicleta longe. Cercou-a com os braços. — Eu vim desde Usa e estou gostando desta vida de bicho tanto quanto você. Estou-me lutando pro seu amor ou seu ódio...

— Eu o odeio!

— ...você vai ficar comigo! O revólver está estragado, mas tem outras coisas, como pedras e mãos. Você não precisa se matar, porque...

Sentiu uma dor na virilha — o joelho dela — e viu-a sair correndo até os galhos, um pálido contorno amarelo, debatendo-se, empurrando.

Foi atrás e pegou-a pelo braço, virando-a de frente, e atirando-a, aos gritos, no chão.

— *Bâtard*! — urrava. — *Seu doente agressivo...*

Caiu em cima dela, tapando-lhe a boca com a mão, com toda a força possível. Os dentes dela se cravaram na palma de sua mão. Começou a espernear e bateu na cabeça dele com os punhos cerrados. Apoiou um

joelho à coxa dela, fincando o pé sobre o outro tornozelo. Pegou-a pelo pulso, deixando que a outra mão o agredisse e os dentes continuassem cravados.

— Pode ter alguém por aqui! — disse. — Hoje é sábado! Você quer que nós dois façamos tratamento, sua *garce bêsta*!

Ela não parava de lhe bater, mordendo a palma da sua mão.

As pancadas diminuíram e cessaram. Os dentes se abriram e soltaram a carne. Ficou ofegante, de olhos postos nele.

— Garce! — repetiu.

Ela tentou tirar a perna debaixo do pé, mas ele calçou ainda com mais força. Não lhe soltou o pulso, sempre tapando-lhe a boca com a outra mão. A palma ardia como se ela tivesse arrancado a carne.

Mantendo-a assim, subjugada, de pernas abertas, de repente excitou-o. Pensou em rasgar-lhe a túnica e *estuprá-la*.

Ela não tinha dito que deviam esperar pela noite de sábado? E talvez acabasse com toda aquela xaropada a propósito de Rei e o ódio que sentia contra ele. Acabar com a luta — era justamente o que haviam feito, *lutado* — e os palavrões de ódio em *Français*.

Ela ficou olhando.

Soltou-lhe o pulso e pegou-a pela túnica, rasgada no ombro. Rasgou-a até abaixo do peito e ela recomeçou a agredi-lo, retorcendo as pernas e mordendo-lhe a palma da mão.

Rasgou-lhe a túnica em mil pedaços até abrir toda a parte da frente e então apalpou-a: acariciou-lhe os seios fluidos, macios, o estômago liso, a saliência que encobria os lábios úmidos com um tufo de pêlos emaranhados. Ela lhe bateu na cabeça e puxou-o pelos cabelos. Os dentes se cravaram na palma da mão. Continuou apalpando-a com a outra: seios, estômago, saliência, lábios: soqueando, esfregando, enfiando o dedo, cada

vez mais excitado — e depois abriu sua própria túnica. Ela desvencilhou a perna e deu-lhe um pontapé. Rolou no chão, tentando derrubá-lo, mas ele fez pressão, imobilizando-lhe a coxa, e passou a perna por cima. Montou-a em cheio, prendendo com os pés, pelos tornozelos, as pernas dela, dobradas para fora em torno dos seus joelhos. Desviou os rins e caiu de chofre, sujeitando-lhe uma das mãos e os dedos da outra.

— Pára — disse, — pára.

Continuou a introduzir. Ela corcoveava e se retorcia, mordendo a palma ainda mais fundo. Viu-se parcialmente dentro dela. Com um empurrão, meteu tudo.

— Pára — repetiu, — pára.

Mexeu-se pelo comprido, lentamente. Largou as mãos e acariciou os seios, por baixo. Eram macios, os mamilos começavam a enrijecer. Ela mordeu-lhe a mão e se contorceu.

— Pára — pediu, — pára com isso, Lilás.

E pôs-se a mexer, primeiro devagar, em seguida mais rápido, depois acelerando, cada vez mais forte.

Ergueu-se de joelhos e olhou-a. Estava deitada, cobrindo os olhos com um braço, o outro estirado no chão. Os seios arfavam.

Levantou-se, foi buscar um dos cobertores, sacudindo-o e abrindo-o por cima dela, até os braços.

— Tudo bem com você? — perguntou, agachando-se a seu lado.

Ela não respondeu.

Apanhou a lanterna e examinou a palma da mão. Escorria sangue de uma meia-lua de carne viva.

— Cristo e Wei — exclamou.

Despejou água em cima, lavou com sabonete e enxugou. Procurou o estojo de medicamentos, mas não pôde achar.

— Você pegou o estojo de medicamentos? — perguntou-lhe.

Ela não respondeu.

Mantendo a mão erguida, encontrou a sacola dela no chão, abriu-a e tirou o estojo de medicamentos. Sentou-se numa pedra, com o estojo no colo e a lanterna apoiada na pedra ao lado.

— Animal — disse ela.

— Eu não mordo — respondeu. — E muito menos tento matar. Cristo e Wei, você pensou que o revólver estivesse carregado.

Espalhou o cicatrizador na palma da mão: uma camada fina e depois outra mais grossa.

— *Cochon* — disse ela.

— Ah, deixa disso. Não vá recomeçar.

Desenrolou uma atadura e ouviu-a levantar-se, a túnica farfalhando enquanto se despia. Aproximou-se nua, pegou a lanterna e foi até a sacola dela: tirou sabonete, toalha, uma túnica e dirigiu-se aos fundos da cova, onde ele empilhara pedras entre os esporões, improvisando degraus que conduziam ao riacho.

Aplicou a atadura no escuro e depois encontrou a lanterna dela caída no chão, perto da bicicleta. Juntou as duas bicicletas, apanhou cobertores e preparou os dois lugares para dormir de costume, deixando a sacola ao lado do reservado a ela, e por fim recolheu a arma e os trapos da túnica. Guardou o revólver em sua própria sacola.

A lua assomou sobre um dos esporões atrás das folhas, negras e imóveis.

Ela não voltava. Começou a temer que tivesse ido embora a pé.

Finalmente, porém, apareceu. Guardou o sabonete e a toalha na sacola, apagou a lanterna e meteu-se entre os cobertores.

— Eu fiquei excitado com você debaixo de mim daquela maneira — disse ele. — Sempre a desejei, e estas últimas semanas foram simplesmente um martírio. Você sabe que eu a amo, não sabe?

— Daqui por diante eu vou sozinha.

— Quando chegarmos em Majorca... *se* chegarmos... você pode fazer o que quiser. Mas até lá, ficaremos juntos. E ponto final, Lilás.

Ela não disse nada.

Acordou ouvindo ruídos estranhos, lamúrias e gemidos de dor. Soergueu-se e acendeu a lanterna: Lilás cobria a boca com a mão, e escorriam lágrimas dos olhos fechados.

Correu para ela e agachou-se a seu lado, acariciando-lhe a cabeça.

— Oh, Lilás, não faça assim. Não chore, Lilás, por favor, não chore.

Pensou que estivesse chorando porque a machucara, talvez nas partes íntimas.

Ela continuou chorando.

— Oh, Lilás, me perdoe! Me desculpe, amor! Ah, Cristo e Wei, antes o revólver *estivesse* carregado!

Ela sacudiu a cabeça, sempre de mão na boca.

— Não é por causa disso que você está chorando? Por que a machuquei? Então por quê? Se você não quer ir junto comigo, você não precisa.

Tomou a sacudir a cabeça, sem parar de chorar.

Ele não sabia o que fazer. Ficou a seu lado, acariciando-lhe a cabeça, perguntando por que estava chorando, repetindo-lhe que não devia, e depois apanhou seus cobertores, estendeu-os junto aos dela, deitou-se, virou-a e abraçou-a. Ela continuou a chorar. Quando acordou, estava olhando-o, deitada de lado, com a cabeça apoiada na mão.

— Não tem sentido a gente ir separado — disse ela, — portanto ficaremos juntos.

Procurou lembrar-se do que haviam conversado antes de dormir. Pelo que se lembrava, não tinham dito nada: ela se limitara a chorar.

— Está bem — concordou, confuso.

— Estou tremendamente arrependida por causa.do revólver. Como pude fazer aquilo? Eu tinha certeza de que você havia mentido pra Rei.

— E eu estou arrependido pelo que *eu* fiz,

— Não precisa. Você não tem culpa. Foi perfeitamente natural. Como está a sua mão?

Ele tirou a mão de baixo da coberta e flexionou-a: doía muito.

— Mais ou menos — respondeu.

Ela a tomou e examinou a atadura.

— Você passou o remédio?

— Passei.

Ela olhou para ele, ainda segurando-lhe a mão. Seus olhos castanhos estavam enormes, e claros como a manhã.

— Você chegou mesmo a sair à procura de uma das ilhas e depois deu meia volta? — perguntou.

Ele fez que sim.

Ela sorriu.

— Você é *três fou* — disse.

— Não sou, não.

— É, sim — afirmou, examinando-lhe a mão de novo. Aproximou-a dos lábios e beijou as pontas dos dedos, uma por uma.

4

A manhã já ia alta quando partiram. Pedalaram então rapidamente durante algum tempo para compensar o atraso. Fazia um dia esquisito, nublado e opressivo, o céu cinza esverdeado e o sol um disco branco que se podia encarar de olhos bem abertos. Era uma anomalia do controle climatológico. Lilás lembrou-se de um dia semelhante em Chi, quando tinha doze ou treze anos. (“Foi lá que você nasceu?” “Não, nasci em Mex.” “É mesmo? Eu também!”) Não havia sombra e as bicicletas que se aproximavam pareciam pairar acima do chão, como carros. Os membros fitavam o céu, apreensivos, e ao chegar mais perto, cumprimentavam com a cabeça sem sorrir.

Quando sentaram na relva, partilhando um recipiente de refrigerante, Quem sugeriu:

— É melhor a gente seguir devagar. Pode ser que surjam controles pelo caminho e tenhamos que esperar o momento exato pra cruzá-los.

— Controles por nossa causa?

Não necessariamente. Apenas porque é a cidade mais próxima de uma das ilhas. Você não instalaria um sistema de segurança extra se fosse Uni?

Ele não temia tanto os controles quanto a possibilidade de encontrar uma equipe médica à espera logo adiante.

— E se houver membros cuidando? — perguntou ela. — Conselheiros ou médicos, com retratos nossos?

— É pouco provável depois de todo esse tempo. Temos que arriscar. Eu tenho o revólver, e a faca também.

Apalpou o bolso.

Passado um instante ela perguntou:

— Você o usaria?

— Sim. Acho que sim.

— Tomara que não seja preciso.

— Tomara.

— Convém você botar os óculos escuros.

— Hoje — olhou para o céu.

— Por causa do seu olho.

— Ah. Claro.

Tirou os óculos do bolso, colocou-os, olhou para ela e sorriu.

— Não há grande coisa pra *você* fazer, a não ser prender a respiração.

— Que quer você quer dizer? — retrucou, encabulando logo.

— Eles não são tão perceptíveis quando estou vestida.

— Foi a primeira coisa que notei quando olhei pra você. As primeiras, aliás.

— Não acredito. Você está mentindo. Está, sim, não é?

Ele riu, cutucando-lhe o queixo.

Pedalaram vagarosamente. Não havia controles pelo caminho. Nenhuma junta médica os deteve.

Todas as bicicletas da região eram novas, mas ninguém reparou que as deles eram velhas.

Ao cair da tarde chegaram a ’12082. Rumaram para o lado oeste da cidade, sentindo o cheiro do mar, observando cautelosamente o caminho em frente.

Deixaram as bicicletas no parque e voltaram a pé até uma cantina onde uma escada levava à praia. Lá embaixo o mar, ao longe, estendia-se sereno e azul, a perder de vista, num horizonte de neblina cinza esverdeada.

— Aqueles membros não tocaram no controle — disse uma criança.

A mão de Lilás apertou a de Quem.

— Não pare — cochichou ele.

Desceram os degraus de cimento salientes no íngreme penhasco.

— Ei, vocês dois aí! — gritou um homem.

Quem apertou a mão de Lilás e eles se viraram. O membro estava parado atrás do controle no topo da escada, segurando pela mão uma garotinha nua de cinco ou seis anos. Ela coçava a cabeça com uma pá vermelha, olhando para os dois.

— Vocês tocaram no controle há pouco? — perguntou o homem.

Um olhou para o outro e depois para o membro.

— Claro que tocamos — respondeu Quem.

— Evidente — confirmou Lilás.

— Ele não piscou que sim — insistiu a menina.

— Piscou, sim, irmã — retrucou Quem, bem sério. — Senão nós não teríamos passado, não é?

E sorriu para o membro.

O homem se curvou e falou qualquer coisa para a criança.

— Não, eu *não vi* — teimou ela.

— Vem — disse Quem para Lilás.

Viraram as costas e continuaram a descer.

— Pequena odiosa — cochichou Lilás.

— Caminhe e não fale.

Percorreram todos os degraus e pararam ao pé da escada para tirar as sandálias. De corpo curvado, Quem olhou para cima: o homem e a menina tinham desaparecido, outros membros vinham descendo.

A praia estava semideserta, sob o estranho céu nublado. Havia membros sentados ou deitados em cobertores, a maioria de túnica. Mantinham-se em silêncio ou conversavam em voz baixa e a música dos alto-falantes — Domingo, Dia de Alegria— soava forte e anormal. Um bando de crianças pulava corda à beira d'água: "Cristo, Marx, Wood e Wei criaram este mundo de perfeição, Marx, Wood, Wei e Cristo..."

Dirigiram-se ao lado oeste, de mãos dadas e segurando as sandálias na mão livre. A praia, já estreita, afunilava-se cada vez mais. Não encontraram praticamente ninguém. De repente depararam com um controle entre o rochedo e o mar.

— Nunca vi um controle na praia antes — comentou Quem.

— Nem eu tampouco.

Entreolharam-se.

— É por aqui que teremos de passar — disse ele, — Mais tarde.

Ela acenou com a cabeça e os dois se aproximaram do controle.

— Estou sentindo um impulso *fou* de tocar nele — disse Quem. — Lute-se, Uni: cá estou eu.

— Nem se atreva — pediu ela.

— Não se preocupe que não me vou atrever mesmo.

Viraram as costas e voltaram para o meio da praia. Despiram as túnicas, entraram n'água e nadaram mar adentro. Batendo pé, de costas para o mar, examinaram a praia do outro lado do controle, os penhascos cinzentos diminuindo até sumirem na neblina cinza esverdeada. Um pássaro saiu voando lá do alto, descreveu um círculo e depois voltou, desaparecendo no interior de uma fenda que mais parecia um fio de cabelo.

— Provavelmente tem grutas onde a gente pode esconder-se — disse Quem.

Um salva-vidas assobiou e acenou para ambos. Nadaram de volta até a praia.

— Já passam cinco das cinco, membros — anunciaram os alto-falantes. Por favor, queiram deixar os restos e as toalhas nas cestas. Respeitem os membros que estiverem perto quando sacudirem os cobertores.

Os dois se vestiram, subiram de novo a escada e dirigiram-se ao arvoredo onde tinham ficado as bicicletas. Levaram- nas mais para o meio das árvores e sentaram no chão a esperar. Quem limpou a bússola, as lanternas e a faca. Lilás fez um embrulho único das coisas restantes.

Mais ou menos uma hora depois de anoitecer foram à cantina, encheram de bolos e bebida uma caixa de papelão e desceram novamente à praia. Caminharam até o controle e atravessaram. Não havia lua nem estréias. No ar ainda pairava a neblina diurna. De vez em quando, na beira marulhante da água cintilavam partículas fosforescentes. No mais, reinava absoluta escuridão. Quem sobraçou a caixa de bolos e bebida, acendendo a lanterna a curtos intervalos. Lilás carregava o embrulho de cobertores.

— Nenhum negociante virá à praia numa noite como esta — disse ela.

— E ninguém tampouco — lembrou Quem. — Não há perigo de encontrar adolescentes de doze anos, loucos pra fazer sexo. O que é uma boa coisa.

Não era, não, pensou. Era péssimo. E se aquela neblina perdurasse dias e noites a fio, encurralando-os no próprio limiar da liberdade? Seria possível que Uni tivesse criado, de propósito, só com esse fim? Sorriu da ideia. Ele era mesmo *très fou*, tal como Lilás o chamara.

Andaram até calcular que já estavam a meio caminho entre ''082 e a próxima cidade a oeste. Largaram então a caixa e o embrulho no chão e saíram procurando na frente dos penhascos uma gruta que servisse. Em poucos minutos acharam uma toca de teto baixo, atapetada de areia e toda suja de invólucros de bolo e, o que era positivamente intrigante, dois pedaços — um "Egito" verde, uma "Etiópia" cor-de-rosa — rasgados de um mapa da Pré-U. Transportaram a caixa de papelão e o embrulho para o interior da gruta, estenderam os cobertores por terra, comeram e deitaram-se lado a lado.

— Você consegue? — estranhou Lilás. — Depois de hoje de manhã e de ontem à noite?

— Sem tratamento, tudo é possível.

— Mas que fantástico.

Mais tarde Quem disse:

— Mesmo que não der pra gente ir adiante, mesmo que sejamos capturados e submetidos a tratamento daqui a cinco minutos, valeu a pena. A gente fez o que quis, viveu, ao menos por algumas horas.

— Eu quero ficar viva a vida inteira, não só algumas horas — retrucou Lilás.

— Você há de ficar. Eu lhe prometo — beijou-a nos lábios, acariciando-lhe o rosto no escuro. — Você vai continuar comigo? Lá em Majorca?

— Claro que vou. Por que não havia de continuar?

— Você não queria, lembra-se? Não queria nem vir até aqui junto comigo.

— Cristo e Wei, isso foi na *noite passada* — exclamou, beijando-o. — Lógico que vou continuar. Você me acordou, agora tem que me aguentar.

E permaneceram abraçados, aos beijos.

— Quem! — gritou ela.

Era realidade, ele não estava sonhando.

Não a encontrou a seu lado. Soergueu-se e bateu com a cabeça na pedra, tateando à procura da faca que deixara cravada na areia.

— Quem! Olha!

Achou a faca e saltou para o lado, de joelhos, apoiado a uma mão. Ela era um vulto escuro agachado à ofuscante abertura azul da gruta. Ergueu a faca, pronto a retalhar quem se aproximasse.

— Não, não — disse ela, rindo. — Vem ver! Vem! Você não vai acreditar!

Entrecerrando os olhos por causa do brilho do céu e do mar, rastejou para perto da entrada.

— Olha! — disse ela com alegria, apontando a praia.

Havia um barco na areia, a cerca de cinquenta metros de distância, uma pequena lancha de dois rotores, de casco branco e quilha vermelha. Estava bem perto da água, emborcado de leve, e salpicado de branco na quilha e no pára-brisa, do qual parecia faltar um pedaço.

— Vamos ver se funciona! — sugeriu Lilás.

E apoiando-se ao ombro de Quem, começou a se levantar da gruta. Ele largou a faca no chão, pegou-a pelo braço e puxou-a de volta.

— Espera aí.

— Por quê?

Olhou para ele.

Ele esfregou o galo que se formara na cabeça e franziu a cara para a lancha — tão branca e vermelha, vazia e providencial na clara manhã ensolarada e sem neblina.

— Isso não me está cheirando bem — advertiu. — Pode ser uma cilada. É cômodo demais. A gente vai dormir, acorda e ganha um barco de presente. Você tem razão: eu *não* acredito mesmo.

— Nós não ganhamos de presente — retrucou. — Faz semanas que está aí. Espia só aquele troço de passarinho ali em cima, e como a areia é funda na frente.

— De onde é que veio? — perguntou. — Não existem ilhas por aqui.

— Talvez os negociantes a trouxessem de Majorca e fossem capturados na praia. Ou talvez tenham deixado aí de propósito, pra membros como nós. Você disse que era capaz que houvesse uma operação de salvamento.

— Sem que ninguém visse, nem tomasse conhecimento durante o tempo todo que esteve aqui?

— Uni não deixou ninguém passar pra esta parte da praia.

— Vamos esperar. Vamos ficar cuidando e esperar um pouco.

— Está bem — concordou, relutante.

— E cômodo demais — repetiu Quem.

— Por que é que tudo precisa ser *incomodo*?

Ficaram na gruta. Comeram e tornaram a embrulhar os cobertores, sempre de olho na lancha. Revezavam-se, rastejando até o fundo da toca e enterrando os restos na areia.

As pontas das ondas passaram por baixo da quilha do barco, afastando-se assim que a maré baixou. Sobrevoaram pássaros, pousando no pára-brisa e na balaustrada: quatro gaivotas e dois menores, marrons.

— Está ficando mais suja a cada instante — observou Lilás. — E o que é que tem se já tomaram conhecimento e hoje seja o dia em que será recolhida?

— Fala baixo, por favor. Cristo e Wei, antes eu tivesse trazido um telescópio.

Tentou improvisar um com as lentes da bússola, da lanterna e a dobra enrolada de uma caixa de papelão, mas não deu certo.

— Quanto tempo vamos esperar ainda? — perguntou ela.

— Até que anoiteça.

Ninguém passou pela praia e os únicos sons que ouviram foram o marulho das ondas, as batidas das asas e os gritos dos pássaros.

Aproximou-se da lancha sozinho, lenta e cautelosamente. Era mais velha do que parecia da gruta: a pintura branca lascada do casco mostrava marcas de conserto e a quilha estava entalhada e rachada. Deu uma volta completa sem tocar em nada, de lanterna em punho, à procura de indícios — ignorava a forma que poderiam ter — de impostura, de perigo. Não encontrou nenhum. Viu apenas uma lancha gasta, inexplicavelmente abandonada, à qual faltava os assentos centrais, com a terça parte do pára-brisa quebrada, e toda respingada de detritos ressequidos de pássaros. Apagou a lanterna e olhou para o penhasco. Encostou a mão à balaustrada e

esperou pelo alarme. O penhasco continuou escuro e deserto à pálida luz da lua.

Chegou perto da quilha, subiu a bordo e iluminou o painel de controle. Parecia bastante simples: interruptores para os rotores de propulsão e de elevação, uma chave de controle de velocidade calibrada em 100 KPH, uma barra de leme, alguns manômetros e indicadores, e um botão indicando *Manual* e *Automático*, colocado em posição automática. Encontrou a caixa de bateria no soalho, entre os assentos da frente, e abriu a tampa: a data desbotada marcava abril de 171, um ano atrás, portanto.

Acendeu a lanterna sobre a caixa dos rotores. Havia gravetos empilhados num deles. Escovou-os, tirando um a um, e assestou a luz contra o rotor que se achava por baixo: estava novo, reluzente. O outro era velho, com as pás chanfradas, sendo que uma faltava.

Sentou-se diante do painel de controle e descobriu a chave que ligava os rotores. Um relógio-miniatura marcava *5h11m Sexta 27 de agosto 169*. Ligou um rotor de propulsão e depois o outro: eles rangeram, mas logo começaram a zumbir normalmente. Desligou-os, examinou os manômetros e indicadores, e apagou as luzes de controle.

O penhasco continuava como antes. Nenhum membro surgira de nenhuma tocaia. Virou-se para o mar às suas costas: estava vazio e calmo, prateado por um rastro estreito que ia terminar sob a lua quase cheia. Não havia lanchas voando em sua direção.

Sentou-se um pouco no barco e depois desceu pelo casco, caminhando de volta até a gruta.

Encontrou Lilás à entrada.

— Tudo em ordem? — perguntou ela.

— Não. Não foi deixada pelos negociantes porque não há nenhum bilhete nem nada parecido. O relógio parou no ano passado, mas um dos rotores é novo. Não experimentei o rotor de elevação por causa da areia, mas mesmo que funcione, a quilha está rachada em dois lugares e ela pode

apenas chapinhar, sem ir a parte alguma. Em compensação, talvez nos leve diretamente a ’082... a um pequeno centro médico na costa... ainda que esteja fora de telecontrole.

Lilás ficou olhando para ele.

— Não custa nada tentar — continuou. — Se não foram os comerciantes que a deixaram aí, eles não virão até a praia enquanto a lancha estiver encalhada ali. Quem sabe não somos dois membros de muita sorte?

E entregou-lhe a lanterna.

Foi buscar a caixa de papelão e o embrulho de cobertores no interior da gruta, trazendo um debaixo de cada braço. Puseram-se a caminhar em direção à lancha.

— E as coisas que íamos negociar? — perguntou ela.

— Nós já *temos*. Uma lancha deve valer cem vezes mais do que câmaras e estojos de medicamentos — olhou para o penhasco.

— O.K., doutores! — gritou. — Agora vocês já podem sair!

— Psiu, *não faça* isso! — disse ela.

— Esquecemos as sandálias.

— Estão na caixa de papelão.

Ele colocou a caixa e o embrulho dentro do barco e os dois rasparam a sujeira dos pássaros no pára-brisa quebrado com cacos de conchas. Levantaram a proa e a arrastaram pro lado do mar. Depois fizeram o mesmo com a popa.

Continuaram levantando e arrastando ambas as pontas e finalmente colocaram a lancha dentro da arrebentação, balanceando-se e volteando-se desajeitadamente. Quem imobilizou-a enquanto Lilás subia a bordo, e depois empurrou-a até onde pôde e também subiu.

Sentou-se diante do painel de controle e acendeu as luzes. Lilás ocupou o assento vizinho, prestando atenção. Olhou-a de soslaio — ela o fitava, nervosa — ligando os rotores de propulsão e por fim o de elevação. O barco sacudiu com violência, jogando-os para o lado oposto. Um estrépito ensurdecedor estremeceu a quilha. Quem pegou a barra do leme, segurou-a, e girou a chave do controle de velocidade. A lancha lançou-se mar afora e o tremor e o estrépito diminuíram. Aumentou a velocidade para vinte, vinte e cinco. O estrépito cessou e o tremor se reduziu a uma vibração ritmada. O barco deslizou pela superfície da água.

— Não está se erguendo — disse ele.

— Mas pelo menos anda.

— Sim, mas por quanto tempo? Ela não foi feita pra ficar à tona d’água deste jeito e a quilha já está rachada.

Aumentou ainda mais a velocidade e a lancha zuniu entre a crista das ondas. Experimentou a barra do leme: o barco obedecia. Virou para o norte, tirou a bússola do bolso e comparou o ponteiro com o do indicador de direção.

— Não nos está levando para ’082 — disse. — Pelo menos por enquanto.

Ela olhou para trás e para o céu.

— Não vem vindo ninguém comentou.

Ele aumentou de novo a velocidade e conseguiu um pouco mais de elevação, mas o impacto ao roçar as ondas era maior. Reduziu a velocidade. O botão estava em cinquenta e seis.

— Eu não acho que estejamos fazendo mais que quarenta — opinou. — Será dia quando chegarmos lá, se chegarmos. A meu ver, tanto faz. Não pretendo ir parar na ilha errada. Não sei até que ponto nos estamos desviando da rota.

Havia duas outras ilhas perto de Majorca: EUR91766, a quarenta quilômetros a nordeste, sede de um complexo produtor de cobre, e EUR91603, a oitenta e cinco quilômetros a sudoeste, onde funcionava um complexo de processamento de algas e um centro subordinado de climatonomia.

Lilás aninhou-se contra Quem, evitando o vento e a espuma da parte quebrada do pára-brisa. Quem segurava a barra do leme. Cuidava o indicador de direção, o mar enluarado que tinham pela frente, e as estrelas que brilhavam acima do horizonte.

As estrelas sumiram, o céu começou a clarear e nada de Majorca. Havia apenas o mar, plácido e infinito em todas as direções.

— Se estivéssemos fazendo quarenta — disse Lilás, — teria levado sete horas. Já passa disso, não passa?

— Talvez não estejamos fazendo quarenta — retrucou Quem.

Ou talvez tivesse compensado demais ou de menos a deriva para o leste do mar. Talvez tivessem passado por Majorca e estivessem rumando para Eur. Ou talvez Majorca não existisse — não constando mais dos mapas da Pré-U porque os membros daquele tempo tinham-na bombardeado e riscado da face da terra. E por que a Família precisava ser novamente lembrada de loucuras e barbárie?

Manteve o barco orientado por uma fração de diferença a noroeste, mas diminuiu um pouco a velocidade.

O céu ficou mais claro e não se divisava nem uma ilha, nenhuma Majorca. Perscrutaram o horizonte em silêncio, um evitando os olhos do outro.

Uma derradeira estrela cintilou sobre a água a nordeste. Não, cintilou *na* água. Não...

— Tem uma luz lá adiante — disse ele.

Ela olhou na direção apontada e segurou-lhe o braço.

A luz se movia em arco, de lado a lado, depois para cima e para baixo, como se os chamasse. Estava a mais ou menos um quilômetro de distância.

— Cristo e Wei — exclamou Quem baixinho, e dirigiu-se para lá.

— Cuidado — recomendou Lilás. — Talvez seja...

Ele trocou de mão na barra do leme e tirou a faca do bolso, deixando-a no colo.

A luz se apagou e apareceu uma pequena embarcação.

Havia um homem sentado, acenando. Acenava uma coisa clara que botou na cabeça — um chapéu — e depois abanou a mão vazia.

— Um membro — disse Lilás.

— Uma *pessoa* — corrigiu Quem.

Continuou em direção da embarcação — um barco a remos, parecia — com uma mão na barra e a outra na chave do controle de velocidade.

— Veja! — exclamou Lilás.

O homem que acenava era baixo e tinha barba branca, com um rosto corado por baixo do chapéu amarelo de abas largas. Estava vestido com uma roupa azul em cima e branca nas pernas.

Quem diminuiu a velocidade, manobrando para se aproximar do barco a remo e deslizando os três rotores.

O homem — que há muito passara dos sessenta e dois anos e tinha olhos azuis, fantasticamente azuis — sorriu com dentes escuros e cheios de falhas.

— Fugindo dos pamonhas, hem? — disse ele. — Em busca da liberdade?

O barco a remo gingou nas ondas provocadas pela lancha, deslocando caniços e redes no interior — material de pescaria.

— É, sim — respondeu Quem. — Estamos, sim! Estamos à procura de Majorca.

— *Majorca*? — repetiu o homem, rindo e coçando a barba — *Maiorca* — corrigiu. — *Majorca* não, *Maiorca*! Mas agora ela se chama *Liberdade*. Não se chama mais Maiorca desde... sabe Deus quando, uns cem anos, acho eu! É Liberdade.

— Fica perto? — perguntou Lilás.

— Nós somos amigos — avisou Quem. — Não viemos pra... interferir de jeito nenhum, pra tentar "curar" vocês ou coisa parecida.

— Também somos incuráveis — explicou Lilás.

— Vocês não teriam vindo pra cá se não fossem — retrucou o homem. — É pra isso que estou aqui, pra esperar gente como vocês, pra ajudá-los a encontrar o porto. Sim, fica perto. É lá pra aquele lado.

Apontou ao norte.

Então surgiu no horizonte uma faixa verde escura, baixa e nítida. Veias cor-de-rosa cintilavam sobre a parte ocidental — montanhas iluminadas pelos primeiros raios de sol.

Quem e Lilás contemplaram aquilo, se entreolharam, e de novo fitaram Majorca-Maiorca-Liberdade.

— Firmem bem a lancha — pediu o homem, — que eu vou amarrar aí na popa e subir a bordo.

Os dois se viraram em seus assentos e ficaram de frente, um para o outro. Quem tirou a faca do colo, sorriu, e largou-a no chão.

Pegou as mãos de Lilás.

Sorriam de felicidade.

— Pensei que já tivéssemos passado por ela — confessou Lilás.

— Eu também. Ou que ela nem existisse mais.

Sorriram um para o outro, curvaram-se e beijaram-se.

— Ei, como é? Não vão ajudar-me? — reclamou o homem, da popa da lancha, pendurado pelos dedos de unhas encardidas.

Levantaram-se rapidamente e correram a acudi-lo. Quem ajoelhou-se no banco de trás e ajudou-o a subir.

Tinha roupas feitas de pano, o chapéu era tecido de tiras lisas de fibra amarela. Meia cabeça mais baixo que ambos, recendia a um cheiro forte e esquisito. Quem agarrou-lhe a mão áspera e apertou-a.

— Eu me chamo Quem, e esta aqui é a Lilás.

— Muito prazer — disse o velho barbudo de olhos azuis, com aquele sorriso de dentes feios. — Meu nome é Darren Costanza.

Apertou a mão de Lilás.

— Darren Costanza? — estranhou Quem.

— Isso mesmo.

— Que lindo! — exclamou Lilás.

— Vocês conseguiram uma Boa lancha — disse Darren Costanza, dando uma olhada em torno.

— Mas não levanta da tona d’água — avisou Quem.

— Sim, mas nos trouxe até aqui — frisou Lilás. — Foi uma sorte encontrá-la.

Darren Costanza sorriu.

— E os bolsos de vocês estão cheios de câmaras e coisas? — perguntou.

— Não — respondeu Quem, — resolvemos não trazer nada. A maré estava subindo e...

— Ah, isso foi um erro — atalhou Darren Costanza. — Não trouxeram *nada*?

— Um revólver sem gerador — disse Quem, tirando-o do bolso — Um punhado de livros e uma navalha naquele embrulho ali.

— Bem, isto vale alguma coisa — comentou Darren Costanza, pegando a arma e examinando-a, manuseando o cabo.

— Poderemos negociar a lancha — lembrou Lilás.

— Vocês deviam ter trazido mais — disse Darren Costanza, virando as costas e afastando-se.

Os dois se entreolharam e olharam de novo para ele, prontos a ir atrás, mas ele se voltou, empunhando uma arma diferente. Apontou-a contra ambos, guardando o revólver de Quem no bolso.

— Esta velharia dispara balas — preveniu, recuando para o assento de direção. — Não precisa de gerador. Bangue, bangue. Agora caiam n’água, sem demora. Vamos. Caiam n’água.

Olharam para ele.

— *Atirem-se na água, seus ferrinhos pamonhas*! — gritou. — Querem levar uma bala no crânio?

Mexeu qualquer coisa na parte traseira da arma e fez pontaria contra Lilás.

Quem empurrou-a para a amurada da lancha. Ela escalou e escorregou pela quilha — dizendo:

— Por que ele está fazendo isto?

Mergulhou dentro d’água. Quem saltou logo atrás.

— Afastem-se da lancha! — gritou Darren Costanza. — Bem pra longe! Nadem!

Os dois nadaram alguns metros, as túnicas expandindo-se em torno dos corpos, e depois viraram-se, mantendo-se à tona d'água.

— Por que você está *fazendo* isto? — perguntou Lilás.

— Tratem de adivinhar, seus-ferrinhos-pamonhas! — respondeu Darren Costanza, sentando-se diante do painel de controle.

— Nós morreremos afogados se você nos deixar aqui! — gritou Quem. — Não podemos nadar até lá!

— Quem mandou vir pra cá? — retrucou Darren Costanza.

E a lancha partiu na disparada, o barco a remo amarrado à popa abrindo sulcos de espuma à retaguarda.

— Seu odioso filho da luta! — berrou Quem.

A lancha fez uma curva e rumou para a ponta leste da ilha distante.

— Ele mesmo vai levar a lancha! — exclamou Lilás. — Vai fazer negócio com ela!

— O egoísta, doente, Pré-U... — disse Quem. — Cristo, Marx, Wood e Wei, eu estava com a faca na mão e larguei-a no chão! “Esperando gente como vocês, pra ajudá-los a encontrar o porto!” Ele é um pirata, isso é o que ele é, o odioso...

— Pare! Chega! — implorou Lilás, olhando desesperada para ele.

— Oh Cristo e Wei.

Abriram as túnicas e desvencilharam-se delas.

— Não jogue fora! — disse Quem. — Elas conservam o ar se a gente amarra as aberturas!

— Outra lancha! — anunciou Lilás.

Uma pontinha branca corria veloz de oeste para leste, a meio caminho entre os dois e a ilha.

Ela acenou com a túnica.

— Longe demais! — disse Quem. — Temos de começar a nadar!

Amarraram ao pescoço as mangas das túnicas e nadaram na água gelada. As ilhas ficavam a uma distância impossível — vinte quilômetros ou mais.

Se pudessem fazer rápidas pausas, boiando nas túnicas infladas, pensou Quem, poderiam alcançar uma distância suficiente para que outro barco os visse. Mas quem estaria nele? Membros como Darren Costanza? Piratas e assassinos de cheiro asqueroso? Rei teria razão? "*Faço votos de boa viagem*", dissera, deitado na cama de olhos fechados. "*Aos dois*, *Vocês merecem*." Odioso filho da luta!

O segundo barco tinha-se aproximado do que lhes fora roubado e que rumava bem para leste, como se quisesse evitá-lo.

Quem nadou sem parar, percebendo pelo canto do olho que Lilás se esforçava para acompanhá-lo. Conseguiriam repouso suficiente para seguir adiante, para chegar? Ou se afogariam, sufocando-se, deslizando languidamente até o fundo, no meio da água escura... Expulsou a imagem do pensamento: continuou nadando, sem parar.

O segundo barco tinha parado. O deles agora estava mais longe do que nunca. Mas o segundo parecia maior, cada vez maior.

Quem se imobilizou e pegou Lilás pela perna. Ela se virou, ofegante, e então ele apontou.

O barco não havia parado: tinha dado meia volta e vinha vindo em direção a eles.

Puxaram do pescoço as mangas das túnicas, tiraram-nas e acenaram a azul claro, a amarelo vivo.

O barco afastou-se um pouco, depois voltou, e por fim partiu na direção oposta.

— *Aqui*! — gritaram. — *Socorro! Aqui! Socorro*! — acenando as túnicas, espichando-se fora da água.

O barco recuou, tornou a afastar-se e depois avançou com firmeza. Permaneceu voltado para eles, avolumando-se e ouviu-se uma sirene — alta, alta, alta, alta, alta.

Lilás mergulhou contra Quem, tossindo água. Ele inclinou o ombro sob o braço dela e apoiou-a. O barco aproximou-se num redemoinho de espuma, todo branco — tinha as letras S.I. pintadas no casco, graúdas e verdes, e um só rotor — e parou com estardalhaço, formando uma onda que desabou em cima dos dois.

— Segurem!— gritou um membro.

Qualquer coisa branca foi jogada lá de cima e bateu na água, perto deles: um aro branco flutuante com uma corda. Quem agarrou-o e a corda ficou logo tensa, puxada por um membro, moço, de cabelo amarelo. Arrastou-os pela superfície da água.

— Estou bem — disse Lilás, nos braços de Quem. — Eu estou bem.

O costado do barco tinha degraus. Quem tirou a túnica de Lilás da mão dela, prendeu-lhe os dedos ao redor de um degrau e colocou a outra mão no degrau acima. Ela subiu. O membro, debruçando-se e espichando-se,

pegou-a pela mão e ajudou-a. Quem orientou os pés dela e depois subiu atrás.

Deitaram-se de costas em sólido chão quente, sob cobertores penugentos, de mãos dadas, ofegantes. Alguém levantou-lhes a cabeça, uma após outra, aproximando de seus lábios um pequeno recipiente metálico. Continha um líquido que cheirava igual a Darren Costanza. Ardia na goela, mas depois de descer pela garganta aquecia surpreendentemente o estômago.

— É álcool? — perguntou Quem.

— Não se impressionem — disse o rapaz de cabelo amarelo, sorrindo-lhes com dentes normais e atarraxando o recipiente num frasco, — um gole não abala o cérebro de ninguém.

Tinha uns vinte e cinco anos, barba curta também amarela, olhos e pele normais. O cinto marrom nos quadris prendia um revólver num bolso marrom. Vestia camisa de pano branco sem mangas e calças de fazenda cor de castanha, remendadas de azul, que davam pelos joelhos. Largando o frasco sobre o assento, desafivelou o cinto.

— Vou buscar túnicas pra vocês — disse. — Prendam a respiração.

Pôs o cinto junto do frasco e subiu à amurada do barco. Ouviu-se um mergulho na água e a embarcação sacudiu.

— Pelo menos nem todos são como aquele outro — disse Quem.

— Ele tem revólver — disse Lilás.

— Sim, mas deixou aqui. Se fosse... doente, teria medo de fazer isso.

Conservaram-se em silêncio, de mãos dadas sob os cobertores penugentos, respirando fundo e contemplando o límpido céu azul.

O barco se inclinou e o rapaz subiu a bordo de novo, com duas túnicas gotejantes. O cabelo, que há muito não via tesoura, estava colado ao crânio

em anéis molhados.

— Sentem-se melhor? — perguntou, sorrindo.

— Sim — responderam.

Sacudiu as túnicas sobre o costado do barco.

— Lamento não ter chegado a tempo de impedir que aquele safado se aproveitasse de vocês. A maioria dos imigrantes vem de Eur, por isso eu geralmente fico ao norte. Nós precisamos é de dois barcos em vez de um. Ou de um instrumento de observação de longo alcance.

— Você é... da polícia? — indagou Quem.

— *Eu*? — o rapaz sorriu. — Não, eu sou do Socorro aos Imigrantes. E um agência que nos permitiram generosamente organizar, para ajudar o novo imigrante a se orientar. E chegar até a praia sem se afogar.

Pendurou as túnicas à amurada da embarcação, separando as dobras unidas.

Quem soergueu-se sobre o cotovelos.

— Isso acontece seguido? — perguntou.

— Roubar lanchas de imigrantes é passatempo muito popular por aqui — respondeu o rapaz. — Tem outros que são ainda mais divertidos.

Quem sentou-se no chão e Lilás, a seu lado, fez o mesmo. O rapaz enfrentou-os, iluminado lateralmente pela luz rosada do sol.

— Desculpem a decepção — disse ele, — mas vocês não vieram parar em nenhum paraíso. Oitenta por cento da população da ilha descende de famílias que já estavam aqui antes da Unificação ou que chegaram logo depois. São parentes consanguíneos, ignorantes, mesquinhos, presunçosos... e desprezam os imigrantes. Chamam-nos de “ferrinhos”. Por causa das pulseiras. Mesmo quando já não se usa mais.

Apanhou o cinto com o revólver no assento e prendeu-o aos quadris.

— Nós chamamo-los de “safados” — explicou, afivelando o cinto. — Mas nunca digam isso em voz alta, senão meia dúzia deles cai a patadas em cima de vocês. É outro passatempo a que se dedicam.

Olhou-os novamente.

— A ilha é governada por um tal de General Costanza, com o...

— Foi esse que roubou a lancha! — exclamaram. — Darren Costanza!

— Duvido — retrucou o rapaz, sorrindo. — O general não se levanta tão cedo assim. Aquele safado deve ter-se divertido à custa de vocês.

— O *odioso* filho da luta! — disse Quem.

— O General Costanza é apoiado pela Igreja e pelo Exército. Os próprios safados gozam de pouquíssima liberdade e nós praticamente de nenhuma. Temos que viver em áreas especificadas, Vilas-Ferrinhos, e não podemos sair sem justa causa. Temos de mostrar carteiras de identidade a todos os guardas safados e os únicos empregos que obtemos são os piores, os mais estafantes. — Pegou o frasco. — Querem mais um pouco? Chama-se uísque.

Quem e Lilás sacudiram a cabeça.

O rapaz desatarraxou o recipiente e encheu-o de um líquido amarelo.

— Deixe ver se esqueci alguma coisa... Não podemos possuir terras nem armas. Eu entrego o meu revólver quando chego a terra. — Ergueu o recipiente e olhou para os dois. —Bem-vindos a Liberdade — brindou, e bebeu.

Entreolharam-se desanimados e depois fitaram o rapaz.

— E assim que ela se chama: Liberdade.

— Nós pensávamos que os recém-chegados seriam bem recebidos — disse Quem. — Pra ajudar a manter a Família a distância,

O rapaz tornou a atarraxar o recipiente no frasco.

— Ninguém vem pra cá, a não ser dois ou três imigrantes por mês. A última vez que a Família tentou ameaçar os safados foi no tempo em que havia cinco computadores. Depois que Uni entrou em funcionamento não fizeram mais nenhuma tentativa.

— Por que não? — perguntou Lilás.

O rapaz olhou para os dois.

— Ninguém sabe. Existem várias teorias. Os safados acreditam que Deus os protege ou então que a Família tem medo do Exército, uma corja de palermas bêbados e ineptos. Os imigrantes pensam... bem, alguns deles acham que a ilha está tão depauperada que simplesmente nem vale a pena Uni ameaçar todo mundo.

— Enquanto que outros... — disse Quem,

O rapaz virou as costas e guardou o frasco numa prateleira embaixo do painel de controle do barco. Sentou-se à direção e voltou-se para encará-los.

— Outros, entre os quais me incluo, acham que Uni está usando a ilha, e os safados, e todas as ilhas ocultas espalhadas pelo mundo afora.

— *Usando-as*? — estranhou Quem.

— De que modo? — perguntou Lilás.

— Como prisões. Pra nós — respondeu o rapaz.

Olharam para ele.

— Por que surge sempre uma lancha na praia? — disse ele. — *Sempre*, em Eur e em Afr... uma lancha velha, ainda em condições de chegar até aqui. E por que existem esses mapas remendados, tão acessíveis, nos

museus? Não seria mais fácil fabricar mapas *falsos*, com as ilhas realmente omitidas?

Os dois arregalaram os olhos.

— O que é que se faz — continuou, fitando-os atentamente, — quando se programa um computador pra manter uma sociedade perfeitamente eficiente, perfeitamente estável, perfeitamente cooperativa? Como se permite que haja anomalias biológicas, incuráveis, possíveis desordeiros?

Os dois não responderam, sempre de olhos arregalados.

Ele curvou-se mais perto.

— Deixa-se um punhado de ilhas “desunificadas” pelo mundo afora. Deixam-se mapas em museus e lanchas nas praias. O computador não precisa eliminar as ervas daninhas: elas mesmas se encarregam da própria eliminação. Saem serpeando à procura do pavilhão de isolamento mais próximo, onde já há safados esperando, chefiados por um General Costanza, pra roubas suas lanchas, apinhá-las em Vilas-Ferrinhos e mantê-las impotentes e inofensivas... recorrendo a expedientes que nobres discípulos de Cristo, Marx, Wood e Wei jamais sonhariam.

— Não pode ser— protestou Lilás.

— Uma porção de nós acha que pode.

— Uni *nos deixar vir pra cá*? — retrucou Quem.

— Não — insistiu Lilás. — É... tortuoso demais.

O rapaz olhou para ela e depois para Quem*

— E eu que pensei que estava sendo tão inteligente! — exclamou Quem.

— Que nem eu — disse o rapaz, recostando-se no assento.

— Sei perfeitamente como você está-se sentindo.

— Não, não pode ser — repetiu Lilás.

Fez-se um instante de silêncio e depois o rapaz continuou:

— Vou levar vocês agora. O S.A. vai tirar essas pulseiras de vocês, registrar os dois e emprestar vinte e cinco pratas pra começar. — sorriu. — Por pior que seja, é melhor que ficar na Família. Roupa de pano é mais confortável que de paplão... sério... e até figo podre tem melhor sabor que bolos integrais. Vocês podem ter filhos, beber álcool, fumar cigarros... mais de um quarto, se trabalharem bastante. Existem “ferrinhos” que até enriquecem... artistas, na maioria. Se vocês tratarem os safados de “senhor” e não saírem da Vila-Ferrinho, tudo corre bem. Não há controles, nem conselheiros, e nem uma Vida de Marx num ano inteiro de televisão.

Lilás sorriu. Quem também.

— Vistam as túnicas — aconselhou o rapaz. — Os safados ficam horrorizados com a nudez. Acham “hedionda”.

E virou-se para o painel de controle.

Puseram de lado os cobertores e vestiram as túnicas molhadas, postando-se depois em pé atrás do rapaz, que manobrava o barco em direção à ilha. Ela se estendia verde e dourada na radiância do sol que acabava de nascer, coroada por montanhas e pontilhada de manchas brancas, amarelas, rosas e azul-claro.

— E linda — declarou Lilás, taxativamente.

Quem, enlaçando-a pelo ombro, olhou a paisagem com os olhos espremidos e não disse nada.

5

Foram morar numa cidade chamada Pollensa, ocupando metade de um quarto de um prédio em ruínas, caindo aos pedaços, da Vila-Ferrinho onde faltava luz a toda hora e a água era encardida. Tinham cobertor, mesa, uma cadeira, e uma caixa para roupas que eles utilizavam como segunda cadeira. As pessoas da outra metade do quarto, os Newmans — um casal quarentão com a filha de nove anos — emprestavam-lhes o fogão, a televisão e uma prateleira do refrigerador onde guardavam a comida. O quarto era dos Newmans. Quem e Lilás pagavam quatro dólares por semana de aluguel.

Ganhavam, entre ambos, nove dólares e vinte *cents* por semana. Quem trabalhava em mina de ferro, carregando minério em carrinhos com uma turma de imigrantes ao longo de um carregador automático que jazia imóvel e empoeirado, sem possibilidade de conserto. Lilás trabalhava numa fábrica de roupas, pregando colchetes em camisas. Lá também havia outra máquina estragada, grossa de penugem.

Os nove dólares e vinte *cents* tinham que dar para o aluguel semanal, a comida, as passagens, alguns cigarros e um jornal chamado *Imigrante de Liberdade*. Economizavam cinquenta *cents* para a compra de roupa e eventuais emergências, pagando outros cinquenta para o Socorro aos Imigrantes, como amortização parcial do empréstimo de vinte dólares recebidos na chegada. Comiam pão, peixe, batatas e figos. No começo esses alimentos lhes causaram cãibras intestinais e prisão de ventre, mas logo se habituaram, passando a se deliciar com os variados sabores e consistências. Aguardavam a hora da refeição com ansiedade, embora se aborrecessem com o preparo da comida e a limpeza posterior.

Seus corpos sofreram transformações. Lilás sangrou alguns dias, o que os Newmans asseguraram que era normal em mulheres que não faziam tratamento, e ficou mais roliça e elástica à medida que o cabelo crescia.

Quem enrijeceu e se fortificou com o trabalho na mina. A barba cresceu preta e parelha, e ele a aparava uma vez por semana com a tesoura dos Newmans.

Receberam nomes, dados por um funcionário do Serviço de Imigração. Quem passou a chamar-se Eiko Newmark, e Lilás, Grace Newbridge. Mais tarde, quando casaram — sem fazer pedido a Uni, mas com formulários, emolumentos e promessas a Deus — o de Lilás foi mudado para Grace Newmark. Mas entre ambos continuaram a tratar-se por Quem e Lilás.

Acostumaram-se a lidar com moedas e negociar com lojistas, e a andar no monotrilho aéreo de Pollensa, desmantelado e sempre lotado. Aprenderam a esquivar-se dos habitantes locais sem ofendê-los. Decoraram o *Voto de Lealdade* e prestaram juramento à bandeira vermelha-e-amarela de Liberdade. Batiam às portas antes de abri-las, diziam quarta-feira e não dia-de-Wood, março em vez de marx. Lembravam-se continuamente que *lutar e odiar* eram palavras admissíveis, ao passo que *foder* era “palavrão”.

Hassan Newman bebia muito uísque. Logo depois de chegar a casa do trabalho — na maior fábrica de móveis da ilha — começava a fazer barulho brincando com Gigi, a filha, quase derrubando a cortina que dividia o quarto, com uma garrafa presa entre os três dedos restantes da mão aleijada pela serra.

— Vamos, seus ferrinhos tristes — dizia sempre, — onde ódio estão os copos de vocês? Alegria, animem-se um pouco.

Quem e Lilás bebiam junto com ele algumas vezes, porém achavam que o uísque os deixava confusos e canhestros, e geralmente rejeitavam o convite.

— Ora, vamos — disse ele uma noite. — Eu sei que sou o senhorio, mas não sou propriamente um safado, sou? Então o que é? Vocês pensam que eu espero que vocês retri... retribuam? Eu sei que vocês não botam dinheiro fora.

— Não se trata disso — protestou Quem.

— Então o que é? — insistiu Hassan, vacilando e equilibrando-se nos pés.

Quem ficou calado um instante e depois respondeu:

— Bem, qual é a vantagem em fugir dos tratamentos pra depois se embrutecer com uísque? Desse modo tanto faz viver aqui como no meio da Família.

— Ah — exclamou Hassan — Ah claro, agora entendi — olhou zangado para os dois: era um sujeito enorme, de barba crespa e olhos injetados de sangue. — Vocês vão ver. Esperem até conhecer melhor isto aqui. Esperem só até conhecer melhor isto aqui, é só o que eu digo.

E virou as costas, tateando em busca da abertura da cortina. Ainda ouviram os seus resmungos, enquanto a esposa, Ria, tentava acalmá-lo.

Quase todos os moradores do prédio, pelo visto, bebiam tanto quanto Hassan. Retumbavam gritos de alegria ou fúria pelas paredes a qualquer hora da noite. O elevador e os corredores recendiam a uísque, a peixe e a perfumes suaves que eles usavam para disfarçar o mau cheiro do uísque e do peixe.

Todas as noites, praticamente, depois que terminavam de fazer a limpeza necessária, Quem e Lilás subiam ao terraço para apanhar um pouco de ar puro ou então sentavam à mesa para ler o *Imigrante* ou livros que tinham encontrado no monotrilho ou tomado emprestado a uma pequena biblioteca do Socorro aos Imigrantes. Às vezes assistiam à televisão em companhia dos Newmans — novelas sobre desentendimentos idiotas entre famílias locais, com frequentes intervalos para anúncios de diferentes marcas de cigarros e desinfetantes. Eventualmente havia discursos, pronunciados pelo General Costanza ou o chefe da Igreja, o Papa Clemente — discursos inquietantes a respeito de racionamentos de víveres, moradia e recursos, cuja culpa recaía exclusivamente sobre os imigrantes. Hassan, que o uísque deixava belicoso, em geral desligava o aparelho antes que os oradores finalizassem. Ao contrário da televisão da Família, em Liberdade podia-se ligá-la e desligá-la à vontade.

Um dia na mina, perto do fim da pausa de quinze minutos para almoço, Quem aproximou-se do carregador automático e pôs-se a examiná-lo, imaginando se de fato não teria conserto ou se não seria possível substituir alguma peça, que não possuísse sobressalente, por outro expediente qualquer. O ilhéu encarregado da turma de trabalhadores chegou perto e perguntou-lhe o que estava fazendo ali. Quem explicou, tomando cuidado para não faltar com o respeito, mas o sujeito ficou furioso.

— Vocês, seus ferrinhos fodidos, pensam todos que são uns sabidos de merda! — explodiu, com a mão no cabo do revólver. — Volte pro seu lugar e fique lá! Se não tem outra coisa no que pensar, trate de dar um jeito de comer menos!

Nem todos os ilhéus eram tão ruins assim. O proprietário do prédio em que moravam simpatizou com Quem e Lilás e prometeu alugar-lhes a cinco dólares por semana o primeiro quarto que desocupasse.

— Vocês não são como essa gente — disse ele, — que bebe, anda nua em pêlo pelos corredores... prefiro ganhar um pouco menos e ficar com vocês.

Quem olhou para ele e respondeu:

— Há motivo prós imigrantes beberem, sabe?

— Eu sei, eu sei — disse o proprietário. — Sou o primeiro a reconhecer: nós tratamos vocês de uma maneira incrível. Mas seja como for, *vocês dois* bebem? *Andam* por aí nus em pêlo?

— Obrigada, Mr. Corsham. Nós lhe ficaremos gratos se nos puder amimar um quarto.

Pegaram resfriados e a gripe. Lilás perdeu o emprego na fábrica de roupas, mas conseguiu outro melhor na cozinha de um restaurante frequentado por ilhéus, cuja distância dava para percorrer a pé desde o prédio. Uma noite, dois guardas apareceram no quarto, verificando as carteiras de identidade e à procura de armas. Hassan resmungou qualquer

coisa ao mostrar sua carteira e o derrubaram a pauladas. Espetaram facas nos colchões e quebraram alguns pratos.

Lilás não teve “regras”, seus poucos dias de hemorragia vaginal durante o mês, o que indicava que ficara grávida.

Uma noite no terraço, Quem deteve-se a fumar e contemplar o céu do lado nordeste, onde pairava um fosco clarão alaranjado proveniente do complexo de produção de cobre em EUR91766. Lilás, que estava recolhendo roupa do arame, aproximou-se e abraçou-o pela cintura. Beijou-lhe o rosto e encostou-se nele.

— A coisa não está tão ruim assim — disse ela. — Já economizamos doze dólares, vamos ter quarto próprio qualquer dia destes e antes que você se dê conta teremos um bebê.

— Um ferrinho.

— Não — retrucou Lilás. Um bebê.

— Isto aqui é uma porcaria — disse Quem. — Uma droga. Eu não aguento mais.

— Não há outra alternativa. A gente tem que se conformar. Quem ficou calado. Continuou contemplando o clarão alaranjado no céu.

O *Imigrante de Liberdade* publicava artigos semanais sobre cantores e atletas imigrantes e, de vez em quando, cientistas, que ganhavam quarenta ou cinquenta dólares por semana e residiam em bons apartamentos, convivendo com ilhéus influentes e esclarecidos, e que alimentavam esperanças de um incremento de relações mais justas entre os dois grupos. Quem lia esses artigos com desdém — o objetivo dos donos do jornal, no seu entender, era acalmar e apaziguar os imigrantes — mas Lilás os aceitava ao pé da letra, como prova de que a própria sorte de ambos acabaria melhorando.

Uma semana, em outubro, quando já fazia pouco mais de seis meses que estavam em Liberdade, saiu um artigo sobre um pintor chamado Morgan Newgate, que tinha vindo de Eur há oito anos e morava num apartamento de quatro peças em Nova Madri. Seus quadros — um dos quais, uma cena da Crucificação, acabava de ser presenteado ao Papa Clemente — chegavam a render-lhe cem dólares cada um. Assinava-os com um A, dizia o jornal, porque seu apelido era Ashi.

— Cristo e Wei — exclamou Quem.

— Que foi? — perguntou Lilás.

— Eu estive na academia com esse Morgan Newgate — disse Quem, mostrando-lhe o artigo. — Éramos bons amigos. O nome dele era Karl. Você se lembra daquele quadro do cavalo que eu tinha lá em Ind?

— Não — respondeu ela, lendo.

— Pois foi ele quem desenhou. Ele assinava tudo com um A no meio de um círculo.

É mesmo, lembrou-se, parecia que Ashi era o nome que Karl havia mencionado. Cristo e Wei, então ele também fugira! Tinha “fugido”, se se podia dizer assim, para Liberdade, para o pavilhão de isolamento de Uni. Pelo menos estava fazendo o que sempre queria fazer: para ele Liberdade realmente *significava* liberdade.

— Você devia telefonar-lhe — sugeriu Lilás, continuando a ler.

— E vou mesmo — disse Quem.

Mas, pensando bem... Qual seria a vantagem, sinceramente, em telefonar a Morgan Newgate, que pintava Crucificações para o Papa e garantia a seus colegas imigrantes que a situação melhorava dia a dia? Talvez Karl não tivesse dito aquilo. Talvez o Imigrante estivesse mentindo.

— Não fique só na intenção — insistiu Lilás. — Ele provavelmente o ajudará a conseguir um bom emprego.

— É — concordou Quem, — provavelmente.

Ela olhou para ele.

— O que é que há? — perguntou. — Você não quer um bom emprego?

— Vou ligar pra ele amanhã, no caminho pro trabalho.

Porém não ligou. Lançou-se com redobrada fúria ao trabalho na mina, escavando minério com a pá. *Lutem-se todos*, pensou: *os ferrinhos que bebem, os ferrinhos que acham que as coisas estão melhorando, os safados, os pamonhas — abaixo Uni.*

No domingo seguinte, de manhã, Lilás foi junto com ele até um prédio que ficava a dois quarteirões de distância, onde havia um telefone no saguão, e esperou enquanto Quem folheava a lista de assinantes esfrangalhada. Morgan e Newgate eram nomes comuns entre os imigrantes, mas poucos possuíam telefone. Encontrou apenas um Newgate, Morgan e mesmo assim em Nova Madri.

Quem colocou três fichas no aparelho e disse o número. A tela estava quebrada, mas não fazia a mínima diferença, pois os telefones de Liberdade de toda maneira não transmitiam mais imagens.

Uma mulher atendeu, e quando lhe perguntou se Morgan Newgate estava, ela respondeu que sim, e depois a linha ficou muda. O silêncio se prolongava e Lilás, parada a poucos metros de distância, ao lado de um cartaz de Sani-Spray, impacientou- se e veio ver o que havia.

— Ele não está em casa? — perguntou num cochicho.

— Alô? — atendeu uma voz masculina.

—·Quem fala? É Norman Newgate? — perguntou Quem.

— É. E aí?

— Aqui é Quem. Li RM, da Academia das Ciências Genéticas.

Houve um silêncio e depois:

— Meu Deus! — exclamou a voz. — Li! Você conseguiu blocos e carvão pra mim!

— Sim — confirmou Quem. — E contei ao meu conselheiro que você andava doente e precisava de ajuda.

Karl deu uma risada.

— Isso mesmo, não foi, seu cretino! Mas que formidável! Quando é que você chegou?

— Há uns seis meses, mais ou menos.

— Você está em Nova Madri?

— Em Pollensa.

— Que anda fazendo?

— Trabalhando numa mina.

— Cristo, que espeto! — exclamou Karl. E depois de uma pausa: — Isto aqui é um inferno, não é?

— Se é — respondeu Quem, pensando: *Ele usa as palavras deles. Inferno. Meu Deus. Aposto até que ele reza.*

— Pena que estes telefones não estejam funcionando direito pra eu poder enxergar você — disse Karl.

De repente Quem teve vergonha de sua hostilidade. Explicou pra Karl quem era Lilás e que estava grávida. Karl disse que tinha casado na Família, mas viajara sozinho. Não aceitou os cumprimentos de Quem pelo seu sucesso.

— As coisas que eu vendo são detestáveis. Criancinhas safadas engraçadinhas. Mas sempre dá pra pintar o que eu gosto umas três vezes

por semana, de modo que não me posso queixar. Escuta, Li... não, como é mesmo? Quem? Quem, olhe, a gente precisa se encontrar. Eu tenho um motociclo: irei até aí qualquer noite destas. Não, espera. Você e a sua mulher têm alguma coisa pra fazer domingo que vem?

Lilás olhou ansiosa para ele.

— Acho que não — respondeu Quem. — Não tenho certeza.

— Vou receber uns amigos — disse Karl. — Venham vocês também, ‘tá bom? Lá pelas seis horas.

Lilás acenou com a cabeça.

— Vamos ver — retrucou Quem. — Provavelmente iremos.

— Façam força — insistiu Karl, dando-lhe o endereço.

— Que bom que você veio pra cá. Apesar dos pesares, sempre é melhor do que lá, não é?

— Um pouco.

— Conto com vocês domingo que vem. Até logo, irmão.

— Até logo — despediu-se Quem e desligou.

— A gente vai, não vai? — perguntou Lilás .

— Você faz ideia do preço que custa a passagem?

— Ah, Quem...

— Está certo. Está certo, a gente vai. Mas não pretendo aceitar nenhum favor dele. E não quero que você peça, tampouco. Não se esqueça.

Lilás passou as noites da semana inteira a reformar as melhores roupas que possuíam. Cortou as mangas poídas de um vestido verde e remendou uma perna da calça para que não se notasse o rasgão.

O prédio, na periferia da Vila-Ferrinho em Nova Madri, não oferecia piores condições do que a maioria dos edifícios habitados por ilhéus. O saguão fora varrido, recendendo levemente a uísque, peixe e perfume, e o elevador funcionava bem.

Incrustado em reboco novo, junto à porta de Karl, havia um botão: uma campainha para chamar. Quem apertou-a. Ficou todo empertigado e Lilás apoiou-se a seu braço.

— Quem é? — perguntou uma voz masculina.

— Quem Newmark — respondeu.

Ouviu-se o barulho da chave, a porta se abriu e Karl — um Karl de trinta e cinco anos, de barba, com os olhos penetrantes do Karl de antigamente —, sorrindo, apertou a mão de Quem e exclamou:

— Li! Pensei que você não vinha mais!

— É que encontramos uns safados gozadores — explicou Quem.

— Ai, Cristo — gemeu Karl, fazendo-os entrar.

Passou a chave na porta. Quem apresentou Lilás.

— Como vai, Mr. Newgate? — cumprimentou ela.

E Karl, aceitando a mão que lhe era estendida e olhando-a no rosto, respondeu.

— Chame-me de Ashi. Bem, e você, Lilás?

— Muito bem, Ashi.

Voltando-se para Quem, Karl perguntou:

— Eles machucaram vocês?

— Não. Só disseram “recitem o Voto” e bobagens desse gênero.

— Canalhas — disse Karl. — Entrem, vou-lhes servir um drinque e vocês esquecerão o incidente.

Tomou os dois pelo braço e conduziu-os por um corredor estreito, cujas paredes estavam atulhadas de quadros.

— Você está com ótimo aspeto, Quem.

— Você também. Ashi.

Sorriram um para o outro.

— Dezessete anos, irmão — suspirou Karl-Ashi.

Havia homens e mulheres sentados numa sala de paredes marrons, cheia de fumaça, umas dez ou doze pessoas conversando, de cigarros e copos na mão.

— Este é Quem e esta é Lilás — apresentou Karl. — Quem e eu cursamos juntos a Academia: os dois piores alunos de genética da Família.

Os homens e as mulheres sorriram e Karl começou a apresentá-los, um a um, pelos respetivos nomes:

— Vito, Sunny, Ria, Lars...

Na maioria eram imigrantes, homens barbudos e mulheres de cabelos compridos, com os olhos e a tez típicos da Família. Havia dois ilhéus: uma mulher de pele clara, empertigada, de nariz aquilino, que devia andar beirando os cinquenta anos e usava uma cruz de ouro pendurada no traje preto que cobria o seu corpo incrivelmente magro (“Júlia”, disse Karl; ela sorriu- lhe com os lábios fechados); e outra, mais moça, gorda e ruiva, de vestido justo, recamado de contas prateadas. Alguns dos presentes podiam ser tanto imigrantes como ilhéus: um homem imberbe, de olhos cinzentos, chamado Beto, uma loura, e um rapaz de olhos azuis.

— Uísque ou vinho? — ofereceu Karl. — Lilás?

— Vinho, por favor.

Acompanharam-no a uma pequena mesa arrumada com garrafas e copos, pratos contendo uma ou duas fatias de queijo e carne, e maços de cigarros e fósforos. Um pesa-papéis de lembrança cobria uma pilha de guardanapos. Quem pegou-o e examinou-o: era de AUS21989,

— Ficou com saudade? — perguntou Karl, servindo o vinho.

Quem mostrou-o para Lilás e ela sorriu.

— Não muito — disse, repondo-o no lugar.

— Quem?

— Uísque.

A ruiva do vestido prateado se aproximou, sorridente, com o copo vazio na mão coberta de anéis.

— Você é uma verdadeira beleza — disse para Lilás. — Sinceramente — virou-se para Quem, — eu acho vocês todos muito bonitos. A Família pode não ter liberdade, alguma; mas está muito mais adiantada do que nós em matéria de estética. Eu daria tudo pra ser magra, morena e ter olhos amendoados.

E continuou por aí afora — mencionando a atitude sensata da Família em questões de sexo — até que Quem percebeu que estava de copo na mão e Karl e Lilás conversavam com outras pessoas enquanto a mulher não o largava. Traços pretos de pintura delineavam e repuxavam-lhe os olhos.

— Vocês são muito mais *abertos* do que nós — disse ela. — Sexualmente, digo. *Aproveitam* mais.

Uma imigrante se aproximou.

— Heinz não vai vir, Marge? — perguntou.

— Ele está em Palma — respondeu a gorda, voltando-se para ela. — Uma ala do hotel desabou.

— Com licença, sim? — desculpou-se Quem, afastando-se por um lado.

Dirigiu-se à outra extremidade da sala, acenando com a cabeça às pessoas sentadas ali, e bebeu um pouco do uísque, admirando um quadro na parede — placas marrons e vermelhas contra o fundo branco. O uísque tinha melhor sabor que o de Hassan. Era menos amargo e ardente, mais leve e mais agradável ao paladar. O quadro com as placas marrons e vermelhas não passava da planta de apartamento, interessante de olhar um momento, mas sem a menor relação com a vida. O A no meio de um círculo de Karl (não, de *Ashi!*) ocupava um dos cantos inferiores. Quem ficou a imaginar se aquilo seria um dos quadros ruins que ele vendia ou, já que estava pendurado ali na sala de estar, se fazia parte dos que "gostava de pintar" a que se referira com evidente satisfação. Será que não se dedicava mais aos belos homens e mulheres sem pulseiras que costumava desenhar na época da Academia?

Bebeu mais um pouco de uísque e virou-se para as pessoas sentadas por perto: três homens e uma mulher, todos imigrantes. Conversavam sobre móveis. Prestou atenção durante alguns minutos, bebeu, e afastou-se.

Lilás estava sentada ao lado da mulher magra de nariz aquilino — Júlia. Fumavam e palestravam, ou melhor, Júlia falava e Lilás ouvia.

Quem voltou à mesa e serviu-se de nova dose de uísque. Acendeu um cigarro.

Um homem chamado Lars apresentou-se a ele. Dirigia uma escola para filhos de imigrantes em Nova Madri. Fora trazido para Liberdade quando era pequeno e fazia quarenta e dois anos que morava na ilha.

Ashi se aproximou, segurando Lilás pela mão.

— Quem, venha conhecer o meu estúdio — convidou.

Levou-os da sala pelo corredor atulhado de quadros.

— Sabe com quem você estava conversando? — perguntou a Lilás.

— Júlia?

— Júlia *Costanza* — frisou. — Ela é prima do General. E o despreza. Foi uma das fundadoras do Socorro aos Imigrantes.

O estúdio era amplo e profusamente iluminado. Um retrato ainda incompleto de uma ilhoa de gato no colo estava pousado sobre um cavalete. Noutro, havia uma tela pintada com placas azuis e verdes. Outros quadros se achavam encostados às paredes: placas marrons e alaranjadas, azuis e roxas, roxas e pretas, alaranjadas e vermelhas..

Ele explicou o que estava tentando fazer, ressaltando equilíbrios, e traços opostos, e sutis nuanças de colorido.

Quem perdeu o interesse, concentrando-se no uísque.

— Ouçam, seus ferrinhos! — disse ele, bastante alto para que todos pudessem escutar. — Parem de conversar sobre *móveis* um minuto e ouçam! Vocês sabem o que precisamos fazer? Lutar contra Uni! Não pensem que estou dizendo *palavrão*, me refiro a lutar literalmente. Lutar contra Uni! Porque ele é o culpado... por tudo! Pelos safados, que são o que são porque não têm comida nem espaço suficientes ou *ligação com qualquer mundo exterior*, pelos pamonhas, que são o que são porque vivem à custa de tratamentos de LKD e ficam tranquilizados desse modo, e por nós, que somos o que nós somos porque Uni nos pôs aqui pra se ver livre de nós! É Uni quem tem a culpa... ele congelou o mundo para que não houvesse mais mudanças... e nós temos que lutar contra ele! Temos que nos levantar dos nossos estúpidos traseiros surrados e LUTAR CONTRA ELE!

Ashi, sorrindo, esbofeteou-lhe o rosto.

— Ei, irmão — disse, — você passou um pouco da conta, sabe disso? Ei, Quem, você está me ouvindo? ·

Lógico que ele tinha passado um pouco da conta: lógico, lógico, lógico. Mas em vez de se embrutecer, libertara-se. A bebida lhe abrira tudo o que sufocara no íntimo durante meses a fio. Uísque era *ótimo!* Uísque era *formidável!*

Deteve a mão de Ashi e não se deixou esbofetear mais.

— Eu estou bem, Ashi. Sei o que estou dizendo.

E para os outros, sentados, vacilantes, sorridentes:

— Não podemos simplesmente desistir e aceitar a situação, nos conformando com esta prisão! Ashi, antigamente você desenhava membros sem pulseiras: eram tão bonitos! E agora você só pinta *cores*, placas de *cor!*

Tentaram obrigá-lo a sentar-se, Ashi de um lado, Lilás do outro, nervosa e encabulada.

— Você também, meu amor — continuou. — Você aceita tudo, está-se conformando.

Deixou-se sentar, não era fácil permanecer de pé e sentado era melhor, mais confortável, mais amplo.

— Temos que lutar em vez de nos conformar — repetiu. Lutar, lutar, lutar. Temos que lutar — disse ao homem imberbe de olhos cinzentos, instalado a seu lado.

— Por Deus, você tem razão! — concordou o homem. — Estou inteiramente de acordo! Lutar contra Uni! Como faremos? Sair por aí de lancha, levando junto o Exército por precaução? Mas talvez o mar seja controlado por satélite e os médicos estejam esperando com nuvens de LPK. Tenho uma ideia melhor: conseguiremos um avião... soube que existe um na ilha que voa de fato... e depois...

— Não mexe com ele, Bob — disse alguém. — Ele mal chegou à ilha.

— Nota-se — retrucou o homem, pondo-se em pé.

— Há uma solução — insistiu Quem. — Tem de haver. Há uma solução.

Pensou no mar, com a ilha no meio, mas não conseguia raciocinar com a necessária clareza. Lilás ocupou o lugar deixado vago pelo homem e tomou-lhe a mão.

— Precisamos *lutar* — disse a ela.

— Eu sei, eu sei — concordou, olhando-o tristonha.

Ashi veio e pôs uma xícara quente em sua mão.

— E café — disse. — Tome.

Estava muito quente e forte: bebeu um gole e depois afastou a xícara.

— O complexo de cobre — lembrou. — Em ’91766. O cobre tem que ser levado pro continente. Deve haver lanchas ou batelões. A gente podia...

— Já se tentou antes — disse Ashi.

Quem olhou para ele, achando que estava blefando, divertindo-se de certo modo à sua custa, como o homem imberbe de olhos cinzentos.

— Tudo o que você está dizendo — continuou Ashi, — tudo o que você está pensando... “lutar contra Uni’’... já foi dito e pensado antes. E tentado também. Uma dúzia de vezes. — Aproximou a xícara dos lábios de Quem. — Tome mais um pouco.

Quem afastou a xícara, olhou bem para ele e sacudiu a cabeça.

— Não é verdade — disse.

— E, irmão. Vamos, tome mais...

— Não é!

— E — disse uma mulher do outro lado da sala. — É verdade.

Júlia. Era Júlia, Júlia-a-prima-do-General, sentada ereta e solitária em seu vestido preto com a cruzinha de ouro.

— Cada cinco ou seis anos — continuou ela, — um grupo de pessoas como você... às vezes apenas duas ou três, às vezes até dez... se propõe a destruir o UniComp. Partem em lanchas, em submarinos que passam anos construindo. A bordo dos batelões que você acaba de mencionar. Levam armas, explosivos, máscaras contra gases, bombas lacrimogêneas, tudo quanto é dispositivo, com planos infalíveis. Mas nunca voltam. Eu financiei as duas últimas expedições e estou sustentando as famílias dos participantes, portanto falo com autoridade no assunto. Espero que você esteja bastante sóbrio pra compreender e poupar-se angústias inúteis. Aceitar e conformar-se é a única solução possível. Considere-se por feliz com o que você tem: uma linda esposa, um filho por nascer e uma pequena parcela de liberdade que, esperemos, crescerá à medida que o tempo passe. Posso acrescentar que, sejam quais forem as circunstâncias, jamais tomarei a financiar outra expedição dessas. Não sou tão rica como muita gente pensa.

Quem ficou olhando para ela. Ela retribuiu com firmeza, fitando-o com aqueles olhinhos pretos por cima do alvo nariz aquilino.

— Eles nunca voltaram, Quem — disse Ashi.

Quem virou-se para ele.

— Talvez tenham alcançado o continente — continuou Ashi, — talvez tenham chegado a ’001. Talvez até tenham entrado na cúpula. Mas é *só* até onde vão, pois desapareceram, todos. E Uni ainda está em funcionamento.

Quem olhou para Júlia.

— Homens e mulheres exatamente iguais a você — disse ela. — Já nem me lembro quando isso começou.

Ele olhou para Lilás, que lhe segurava a mão. Ela a apertou, fitando-o penalizada.

Olhou para Ashi, que lhe oferecia a xícara de café.

Recusou-a, sacudindo a cabeça.

— Não, eu não quero café — disse.

Permaneceu sentado, imóvel, a testa subitamente suada. Depois debruçou-se para a frente e começou a vomitar.

Estava na cama. Lilás, deitada a seu lado, dormia. Hassan roncava do outro lado da cortina. Sentiu um gosto azedo na boca e então lembrou-se do vômito. Cristo e Wei! E em cima do tapete... o primeiro que via em meio ano!

Depois lembrou-se do que lhe tinham dito aquela mulher, Júlia, e Karl-Ashi.

Continuou algum tempo deitado e por fim levantou-se, passando na ponta dos pés pela cortina e pelos Newmans adormecidos para chegar à pia. Tomou um gole d'água e, como não queria ir até o fim do corredor, urinou baixinho na pia mesmo e secou-a por completo.

Tomou a deitar-se junto de Lilás e puxou o cobertor. Sentia-se ainda meio embriagado. A cabeça doía. Mas deitou-se de costas, com os olhos fechados, respirando de leve e vagarosamente. Passados alguns instantes, sentiu-se melhor.

Manteve os olhos fechados e pensou numa porção de coisas.

Dali a meia hora, mais ou menos, o despertador de Hassan pôs-se a tocar com estrépito. Lilás se virou. Ele acariciou-lhe a cabeça e ela soergueu-se na cama.

— Você está bem? — perguntou-lhe.

— Sim, acho que sim — respondeu ele.

A luz se acendeu e os dois pestanejaram. Ouviram os resmungos de Hassan levantando-se, bocejando, peidando.

— Te acorda, Ria — disse ele. — Gigi? ’Tá na hora de levantar.

Quem ficou de costas, com a mão no rosto de Lilás.

— Perdoa-me, querida. Vou telefonar a ele hoje pra pedir desculpas.

Ela tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Foi mais forte que você — disse. — Ele compreendeu.

— Vou pedir pra ele me ajudar a encontrar um bom emprego — disse Quem.

Lilás olhou-o com ar interrogativo.

— Já desopilei tudo — explicou. — Que nem o uísque. Tudo. Serei um ferrinho trabalhador, otimista. Vou aceitar e me conformar. Ainda teremos um apartamento maior que o do Ashi.

— Não precisa tanto. Mas eu gostaria de ter dois quartos.

— Nós teremos — prometeu ele. —Daqui a dois anos. Dois quartos em dois anos: prometo.

Ela sorriu.

— Acho que devíamos pensar em nos mudar pra Nova Madri, onde moram os nossos amigos ricos — disse ele. — Aquele tal de Lars dirige uma escola, você sabia? Talvez desse pra você ensinar lá. E o bebê podia frequentar as aulas quando tivesse idade.

— Ensinar o quê?

— Qualquer coisa. Sei lá.

Abaixou a mão e acariciou-lhe os seios.

— A ter seios bonitos, por exemplo.

— É melhor a gente se vestir — retrucou, sorrindo.

— Deixa o café pra lá — disse ele, puxando-a para trás. Rolou por cima dela e os dois se abraçaram e se beijaram.

— Lilás! — chamou Ria. — Que tal foi a visita?

Lilás desvencilhou a boca.

— Depois eu conto! — gritou.

Enquanto percorria a galeria na mina, lembrou-se da que levava a Uni, o túnel de Papai Jan por onde tinham rolado as comportas da memória.

Ficou estatelado.

Por onde tinham rolado as *verdadeiras* comportas da memória. E lá em cima estavam as falsas, os brinquedos cor-de-rosa e laranja, acessíveis através da cúpula e dos elevadores, e que todo mundo julgava que fosse o próprio Uni. Todo mundo, inclusive — tinha que ser! — aqueles homens e mulheres que haviam partido para lutar contra ele no passado. Mas Uni, o autêntico Uni, estava nos pavimentos inferiores, e podia ser alcançado pelo túnel, pelo túnel de Papai Jan, por trás do Monte Amor.

E ainda estaria lá — provavelmente com a abertura dissimulada, talvez até mesmo selada por um metro de concreto

— mas ainda estaria lá. Porque ninguém se dá ao trabalho de encher um túnel comprido, especialmente um computador eficiente. E havia espaço reservado para outras comportas de memória lá embaixo — conforme Papai Jan dissera — de maneira que o túnel um dia voltaria a ter utilidade.

Estava lá, por trás do Monte Amor.

Um túnel até Uni.

Com mapas e itinerários adequados, alguém que soubesse o que estava fazendo poderia, provavelmente, descobrir a posição exata ou, pelo menos, aproximada.

— Você aí! Não fique parado! — gritou uma voz*

Seguiu adiante rapidamente, pensando naquilo, pensando naquilo.

Estava lá. O túnel.

6

Se for dinheiro, a resposta é negativa — disse Júlia Costanza, caminhando com passo enérgico entre teares barulhentos e mulheres imigrantes que olhavam para ela- — Se for emprego, talvez possa ajudá-lo.

Quem, andando a seu lado, explicou:

— Ashi já me conseguiu emprego.

— Então é dinheiro — retrucou.

— Em primeiro lugar, informação. Depois, talvez, dinheiro.

Empurrou uma porta.

— Não — disse Júlia, entrando. — Por que você não procura o S.I.? E pra isso que eles existem. Que informação? A respeito do quê?

Olhou-o de soslaio, enquanto subiam uma escada circular que oscilava sob o peso de ambos.

— Não podíamos sentar nalgum lugar por cinco minutos? — perguntou Quem.

— Se eu me sentar — respondeu Júlia, — metade desta ilha amanhã ficará nua. Pra você, provavelmente, não faz diferença, mas pra mim faz. Que informação?

Ele sufocou o ressentimento. Fitando aquele perfil de nariz aquilino, disse:

— Aqueles dois ataques a Uni que você...

— Não — atalhou, parando e olhando para ele, com a mão apoiada ao pilar central da escada. — Se é sobre isso, eu realmente não quero ouvir mais nada. Adivinhei no momento em que você entrou naquela sala, o ar de desaprovação que você tinha. Não. Não estou mais interessada em nenhum plano e maquinações. Procure outra pessoa.

E subiu os degraus.

Ele foi atrás depressa e alcançou-a.

— Eles planejavam usar um túnel? — perguntou. — Só me responda isto: eles iam entrar por um túnel por trás do Monte Amor?

Ela empurrou a porta no alto da escada. Ele segurou para ela passar e seguiu logo no encalço, entrando num amplo sótão, onde havia algumas peças de máquina. Pássaros saíram esvoaçando por buracos no telhado pontiagudo.

— Eles iam misturar-se com as outras pessoas — disse ela, atravessando o sótão em linha reta até uma porta na extremidade oposta. — Com os turistas. Ao menos o plano era esse. Iam descer pelos elevadores.

— E depois?

— Não vejo *motivo* pra...

— Quer responder-me, por favor? — implorou.

Ela se virou irritada, e seguiu adiante.

— Parece que tem uma grande janela de observação — disse. — Iam quebrá-la e jogar explosivos lá dentro.

— Os dois grupos?

— Sim.

— Talvez tenham tido êxito.

Ela parou com a mão na porta e olhou-o, sem entender.

— Aquilo não é realmente Uni — explicou-lhe. — É um espetáculo para turistas. E talvez também se destine a ser um alvo falso para agressores. Pode ter explodido tudo sem que nada tenha sucedido... só que seriam presos e submetidos a tratamento.

Ela continuou olhando-o.

O verdadeiro fica bem mais embaixo — disse. — Ocupa três pavimentos. Estive lá uma vez quando eu tinha dez ou onze anos.

— Escavar um túnel é a coisa mais ri... — começou ela.

— Ele já existe — interrompeu. — Não precisa ser escavado.

— Ela fechou a boca, olhou para ele, virou-lhe as costas rapidamente, e empurrou a porta. Comunicava com outro sótão, profusamente iluminado, onde havia uma fileira de prelos imóveis, com os cofres cobertos por panos. O soalho estava alagado e dois homens procuravam erguer a ponta de um cano comprido que, pelo jeito, caíra da parede em cima de uma correia transportadora que se achava parada, cheia de pedaços cortados de fazenda. A ponta presa à parede não se danificara e os homens tentavam levantar a parte caída para tirá-la de cima da correia e recolocá-la no devido lugar. Um terceiro homem, imigrante, aguardava o momento de recebê-la, no alto de uma escada.

— Ajude-os — ordenou Júlia, começando a juntar pedaços de fazenda no soalho molhado.

— Se é assim que eu vou ocupar o meu tempo, tudo continuará na mesma — retrucou Quem. — Pra você não faz diferença, mas pra mim faz.

— Ajude-os! — ordenou Júlia. — Ande de uma vez! Depois falaremos! Com insolências é que você não vai conseguir nada mesmo!

Quem ajudou os homens a firmar o cano à parede e depois saiu em companhia de Júlia para um patamar gradeado na parte lateral do prédio.

Brilhando ao sol alto da manhã, Nova Madri estendia-se a seus pés. Ao longe via-se uma faixa de mar azul esverdeado, pontilhada de barcos pesqueiros.

— Cada dia aparece uma novidade — queixou-se Júlia, enfiando a mão no bolso do avental cinza.

Tirou cigarros, ofereceu um a Quem, e acendeu-os com fósforos bem ordinários.

Os dois fumaram.

— O túnel está lá — disse Quem. — Foi utilizado pra levar as comportas de memória pra dentro.

— É possível que alguns grupos com quem eu não entrei em contato estivessem informados a respeito — opinou Júlia.

— Não dá pra sondar?

Ela tragou a fumaça. Parecia mais velha à luz do dia. A pele do rosto e do pescoço estava sulcada de rugas.

— Sim — respondeu. — Acho que dá. Como é que você ficou sabendo?

Contou-lhe.

— Tenho certeza de que não foi aterrado — disse. — Deve ter quinze quilômetros de extensão. E ademais vai ser utilizado novamente. Há espaço de reserva pra outras comportas, quando a Família aumentar.

Ela olhou-o com uma expressão de dúvida.

— Eu pensei que as colônias tivessem seus próprios computadores — observou.

— E têm — confirmou, sem compreender.

Mas logo viu aonde ela queria chegar. Era só nas colônias que a Família estava aumentando. Na Terra, com dois filhos por casal e nem todos obtendo licença para procriar, a Família, em vez de aumentar, diminuía cada vez mais. Ele nunca tinha relacionado essa ideia com o que Papai Jan comentara a respeito de espaço para outras comportas de memória.

— Talvez seja utilizado para outro equipamento de tele- controle — sugeriu.

— Ou talvez o seu avô não fosse uma fonte de informação muito segura.

— Foi ele quem teve a ideia do túnel — lembrou Quem. — Ainda está lá, eu tenho certeza. E pode ser um meio, o único, de se chegar até Uni. Eu vou tentar e preciso de sua ajuda, tanto quanto possível.

— Você precisa do meu *dinheiro*, quer dizer.

— Sim. E de sua ajuda também. Pra encontrar as pessoas certas, com a necessária habilidade. E pra obter informações indispensáveis, além do aparelhamento. E pra descobrir gente que possa ensinar coisas que não sabemos. Quero fazer isso com toda a calma e cautela. Eu quero voltar.

Ela o olhou com os olhos franzidos pela fumaça do cigarro.

— Ora viva, até que você não é tão idiota assim. Que espécie de emprego o Ashi achou pra você?

— Lavar pratos no Cassino.

— Deus do céu! Apareça aqui amanhã de manhã, às oito menos um quarto.

— No Cassino eu tenho as manhãs livres.

— Apareça aqui! Você disporá do tempo necessário.

— Está bem — concordou, sorrindo. — Obrigado.

Ela virou as costas e contemplou o cigarro. Esmagou-o contra a grade.

— Só que eu não vou entrar com o dinheiro — disse. — Pelo menos não tudo. Não posso. Você não faz ideia do que custa uma coisa destas. Explosivos, por exemplo: da última vez saiu por mais de dois mil dólares, e isso foi há cinco anos. Sabe Deus quanto não custaria hoje.

Franziu o cenho para o toco do cigarro e atirou-o pela grade.

— Pagarei o que eu puder. E apresentarei você a pessoas que cobrirão o restante se você bajulá-las bastante.

— Obrigado. É só o que eu preciso. Obrigado.

— Deus do céu, lá vou eu outra vez — suspirou Júlia. Virou-se para Quem. — Espere e verá: quanto mais velho você fica, menos você muda. Eu sou filha única, sempre consegui o que quis. Esse é o meu mal. Vamos embora. Tenho mais que fazer.

Desceram a escada do patamar.

— É fato — continuou Júlia. — Eu tenho tudo quanto é espécie de motivos nobres pra perder tempo e dinheiro com gente como você... um impulso cristão pra ajudar a Família, o amor pela justiça, pela liberdade, pela democracia... mas a pura verdade é que sou uma filha única que sempre conseguiu o que quis. Acho *enlouquecedor*, simplesmente *enlouquecedor*, não poder ir aonde bem entendo neste planeta! Ou *sair* dele, pra ser mais precisa! Você não faz ideia da raiva que sinto daquele maldito computador!

Quem riu.

— Faço, sim! É exatamente o que eu sinto!

— Aquilo é uma monstruosidade infernal.

Caminharam ao redor do prédio.

— E uma monstruosidade, sim — retrucou Quem, jogando o cigarro fora. — Pelo menos do jeito que ficou agora. Uma das coisas que me interessa averiguar é se há possibilidade, se tudo correr bem, de mudar o funcionamento dele, em vez de destruí-lo. Se a *Família* pudesse governá-lo, e não vice-versa, não seria tão ruim. Você acredita mesmo em céu e inferno?

— Não vamos começar a discutir religião, senão você acaba lavando pratos no Cassino. Quanto estão-lhe pagando?

— Seis e cinquenta por semana.

— É mesmo?

— É.

— Eu lhe pagarei o mesmo, mas se alguém por aqui perguntar, diga que você está ganhando cinco.

Esperou até que Júlia interrogasse uma série de pessoas sem descobrir nenhuma expedição de ataque que tivesse sido informada da existência do túnel, e só então, confirmando a sua decisão, revelou a Lilás os planos que tinha.

— Você *não pode*! — protestou ela. — Não vê quanta gente já tentou em vão?!

— Eles não sabiam onde deviam atacar.

Ela sacudiu a cabeça, levantou a testa e olhou para ele.

— Isso é uma.„ eu nem sei o que *dizer* — gaguejou. — Pensei que você tivesse... acabado com essa mania. Pensei que estivéssemos *sossegados*.

E gesticulou com as mãos, indicando o quarto, o quarto que haviam conseguido em Nova Madri, com as paredes que os dois tinham pintado, a

estante de livros que ele mesmo fizera, a cama, a geladeira, o desenho de uma criança rindo, feito por Ashi.

— Meu bem — retrucou Quem, — eu talvez seja a única pessoa em todas as ilhas que sabe da existência do túnel, que conhece o verdadeiro Uni. Eu *tenho* que fazer uso disso. Como é que posso ficar de braços cruzados?

— Pois muito bem, faça uso, então. Planeje, ajude a organizar uma expedição... ótimo! Até eu posso ajudar! Mas por que você precisa ir *junto*? Deixe isso pros *outros*, pra quem não tenha família.

— Eu ainda estarei aqui quando o bebê nascer. Vai levar muito tempo pra aprontar tudo. E depois só me afastarei por... talvez uma semana, no máximo.

Ela olhou bem para ele.

— Como é que você pode afirmar uma coisa dessas? Como é que pode dizer que você... é bem capaz que você nunca mais volte! Podem prendê-lo e submetê-lo a tratamento!

— Nós aprenderemos a lutar. Teremos armas e...

— Os outros é que devem ir!

— Como posso pedir a eles se eu mesmo não for junto?

— Peça, é o que basta. Peça.

— Não. Eu também *tenho* que ir.

— Você *quer* ir, isso é o que é. Você não *tem* que ir. Você *quer* ir.

Ficou calado um instante.

— Está bem. Eu quero, sim. Nem posso pensar em não estar presente quando Uni for derrotado. Eu mesmo quero jogar o explosivo, ou puxar a alavanca pessoalmente, ou fazer, enfim, o que for necessário... eu mesmo.

— Você está doente — retrucou. Levantou a costura que segurava no colo, encontrou a agulha e começou a coser. — Estou falando sério. Você está doente sobre esse assunto do Uni. Não foi ele que nos trouxe pra cá: nós tivemos a sorte de chegar aqui. Ashi tem razão: ele nos teria matado assim como mata as pessoas aos sessenta e dois anos. Não precisava desperdiçar lanchas nem ilhas. Nós fugimos dele. Ele *já* foi derrotado. E você está doente em querer voltar pra derrotá-lo outra vez.

— Ele nos trouxe pra cá porque os programadores não poderiam justificar a morte de pessoas ainda jovens.

— Balela — disse Lilás. — Já justificaram a morte de velhos, se quisessem justificariam até a de *crianças*. Nós fugimos. E você agora quer voltar.

— E o que me diz de nossos pais? Eles *vão* morrer dentro de poucos anos. E Floco de Neve e Pardal... a Família inteira, em suma?

Ela cosia, espetando a agulha no pano verde — as mangas do vestido que ia transformar em camisola para o bebê.

— Os outros é que devem ir — repetiu. — Gente que não tem família.

Mais tarde, na cama, ele disse:

— Se *acontecer* alguma coisa, Júlia cuidará de você. E do bebê.

— Que grande consolo. Obrigada. Muito obrigada. E agradeça a Júlia também.

A partir daquela noite a situação entre os dois permaneceu inalterável: rancor, por parte dela, e recusa em se deixar impressionar, por parte dele.

QUARTA PARTE

REAGINDO

1

Ficou ocupadíssimo, como jamais estivera em toda a sua vida: planejava, procurava pessoas e equipamento, viajava, aprendia, explicava, suplicava, inventava, decidia. Sem incluir o trabalho na fábrica, onde Júlia, apesar do tempo livre concedido, empenhava-se em se ressarcir dos seis e cinquenta semanais em consertos de maquinaria e incremento de produção. E à medida que a gravidez de Lilás progredia, multiplicavam-se os afazeres domésticos que lhe competiam. Andava mais exausto do que nunca; mais vivo, também: na véspera completamente farto de tudo e, no dia seguinte, com redobrada convicção — mais lúcido.

O plano, o projeto, aquilo, assemelhava-se a uma máquina que, para ser montada, requeria que ele localizasse ou fabricasse todos os componentes indispensáveis, interdependentes em questão de formato e dimensões.

Antes de tomar uma resolução sobre o tamanho da expedição, precisava ter uma ideia bem nítida do objetivo principal. Para isso, era fundamental obter maiores informações sobre o funcionamento de Uni e seus pontos mais vulneráveis.

Conversou com Lars Newman, o amigo de Ashi que dirigia uma escola. Lars indicou-lhe um homem em Andrait que, por sua vez, recomendou-lhe outro, em Manacor.

— Logo vi que aquelas comportas eram insuficientes pro volume de isolamento que pareciam possuir — disse o homem de Manacor. Chamava-se Newbrook e andava beirando os setenta. Antes de abandonar a Família lecionara numa academia tecnológica. Estava trocando a fralda de uma netinha e aborreceu-se porque ela não ficava quieta.

— Quer parar de se mexer? Bem, supondo que vocês consigam entrar — continuou, dirigindo-se a Quem, — é óbvio que terão que destruir a fonte de energia. O reator ou, o que é mais provável, os reatores.

— Mas eles podem ser substituídos bastante rápido, não podem? — perguntou. — Eu queria deixar Uni sem funcionar muito tempo, o suficiente pra despertar a Família e resolver o que se fará com ele.

— Diabo, pára *quieta!* — reclamou Newbrook. — A usina de refrigeração, então.

— A usina de refrigeração?

— Exatamente. A temperatura interna das comportas precisa conservar-se perto do zero absoluto. Aumente alguns graus e as grades deixarão... pronto, *viu* o que você fez?... as grades perderão a supercondutividade. A memória de Uni será destruída.

Levantou a netinha, que estava aos berros, e apoiou-a contra o ombro, batendo-lhe de leve nas costas.

— Psiu, psiu.

— Destruída em caráter permanente?

Newbrook acenou afirmativamente com a cabeça, acalmando a criança que não parava de chorar.

— Mesmo que a refrigeração seja restaurada — explicou,

— todos os dados terão que ser fornecidos novamente. Levará anos.

— E justamente o que eu quero — disse Quem.

A usina de refrigeração.

E a sobressalente, caso houvesse.

Três usinas de refrigeração para deixar fora de combate. Dois homens para cada uma, segundo os seus cálculos: um para colocar os explosivos e o outro para manter os membros à distância.

Seis homens para paralisar a refrigeração de Uni e depois guardar as entradas contra os reforços que ele decerto pediria com seu cérebro dissolvendo-se em murmúrios balbuciantes. Poderiam os seis controlar os elevadores e o túnel? (Papai Jan não havia mencionado outros poços no espaço deixado de reserva?) Mas seis representavam o mínimo, e o mínimo era o que ele queria, porque bastaria que apenas um fosse capturado no trajeto para revelar todo o plano aos médicos e Uni estaria à espera do grupo no túnel. Quanto menor o número de participantes, menor o risco.

Ele e mais cinco.

O rapaz de cabelo amarelo que pilotava a lancha-patrulha do S.I. — Vito Newcome, mas cujo apelido era Dover — ficou pintando a amurada do barco enquanto escutava, e depois, quando Quem mencionou o túnel e as verdadeiras comportas de memória, parou de trabalhar. Acocorado sobre os calcanhares, de brocha caída na mão, levantou a cabeça para Quem. Tinha os olhos espremidos e respingos brancos na barba curta e no peito.

— Tem certeza? — perguntou.

— Absoluta.

— Já era tempo que alguém atacasse de novo aquele filho da luta.

Dover Newcome fitou o polegar, manchado de branco, e limpou-o na coxa da calça.

Quem agachou-se a seu lado.

— Você não quer tomar parte? — perguntou-lhe.

Dover olhou para ele e, depois de breve hesitação, sacudiu a cabeça.

— Quero. Claro que quero.

Ashi respondeu que não, tal como Quem esperava. Convidou-o unicamente porque do contrário, a seu ver, cometeria uma falta de consideração.

— Eu simplesmente acho que não vale a pena arriscar — justificou-se Ashi. — Mas o ajudarei de todas as maneiras ao meu alcance. Júlia já me arrancou uma contribuição e eu prometi dar cem dólares. Caso você precise, posso entrar com uma quantia maior.

— Ótimo. Obrigado, Ashi. Há várias maneiras de você ajudar. Você tem acesso à Biblioteca, não tem? Veja se consegue descobrir algum mapa da região em torno de EUR'001, U ou Pré-U. Quanto maior, melhor. Mapas com detalhes topográficos.

Júlia protestou quando soube que Dover Newcome participaria do grupo.

— Nós precisamos dele aqui, pra lancha — lembrou.

— Quando tudo estiver terminado, não precisarão mais — retrucou Quem.

— Santo Deus. Como é que você se arranja com tanta falta de confiança em si mesmo?

— E fácil — disse Quem. — Tenho uma amiga que reza por mim.

Júlia olhou friamente para ele.

— Não pegue mais ninguém do S.I. — recomendou.

— Tampouco da fábrica. E muito menos alguém cuja família ainda tenha que viver às *minhas* custas!

— Como é que você se arranja com tão pouca fé? — retrucou Quem.

Entre ambos, ele e Dover falaram com cerca de trinta ou quarenta imigrantes sem encontrar nenhum que quisesse tomar parte no ataque. Copiaram nos arquivos do S.I. os nomes e endereços de homens e mulheres

de vinte a quarenta anos que tivessem vindo para Liberdade no espaço dos dois anos precedentes: visitavam sete ou oito por semana. O filho de Lars Newman queria entrar para o grupo, mas tinha nascido em Liberdade, e Quem só queria pessoas criadas no seio da Família, acostumadas a controles e ruas, a caminhar devagar e sorrir de satisfação.

Descobriu em Pollensa uma firma capaz de fabricar bombas de dinamite de espoleta mecânica lenta ou rápida, desde que fossem encomendadas por um ilhéu autorizado. E descobriu outra, em Calvia, que fabricaria seis máscaras contra gases, mas não garantiam que fosse eficaz contra LPK, a menos que lhes fornecesse uma amostra para experiência. Lilás, que trabalhava numa clínica de imigrantes, encontrou um médico que sabia a fórmula do LPK, mas nenhum dos laboratórios da ilha podia fabricá-lo. Lítio era um dos principais elementos da composição, e estava em falta há mais de trinta anos.

Começou a pôr um anúncio semanal de duas linhas no *Imigrante*, propondo a compra de túnicas, sandálias e sacolas de viagem. Um dia recebeu resposta de uma mulher de Andrait e algumas noites depois foi até lá para examinar duas sacolas e um par de sandálias. As sacolas, além de antiquadas, estavam gastas, mas as sandálias eram boas. A mulher e o marido perguntaram o que pretendia fazer com aquilo. Chamavam-se Newbridge e tinham trinta e poucos anos, morando num porão minúsculo e infecto, cheio de ratos. Quem explicou e os dois quiseram logo entrar para o grupo — chegando mesmo a insistir. Possuíam aspeto perfeitamente normal, o que representava um ponto a seu favor, mas com qualquer coisa de febril, uma tensão permanente, que causou certa impressão desfavorável em Quem.

Procurou-os novamente na semana seguinte, junto com Dover, e desta vez lhe pareceram mais calmos e possivelmente aproveitáveis. Chamavam-se Jack e Ria. Haviam tido dois filhos, falecidos nos primeiros meses de vida. Jack era limpador de esgotos e Ria trabalhava numa fábrica de brinquedos. Disseram gozar de boa saúde e, a julgar pelas aparências, não estavam mentindo.

Quem resolveu aceitá-los — provisoriamente, ao menos — e contou-lhes detalhes do plano em andamento.

— Devíamos explodir aquela porra toda, e não apenas as usinas de refrigeração — opinou Jack.

— Uma coisa precisa ficar bem clara — retrucou Quem. — O chefe da expedição sou eu. Se você não estiver preparado pra cumprir fielmente as minhas ordens, sem discussão, é melhor desistir desde já.

— Não, você tem toda a razão — concordou Jack. — Uma operação dessas só pode ter um chefe. Do contrário a coisa não funciona.

— Mas a gente pode dar sugestões, não pode? — perguntou Ria.

— Quanto mais, melhor — respondeu Quem. — Só que as decisões serão minhas, e vocês devem estar prontos a executá-las.

— Eu estou — afirmou Jack.

— E eu também — disse Ria.

Localizar a entrada do túnel resultou mais difícil do que Quem previra. Conseguiu três mapas em grande escala de Eur central e um, extremamente detalhado e topográfico da “Suíça” na Pré-U, no qual copiou a sede de Uni com o maior cuidado, mas todas as pessoas consultadas — ex-engenheiros e geólogos, construtores de minas locais — afirmaram necessitar de outros dados antes que o curso do túnel pudesse ser projetado com alguma esperança de exatidão. Ashi passou a interessar-se mais pelo problema, gastando às vezes horas inteiras na Biblioteca a copiar referências a “Genebra” e às “Montanhas do Jura” de velhas enciclopédias e obras sobre geologia.

Em duas noites de luar consecutivas, Quem e Dover saíram na lancha do S.I., indo até a ponta ocidental de EUR91766 para esperar a passagem dos batelões de cobre. Obedeciam, segundo constataram, a intervalos exatos de quatro horas e vinte e cinco minutos. Cada silhueta baixa e plana avançava com firmeza rumo a noroeste, desenvolvendo trinta quilômetros por hora, deixando um rastro de ondas que deixava a lancha oscilando durante vários minutos. Três horas depois, voltavam da direção oposta, mais altos à tona d’água, vazios.

Dover calculou que os batelões que se dirigiam a Eur, caso sempre mantivessem velocidade e rumo idênticos, alcançariam EUR91772 em pouco mais de seis horas.

Na segunda noite a lancha encostou num batelão e Dover diminuiu a marcha para equiparar as duas velocidades enquanto Quem subia a bordo. Ele andou de batelão durante algum tempo, comodamente sentado sobre a compacta carga achatada de lingotes de cobre em treliças de madeira, e depois desceu de novo para a lancha.

Lilás descobriu outro homem para o grupo, um assistente da clínica chamado Lars Newstone, cujo apelido era Buzz. Tinha trinta e seis anos, a mesma idade de Quem, e era mais alto que o normal: um homem tranquilo e aparentemente capaz. Fazia nove anos que vivia na ilha, três dos quais trabalhando na clínica, período em que assimilara certo cabedal de conhecimentos médicos. Estava casado, porém separado da mulher. Queria juntar-se ao grupo, disse, porque sempre achara que “alguém precisava fazer alguma coisa, ou pelo menos tentar”.

— É um erro — disse — deixar que Uni *fique* dono do mundo sem sequer tentar reavê-lo.

— Ele é ótimo, justamente o homem de que precisamos — comentou Quem com Lilás depois que Buzz foi embora. — Quem me dera contar com mais dois iguais a ele em vez dos Newbridges. Obrigado.

Lilás conservou-se calada, lavando xícaras na pia. Quem aproximou-se, pegou-a pelos ombros e beijou-lhe os cabelos. Estava no sétimo mês de gravidez, enorme e constrangida.

Em fins de março Júlia ofereceu um jantar no qual Quem, que a essa altura já se achava trabalhando há quatro meses na ideia, apresentou o plano aos convidados — ilhéus abastados — que podiam contribuir, segundo ela, quinhentos dólares no mínimo por cabeça. Forneceu-lhes cópias de uma lista preparada de antemão, contendo o custo total do empreendimento, e mostrou o seu mapa da “Suíça”, com o túnel desenhado na posição aproximada.

Não se mostraram tão receptivos quanto imaginara.

— Três mil e seiscentos pra explosivos? — admirou-se um.

— Exatamente, seu moço — disse Quem. — Se alguém souber onde se consegue por menos preço, gostaria muito que me informasse...

— Que negócio é este, “reforço de sacolas”?

— E pras sacolas que teremos de carregar. Elas não foram feitas pra cargas pesadas. Nós vamos ter que desmanchá-las e fazer tudo de novo com estrutura metálica.

— Mas vocês têm licença pra comprar armas e bombas?

— Quem vai comprar sou eu — explicou Júlia, — e ficarão em minha propriedade até a data da partida da expedição. Eu tenho autorização.

— Quando tencionam ir?

— Por enquanto ainda não sei — respondeu Quem. — As máscaras contra gases só estarão prontas três meses depois do dia da encomenda. E ainda precisamos achar mais um homem e passar por uma fase de treinamento. Espero que se vá em julho ou agosto.

— Tem certeza de que é aqui mesmo que se localiza o túnel?

— Não, nós continuamos fazendo pesquisas. Isso é apenas uma aproximação.

Cinco convidados se escusaram e sete preencheram cheques que atingiram apenas a dois mil e seiscentos dólares — menos da quarta parte dos onze mil necessários.

— Safados cachorros — disse Júlia.

— Em todo caso, já é alguma coisa — retrucou Quem. — Podemos começar as encomendas. E contratar o Capitão Gold.

— Dentro de poucas semanas oferecerei outro jantar — declarou Júlia. — Que é que você tinha que estava tão nervoso? É preciso falar com mais convicção!

O bebê nasceu. Era menino e recebeu o nome de Jan. Tinha os dois olhos castanhos.

Nas noites de domingo e quarta-feira, num sótão desocupado da fábrica de Júlia, Quem, Dover, Buzz, Jack e Ria praticavam diversas modalidades de luta. O professor, oficial do exército, era o Capitão Gold, sujeito baixinho e sorridente que evidentemente antipatizava com o grupo e parecia ter prazer em fazê-los surrarem-se e derrubarem-se mutuamente sobre as ralas esteiras estendidas no chão.

— Dá nele! Dá nele! Dá nele! — mandava, pulando por todos os cantos, na frente deles, de camiseta e calças de campanha. — Dá nele! Assim, oh! *Isto é* que é dar, e não *isto*! *Assim* parece até que está abanando pra alguém! Santo Deus, vocês não têm mesmo jeito, seus ferrinhos! Anda, Olho-Verde, *dá nele!*

Quem fechou o punho contra Jack e quando viu estava no ar, caindo de costas em cima de esteira.

— Boa! — gritou o Capitão Gold. — Agora, sim, parece coisa de gente! Levanta, Olho Verde, ninguém matou você! Eu não falei que era pra ficar agachado?

Jack e Ria aprendiam logo. Buzz era mais lento.

Júlia ofereceu novo jantar. Quem falou com maior convicção e arrecadaram três mil e cem dólares.

O bebê adoeceu — teve febre e infecção intestinal — mas logo melhorou, adquirindo aspeto robusto e alegre, sugando faminto os seios de Lilás. A mãe mostrava-se mais carinhosa do que nunca, encantada com o filho e interessada em ouvir Quem discorrer sobre a arrecadação de fundos e a efetivação progressiva do plano.

Quem achou o sexto homem: um operário de granja, perto de Santany, chegado de Afri pouco antes dele e de Lilás. Tinha quarenta e três anos, bastante mais velho que o tipo que Quem procurava, mas era forte e ágil, e certo de que Uni podia ser derrotado. Trabalhara em cromatomicrografia no seio da Família e chamava-se Morgan Newmark, embora continuasse atendendo peto nome anterior: Karl.

— Creio que agora até eu seria capaz de descobrir o maldito túnel — disse Ashi, entregando a Quem vinte páginas de anotações copiadas de livros na Biblioteca.

Quem mostrou-as, junto com os mapas, a cada uma das pessoas consultadas anteriormente. Três se prontificaram a traçar uma planta do curso mais provável do túnel. E, como era de prever, apresentaram três lugares diferentes para a entrada da galeria. Duas distavam um quilômetro entre si, e a terceira ficava seis quilômetros mais longe.

— A falta de melhor, isto já basta — comentou Quem com Dover.

A firma que estava fabricando as máscaras contra gases faliu — sem devolver os oitocentos dólares de sinal, pagos por Quem — e tiveram de procurar outra.

Quem voltou a falar com Newbrook, o ex-professor da academia tecnológica, sobre o tipo de usinas de refrigeração que Uni provavelmente possuía. Júlia ofereceu outro jantar e Ashi deu uma festa. Arrecadaram mais três mil dólares. Buzz brigou com um bando de ilhéus e, apesar de assombrá-los com seus conhecimentos pugilísticos, quebrou duas costelas e fraturou a tíbia. Todos começaram a procurar um substituto para ele, caso não pudesse participar da expedição.

Uma noite Lilás acordou Quem.

— Que foi que houve? — perguntou ele.

— Quem?

— Sim, o que é?

Ouviu a respiração de Jan, dormindo no berço.

— Se você tiver razão, e esta ilha for uma prisão onde Uni nos largou...

— Sim?

— E já partiram ataques daqui antes...

— Que é que tem?

Ela permaneceu em silêncio — podia vê-la, deitada de costas com os olhos abertos — e por fim disse:

— Uni não poria *outras* pessoas aqui, membros “sadios”, pra prevenilo contra novos ataques?

Ele olhou para ela e não respondeu.

— Quem sabe até... pra participar das expedições? — insistiu. — E providenciar “ajuda” pra todo mundo em Eur?

— Não — protestou, sacudindo a cabeça. — É... não. Eles teriam de fazer tratamento, não teriam? Pra *continuar* “sadios”.

— De fato — concordou.

— Você pensa que existe algum centro médico escondido na ilha? — perguntou, sorrindo.

— Então? Tenho certeza de que não há nenhum... *espion* aqui. Antes de recorrer a tais extremos, Uni simplesmente *mataria* os incuráveis da maneira que você e Ashi sugeriram.

— Como é que você *sabe?*

— Lilás, não *há espions* — afirmou. — Você está apenas querendo preocupar-se a toa. Agora durma, ande. Não demora Jan se acorda. Durma de uma vez.

Beijou-a e ela se virou para o outro lado. Passando certo tempo, parecia adormecida.

Ele se manteve acordado.

Não podia ser. Precisariam de tratamentos...

A quantas pessoas tinha revelado o plano, falando sobre o túnel, as verdadeiras comportas de memória? Nem dava para contar. Centenas! E cada uma, na certa, passara adiante...

Chegara até a pôr anúncio no *Imigrante*: *Compram-se sacolas, túnicas, sandálias...*

Alguém que fazia parte do grupo? Não. Dover?... impossível. Buzz?... não, nunca. Jack ou Ria?... não. Karl? Realmente ainda não conhecia Karl bem a fundo — era simpático, conversador, bebia além da conta, mas não a ponto de causar preocupações — não, Karl não podia ser senão o que aparentava, trabalhando numa granja nos cafundós do Judas...

Júlia? Estava ficando maluco. Cristo e Wei! Deus do céu!

Lilás andava apenas se inquietando à toa, mais nada.

Não podia haver nenhum *espion*, nenhuma pessoa por ali que apoiasse Uni às escondidas, porque nesse caso precisaria de tratamentos para continuar naquela condição.

Levaria o plano a cabo, a despeito de tudo.

Adormeceu.

As bombas chegaram: feixes de leves cilindros marrons, amarrados em torno de um preto, no meio. Foram guardados num galpão atrás da fábrica. Cada um tinha uma alça metálica, azul ou amarela, colada a um lado. As azuis era espoletas de trinta segundos, as amarelas, de quatro minutos.

Experimentaram uma numa pedreira de mármore, à noite. Calçaram-na numa fenda e puxaram a alça azul da espoleta, com cinquenta metros de

arame, por trás de uma pilha de blocos cortados. A explosão foi tremenda e no lugar da fenda abriu-se um buraco do tamanho de uma porta, de onde caíam pedras, em nuvens de pó.

Todos — com exceção de Buzz — excursionaram a pé pelas montanhas, levando as sacolas cheias de pedras. O Capitão Gold ensinou-lhes a carregar um revólver e focar um raio laser, a sacar, fazer mira e atirar — em pranchas escoradas à parede dos fundos da fábrica.

— Você não ia oferecer outro jantar? — perguntou Quem a Júlia.

— Sim, daqui a uma ou duas semanas — respondeu.

Mas não ofereceu. Nunca mais falou em dinheiro, e ele tampouco.

Passou algum tempo em companhia de Karl e certificou-se de que não era um *espion*.

A perna de Buzz sarou quase por completo: insistiu que estaria em condições de ir junto.

As máscaras contra gases chegaram, assim como o resto das armas, ferramentas, sapatos, navalhas, revestimentos plásticos, sacolas reformadas, relógios, rolos de arame grosso, balsa pneumática, pá, bússolas e binóculos.

— Experimente me dar um soco — sugeriu o Capitão Gold.

Quem deu e partiu-lhe o lábio.

Demorou até novembro, quase um ano, para aprontar tudo, e então Quem resolveu adiar a partida para o Natal, aproveitando o feriado para chegar a ’001: as estradas de bicicletas e as ruas, carroportos e aeroportos estariam no auge do movimento, os membros andariam com um passo um pouco mais rápido que o normal e mesmo um “sadio” poderia distrair-se esquecendo de tocar na placa de um controle.

No domingo anterior à data marcada, levaram ao sótão tudo o que havia no galpão, enchendo as sacolas — inclusive as que ficariam por dentro — que esvaziariam ao atracar em terra firme. Júlia estava presente,

bem como John, o filho de Newman, que devia trazer de volta a lancha do S.I., e Nella, a namorada de Dover — moça de vinte e dois anos, com o cabelo amarelo como o dele, entusiasmadíssima com os preparativos. Ashi compareceu, e o Capitão Gold também.

— Vocês todos são uns doidos varridos — disse o Capitão.

— Cai fora, safado — respondeu Buzz.

Quando terminaram, com as sacolas completamente enroladas em invólucros plásticos e amarradas, Quem pediu aos que não tomariam parte na expedição para que se retirassem. Depois reuniu o grupo num círculo em cima das esteiras.

— Pensei muito sobre o que se deve fazer se um de nós for capturado — disse, — e optei pela seguinte solução: caso alguém seja preso, mesmo que seja apenas um elemento do grupo, todos os restantes regressarão imediatamente à ilha.

Olharam para ele.

— Depois de tanto esforço? — estranhou Buzz.

— Sim. Se um de nós for submetido a tratamento, revelará ao médico que pretendemos entrar pelo túnel, e aí então não teremos mais nenhuma chance de êxito. Portando o melhor é voltar, rápida e discretamente, procurando uma lancha na praia. Pra dizer a verdade, quero ver se localizo uma assim que atracarmos, antes de iniciar o trajeto.

— Cristo e Wei! — exclamou Jack. — Evidentemente, se

três ou quatro fossem capturados, mas um?

— Minha decisão é essa — afirmou Quem. — É a mais acertada.

— E se *você* for preso? — perguntou Ria.

— Então a chefia passará a Buzz — respondeu Quem, — e quem resolve é ele. Mas por enquanto fica decidido o seguinte: se alguém for

capturado, todo mundo recua.

— Portanto que ninguém se deixe pegar — disse Karl.

— Justo — retrucou Quem, levantando-se. — É só — declarou. — Tratem de dormir bastante. Até quarta às sete.

— Dia de Wood — corrigiu Dover.

— Dia de Wood, dia de Wood, dia de Wood — disse Quem. — Até o dia de Wood, às sete.

Beijou Lilás como se fosse sair para tratar de um assunto qualquer e tomasse voltar dentro de poucas horas.

— *Tchau*, amor — disse.

Ela abraçou-se nele, encostando-lhe o rosto e não disse nada.

Beijou-a de novo, desvencilhou-se de seus braços e aproximando-se do berço. Jan estava entretido em alcançar um pacote vazio de cigarros, pendurado num cordão. Quem beijou-lhe a face e deu-lhe adeus.

Lilás chegou perto e ele a beijou. Abraçaram-se e beijaram- se, e depois ele saiu, sem virar-se para trás.

Ashi esperava lá em baixo, de monociclo. Levou Quem ao cais, em Pollensa.

Todos se achavam no escritório do S.I. às sete menos um quarto e enquanto um cortava o cabelo do outro, o caminhão chegou. John Newman, Ashi e um homem da fábrica levaram as sacolas e a balsa até a lancha, e Júlia distribuiu sanduíches e café. Os homens cortaram a barba e escanhoaram bem o rosto.

Colocaram as pulseiras e os aros fechados que pareciam semelhantes aos normais. A de Quem dizia Jesus AY 31G6912.

Despediu-se de Ashi e beijou Júlia.

— Faça a sua sacola e prepare-se pra conhecer o mundo — disse ele.

— Tome cuidado — recomendou ela. — E procure rezar.

Entrou na lancha sentou-se sobre o tombadilho na frente das sacolas, em companhia de John Newman e dos outros — Buzz e Karl, Jack e Ria: todos tinham um aspecto estranho de membros da Família com aquele cabelo cortado e aquelas caras iguais, imberbes.

Dover ligou o motor e pôs-se ao largo do porto, virando depois em direção à suave claridade alaranjada que se erguia do lado de ‘91766.

2

A pálida luz que precede o raiar do dia, abandonaram furtivamente o batelão e empurraram por diante a balsa carregada de sacolas. Três empurravam e três nadavam rentes, observando o recorte escuro dos altos penhascos. Avançaram aos poucos, mantendo-se a uma distância de cerca de cinquenta metros da costa. De dez em dez minutos mais ou menos, trocavam de lugar: os que tinham estado nadando, empurravam e os que tinham estado empurrando, nadavam.

Quando já se encontravam à altura de *91772, desviaram a balsa em direção à praia. Guardaram-na numa pequena enseada de areia rodeada por imponentes escarpas rochosas, descarregaram as sacolas e as desembrulharam. Abriram as internas e vestiram túnicas. Puseram armas, relógios, bússolas e mapas nos bolsos. Depois .cavaram um buraco e esconderam dentro as duas sacolas vazias, todos os invólucros plásticos, a balsa sem ar, as roupas que usavam em Liberdade e a pá utilizada para escavar. Encheram o buraco de terra, eliminaram os vestígios e, de sacolas a tiracolo e sandálias na mão, começaram a caminhar em fila única pela estreita faixa de areia. O céu clareou e suas sombras se projetaram sobre a base rochosa dos penhascos, deslizando para frente e para trás. Karl, quase no fim da fila, pôs-se a assobiar *Uma Forte Família*. O resto do grupo sorriu e Quem, que vinha à dianteira, também aderiu ao assobio. Alguns dos outros fizeram o mesmo.

Não tardou muito, acharam uma lancha — uma velha lancha azul, emborcada de lado, à espera de incuráveis que se considerariam felizes. Quem virou-se e andando de costas disse:

— Cá está ela, se a gente precisar.

— Não vai ser preciso — retrucou Dover.

Depois de Quem virar-se de novo para a frente, quando já tinham passado adiante, Jack pegou uma pedra, jogou na lancha, mas errou.

Durante o percurso mudaram as sacolas de ombro. Em menos de uma hora chegaram a um controle que fazia face ao lado oposto.

— Nada como estar em casa — ironizou Dover.

Ria soltou um suspiro.

— Oi, Uni — disse Buzz, — como vai?

E bateu de teve na parte de cima do controle ao passar por ele.

Já caminhava sem mancar. Quem voltava-se de vez em quando para verificar.

A faixa de areia começou a alargar-se e chegaram a uma cesta de lixo, seguida por outras. Depois surgiram plataformas de salva-vidas, alto-falantes e um relógio — *6h54m — Quinta 25 Dez 171 A.U.* — e uma escada que subia em ziguezague pelo penhasco com enfeites vermelhos e verdes enroscados em diversos pilares da grade.

Largaram as sacolas e as sandálias, tiraram as túnicas e estenderam tudo no chão. Deitaram-se em cima e descansaram ao crescente calor do sol. Quem lembrou coisas que achava que deviam dizer quando falassem com a Família posteriormente. Discutiram o assunto, conjeturando sobre até que ponto a interrupção de Uni afetaria as transmissões de televisão e quanto tempo levaria para serem normalizadas.

Karl e Dover pegaram no sono.

Quem ficou estendido de olhos fechados, pensando em certos problemas que a Família teria que enfrentar quando despertasse, e nas várias maneiras de solucioná-los.

“Cristo, que nos ensinou” — começaram os alto-falantes às oito horas. Dois salva-vidas de gorro vermelho e óculos escuros vieram descendo os degraus em ziguezague. Um deles chegou à plataforma perto do grupo.

— Feliz Natal — disse.

— Feliz Natal — responderam em coro.

— Querendo, já podem entrar n’água — avisou, subindo à plataforma.

Quem, Jack e Dover levantaram-se e dirigiram-se ao mar. Nadaram um pouco, observando os membros que desciam a escada, e depois saíram, tornando a deitar-se na areia.

Quando havia trinta e cinco ou quarenta membros na praia, às 8h22m, os seis se levantaram e começaram a vestir as túnicas e pôr as sacolas no ombro.

Quem e Dover foram os primeiros a subir a escada. Sorriam e davam “Feliz Natal” aos membros que vinham descendo e fingiram facilmente que tocavam no controle ao alto. Os únicos membros nas proximidades estavam na cantina, de costas para eles.

Esperaram junto de um chafariz até que Jack e Ria subissem e depois Buzz e Karl.

Dirigiram-se ao posto de bicicletas, onde havia vinte ou vinte e cinco enfileiradas nos lugares mais à mão. Tiraram as seis últimas, colocaram as sacolas nas cestas, montaram e pedalaram até o início da estrada destinada exclusivamente a ciclistas. Ali esperaram, sorrindo e conversando, que cessasse o trânsito de bicicletas e carros. Depois cruzaram em grupo pelo controle, encostando as pulseiras na parte lateral, para a eventualidade de estarem sendo observados a distância por alguém.

Rumaram a EUR91770 individualmente e aos pares, deixando bastante espaço de intervalo entre si na estrada. Quem ia à frente, com Dover logo atrás. Olhou os ciclistas que se aproximavam e os carros esporádicos que passavam chispando. *Havemos de conseguir*, pensou. *Nós havemos de conseguir*.

Entraram separados no aeroporto, reunindo-se perto do quadro de horários de vôo. Os membros aglomeravam-se ao redor deles. A sala de espera, toda enfeitada de vermelho e verde, estava apinhada de gente e o burburinho era tão grande que mal se escutava a música de Natal. Do outro lado das vidraças, aviões imensos giravam e avançavam pesadamente, tomando passageiros em três escadas rolantes ao mesmo tempo, desembarcando filas de membros, num contínuo vaivém entre as pistas.

Eram 9h35m. O próximo vôo para EUR0001 partiria às 11h48m.

— Não me agrada essa ideia de permanecer muito tempo aqui — disse Quem. — Ou o batelão usou energia extra ou então chegou atrasado, e se a diferença ficou manifesta, é bem capaz que Uni perceba o motivo.

— Então vamos tomar logo o primeiro avião — sugeriu Ria, — pra chegar o mais perto possível de ’001 e depois completar o percurso de bicicleta.

— Se a gente espera mais um pouco, chega mais rápido — discordou Karl. — Isto aqui até que não é tão ruim como esconderijo.

— Não — retrucou Quem, consultando o quadro de vôo, — vamos no... das 10h6m pra ’00020. Não tem outro mais cedo e dista apenas cinquenta quilômetros de ’001. Venha, o portão é aquele lá.

Abriram caminho no meio da multidão até a porta giratória no canto da sala e agruparam-se em torno do controle. A porta se abriu, dando passagem a um membro de túnica cor de laranja. Pedindo desculpas, estendeu o braço entre Quem e Dover para tocar no controle — sim, piscou a luz — e seguiu adiante.

Quem tirou disfarçadamente o relógio do bolso e comparou- o com o da parede.

— É a pista seis — disse. — Se houver mais de uma escada rolante, entrem na fila da parte de trás do avião. E façam questão de ficar quase por último, deixando no mínimo seis membros à retaguarda. Vem, Dover.

Pegou-o pelo braço e os dois atravessaram a porta, entrando na área de depósito.

— Vocês não deviam estar aqui — avisou um membro de túnica cor de laranja que estava parado ali.

— Uni autorizou — respondeu Quem. — Trabalhamos nos planos de aeroporto.

— Três-trinta-e-sete-A — explicou Dover.

— Este pavilhão vai ser ampliado no ano que vem — disse Quem.

— Agora entendo o que você queria dizer a respeito do teto — comentou Dover, olhando para cima.

— Sim — confirmou Quem. — Ele podia facilmente ganhar mais um metro de altura.

— Metro e meio — corrigiu Dover.

— A não ser que oi condutos compliquem tudo — disse Quem.

O membro afastou-se e saiu pela porta.

— É, os condutos — observou Dover. — Problema sério.

— Deixe eu lhe mostrar aonde eles vão — continuou Quem. — É muito interessante.

— Se é.

Entraram na área em que os membros de túnica cor de laranja aprontavam os bolos e recipientes de bebida, trabalhando mais depressa do que era costume entre os membros.

— Três-trinta-e-sete A? — perguntou Quem.

— Por que não? — retrucou Dover, apontando para o teto enquanto se separavam para dar passagem a um membro empurrando carrinho. — Está vendo a direção que os condutos tomam?

— Teremos que modificar a instalação toda. Aqui também.

Fingiram tocar no controle e passaram à sala onde havia túnicas penduradas em ganchos. Não encontraram ninguém. Quem fechou a porta e mostrou o armário onde eram guardadas as de cor de laranja.

Vestiram-nas por cima das amarelas e colocaram biqueiras nas sandálias. Rasgaram o fundo dos bolsos das de cor de laranja para poderem enfiar a mão nos das que ficaram por baixo.

Surgiu um membro de branco.

— Olá — saudou. — Feliz Natal.

— Feliz Natal — responderam.

— Mandaram-me lá de ’765 pra ajudar aqui — explicou.

Tinha uns trinta anos.

— Ótimo, estávamos mesmo precisando — disse Quem.

O membro, abrindo a túnica, olhou para Dover, que fechava a sua.

— Por que você deixou a outra por baixo? — estranhou.

— Assim esquenta mais — respondeu Quem, aproximando-se.

Virou-se para Quem, intrigado.

— Esquenta mais? Pra que você quer esquentar-se mais?

— Desculpe, irmão — disse Quem, dando-lhe um soco no estômago.

Ele se curvou para a frente, com um gemido, e Quem desfechou-lhe outro no queixo. O membro endireitou o corpo e caiu para trás. Dover pegou-o por baixo dos braços e estendeu-o no chão. Ficou de olhos fechados, como se estivesse dormindo.

Quem, examinando-o, exclamou:

— Cristo e Wei, o negócio dá certo.

Os dois rasgaram uma série de túnicas e amarraram os pulsos e os tornozelos do membro, atando uma manga entre os seus dentes. Depois ergueram-no e colocaram-no dentro do armário onde era guardada a cera de soalho.

De *9h51m7* o relógio passou a *9h52m*.

Embrulharam as sacolas em túnicas cor de laranja, saíram da sala e passaram pelos membros que lidavam com os recipientes de bolo e bebida. Na área de depósito descobriram uma caixa de papelão com toalhas pelo meio e puseram dentro as sacolas embrulhadas. Carregando-a entre ambos, cruzaram o portão e acharam-se no campo.

Havia um avião em frente à pista seis, enorme, desembarcando membros por duas escadas rolantes. Outros membros, de laranja, aguardavam ao pé de cada uma das duas com um carrinho de recipientes.

Afastaram-se do avião, rumo à esquerda. Atravessaram o campo em sentido diagonal, sempre carregando a caixa de papelão, desviaram-se de um caminhão de manutenção que andava devagar e aproximaram-se dos hangares que ficavam num pavilhão de telhado plano e estendia-se até as pistas de decolagem.

Entraram num deles. Continha um avião menor, com membros de laranja por baixo, retirando do bojo uma caixa preta quadrada. Quem e Dover continuaram até os fundos do hangar, onde havia uma porta na parede lateral. Dover abriu-a, espiou lá dentro e fez sinal com a cabeça para Quem.

Os dois entraram e fecharam a porta. Era um almoxarifado: prateleiras de ferramentas, filas de engradados de madeira, tonéis pretos de metal com marca *Óleo Lub SG*.

— Até parece de encomenda — comentou Quem, enquanto largavam a caixa no chão.

Dover escondeu-se atrás da porta. Tirou o revólver e segurou-o pelo cano.

Agachando-se, Quem desembrulhou uma sacola, abriu-a e retirou uma bomba com alça amarela de quatro minutos.

Separou dois tonéis de óleo e colocou a bomba no chão no meio, com a alça presa pelo esparadrapo virada para cima. Puxou o relógio do bolso e olhou a hora.

— Quanto tempo? — perguntou Dover.

— Três minutos.

Voltou à caixa de papelão. Sempre de relógio em punho, correu o fecho da sacola, tomou a embrulhá-la e fechou as tampas da caixa.

— Tem alguma coisa que se aproveite? — perguntou Dover, acenando com a cabeça para as prateleiras de ferramentas.

Quem aproximou-se de uma delas. A porta do almoxarifado se abriu e entrou um membro de túnica laranja — uma mulher.

— Olá — saudou Quem, apanhando uma ferramenta e guardando o relógio no bolso.

— Olá — disse ela, dirigindo-se ao lado oposto da prateleira.

Olhou de relance para Quem.

— Quem é você? — indagou.

— Li RP — respondeu. — Mandaram-me lá de 765 pra ajudar aqui.

Apanhou outra ferramenta na prateleira: um par de compassos.

— Não está tão ruim como no Natal de Wei — observou ela.

Surgiu outro membro à porta.

— Já encontramos, Paz — avisou. — Estava com Li.

— Eu perguntei a ele e ele respondeu que não estava — disse ela.

— Pois estava — disse o outro membro, desaparecendo.

Ela saiu atrás dele.

— Ele foi o primeiro a quem eu perguntei.

Quem ficou parado, olhando a porta que se fechava lentamente. Dover, escondido no canto, olhou para ele e empurrou-a até o fim, de mansinho. Quem olhou para Dover e depois para a mão que segurava as ferramentas: estava trêmula. Largou as ferramentas, respirou fundo e mostrou a mão a Dover, que sorriu e observou:

— Muito pouco próprio de membro.

Quem tomou fôlego e tirou o relógio do bolso.

— Menos de um minuto — avisou, indo até os tonéis e agachando-se.

Puxou o esparadrapo da alça da bomba.

Dover guardou o revólver no bolso — o da túnica por baixo — e ficou imóvel com a mão na maçaneta.

Quem, controlando o relógio e segurando a alça da espoleta disse:

— Dez segundos.

Esperou, esperou, esperou — e finalmente puxou a alça para cima e pôs-se em pé enquanto Dover abria a porta. Levantaram a caixa de papelão, tirando-a do almoxarifado e fechado imediatamente a porta.

Percorreram o hangar com a caixa — “Calma, devagar”, dizia Quem — e atravessaram o campo em direção ao avião em frente à pista seis. Membros faziam fila nas escadas rolantes e subiam.

— O que é isso? — perguntou um membro de túnica laranja com uma prancheta na mão, caminhando ao lado de ambos.

— Mandaram-nos trazer pra cá — explicou Quem.

— Karl? — chamou outro membro do lado oposto do que trazia a prancheta.

Ele parou e se virou.

— Que é?

Quem e Dover continuaram andando.

Trouxeram a caixa de papelão até a escada rolante da parte de trás do avião e largaram no chão. Quem colocou-se diante do controle, olhando o regulador da escada. Dover esgueirou-se pela fila e postou-se atrás do controle. Os membros passavam entre os dois, encostavam as pulseiras no controle que piscava a luz verde e depois pisavam nos degraus.

Um membro de túnica laranja chegou-se a Quem e disse;

— Eu estou nesta escada.

— Karl acabou de me pedir pra vir pra cá — respondeu Quem. — Mandaram-me lá de ’765 pra ajudar aqui.

— Que foi que houve? — perguntou o membro da prancheta, aproximando-se. — Por que vocês estão em três aqui?

— Eu pensei que estava nesta escada — disse o outro membro.

O ar estremeceu e uma forte explosão partiu dos hangares.

Uma coluna preta, ampla e cada vez maior, pairou sobre o pavilhão, misturada a rolos de fogo. Desabou uma chuva negra e amarelada sobre o telhado e o campo, e membros de túnica laranja saíram correndo dos hangares, disparando e depois diminuindo o passo para se virar e olhar a coluna de labaredas no telhado.

O membro da prancheta arregalou os olhos e precipitou- se naquela direção. O outro correu atrás.

Os membros da fila ficaram imóveis, olhando para o lado dos hangares. Quem e Dover pegaram alguns pelo braço e empurraram por diante.

— Não parem — diziam. — Continuem subindo, por favor. Não há perigo. O avião está esperando. Toquem no controle e pisem no degrau. Continuem subindo, por favor.

Encaminharam os membros a passar pelo controle e subir a escada. Um deles era Jack.

— Que beleza — comentou, olhando por cima do ombro de Quem ao fingir que tocava no controle.

Depois foi a vez de Ria, que parecia tão empolgada como na primeira vez que Quem a tinha visto. E Karl, amedrontado e lúgubre. E Buzz, todo sorridente. Dover pisou na escada logo em seguida. Quem confiou-lhe uma sacola embrulhada e virou-se para os outros membros da fila, os últimos sete ou oito, que estavam parados, contemplando os hangares.

— Continuem subindo, por favor — pediu. — O avião está esperando. Irmã!

— Não há motivo para pânico — disse uma voz de mulher pelo alto-falante. — Ocorreu um acidente nos hangares, mas já está tudo em ordem.

Quem apressou os membros a subir a escada.

— Toquem no controle e pisem no degrau — pediu. — O avião está esperando.

— Membros passageiros, queiram retomar seus lugares na fila — disse a voz. — Os membros que estiverem entrando a bordo dos aviões, continuem a fazê-lo. O serviço não sofrerá interrupção.

Quem fingiu tocar no controle e pisou no degrau atrás do último membro. Subindo a escada com a sacola embrulhada debaixo do braço, olhou de relance para os hangares: a coluna estava preta e enfumaçada mas não se via mais fogo. Virou-se de frente novamente, para as túnicas azul claro.

— Todos os funcionários, com exceção dos quarenta-e-sete e quarenta-e-nove, retomem às suas ocupações — disse a voz de mulher. — Todos os funcionários, com exceção dos quarenta-e-sete e quarenta-e-nove, retomem às suas ocupações. A situação já está normalizada.

Quem entrou no avião e a porta começou a baixar às suas costas.

— O serviço não sofrerá interrupção...

Os membros se achavam de pé, confusos, olhando os lugares tomados.

— Há passageiros extras devido ao feriado — explicou Quem. — Passem lá pra frente e peçam aos membros com filhos pra porem as crianças no colo. Não há outra solução.

Os membros avançaram pelo corredor, olhando para todos os lados do avião.

Os cinco ocupavam a última fileira, junto à dispensa. Dover retirou a sacola embrulhada do assento do corredor e Quem sentou-se.

— Nada mau — disse Dover.

— Ainda não levantamos vôo — retrucou Quem.

Havia burburinho a bordo: os recém-chegados comentavam a explosão com os primeiros que tinham embarcado, espalhando a notícia de fila em fila. O relógio marcava 1*0h6m*, mas o avião não saía do mesmo lugar.

De *10h6m* passou a *10h7m*.

Os seis se entreolharam e depois viraram a cabeça para a frente, com jeito normal.

O avião se mexeu. Girou levemente para o lado e depois tomou impulso. Começou a acelerar. As luzes diminuíram e as telas de televisão se iluminaram.

Assistiram à *Vida de Cristo* e *A Família no Trabalho*, que já era bem velho. Tomaram chá e refrigerante, mas não conseguiram comer: não havia bolos a bordo, por causa da hora, e embora tivessem queijo embrulhados em papel laminado, podiam ser vistos pelos membros que saíssem da despensa. Quem e Dover suavam com as túnicas duplas. Karl cochilava a cada instante, e Ria e Buzz, que o ladeavam, cutucavam-no para mantê-lo acordado e atento.

A viagem demorou quarenta minutos.

Quando o sinal de localização indicou EUR00020, Quem e Dover levantaram-se do assento e ficaram em pé na despensa, comprimindo os botões e deixando escorrer chá e refrigerante pelo cano de esgoto. O avião pousou, deslizou e parou, e os membros começaram a fazer fila para descer. Depois que algumas dezenas passaram pela porta mais próxima, Quem e Dover tiraram os recipientes vazios da despensa, largaram no chão, levantaram as tampas, e Buzz colocou uma sacola embrulhada dentro de cada um deles. Depois Buzz, Karl, Ria e Jack se levantaram e os seis se dirigiram à saída. Quem apoiando um recipiente contra o peito, pediu:

— Querem dar licença, por favor?

Um membro de certa idade cedeu-lhe passagem. Os outros vieram logo atrás. Dover, carregando o segundo recipiente, disse ao membro idoso:

— É melhor esperar até que eu deixe a escada livre.

O membro concordou com um aceno de cabeça, um tanto atônito.

Ao pé da escada rolante Quem encostou o pulso no controle e imediatamente cobriu-o com o corpo, impedindo a visão dos membros na sala de espera, Buz, Karl, Ria e Jack passaram por ele, fingindo encostar a pulseira. Dover debruçou-se no controle e fez sinal com a cabeça para o membro que aguardava lá em cima.

Os quatro rumaram para a sala de espera e Quem e Dover atravessaram o campo até o portão, entrando na área de depósito. Largando os recipientes por terra, retiraram as sacolas e esguei- raram-se entre duas fileiras de engradados. Descobriram um espaço livre perto da parede, onde despiram as túnicas cor de laranja e descalçaram as biqueiras das sandálias.

Deixaram a área de depósito pela porta giratória, de sacolas no ombro. Os outros os esperavam ao redor do controle. Saíram aos pares do aeroporto — estava quase tão apinhado de gente quanto o de ’91770 — e reuniram-se de novo no posto de bicicletas.

Ao meio-dia achavam-se ao norte de ’00018. Comeram suas bolas de queijo entre a estrada de ciclistas e o Rio da Liberdade, num vale cercado de montanhas que se erguiam a impressionantes altitudes franjeadas de neve. Enquanto comiam, examinaram os mapas. Ao cair da noite, segundo seus cálculos, chegariam a um parque a poucos quilômetros da entrada do túnel.

Pouco depois das três horas, quando se aproximavam de ’00013. Quem notou uma ciclista adolescente que vinha na direção oposta, olhando para os rostos do grupo que seguia rumo ao norte — inclusive seu, ao se cruzarem — com uma expressão preocupada, de membro “querendo-ajudar”. Passado um instante, avistou outra ciclista olhando para eles do mesmo modo ligeiramente nervoso. Era uma mulher de idade que levava flores na cesta. Sorriu-lhe ao cruzar por ela e depois não se virou para trás. Nem a estrada, nem a rodovia paralela apresentavam sinais de anormalidade. A algumas centenas de metros mais adiante, ambas dobravam à direita e desapareciam nos fundos de uma usina elétrica.

Pedalou sobre a relva, parou e, olhando à retaguarda, acenou aos companheiros à medida que surgiam.

Empurraram as bicicletas bem para longe da estrada. Achavam-se no último trecho de vegetação antes da cidade: uma extensão de relva seguida por mesas de piquenique e um arvoredo que encobria uma pequena elevação no terreno.

— Parando de meia em meia hora jamais chegaremos — disse Ria.

Sentaram na relva.

— Acho que estão examinando as pulseiras logo adiante — disse Quem. — Telecomputadores e túnicas de cruz vermelha. Notei dois membros que vinham de lá com jeito de quem procura localizar alguém doente. Estavam com aquela cara de “será-que-posso-ajudar?”

— Que ódio — exclamou Buzz.

— Cristo e Wei, Quem — disse Jack, — se vamos começar a nos preocupar com as expressões faciais dos membros, seria preferível voltar logo pra casa.

Quem olhou para ele.

— Um exame de pulseiras não é tão implausível assim, não é? — retrucou. — A esta altura Uni já deve saber que a explosão em ’91770 não foi acidente, e é capaz de ter adivinhado exatamente o motivo. Este é o caminho mais curto de ’020 a Uni... e vamos chegar à primeira curva abrupta dentro de uns doze quilômetros.

— Está certo, então eles estão examinando as pulseiras — disse Jack. — Pra que ódio andamos armados?

— É — apoiou Ria.

— Se formos abrir caminho a bala, teremos todos os ciclistas no nosso encalço — retrucou Dover.

— Nesse caso, a gente atira uma bomba pra trás — sugeriu Jack. — Precisamos andar depressa, em vez de ficar de rabo sentado como se estivéssemos jogando xadrez. De qualquer modo esses pamonhas já são mesmo uns mortos-vivos: que diferença faz se a gente liquida meia dúzia? Nós vamos salvar todo o resto, não vamos?

— As armas e as bombas são pra quando for necessário — disse Quem, — e não pra quando se pode deixar de usá-las.

Virou-se para Dover.

— Dá uma volta, ali pelo mato — pediu-lhe, — e vê se enxerga o que está depois da curva.

— O.K. —concordou Dover.

Levantou-se, cruzou o gramado, juntou alguma coisa do chão, jogou dentro de uma cesta de lixo e penetrou no arvoredo. A túnica amarela se transformou em pontinhos esparsos desaparecendo elevação acima.

Deixaram de observá-lo. Quem tirou o mapa do bolso.

— Merda — disse Jack.

Quem não fez comentários. Examinava o mapa.

Buzz esfregou a perna e de repente afastou a mão.

Jack arrancava pedaços de relva do chão. Ria, sentada a seu lado, observava-o.

— Que é que você sugere — perguntou Jack, — se eles estiverem examinando as pulseiras?

Quem tirou os olhos de cima do mapa e, depois de uma pausa, respondeu:

— Recuaremos um pouco, atalhando pelo leste e fazendo uma volta.

Jack arrancou mais relva e depois arremessou longe.

— Vem — disse a Ria, pondo-se em pé.

Ela se levantou de um salto, os olhos brilhando.

— Aonde vocês vão? — perguntou Quem.

— Aonde tínhamos planejado — respondeu Jack, olhando-o com firmeza. — ao parque perto do túnel. Esperaremos por vocês até clarear o dia.

— Sentem-se, todos os dois — ordenou Karl.

— Vocês irão, mas junto conosco e quando eu achar que se deve ir — retrucou Quem. — Vocês concordaram com isso no começo.

— Mudei de ideia — disse Jack. — Pra mim é tão desagradável receber ordens de *você* quanto de Uni.

— Esses dois vão estragar tudo — disse Buzz.

— *Vocês* é que vão! — revidou Ria. — Parando, recuando, fazendo voltas... quando se quer fazer uma coisa a gente *faz* logo!

— Sentem aí e esperem até que Dover venha — ordenou Quem.

Jack sorriu.

— Vai-me obrigar? — perguntou. — Logo aqui, bem na frente da Família?

Fez sinal para Ria e os dois pegaram as bicicletas, firmando as sacolas nas cestas.

Quem se levantou e guardou o mapa no bolso.

— Não podemos dividir o grupo pelo meio deste jeito — disse. — Pare um pouco pra refletir, Jack. Como vamos saber se...

— Você é quem gosta de parar pra refletir — retrucou Jack. — Eu prefiro entrar logo no túnel.

E virou as costas, dando impulso à bicicleta. Ria empurrava a sua ao lado dele. Dirigiram-se à estrada.

Quem deu um passo atrás dos dois e estacou, de queixo tenso, os punhos cerrados. Sentiu vontade de gritar, de tirar o revólver do bolso e forçá-los a voltar — mas havia ciclistas passando, membros disseminados por perto, sobre a relva.

— Não há nada que você possa fazer, Quem — disse Karl.

— Os filhos da luta — exclamou Buzz.

À beira da estrada, Jack e Ria montaram nas bicicletas. Jack abanou para o grupo.

— Até logo! — gritou. — A gente se vê na sala da televisão!

Ria também abanou e os dois foram embora, pedalando.

Buzz e Karl abanaram para eles.

Quem arrancou bruscamente a sacola de sua bicicleta e colocou-a a tiracolo. Tirou outra e jogou-a ao colo de Buzz.

— Karl, você fique aqui — disse. — Venha comigo, Buzz.

Entrou no mato, dando-se conta de que estava caminhando depressa demais, encolerizado, comportando-se de modo anormal, mas pensou Lute-se! Subiu a elevação de terreno na direção tomada por Dover. Que fossem PRO INFERNO!

Buzz alcançou-o.

— Cristo e Wei — exclamou, — não *jogue* as sacolas assim!

— Que vão *pro inferno*! — respondeu Quem. — Percebi logo à primeira vista que aqueles dois não valiam nada! Mas fechei os olhos porque estava tão desesperado... diabos me levem! A culpa é minha. Exclusivamente minha.

— Talvez não haja exame de pulseiras e eles fiquem à nossa espera no parque — alvitrou Buzz.

Apareceram lampejos amarelos entre as árvores: Dover vinha descendo. Parou, enxergou-os e aproximou-se.

— Você tinha razão — disse. — Médicos na estrada, médicos no ar...

— Jack e Ria foram na frente — avisou Quem.

Dover arregalou os olhos.

— E você deixou?

— Por acaso podia impedir? — retrucou Quem. Pegou Dover pelo braço e virou-o de costas. — Mostre o caminho.

Dover conduziu-os rapidamente elevação acima pelo meio das árvores.

— Nunca que conseguirão passar — disse. — Tem um centro médico inteiro e barreiras pra impedir que as bicicletas dêem meia volta.

Emergiram do arvoredo, deparando com um declive de rochas. Buzz chegou por último, afobado.

— Abaixem-se, senão eles enxergam a gente — aconselhou Dover.

Deitaram-se de bruços e rastejaram declive acima. Lá do alto avistava-se a cidade, ’00013, com seus edifícios brancos recortados nítidos à luz do sol, a rede de monotrílhos entrelaçados e faiscantes, a orla das rodovias rutilante de carros. O rio descrevia uma curva e continuava rumo ao norte, azul e estreito, sulcado por vagarosas lanchas de turismo e uma longa fileira de barcas passando sob as pontes.

Ao pé do declive via-se uma meia concha de paredes de pedra, cujo pavimento formava uma praça semicircular onde se bifurcava a estrada de ciclistas: descia do norte, por trás da usina elétrica, desviando-se a certa altura para cruzar a rodovia de carros vertiginosos e penetrar na cidade por uma ponte. O outro braço cortava a praça na parte central, acompanhando a margem oriental do rio sinuoso até reencontrar a rodovia paralela. Antes de se bifurcar, uma série de barreiras dividia em três filas os ciclistas que se aproximavam, cada uma forçada a desfilar perante um grupo de membros de cruz vermelha na túnica, parados junto a ura pequeno controle de aspecto insólito. Três membros, munidos de equipamento contra a lei da gravidade, pairavam no ar, de rosto virado para baixo, sobre cada grupo. Dois carros e um helicóptero ocupavam o canto mais próximo da praça, enquanto outros membros de cruz vermelha na túnica, parados junto à fila de ciclistas que deixava a cidade, os apressavam a seguir viagem quando diminuíam a marcha para observar os que tocavam nos controles.

— Cristo, Marx, Wood e Wei — exclamou Buzz.

Quem, de olho naquela cena, puxou o fecho da sacola.

— Eles devem estar nalgum ponto da fila — opinou.

Achou os binóculos, colocou-os em posição e acertou o foco.

— Estão, sim — confirmou Dover. — Está vendo as sacolas nas cestas?

Quem percorreu a fila e localizou Jack e Ria. Os dois pedalavam devagar, lado a lado, em pistas flanqueadas por barreiras de madeira. Jack olhava em frente e movia os lábios. Ria acenava com a cabeça. Guiavam apenas com a mão esquerda. Mantinham a direita no bolso.

Quem passou os binóculos a Dover e virou-se para a sua sacola.

— Temos que ajudá-los a passar pelo controle — disse. — Se conseguirem alcançar a ponte, talvez possam sumir na cidade.

— Eles vão começar a atirar quando chegarem aos controles — opinou Dover.

Quem entregou a Buzz uma bomba de alça azul.

— Puxe o esparadrapo e atire quando eu mandar — disse,

— Faça pontaria contra o helicóptero: dois coelhos de uma só cajadada.

— Atire antes que comecem o tiroteio — recomendou Dover.

Quem pegou de novo os binóculos e procurou Jack e Ria até encontrá-los outra vez. Esquadrinhou as filas na frente deles: havia cerca de quinze bicicletas entre os dois e os grupos nos controles.

— Eles têm balas ou raios laser? — perguntou Dover.

— Balas — respondeu Quem. — Não se preocupe, eu calculo direito o tempo.

Observou as filas de bicicletas avançando lentamente, graduando-se a velocidade.

— De um jeito ou doutro, provavelmente vão começar a disparar disse Buzz. — Só pra se divertir. Você reparou no olhar de Ria?

— Prepare-se — pediu Quem. Esperou até que Jack e Ria ficassem a cinco bicicletas de distância dos controles. — Agora — disse.

Buzz puxou a alça e atirou a bomba furtivamente de lado. Ela bateu numa pedra, saiu rolando caiu de uma saliência e foi pousar perto do lado do helicóptero.

— Volte pra cá — mandou Quem.

Espiou outra vez pelos binóculos. Jack e Ria estavam a duas bicicletas dos controles, com ar tenso mas confiante. Recuou de novo entre Buzze Dover.

— Parece até que estão indo pra uma festa — comentou.

Esperaram, de rosto colado às pedras. A bomba explodiu e o declive estremeceu. Lá embaixo saltou metal para tudo quanto foi lado. Fez-se silêncio e espalhou-se pelo ar o cheiro acre do explosivo. Depois ouviram-se vozes, primeiro em murmúrio e por fim mais alto.

— Aqueles dois! —gritou alguém.

Debruçaram-se à beira do declive..

Duas bicicletas corriam rumo à ponte. Todas as outras estavam imóveis, os ciclistas apoiando um pé no chão, de frente para o helicóptero — emborcado e fumegante — e agora voltados para as duas bicicletas que ganhavam velocidade e para os membros de cruz vermelha na túnica que corriam atrás. Os três membros no ar mudaram de direção e voaram para a ponte.

Quem levantou os binóculos — e viu as costas curvadas de Ria e Jack pouco mais adiante. Pedalavam velozmente em terreno absolutamente plano, parecendo encontrar dificuldade em afastar-se com maior rapidez. Formou-se um nevoeiro brilhante, cobrindo-os parcialmente.

Ao alto, pairava um membro apontado para baixo um cilindro que expelia denso gás branco.

— Ele conseguiu pegá-los! — exclamou Dover.

Ria parou, montada na bicicleta. Jack olhou para ela por cima do ombro.

— Ria, Jack não — retrucou Quem.

Jack parou e virou-se para o alto, de arma em punho. Desfechou dois tiros.

O membro no ar claudicou (trek e treck, soaram os tiros) deixando cair das mãos o cilindro que expelia gás branco.

Para fugir da ponte os membros pedalavam em ambas as direções, correndo de olhos arregalados sobre as calçadas laterais.

Ria sentou-se ao lado da bicicleta. Virou a cabeça: tinha o rosto úmido e brilhante. Parecia aflita. Túnicas com cruzes vermelhas toldaram a visão que tinham dela.

Jack olhava fixamente, de arma em punho. Sua boca abriu-se ao máximo, redonda, fechou-se e tomou a se abrir no meio do brilhante nevoeiro. (Ria!"— ouviu Quem, baixo e distante.) Jack ergueu o revólver (Ria!) e disparou três vezes.

Outro membro pairando no ar (trek, trek, trek) claudicou e deixou cair o cilindro. A calçada embaixo começou a se tingir de vermelho.

Quem tirou os binóculos.

— A *máscara contra gases*! — sussurrou Buzz, também de binóculos.

Dover escondera o rosto entre os braços.

Quem soergueu o corpo e olhou sem os binóculos: na estreita ponte deserta um ciclista de azul claro avançava vacilante ao longe, já na metade, perseguido por um membro no ar a curta distância.

Os outros dois, mortos ou moribundos, rodopiavam lentamente no ar, à deriva. Os de cruz vermelha na túnica tinham formado agora uma fila da largura da ponte, um deles ajudando a levantar uma mulher de amarelo ao lado de uma bicicleta caída, tomando-a pelos ombros e levando-a de volta à praça.

O ciclista parou e olhou a fila de membros de cruz vermelha na túnica, depois virou-se e curvou-se sobre a parte da frente da bicicleta. O membro no ar aproximou-se rápido e fez pontaria com a arma: uma grossa pluma branca emergiu dela e envolveu o ciclista.

Quem pôs os binóculos.

Jack, com o rosto coberto pela máscara cinzenta contra gases, apoiado do lado esquerdo no meio do nevoeiro brilhante, colocava uma bomba na ponte. Depois saiu pedalando, derrapou, escorregou e caiu. Ergueu-se sobre um braço, com a bicicleta imóvel entre as pernas. A sacola, arremessada fora da cesta, estava ao lado da bomba.

— Oh Cristo e Wei — exclamou Buzz.

Quem tirou os binóculos, olhou para a ponte e depois começou a enrolar, bem firme, pelo meio, a alça de enfiar no pescoço.

— Quantos? — perguntou Dover, fitando-o.

— Três — respondeu Quem.

A explosão foi luminosa, violenta e demorada. Quem viu Ria afastando-se da ponte, conduzida pelo membro de cruz vermelha na túnica. Ela não se virou para trás.

Dover, agora ajoelhado e contemplando a cena, voltou-se para Quem.

—A sacola inteira dele — explicou Quem. — Ele estava bem ao lado.

Guardou os binóculos na sacola e puxou o fecho.

— Temos de dar o fora daqui. Guarde os seus, Buzz. Venham.

Pretendia não olhar mais para baixo, mas antes de abandonar o declive não resistiu e olhou.

O meio da ponte estava negro e entulhado de pedras. As partes laterais tinham desmoronado. Uma roda de bicicleta jazia no chão fora da área enegrecida, além de outras coisas menores, rumo às quais os membros de cruz vermelha na túnica adiantavam-se lentamente. Farrapos azuis claros espalhavam-se sobre a ponte e flutuavam nas águas do rio.

Reuniram-se de novo a Karl e contaram-lhe o que tinha acontecido. Os quatro montaram nas bicicletas e pedalaram alguns quilômetros em direção

ao sul, entrando no parque. Descobriram um riacho, saciaram a sede e se lavaram.

— E agora, vamos voltar? — perguntou Dover.

— Não — disse Quem, — todos não.

Olharam para ele.

— Eu disse que voltaríamos — explicou, — porque se alguém fosse capturado, eu queria que ele acreditasse e confessasse isso quando o interrogassem. Como provavelmente Ria está fazendo neste momento.

Pegou o cigarro que passava de mão em mão, malgrado o risco do cheiro do fumo chegar até longe, deu uma tragada e entregou-o a Buzz.

— *Um* de nós vai voltar — continuou. — Pelo menos espero que seja apenas um... pra soltar uma bomba ou duas daqui até a costa, tomar a lancha e dar a impressão de que nos mantivemos fiéis ao plano. Os outros se esconderão no parque, procurando uma maneira de se aproximar o mais possível de ’001 e localizar o túnel dentro de duas semanas no máximo.

— Boa — apoiou Dover.

— Nunca vi cabimento numa desistência tão fácil assim — concordou Buzz.

— Será que dá pra fazer tudo com três? — perguntou

Karl.

— A gente só descobre tentando — retrucou Quem. — E em seis, será que daria? Talvez pudesse ser feito por um e talvez nem por doze. Mas depois de chegar até aqui, raios me partam se não hei de descobrir.

— Conte comigo — disse Karl. — Perguntei por perguntar.

— Comigo também — disse Buzz.

— E comigo idem — disse Dover.

— Ótimo — exclamou Quem. — Três têm melhores possibilidades do que um, quanto a isso eu tenho certeza. Karl, quem vai voltar é você.

Karl olhou para ele.

— Por que logo eu? — perguntou.

— Porque você tem quarenta e três anos. Desculpe, irmão, mas não me ocorre nenhum outro critério válido pra decisão.

— Quem — interveio Buzz, — creio que é melhor lhe avisar: a minha perna está doendo muito há várias horas. Pra mim, tanto faz voltar como continuar, mas... bem, achei que você devia saber.

Karl passou o cigarro a Quem. Estava reduzido a uns dois centímetros. Esmigalhou-o no chão.

— Está certo, Buzz, então é melhor você voltar — disse.

— Mas antes faça a barba. Convém que todos se barbeiem, pra eventualidade de se encontrar alguém.

Barbearam-se e depois Quem e Buzz traçaram um caminho para Buzz chegar ao lado mais perto da costa, a cerca de trezentos quilômetros de distância. Ele jogaria uma bomba no aeroporto em ’00015 e outra quando se encontrasse já próximo ao mar. Guardou mais duas, para qualquer imprevisto, e entregou as outras a Quem.

— Tendo sorte, você estará numa lancha amanhã de noite — disse Quem. — Tome cuidado pra que ninguém veja você sair nela. Diga a Júlia, e a Lilás também, que ficaremos escondidos por duas semanas no mínimo, talvez mais.

Buzz apertou a mão de todos, desejou-lhes felicidades, tomou a bicicleta e partiu.

— Vamos ficar aqui mesmo provisoriamente, nos revezando pra dormir um pouco — disse Quem. — Hoje à noite iremos buscar bolos e túnicas na cidade.

— Bolos — suspirou Karl.

— Serão duas semanas bem longas — comentou Dover.

— Não serão, não — retrucou Quem. — Isso foi para o caso que ele fosse capturado. Seguiremos com o plano dentro de quatro ou cinco dias.

Cristo e Wei — exclamou Karl, sorrindo. — Como você é precavido, hem?

3

Ficaram dois dias naquele lugar — dormindo, comendo, fazendo a barba, treinando luta, brincando com jogos de palavras infantis, conversando sobre governo democrático, sexo e os pigmeus das selvas equatoriais — e no terceiro dia, domingo, partiram de bicicleta rumo ao norte. Pararam nas imediações de ’00013 e subiram o declive que dominava a praça e a ponte. Esta já fora parcialmente consertada e vedada por barreiras. Filas de ciclistas cruzavam a praça nos dois sentidos. Não se viam médicos, nem controles, helicóptero ou carros. No lugar anteriormente ocupado pelo helicóptero tinha um retângulo de calçamento cor-de-rosa recente.

No começo da tarde passaram por ’001 e avistaram ao longe a cúpula branca de Uni à beira do Lago da Fraternidade Universal. Esconderam-se no parque do lado oposto da cidade.

Na noite seguinte, ao entardecer, depois de ocultar as bicicletas num buraco dissimulado por galhos e levando as sacolas no ombro, cruzaram um controle no limite extremo do parque, saindo nas encostas cobertas de relva próximas ao Monte Amor. Caminhavam a passos largos, de sapatos e túnicas verdes, com binóculos e máscaras contra gases penduradas ao pescoço. Iam de revólver em punho, mas à medida que escurecia e a encosta tomava-se mais rochosa e irregular, guardaram-no bolso. De vez em quando faziam uma pausa e Quem consultava a bússola à luz da lanterna, protegida com a mão.

Chegando à primeira das três possíveis localizações da entrada do túnel, separaram-se e procuraram por ela, usando as lanternas comedidamente. Não lograram encontrá-la.

Dirigiram-se à segunda, um quilômetro além a nordeste. Uma meia lua assomou ao rebordo da montanha, iluminando-a palidamente. Vasculharam o sopé com todo o cuidado enquanto atravessavam a encosta rochosa que ficava em frente.

A encosta ficou plana, mas somente na faixa que trilhavam — e perceberam que pisavam uma estrada, velha e semeada de moitas. As suas costas ela se embrenhava numa curva pelo parque; à sua frente conduzia a uma dobra na montanha.

Entreolharam-se e sacaram o revólver. Abandonando a estrada adiantaram-se rente à montanha, contornando-a vagarosamente em fila única — primeiro Quem, depois Dover e finalmente Karl —, segurando as sacolas para impedi-las de colidir, e sempre de arma em punho.

Chegaram à dobra e esperaram, encostados à montanha, escutando.

Não vinha nenhum ruído lá de dentro.

Esperaram e escutaram mais um pouco. Depois Quem virou- se para os outros, pôs a máscara contra gases e afivelou-a.

Os outros fizeram o mesmo.

Quem entrou na dobra de revólver em riste. Dover e Karl seguiram atrás.

No interior havia uma clareira espaçosa e lisa. E do lado oposto, no sopé do muro nu da montanha, a abertura negra, redonda e de solo plano, de um vasto túnel.

Parecia completamente desprotegido.

Tiraram as máscaras e examinaram a abertura pelos binóculos. Olharam para o alto da montanha e, avançando alguns passos, contemplaram as paredes côncavas da dobra e o céu oval que a cobria.

— Buzz deve ter-se saído muito bem — comentou Karl.

— Ou muito mal, e foi preso — retrucou Dover.

Quem assestou os binóculos de novo contra a abertura. A borda possuía um brilho transparente e por baixo corria uma vegetação verde rasteira e sem viço.

— Até parece as lanchas na praia — disse. — Tudo tão quieto, escancarado...

— Você acha que este túnel leva de volta à Liberdade? — perguntou Dover.

Karl deu uma risada.

— Pode haver cinquenta armadilhas que só veremos quando for tarde demais — retrucou Quem, tirando os binóculos.

— Talvez Ria não tenha dito nada — opinou Karl.

— Quando você é interrogado num centro médico você diz tudo — replicou Quem. — Mas mesmo que ela não tenha dito, não estaria ao menos fechado? Foi pra isso que trouxemos as ferramentas.

— Decerto ainda está em uso — sugeriu Karl.

Quem ficou olhando a abertura.

— A gente sempre pode recuar — disse Dover.

— Claro — concordou Quem. — Vamos de uma vez.

Olharam em torno, colocaram as máscaras em posição e avançaram devagar pela clareira. Não esguichou nenhum gás, não soou nenhum alarme, nenhum membro com equipamento contra a lei da gravidade apareceu no céu.

Aproximaram-se da abertura e acenderam as lanternas. A luz tremulou lá dentro, clareando a alta abóbada revestida de plástico, alcançando o

fundo, onde a galeria parecia terminar. Ela, porém, dobrava, fazendo um ângulo descendente. Largos e lisos, estendiam-se dois trilhos de aço separados por uns dois metros de rocha negra não plastificada.

Voltaram-se para a clareira e ergueram o olhar para a borda da abertura. Pisaram o interior do túnel, entreolhando-se, depois tiraram as máscaras e farejaram.

— Como é? — perguntou Quem. — Prontos pra ir adiante?

Karl fez que sim e Dover, sorrindo, respondeu:

— Vamos de uma vez.

Hesitaram um pouco e finalmente se adiantaram sobre a rocha negra e uniforme no meio dos trilhos.

— Será que tem bastante ar? — lembrou Karl.

— Se não tiver, a gente recorre às máscaras — respondeu Quem. Assestou a lanterna ao relógio de pulso. — Falta um quarto pras dez. Devemos chegar lá em cima mais ou menos à uma hora.

— Uni estará acordado — disse Dover.

— Até que a gente bote ele pra dormir — retrucou Karl.

O túnel descrevia uma curva e seguia por um suave declive. Os três pararam e olharam — aquela abóbada de plástico que cintilava a perder de vista, fundindo-se com a mais negra escuridão.

— Cristo e Wei — exclamou Karl.

Recomeçaram a andar, com ritmo mais rápido, lado a lado entre os trilhos.

— Devíamos ter trazido as bicicletas — disse Dover. — Podia-se descer sem pedalar.

— Vamos falar o mínimo possível — pediu Quem. — E basta uma lanterna de cada vez. A sua primeiro, Karl.

Caminharam em silêncio, atrás da luz da lanterna de Karl. Tiraram os binóculos, guardando-os nas sacolas.

Quem tinha a sensação de que Uni estava escutando tudo, registrando a vibração de suas pisadas ou o calor de seus corpos. Poderiam vencer as defesas que na certa estavam-se aprontando, dominar os membros e resistir aos gases? (As máscaras adiantariam? Jack teria tombado por terra por recorrer à sua demasiado tarde ou não teria feito a menor diferença se a colocasse antes?)

Bem, não restava mais tempo para dúvidas, disse consigo mesmo. Chegara a hora de levar o plano avante. Enfrentariam tudo o que viesse pela frente, fazendo o possível para localizar as usinas de refrigeração e mandá-las pelos ares.

Quantos membros seriam obrigados a ferir, a matar? Talvez nenhum, pensou. Talvez a ameaça de seus revólveres fosse suficiente para protegê-los. (Contra membros abnegados, vendo Uni em perigo? Não, jamais.)

Bem, tinha que ser: não havia outra alternativa.

Concentrou o pensamento em Lilás — em Lilás e Jan e no quarto que ocupavam em Nova Madri.

O túnel ficou frio, mas o ar continuava perfeitamente respirável.

Avançavam cada vez mais, sob aquela abóbada de plástico que cintilava a perder de vista, fundindo-se na mais densa treva com os trilhos que se estendiam ao longe.

Já estamos aqui, pensou. Vamos conseguir.

Ao cabo de uma hora pararam a fim de descansar. Sentaram nos trilhos, dividindo um bolo entre os três e passando um recipiente de chá de mão em mão.

— Daria meu braço por um pouco de uísque — disse Karl.

— Vou comprar uma caixa inteira pra você quando voltarmos — prometeu Quem.

— Promessa é dívida — disse Karl a Dover.

Ficaram ali alguns minutos, depois levantaram e recomeçaram a caminhar. Dover equilibrava-se num trilho.

— Você parece muito confiante — disse Quem, iluminando-o com a lanterna.

— E estou mesmo — retrucou Dover. — Você não?

— Sim — disse Quem, tornando a virar a lanterna para a frente.

— Eu me sentiria melhor se fossemos seis — retrucou Karl.

— Eu também — concordou Quem.

Dover era engraçado: cobrira o rosto com os braços quando Jack tinha começado a atirar, Quem lembrava-se, e agora, quando eles estariam a qualquer momento abrindo fogo, talvez matando, parecia alegre e despreocupado. Mas talvez fosse apenas disfarce para esconder o nervosismo. Ou então era porque só tinha vinte e cinco ou vinte e seis anos de idade.

Seguiram adiante, trocando as sacolas de ombro.

— Tem certeza de que este troço tem fim? — perguntou

Karl.

Quem iluminou o relógio.

— São onze e meia. Já devemos ter passado da metade. Continuaram andando sob a abóbada de plástico. Estava ficando menos frio.

Pararam de novo quando faltava um quarto para as doze. Mas sentiram-se inquietos e dentro de um minuto levantaram e prosseguiram caminho.

Houve um lampejo no meio da escuridão e Quem puxou do revólver.

— Espere — aconselhou Dover, pegando-o pelo braço, — é a *minha* lanterna. Veja! — apagou-a e acendeu-a várias vezes, e o lampejo na escuridão fazia o mesmo. — Chegamos ao fim. Ou então há alguma coisa nos trilhos.

Avançaram mais rápido. Karl também empunhou o revólver. O lampejo, deslocando-se de leve, para cima e para baixo, parecia guardar sempre a mesma distância, pequeno e quase imperceptível.

— Ele está-se afastando de nós — disse Karl.

Mas aí então, abruptamente, ficou mais claro e bem perto.

Os três pararam e colocaram as máscaras, afivelando-as e seguindo adiante.

Em direção a um disco de aço, a uma parede que selava o túnel até a borda.

Aproximaram-se, mas não tocaram nela. Perceberam que abria para cima: faixas de riscos verticais afiados percorriam-na de alto a baixo e a parte inferior estava modelada para encaixar nos trilhos.

Tiraram as máscaras e Quem encostou o relógio à lanterna de Dover.

— Vinte pra uma — disse. — Viemos rápido.

— A não ser que continue do outro lado — retrucou Karl.

— Só você mesmo pra pensar numa coisa dessas — disse Quem, embolsando o revólver e tirando a sacola do ombro. Colocou-a no chão, ajoelhou-se ao lado sobre uma perna e abriu o fecho,

— Chega a luz mais perto, Dover. Não toque aí, Karl.

Karl, examinando a parede, perguntou:

— Você acha que está eletrificada?

— Dover? — chamou Quem.

— Não se movam — disse Dover.

Ele tinha recuado alguns metros no interior do túnel e mantinha a lanterna em cima dos dois. A ponta do seu raio laser sobressaía na luz.

— Não precisam ter medo que ninguém vai machucar vocês — disse ele. — Esses revólveres estão descarregados. Solte o seu, Karl. Quem, me mostre as suas mãos, depois coloque-as na cabeça e levante-se.

Quem olhava fixamente acima da luz. Havia uma linha que reluzia o cabelo louro bem curto de Dover.

— Isto é brincadeira ou o quê? — perguntou Karl.

— Largue a arma, Karl — repetiu Dover. — E ponha a sacola no chão também. Quem, me mostre as mãos.

Quem exibiu as mãos vazias, colocou-as na cabeça e levantou- se. O revólver de Karl caiu com estrondo nas pedras e a sacola produziu um som cavo.

— O que vem a ser isto? — exclamou, e para Quem: — Que que ele está fazendo.

— E um *espion*.

— Um quê?

Lilás tinha razão. Um *espion* no grupo. Mas *Dover*! Era inconcebível. Não podia ser.

— Mãos na cabeça, Karl — ordenou Dover. — Agora virem de costas, todos os dois, de frente pra parede.

— Seu filho da luta — rosnou Karl.

Viraram as costas, enfrentando a parede de aço com as mãos na cabeça.

— Dover — disse Quem. — Por Cristo e Wei...

— Desgraçado — rosnou Karl.

— Ninguém vai machucar vocês — repetiu Dover.

A parede subiu e diante deles se abriu uma sala comprida, de muros de concreto. Os trilhos iam até a metade e depois terminavam. Havia um par de portas de aço na extremidade oposta.

— Seis passos em frente e parem — ordenou Dover. — Caminhem de uma vez. Seis passos.

Deram seis passos em frente e pararam.

Os encaixes das alças das sacolas tilintaram atrás deles.

— A arma continua apontada pra vocês — preveniu Dover.

A voz vinha mais de baixo: estava agachado. Os dois se entreolharam: Karl com uma expressão interrogativa, mas Quem sacudiu a cabeça.

— Muito bem — disse Dover, a proveniência da voz revelando que já se tinha levantado. — Avançou em linha reta.

Percorreram a sala de muros de concreto e as portas de aço ao fundo se abriram de par em par. Surgiu uma parede de azulejos brancos.

— Entrem e dobrem à direita — ordenou Dover.

Cruzaram o limiar e dobraram à direita. Um longo corredor de azulejos brancos estendia-se à sua frente, terminando numa porta simples de aço, onde havia um controle no canto. A parede à direita do corredor era toda de azulejos. A da esquerda estava entremeada de dez ou doze portas de aço, a intervalos regulares, cada uma com controle próprio a cerca de dez metros de distância entre si.

Quem e Karl percorreram lado a lado o corredor com as mãos na cabeça. *Dover!* pensou Quem. A primeira pessoa que se lembrara de procurar! E por que não? Ele parecia tão ferozmente anti-Uni aquele dia na lancha do S.I.! Fora Dover que tinha dito a ele e Lilás que Liberdade era uma prisão, que Uni os deixara chegar até lá!

— Dover! — exclamou. — Como é possível que você...

— Não pare — disse Dover.

— Você não está embrutecido, não está sob tratamento!

— Não.

— Então... *como?* Porquê?

— Daqui a pouco você vai entender.

Aproximaram-se da porta ao fundo do corredor, que subitamente se abriu. Outro corredor estendeu-se à sua frente: mais largo, menos profusamente iluminado, com paredes escuras, sem azulejos.

— Continuem caminhando — mandou Dover.

Cruzaram o limiar e pararam, de olhos esbugalhados.

— Passem de uma vez —insistiu Dover.

Foram adiante.

Que espécie de corredor era este? O soalho estava atape- tado, com um tapete dourado mais grosso e macio do que qualquer outro que Quem

jamais vira ou pisara. As paredes, de madeira polida lustrosa, tinham portas numeradas *(12,11)* com maçanetas de ouro de ambos os lados. Pendiam quadros entre as portas, belos quadros, sem duvidada Pré-U: uma mulher sentada de mãos cruzadas, sorrindo com astúcia; uma cidade rodeada de montanhas com edifícios cheios de janelas sob um estranho céu de nuvens negras; um jardim; uma mulher reclinada; um homem de armadura. O ar estava impregnado de um aroma agradável: penetrante, seco, impossível de definir.

— Onde *estamos*? — perguntou Karl.

— Em Uni — respondeu Dover.

Diante deles havia uma porta aberta, dando passagem a uma sala de cortinas vermelhas.

— Não parem — disse Dover.

Cruzaram o limiar e entraram na sala de cortinas vermelhas. Ela se alargava para ambos os lados e estava cheia de membros, de pessoas sentadas, sorrindo e que começaram a rir, a se levantar, alguns até aplaudindo; gente moça, gente velha, que se erguia das poltronas e sofás, rindo e aplaudindo, sem parar — *todos estavam aplaudindo!* Quem sentiu um puxão no braço — era Dover, rindo — e virou-se para Karl, que olhava para ele, estupefato. E todos continuavam a aplaudir, homens e mulheres, cinquenta, sessenta pessoas, de aspeto alerta e lúcido, vestidos com túnicas de seda e não de paplão, verdes-douradas- azuis-brancas-roxas. Uma mulher alta e bonita. Um homem de tez negra. Uma mulher parecida com Lilás. Um homem de cabelo branco que devia ter mais de noventa anos. Aplaudindo, aplaudindo, rindo, aplaudindo...

Quem se virou.

— Não é sonho, não — disse Dover, com um vasto sorriso. E para Karl:

— É a pura realidade.

— Mas *o que* é isto? — perguntou Quem. — Que ódio é isto? Quem é esta gente?

— São os *programadores*, Quem — explicou Dover, rindo.

— E é isto o que *vocês* também vão ser! Ah, se vocês pudessem ver a cara que estão fazendo!

Quem olhou fixamente para Karl e depois para Dover outra vez.

— Cristo e Wei, o que é que você está dizendo? Os programadores já *morreram!* Uni... funciona sozinho, não precisa de...

Dover estava olhando por cima do seu ombro, sorrindo. Baixara um silêncio absoluto sobre a sala inteira.

Quem virou-se.

Um homem com uma máscara sorridente, parecido com Wei, (estaria sonhando?) aproximava-se num passo elástico que agitava a túnica de seda vermelha e gola alta.

— Não existe nada que funcione sozinho — declarou, numa voz esganiçada mas imperiosa, os lábios sorridentes da máscara movendo-se como se fossem de verdade. (Mas seria uma máscara mesmo... aquela pele amarela esticada sobre os angulosos ossos faciais, os brilhantes olhos amendoados, os ralos cabelos brancos na calva reluzente?) — Você deve ser Quem, o do olho verde — disse, rindo e estendendo-lhe a mão. — E preciso que me diga o que havia de errado com o nome Li que levou você a mudá-lo.

Estalaram risadas em torno deles.

A mão estendida tinha colorido normal e jovem. Quem apertou-a (estou *enlouquecendo*, pensou), sentindo o impacto dos dedos fortes espremendo-lhe as juntas, causando-lhe uma dor instantânea.

— E você é Karl — disse o homem, voltando-se e estendendo novamente a mão. — Se você tivesse mudado de nome eu compreenderia.

As risadas aumentaram.

— Aperte a mão — insistiu, sorridente — Não tenha medo.

Karl, de olhos arregalados, obedeceu.

— O senhor é... — gaguejou Quem.

— Wei — confirmou o homem, piscando os olhos amendoados. — Daqui pra cima, bem entendido.

Indicou a gola alta da túnica.

— Daqui pra baixo — continuou, — sou vários outros membros, principalmente Jesus RE, o vencedor do decatlo de 163. — Sorriu para os dois. — Vocês nunca bateram bola quando crianças? — perguntou. — Nunca pularam corda? “Marx, Wood, Wei e Cristo, todos mártires, Wei a exceção.” Continua sendo verdade, como vêem. “Pela própria boca dos inocentes.” Venham, sentem-se, vocês devem estar cansados. Por que não usaram os elevadores, como todo mundo faz? Dover que bom que você voltou. Você se portou muito bem, menos naquele negócio pavoroso da ponte em ’013.

Sentaram em poltronas vermelhas, fundas e confortáveis, tomaram vinho branco, de gosto ácido, em taças cintilantes, comeram cubos de carne e peixe, docemente condimentados, e sabe-lá-mais-o-quê servido em delicados pratos brancos por membros jovens que sorriam, cheios de admiração — e enquanto deixavam-se ficar sentados a beber e a comer, conversavam com Wei.

Com Wei!

Que idade poderia ter aquela cabeça amarela de pele esticada, vivendo e falando em seu ágil corpo vestido de túnica vermelha que estendia desembaraçadamente o braço para pegar um cigarro e cruzava as pernas com tanta naturalidade? O último aniversário de seu nascimento tinha sido qual... o duocentésimo sexto, o duocentésimo sétimo?

Wei morrera aos sessenta anos, vinte e cinco anos depois da Unificação. Gerações antes da construção de Uni, que fora programado por seus “herdeiros espirituais.” Que faleceram, naturalmente, aos sessenta e dois anos. Pelo menos foi o que disseram à Família.

E ali estava ele, sentado, bebendo, comendo, fumando. Homens e mulheres parados em pé escutavam ao redor do grupo de poltronas. Ele não parecia notá-los.

— As ilhas já serviram pra tudo — disse ele. — A princípio foram os baluartes dos primeiros incuráveis. Depois, como você mesmo definiu, “pavilhões de isolamento” pra onde deixávamos, mais tarde, os incuráveis “fugir”, embora não fossemos tão bondosos a ponto de fornecer lanchas naquele tempo.

Sorriu e deu uma tragada no cigarro.

— Mas finalmente servem de parques de vida selvagem, onde líderes inatos podem surgir e revelar-se, exatamente como aconteceu com vocês. Hoje fornecemos lanchas e mapas, de uma maneira um tanto tortuosa, e “pastores” que nem Dover, que acompanham os membros durante o regresso e impedem o máximo de violência possível. E impedem, naturalmente, a derradeira violência pretendida, a destruição de Uni... embora o mostruário dos visitantes seja o alvo habitual, de modo que não há realmente nenhuma espécie de perigo.

— Eu não sei onde estou — retrucou Quem.

Karl, espetando um cubo de carne com pequeno garfo de ouro, disse:

— Dormindo no parque.

Os homens e as mulheres mais próximas riram.

Wei sorriu.

— Sim, tenho certeza de que é uma descoberta desconcertante. O computador que vocês julgavam que fosse o imutável e incontrolável

déspota da Família não passa, em realidade, de escravo da Família, controlado por membros iguais a vocês... empreendedores, previdentes e solícitos. Seus objetivos e modos de agir mudam continuamente, de acordo com as decisões de um Conselho Supremo e quatorze secundários. Nós gozamos de regalias, como vêem, mas temos responsabilidades que as justificam plenamente. Amanhã vocês começarão o treinamento. Mas agora — curvou-se para frente e esmagou o cigarro no cinzeiro, — já está muito tarde, graças à predileção de vocês pelos túneis. Serão conduzidos a seus aposentos. Espero que os achem dignos da longa caminhada.

Sorriu e levantou-se. Os dois fizeram o mesmo. Apertou a mão de Karl:

— Parabéns, Karl.

E a de Quem.

— E pra você também, Quem. Nós desconfiávamos que mais cedo ou mais tarde você viria. Estamos contentes por não nos ter decepcionado. Quero dizer, eu estou. É difícil não falar como se Uni também tivesse emoções.

Ele se retirou e as pessoas formaram uma aglomeração em torno de ambos, apertando-lhes a mão e dizendo:

— Parabéns, nunca pensei que vocês conseguissem chegar antes do Dia da Unificação; é horrível, não é, quando a gente entra aqui e encontra todo mundo esperando; parabéns, vocês vão-se acostumar antes que, parabéns.

O quarto era espaçoso e azul claro, com uma vasta cama macia azul clara cheia de travesseiros, um enorme quadro de nenúfares flutuantes, uma mesa com pratos e garrafas encobertos, poltronas verde-escuro, e um jarro de crisântemos brancos e amarelos em cima de uma longa cômoda baixa.

— Que beleza — comentou Quem. — Obrigado.

A moça que o trouxera, um membro de aspecto comum, que devia ter uns dezesseis anos mais ou menos, vestida de paplão branco, disse:

— Sente-se pra eu tirar os seus...

Apontou para os pés dele.

— Sapatos — explicou, sorrindo. — Não. Obrigado, irmã. Eu posso tirar sozinho.

— Filha — corrigiu ela.

— Filha?

— Os programadores são nossos Pais e Mães.

— Ah. Está certo. Obrigado, filha. Você já pode ir.

Ela pareceu surpresa e magoada.

— Eu tenho de ficar aqui pra cuidar de você — disse.

— Nós duas.

E acenou para a porta do outro lado da cama. A luz estava acesa e ouvia-se o rumor de água corrente.

Quem foi ver o que era.

Havia um banheiro azul claro, amplo e brilhante. Outro membro adolescente, de paplão branco, estava ajoelhada ao pé da banheira que se enchia de água, mexendo com a mão dentro. Ela voltou-se, sorriu e disse:

— Olá, Pai.

— Olá — disse Quem.

Ficou parado com a mão no umbral e virou-se para a primeira garota — que puxava para trás as cobertas da cama — e contemplou de novo a

segunda. Ela sorriu-lhe, ajoelhada. Continuou parado com a mão no umbral.

Filha — completou.

4

Estava sentado na cama — acabara de tomar o café da manhã e tinha estendido a mão para apanhar um cigarro — quando bateram na porta. Uma das garotas foi atender e Dover entrou, sorridente, limpo e cheio de vitalidade em sua túnica de seda amarela.

— Que tal está achando, irmão? — perguntou.

— Bastante bom — respondeu Quem, — Bastante bom.

A outra garota acendeu-lhe o cigarro, levou a bandeja do café e perguntou se ele não queria mais.

— Não, obrigada. Você aceita uma xícara?

— Não, obrigado — disse Dover, sentando-se e reclinando- se numa das poltronas verde-escuro, com os cotovelos sobre os braços, as mãos cruzadas na barriga, as pernas espichadas. Sorriu para Quem.

— Já se refez do choque?

— Ódio, não.

— É um costume já tradicional — explicou. — Você vai-se divertir quando chegar o próximo grupo.

— Acho uma crueldade, uma autêntica crueldade.

— Espere só, você há de rir e aplaudir como todo mundo. Com que frequência chegam os grupos?

— Às vezes leva anos, às vezes é de mês em mês. A média é mais ou menos uma pessoa por ano.

— E você estava o tempo todo em contato com Uni, seu filho da luta?

Dover sacudiu a cabeça e sorriu.

— Através de um telecomputador do tamanho de uma caixa de fósforos. Pra ser franco, foi onde o guardei.

— Cretino — disse Quem.

A garota já levara a bandeja embora. A outra trocou o cinzeiro da mesa de cabeceira, apanhando a túnica que deixara sobre o encosto de uma poltrona, e foi ao banheiro. Fechou a porta.

Dover seguiu-a com os olhos, depois virou-se para Quem com ar irônico.

— Boa noite? — perguntou.

— Hum-hum. Imagino que elas não estejam sob tratamento.

— Não, em todos os sentidos, quanto a isso não há dúvida. Espero que você não fique ressentido comigo por eu não ter insinuado nada durante o caminho. As normas são estritas: ajudar apenas no que for necessário, não fazer sugestões, nem nada; conservar-se tão neutro quanto possível e procurar impedir matanças. Eu não devia ter vindo com aquela conversa na lancha... a respeito de Liberdade ser uma prisão... mas eu estava lá há dois anos e ninguém sequer *pensava* em tentar alguma coisa. Pode imaginar como eu já andava impaciente.

— Sim, claro que posso — disse Quem.

Bateu a ponta do cigarro no imaculado cinzeiro branco.

— Eu preferiria que você não tocasse nesse assunto com Wei — sugeriu Dover. — Você vai almoçar com ele à uma hora.

— Karl também.

— Não, só você. Acho que ele o marcou pra entrar pro Conselho Supremo. Eu virei buscá-lo dez minutos antes. Lá dentro há uma navalha... um troço semelhante a uma lanterna. De tarde nós iremos ao centro médico, pra começar a depilação geral.

— Há centro médico aqui?

— Há — respondeu Dover. — Centro médico, biblioteca, ginásio, piscina, teatro... até um jardim que você seria capaz de jurar que está lá em cima no alto. Eu lhe mostro tudo mais tarde.

— E é aqui que nós... ficamos?

— Todos, menos nós, pobres pastores. Eu terei de ir pra outra ilha, mas só daqui a seis meses, no mínimo, graças a Uni.

Quem apagou o cigarro. Esmigalhou-o por completo.

— E se eu não quiser ficar? — disse.

— Não *quiser?*

— Tenho mulher e filho, lembre-se.

— Ora, uma porção de gente também tem — retrucou Dover. — Você tem uma obrigação muito maior aqui, Quem. Uma obrigação para com toda a Família, *inclusive* os membros das ilhas.

— Bela obrigação. Túnicas de seda e duas garotas ao mesmo tempo.

— Isso foi só pra ontem à noite. Hoje você pode-se dar por feliz se conseguir uma — endireitou o corpo. — Olha, eu sei que há... atrações laterais aqui que tornam tudo meio... discutível. Mas a Família precisa de Uni. Pense um pouco como eram as coisas em Liberdade! E ela precisa de programadores isentos de tratamento pra manobrar a Uni e... ora, Wei há de explicar isso melhor do que eu. E, seja como for, a gente usa paplão um dia da semana. E come bolos.

— Um dia inteiro? Não diga!

— Está bem, O.K. — disse Dover, levantando-se.

Dirigiu-se a uma poltrona onde estava a túnica verde de

Quem, pegou-a e apalpou os bolsos.

— Tem tudo aqui? — perguntou.

— Sim — respondeu Quem. — Inclusive algumas fotos que eu gostaria de guardar.

— Desculpe-me, mas você não pode guardar nada do que trouxe. É outra norma — juntou os sapatos de Quem do soalho, ficou parado e olhou para ele. — No começo todo mundo sente uma certa insegurança. Você ficará orgulhoso de ficar aqui depois que adquirir uma perspectiva justa das coisas. É uma obrigação.

— Vou procurar lembrar-me.

Bateram na porta e a garota que levara a bandeja entrou com túnicas de seda azul e sandálias brancas. Deixou-as ao pé da cama.

— Se você quiser paplão a gente pode dar um jeito — sugeriu Dover, sorrindo.

A garota olhou para ele.

— Ódio, não — recusou Quem. — Acho que sou tão digno de usar seda como todo mundo que anda por aqui.

— Você é — concordou Dover. — Você é, Quem. Até às dez pra uma, O.K.?

Encaminhou-se à saída sobraçando a túnica verde, com os sapatos na mão. A garota apressou-se em abrir-lhe a porta.

— Que aconteceu a Buzz? — perguntou Quem.

Dover parou e voltou-se, com ar de pesar.

— Ele foi capturado em ’015.

— E submetido a tratamento?

Dover acenou afirmativamente com a cabeça.

— Outra norma — disse Quem.

Dover acenou de novo, virou as costas e foi embora.

Havia bifes bem finos, cozidos num molho escuro levemente condimentado, minúsculas cebolas tostadas, um legume amarelo em fatias que Quem não tinha visto em Liberdade — abóbora, informou Wei — e vinho rosado, menos saboroso que o branco da véspera. Comeram com facas e garfos de ouro, em pratos de largas beiras douradas.

Wei, de seda cinza, comia depressa, cortando o bife, metendo o garfo na boca de lábios enrugados e mastigando apenas o suficiente antes de engolir e levantar o garfo outra vez. De vez em quando fazia uma pausa, tomava vinho e comprimia o guardanapo amarelo aos lábios.

— Essas coisas existiram — disse. — Qual seria a vantagem de destruí-las?

A sala era ampla e ricamente decorada em estilo Pré-U: brancos, dourados, laranjas, amarelos. A um canto, dois membros de túnica branca aguardavam ao lado de uma mesa móvel de servir.

— Claro que a princípio parece errado — continuou Wei, — mas as decisões finais têm que ser tomadas por membros isentos de tratamento, que não podem, nem devem, viver à custa de bolos, televisão e *Marx Escrevendo*.

Sorriu.

— Nem mesmo de *Wei Discursando aos Quimioterapeutas* — disse, metendo uma garfada de bife na boca.

— Por que a Família não pode tomar decisões por si mesma? — perguntou Quem.

Wei mastigou e engoliu.

— Porque não tem condições — respondeu. — Quer dizer, condições racionais. Isenta de tratamento, ela fica... bem, você teve uma amostra na ilha: fica mesquinha, tola e agressiva, levada em geral mais pelo egoísmo do que por qualquer outra coisa. Egoísmo e medo.

Pôs cebolas na boca.

— Ela realizou a Unificação — disse Quem.

— Hum, sim, mas depois de quanta luta! E que estrutura precária tinha a Unificação antes de a reforçarmos com os tratamentos! Não, a Família precisa de ajuda pra alcançar a plena humanidade... hoje por meio de tratamentos, amanhã através da engenharia genética... e temos que tomar decisões por ela. Os que dispõem de recursos e inteligência têm até o dever de tomar. Eximir-se seria uma traição contra a espécie.

Meteu uma garfada de bife na boca, levantou a outra mão e acenou.

— E faz parte do dever — perguntou Quem — matar os membros aos sessenta e dois anos?

— Ah, *isso* — retrucou Wei, sorrindo. — Sempre uma questão fundamental, colocada nos termos mais rigorosos.

Os dois membros se aproximaram, um com a garrafa de vinho, o outro com uma travessa de ouro que segurou ao lado de Wei.

— Você está considerando a situação sob um ponto de vista único — continuou Wei, pegando o garfo e uma colher grande e levando um bife da bandeja, escorrendo molho. — O que você não leva em conta é o número incalculável de membros que morreriam antes dos sessenta e dois se

faltasse a paz, estabilidade e bem-estar que nós proporcionamos. Pense um pouco na massa, não nos indivíduos que a compõem.

Colocou o bife em seu prato.

— Nós acrescentamos muito mais anos à longevidade da Família do que subtraímos. Muito, muito mais. — pegou a colher, cobriu o bife de molho e serviu-se de cebolas e abóbora.

— Quem?

— Não, obrigado.

Quem cortou um pedaço da metade do bife que ainda tinha no prato. O membro que segurava a garrafa tornou a encher-lhe o copo.

— A propósito — disse Wei, cortando o bife, — o verdadeiro tempo da morte atualmente aproxima-se mais de sessenta e três do que de sessenta e dois. E aumentará cada vez mais, à medida que a população da Terra for-se reduzindo gradativamente.

Encheu a boca de bife.

Os membros retiraram-se.

Os membros que não nascem estão incluídos em seu balanço de anos acrescentados e subtraídos?

— Não — respondeu Wei, sorrindo. — Não somos tão irrealistas assim. Se esses membros de fato nascessem, não haveria mais estabilidade, nem bem-estar e, com o correr do tempo, nem Família.

Pôs abóbora na boca, mastigou e engoliu.

— Não espero que você mude de ideias com um único almoço — disse. — Olhe por aí, fale com o pessoal, pesquise na biblioteca... principalmente nas estantes de História e Sociologia. Eu efetuo conferências sem formalismo algumas noites por semana... quem já foi

professor, nunca deixa de sê-lo... das quais às vezes participo, debato, discuto.

— Eu deixei mulher e filho de colo em Liberdade — lembrou Quem.

— Donde deduzo — contrapôs Wei com um sorriso, — que não tinham tanta importância assim pra você.

— Eu contava voltar pra lá.

— Em último caso, sempre se pode tomar providências pra que não lhes falte nada. Dover me disse que você já havia tratado disso.

— Terei permissão pra voltar? — perguntou Quem.

— Você nem vai querer — respondeu Wei. — Terminará reconhecendo que nós estamos com a razão e que a sua responsabilidade é aqui. — Bebeu vinho e secou os lábios com o guardanapo.

— Se estivermos equivocados em relação a certos pormenores, um dia você pode sentar-se no Conselho Supremo e corrigi-los. Está, por acaso, interessado em arquitetura ou planejamento urbano?

Quem olhou para ele durante algum tempo.

— Já pensei uma ou duas vezes em projetar edifícios.

— Uni acha que você devia participar atualmente do Conselho de Arquitetura. Faça-lhe uma visita. Consulte Madhir, que é o diretor.

Pôs cebolas na boca.

— Eu de fato não sei nada... — disse Quem.

— Pode aprender, se estiver interessado — retrucou Wei, cortando o bife. — Há tempo de sobra.

Quem olhou para ele.

— E — concordou. — Parece que os programadores vivem sessenta e dois anos. Até mesmo mais que sessenta e três.

— Os membros excepcionais precisam ser preservados ao máximo. Para o bem da Família — encheu a boca de bife e mastigou, fitando Quem com os olhos amendoados. — Quer saber de uma coisa incrível? É quase certo que a sua geração de programadores viverá indefinidamente. Não é fantástico? Nós, os velhos, morreremos mais cedo ou mais tarde... os médicos dizem que talvez não, mas Uni afirma que sim. Vocês, os jovens, com toda a probabilidade não morrerão. Jamais.

Quem pôs um pedaço de bife na boca e mastigou-o devagar.

— Imagino que seja uma ideia perturbadora. Ela ficará mais sedutora à medida que você envelhecer.

Quem engoliu o que tinha na boca. Olhou para Wei, fitou o seu peito de seda cinza e tomou a encará-lo.

— Aquele membro — disse. — O vencedor do decatlo. Ele morreu de morte natural ou foi assassinado?

— Foi assassinado. Com sua permissão, espontânea, podia dizer até insistente.

— Evidente. Estava sob tratamento.

— Um atleta? Fazem muito pouco. Não, ele se sentiu orgulhoso em se tornar... unido a mim. Sua única preocupação era se eu iria mantê-lo em forma... bastante justificada, aliás. Você verá como as crianças, os membros comuns que vivem aqui, competem entre si pra ceder partes do próprio corpo pra transplantes. Se você quiser substituir esse olho, por exemplo, vão se meter a toda hora no seu quarto pra implorar a honra.

Pôs abóbora na boca.

Quem remexeu-se no assento.

— Meu olho não incomoda. Eu gosto dele.

— Pois não devia gostar. Se fosse um defeito irreparável, então seria normal que se conformasse com ele. Mas uma imperfeição que pode ser remediada? Isso *nunca* se deve aceitar — cortou o bife. — Todos nós devemos ter objetivo único... a perfeição. Ainda não chegamos lá, mas um dia chegaremos: uma Família tão geneticamente aperfeiçoada que os tratamentos se tornarão dispensáveis; um corpo de programadores eternamente vivos para que as ilhas também possam ser unificadas; perfeição na Terra, cada vez mais "para o alto, para o alto, até atingir as estrelas".

O garfo, com um pedaço de bife, hesitou diante dos lábios. Perdeu o olhar na distância.

— Sonhei com isto quando era moço: um universo dos brandos, dos solícitos, dos amorosos, dos altruístas. Não hei de morrer sem vê-lo. Não hei de morrer sem vê-lo.

Dover conduziu Quem e Karl através do complexo nessa tarde — mostrou-lhes a biblioteca, o ginásio, a piscina e o jardim (Cristo e Wei. *Esperem pra ver o Pôr-do-sol* e as *Estrelas*); o auditório de música, o teatro, os salões; o refeitório e a cozinha ("Sei lá, de um lugar qualquer", respondeu um membro que observava os demais a retirar montes de alface e limões de um carrinho de aço. "Tem tudo o que a gente precisa" — acrescentou, sorrindo. — "Pergunte a Uni".) Havia quatro pavimentos, transpostos por pequenos elevadores e estreitas escadas rolantes. O centro médico era no bem de baixo. Dois médicos chamados Boro-viev e Rosen, jovens de movimentos ágeis e rosto enrugado e velho como o de Wei, deram-lhes boas-vindas, examinaram ambos e aplicaram-lhes infusões.

— Podemos substituir esse olho num instante, sabe? — disse Rosen a Quem.

— Eu sei. Obrigado, mas ele não incomoda.

Nadaram na piscina. Dover foi nadar com uma mulher bonita e alta que Quem tinha notado aplaudindo na véspera, e ele e Karl sentaram na beira da piscina, observando o casal.

— Que é que você está achando? — perguntou Quem.

— Não sei —respondeu Karl. — Estou contente, lógico, e Dover diz que é tudo necessário e que temos o dever de ajudar, mas... não sei. Ainda que eles estejam manobrando o Uni, é sempre o Uni, não é?

— É. É oque eu também acho.

— Teria havido um rebuliço danado lá em cima se tivesse saído como planejamos, mas no fim tudo ia acabar mais ou menos do mesmo jeito — sacudiu a cabeça. — Eu sinceramente não sei, Quem. Qualquer sistema que a Família inventasse por conta própria com certeza resultaria bem menos eficiente do que Uni, do que este pessoal aí. Isso você não pode negar.

— Não, realmente.

— Não é fantástica a longevidade que eles têm? Ainda não me acostumei com o fato que... olha só aqueles seios! Cristo e Wei.

Uma mulher de pele clara e seios redondos mergulhou na piscina no lado oposto.

— Depois a gente conversa mais, O.K.? — disse Karl, escorregando para dentro d’água,

— Claro, há tempo de sobra — concordou Quem.

Karl sorriu-lhe, bateu os pés e afastou-se com largas braçadas.

Na manhã seguinte Quem saiu do quarto e atravessou o corredor atapetado de verde e coberto de quadros em direção a uma porta de aço que havia no fundo. Não tinha chegado muito longe quando ouviu a voz de Dover, a seu lado.

— Oi, irmão,

— Oi.

Virou a cabeça para a frente e continuou caminhando.

— Estou sendo vigiado?

— Só quando você toma esta direção — respondeu Dover.

— Eu não poderia fazer nada de mãos vazias mesmo que quisesse.

— Eu sei. Mas o velho é cauteloso. Mentalidade Pré-U — bateu de leve na têmpora e sorriu. — E apenas por alguns dias.

Foram até o fundo e a porta de aço se abriu de par em par, revelando um longo corredor de azulejos brancos. Um membro de azul tocou no controle e cruzou o limiar.

Os dois se viraram e começaram a voltar. A porta fechou-se com um sussurro às suas costas.

— Você ainda chegará a vê-lo — prometeu Dover. — Provavelmente ele mesmo lhe mostrará. Quer ir ao ginásio?

De tarde Quem visitou os escritórios do Conselho de Arquitetura. Um velho baixote e alegre reconheceu-o e deu-lhe as boas vindas: era Madhir, o diretor. Aparentava ter mais de cem anos. As mãos também — dos pés à cabeça, pelo jeito. Apresentou Quem aos demais membros do Conselho: uma velha chamada Sylvie, um homem de cabelo cor de fogo, que devia andar mais ou menos pelos cinquenta, cujo nome Quem não entendeu, e uma mulher baixa, mais interessante, chamada Gri-gri. Quem tomou café com eles e comeu um doce recheado de creme. Mostraram- lhe uma série de projetos que estavam discutindo, plantas que Uni havia traçado para a reconstrução das “cidades G-3”. Conversaram sobre a conveniência de refazer as plantas segundo especificações diferentes, formularam perguntas a um. telecomputador e discordaram quanto ao significado das respostas obtidas. Sylvie, a velha, deu uma explicação minuciosa dos motivos por que as plantas lhe pareciam desnecessariamente monótonas. Madhir quis saber a opinião de Quem. Ele respondeu que não sabia. A mulher mais jovem, Gri-gri, sorriu-lhe, toda sedutora.

Houve uma festa no salão principal essa noite.

— Feliz ano novo!

— Feliz ano U!

E Karl gritou no ouvido de Quem:

— Quer saber de uma coisa que não me agrada neste lugar? Não tem uísque! Que espeto! Se a gente pode beber vinho, por que não uísque?

Dover estava dançando com a mulher parecida com Lilás (nem tanto, não tinha a metade da sua beleza) e havia gente que Quem conhecia de refeições, encontros no ginásio, do auditório de música, gente que conhecia de vista, de uma ou outra parte do complexo, gente que jamais vira antes; havia mais gente do que na noite em que ele e Karl tinham chegado — quase uma centena de pessoas, com membros de paplão branco passando bandejas no meio da multidão.

— Feliz ano U! — Alguém lhe disse, uma mulher de idade que estivera em sua mesa de almoço, Hera ou Hela. — Já é quase 172!

E seguiu adiante.

Wei estava na soleira da porta, de branco, cercado por uma pequena aglomeração. Apertava-lhes a mão, beijava-lhes a face, o encarquilhado rosto amarelo desmanchando-se num sorriso radiante, os olhos desfeitos em rugas. Quem afastou-se o quanto pôde, perdendo-se entre toda aquela gente. Gri-gri abanou, aos pulos, para conseguir enxergá-lo por cima das pessoas que os separavam. Ele abanou-lhe também, sorriu, mas não se deteve.

Passou o dia seguinte, Festa da Unificação, no ginásio e na biblioteca.

Compareceu a algumas das conferências noturnas de Wei. Eram efetuadas no jardim, lugar muito agradável. A relva e as árvores eram autênticas, e as estrelas e a lua constituíam reproduções perfeitas dos originais, a lua mudando de fase, mas nunca de posição. Às vezes os pássaros trinavam e soprava uma brisa suave. Em geral, quinze ou vinte

programadores participavam das discussões, sentados em cadeiras ou sobre a relva. Wei, numa cadeira, era quem mais usava da palavra. Desenvolvia citações da *Sabedoria Viva*, passando habilmente dos pormenores às generalidades das questões. De quando em quando, acatava a opinião do diretor do Conselho de Educação, Gustafsen, ou de Boroviev, chefe do Conselho Médico, ou de qualquer outro membro do Conselho Supremo.

A princípio Quem manteve-se discretamente afastado do grupo, limitando-se a ouvir, mas depois começou a fazer perguntas: por que não se podia, ao menos em parte, colocar de novo os tratamentos numa base facultativa; por que a perfeição humana não podia incluir um certo grau de egoísmo e agressividade; e se era ou não um fato que o egoísmo desempenhava fator preponderante em sua própria aceitação dos pretensos "dever" e ‘‘responsabilidade". Alguns programadores vizinhos mostraram-se indignados com essas perguntas, mas Wei respondeu-as paciente e exaustivamente. Dir-se-ia mesmo que as acolhia de bom grado, sempre pronto a dar-lhe prioridade, atendendo-o antes que os outros. Aos poucos Quem foi-se aproximando do centro do grupo.

Uma noite, sentou-se na cama, acendeu um cigarro e fumou no escuro.

A mulher deitada a seu lado acariciou-lhe as costas.

— Está certo, Quem — disse. — É o que convém a todos.

— Você adivinha pensamentos?

— Às vezes.

Chamava-se Deirdre e pertencia ao conselho das Colônias. Tinha trinta e oito anos, pele clara e não era especialmente bonita, mas era sensata, bem feita de corpo e boa companhia.

— Estou começando a achar que é de fato o que convém — disse Quem, — e não sei se estou me deixando levar pela lógica de Wei ou pelas lagostas, Mozart e você. Sem contar a perspectiva de vida eterna.

— Essa me assusta — retrucou Deirdre.

— A mim também.

Ela continuou a acariciar-lhe as costas.

— Eu demorei dois meses até me acostumar — disse,

— Foi assim que você encarou a coisa? Acostumar-se?

— Foi. E ficar adulta. Enfrentar a realidade.

— Então por que é que dá impressão de renúncia?

— Deite-se aqui — pediu Deirdre.

Ele apagou o cigarro, pôs o cinzeiro na mesa de cabeceira e, virando-se para ela, deitou-se. Abraçaram-se e beijaram-se.

— E, sim. No fim das contas é o que convém a todos. Aos poucos a gente vai melhorando a situação, trabalhando em nossos respetivos conselhos.

Beijaram-se e acariciaram-se. Depois empurraram longe os lençóis, ela passou a perna sobre o quadril de Quem, que, em ereção, introduziu-se nela com facilidade.

Estava sentado uma manhã na biblioteca quando alguém segurou-o pelo ombro. Virou-se, assustado, e deparou com Wei. Ele curvou-se, afastando Quem para o lado e colocou o rosto no visor do leitor.

Após um instante, comentou:

— Olhe, você procurou o homem certo.

Manteve o rosto no visor mais um pouco e por fim pôs-se em pé, largando o ombro de Quem e sorrindo-lhe.

— Leia Liebman também — disse. — E Okida e Marcuse. Vou fazer uma lista de títulos pra lhe entregar no jardim hoje à noite. Você irá?

Quem fez que sim.

Seus dias caíram numa rotina: manhãs na biblioteca, tardes no Conselho. Estudou métodos de construção e planejamento de meio-ambiente. Examinou mapas de escoamento de fábricas e formas de circulação de prédios de moradia. Madhir e Sylvie mostraram-lhe plantas em fase de construção e edifícios planejados para o futuro, de cidades já existentes e (em cobertura plástica) as modificações que poderiam sofrer algum dia. Era o oitavo membro do Conselho. Dos sete restantes três estavam inclinados a rejeitar os projetos apresentados por Uni e mudá-los, e quatro — inclusive Madhir — inclinavam-se a aceitá-los sem discussão. Efetuavam reuniões solenes nas tardes de sexta-feira. Noutras ocasiões era difícil encontrar mais do que quatro ou cinco dos membros nos escritórios, Certa vez apenas Quem e Grí-grí apareceram, e terminaram copulando no sofá de Madhir.

Depois do Conselho, Quem usava o ginásio e a piscina. Comia em companhia de Deirdre, Dover e da companheira-do-dia de Dover, e com quem se dispusesse a reunir-se ao grupo — às vezes Karl — no Conselho de Transportes, e resignava-se a beber vinho.

Um dia, em fevereiro, Quem perguntou a Dover se não seria possível entrar em contato com quem o tivesse substituído em Liberdade, apurando se Lilás e Jan se achavam bem e se Júlia estava cuidando de ambos conforme prometera.

— Lógico — respondeu Dover. — Não tem o menor problema.

— Então você quer providenciar? — pediu Quem. — Eu ficaria muito grato.

Poucos dias depois, Dover encontrou Quem na biblioteca.

— Tudo em ordem — disse. — Lilás passa os dias em casa, comprando comida e pagando o aluguel, portanto Júlia está cumprindo a promessa.

— Obrigado, Dover. Eu andava preocupado.

— O homem lá vai ficar de sobreaviso·— disse Dover.

— Se ela precisar de alguma coisa, pode-se mandar dinheiro pelo correio.

— Ótimo. Wei me falou — sorriu. — Pobre Júlia, sustentando todas aquelas famílias sem necessidade. Se ela soubesse, teria um ataque.

Dover sorriu.

— Teria mesmo. Claro, nem todos os que partem chegam até aqui. De maneira que em certos casos *há* necessidade.

— Tem razão — concordou Quem. — Eu não havia pensado nisso.

— Até a hora do almoço — despediu-se Dover.

— Até. Obrigado.

Dover foi embora e Quem virou-se para o visor, curvando o rosto no anteparo. Colocou o dedo no botão da página seguinte e, depois de uma pausa, apertou-o.

Começou a manifestar-se nas reuniões do Conselho e a formular menos perguntas nas conferências de Wei. Apresentaram uma petição para reduzir os dias de bolo a um por mês. Ele hesitou, mas acabou assinando. Trocou Deirdre por Blackie e esta por Nina, mas voltou a Deirdre. Escutou anedotas picantes e piadas sobre os membros do Supremo Conselho nos salões mais íntimos. Aderiu à febre de fazer aviões de papel e falar línguas da Pré-U (aprendeu que "*Français*" pronunciava-se "*Fransais*").

Uma manhã acordou cedo e foi para o ginásio. Wei já estava lá, pulando barra e brandindo halteres, lustroso de suor, os músculos bem delineados, estreito de quadris, com suporte atlético preto e qualquer coisa branca atada no pescoço.

— Madrugando, hem? Bom dia.

E continuou a flexionar as pernas, sem parar, levantando e baixando os halteres acima da cabeça de ralos fios brancos.

— Bom dia — disse Quem.

Dirigiu-se a um canto do ginásio, tirou o roupão e pendurou-o no gancho. Outro roupão, azul, pendia a poucos passos de distância.

— Ontem você não apareceu na conferência — comentou Wei.

Quem voltou-se.

— Houve uma festa — explicou, descalçando as sandálias. — O aniversário de Patya.

— Não faz mal — disse Wei, saltando de pernas abertas e brandindo os halteres. — Falei só por falar.

Quem aproximou-se de uma esteira e começou a caminhar sem sair do mesmo lugar. A coisa branca no pescoço de Wei era uma faixa de seda, firmemente amarrada.

Wei parou de saltar, largou os halteres e apanhou a toalha de cima de uma das barras paralelas.

— Madhir está com receio de que você se transforme num radical — disse, sorrindo.

— Ele nem sabe da metade.

Wei ficou olhando-o, sempre sorridente, passando a toalha sobre os ombros; musculosos e debaixo dos braços.

— Vem praticar todas as manhãs? — perguntou Quem.

— Não, só uma ou duas vezes por semana. Não sou atlético por natureza.

Esfregou a toalha nas costas.

Quem parou de caminhar no mesmo lugar.

— Wei, eu preciso falar com você sobre um assunto.

— Sim? Qual é?

Quem deu um passo em sua direção.

— Quando cheguei aqui pela primeira vez, e nós dois almoçamos juntos...

— Que é que tem?

Quem pigarreou.

— Você falou que se eu quisesse poderia trocar o meu olho. Rosen disse a mesma coisa.

— Mas lógico. Você quer?

Quem olhou-o, hesitante.

— Não sei, parece uma vaidade tão... Mas sempre me constrangeu um pouco...

— Corrigir um defeito não é vaidade. Não corrigir é que é negligência.

— Não daria pra pôr uma lente? Uma lente castanha?

— Dá, sim, se você quiser apenas disfarçar em vez de corrigir.

Quem desviou os olhos e depois tomou a encará-lo

— Está bem — disse. — Eu gostaria de trocar, pra acabar logo com isso.

— Ótimo — concordou Wei, e sorriu. — Eu já troquei de olhos duas vezes. A gente fica com a visão nublada durante alguns dias, mais nada. Vá lá embaixo no centro médico agora de manhã mesmo. Vou pedir a Rosen pra ele se encarregar pessoalmente, assim que ele puder.

— Obrigado.

Wei enrolou a toalha na faixa branca do pescoço, virou- se para as barras paralelas e ergueu o corpo, apoiado nos braços tesos.

— Mas não conte pra ninguém — recomendou, passando entre as barras em cima das mãos, — senão as crianças vão começar a incomodar.

Tudo pronto. Olhou-se no espelho. As duas vistas estavam castanhas. Sorriu, recuou um passo, e voltou a se aproximar. Examinou-se de um lado e de outro, sorrindo.

Depois que se vestiu, foi-se admirar outra vez.

Deirdre, na sala de estar, exclamou:

— Mas que tremenda melhora! Você está maravilhoso! Karl, Gri-gri, vejam o olho de Quem!

Os membros os ajudaram a envergar os pesados casacões verdes, espessamente acolchoados e encapuzados. Fecharam os botões, calçaram as grossas luvas verdes e um membro abriu a porta. Os dois, Wei e Quem, entraram.

Caminharam lado a lado por um corredor ladeado das paredes de aço de comportas de memória, desprendendo bafo ao respirar pelas narinas. Wei explicou a temperatura interna, o peso e o número das comportas. Dobraram para um corredor mais estreito, onde as paredes de aço se estendiam à sua frente até convergirem para uma longínqua parede transversal.

— Já estive aqui quando criança — disse Quem.

— Dover me contou.

— Na época me deu medo. Mas há uma espécie de... imponência. A ordem e a precisão...

Wei sacudiu a cabeça, os olhos rútilos.

— Sim — concordou. — Vivo procurando pretextos pra vir cá.

Dobraram outro corredor transversal, cruzaram por uma coluna e foram sair noutro corredor estreito, totalmente ladeado por comportas de aço de memória.

Novamente de túnica, contemplaram um vasto poço gradeado, redondo e profundo, onde havia suportes de aço e concreto, ligados por ramificações azuis e impelindo braços mais grossos, também em sentido ascendente até tocar no teto baixo profusamente iluminado.

— Parece-me que você tinha um interesse especial pelas usinas de refrigeração — disse Wei, sorrindo.

Quem ficou contrafeito.

Havia uma coluna de aço junto ao poço. Do outro lado ficava um segundo poço gradeado, com ramificações azuis. Depois, nova coluna e novo poço. A sala era imensa, fria e silenciosa. As duas extensas paredes estavam repletas de aparelhos de transmissão e recepção, com lâmpadas de precisão cintilando vermelhas. Membros de azul tiravam e substituíam painéis verticais de duas alças, pontilhados de preto e dourado. Quatro reatores de cúpula vermelha achavam-se situados numa extremidade da sala e atrás deles, protegidos por vidraças, meia dúzia de programadores, sentados num consolo circular, liam diante de microfones, folheando páginas.

— Aí está — disse Wei.

Quem olhou ao redor daquilo tudo. Sacudiu a cabeça e soltou a respiração.

— Cristo e Wei — exclamou.

Demoraram-se um pouco, conversando, olhando, falando com alguns membros e finalmente saíram da sala, caminhando pelos corredores de azulejos brancos. Uma porta de aço abriu-se de par em par. Atravessaram-na e percorreram lado a lado o corredor atapetado que vinha a seguir.

* * *

Sobre o autor

Ira Levin nasceu em Nova York em 1929. Cursou a Escola Horace Mann e formou-se na Universidade local. *Este Mundo Perfeito* é o terceiro romance que publica em quase vinte anos. O primeiro, *A Kiss Before Dying*, filmado em 1956 (*Amor, Prelúdio de Morte*, com Robert Wagner, Jeffrey Hunter, Virginia Leith, Joanne Woodward e Mary Astor, dirigido por Gerd Oswald) é hoje um clássico da literatura policial, alcançando excepcional tiragem de edições sucessivas. O segundo, *O Bebê de Rosemary* (editado no Brasil sob o título de *A Semente do Diabo*) transformou-se num dos maiores sucessos de livraria e cinema dos últimos tempos. Tendo escrito várias peças para o teatro — o musical *Drat! The Cat!*, os dramas *Dr. Cook's Garden, General Seeger, Interlock* e as comédias *Critic's Choice* e *No Time for Sergeants* (também filmadas) — dedica-se ainda à composição de letras para canções populares. Mora atualmente em Nova York e é pai de três filhos.

Table of Contents

ÍNDICE
PRIMEIRA PARTE
CRESCENDO
1
2
3
4
SEGUNDA PARTE
VIVENDO
1
2
3
4
5
6
TERCEIRA PARTE
FUGINDO
1
2
3
4
5
6
QUARTA PARTE
REAGINDO
1
2
3
4
Sobre o autor